

LEANDRO GONÇALVES DE REZENDE

**O MONTE CARMELO NAS MONTANHAS DE MINAS:  
ARTE, ICONOGRAFIA E DEVOÇÃO NAS ORDENS TERCEIRAS DO  
CARMO DE MINAS GERAIS (SÉCULOS XVIII E XIX)**

Belo Horizonte  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
LEANDRO GONÇALVES DE REZENDE

**O MONTE CARMELO NAS MONTANHAS DE MINAS:  
ARTE, ICONOGRAFIA E DEVOÇÃO NAS ORDENS TERCEIRAS DO  
CARMO DE MINAS GERAIS (SÉCULOS XVIII E XIX)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos

Belo Horizonte  
2016

981.51 Rezende, Leandro Gonçalves de  
R467m O Monte Carmelo nas montanhas de Minas [manuscrito]  
2016 : arte, iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo  
de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). / Leandro  
Gonçalves de Rezende. - 2016.  
188 f. : il.  
Orientadora: Adalgisa Arantes Campos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. História – Teses. 2. Ordem Terceira do Carmo -  
Teses. 3. Arte - Teses. 4. Religiosidade - Teses .  
5. Patrimônio - Teses. 6. Minas Gerais – História - Teses I.  
Campos, Adalgisa Arantes. II. Universidade Federal de  
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.

**“O MONTE CARMELO NAS MONTANHAS DE MINAS:  
ARTE, ICONOGRAFIA E DEVOÇÃO NAS ORDENS TERCEIRAS  
DO CARMO DE MINAS GERAIS (SÉCULOS XVIII E XIX)”**

**Leandro Gonçalves de Rezende**

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos

Professores:

Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos – Orientadora

UFMG

Profa. Dra. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira

UFRJ

Profa. Dra. Maria Regina Emery Quites

UFMG

Belo Horizonte, 06 de abril de 2016.

Aos meus pais, Eugênio e Maria do Carmo,  
pelo apoio, confiança e amor incondicional.  
Em louvor à Nossa Senhora do Carmo, que foi  
o tema e a fonte de inspiração para este  
trabalho.

## AGRADECIMENTOS

*Até aqui nos ajudou o Senhor.  
1Sm, 12b.*

Agradecer nem sempre é fácil. Com certeza é bem mais difícil do que pedir. Mas faz-se necessário. Na medida em que agradecemos nos pomos a serviço e reconhecemos os préstimos de outrem em nossa caminhada. Na realização desta dissertação muitas mãos, olhos, ouvidos e corações auxiliaram-me no mister do fazer História. Assim, em primeiro lugar, preciso agradecer a Deus, o Senhor que me deu força e coragem desde o início. O leitor atento perceberá que o Leandro historiador nem sempre consegue desvincular-se do Leandro devoto. São duas faces da mesma moeda! O término deste trabalho em muito aumentou a minha fé, e, “como uma voz que clama no deserto”, espero despertar ao menos o respeito pela fé dos outros.

Agradeço também a toda minha família, na figura de meus pais: Eugênio Gonçalves de Rezende e Maria do Carmo Pinto de Rezende. O trabalho, que muitas vezes exigiu o isolamento, contou com a solidariedade e a compreensão deles, que mesmo não entendendo bem o que eu estava a fazer, sempre me apoiaram. À Joaquina (Joca), pela alegria de viver conosco.

Faltam-me palavras para agradecer a minha orientadora Adalgisa Arantes Campos. Desde os idos de 2008, estabelecemos uma profícua parceria que frutificou em importantes realizações, acadêmicas e pessoais. Em todos esses anos, ela foi uma orientadora presente, que incentivou e em muito contribuiu, mas que também soube cobrar e corrigir. Assim, a professora Adalgisa tornou-se uma verdadeira amiga, transmitindo seu vasto conhecimento sobre as irmandades e sobre a cultura artística mineira, além, é claro, de compartilhar livros, fotos e preciosos documentos. Dessa forma, agradeço sua generosidade e o seu acolhimento, bem como o fato de que o convívio, quase diário, ampliou meus horizontes e minhas expectativas, deixando marcas indeléveis em minha vida. O agradecimento é extensivo à Laura Arantes e ao Robertinho (*in memoriam*), pela convivência ao longo deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos. Cada um em particular contribuiu para que esta meta fosse alcançada. Agradeço ao Pedro Marques, que, no seu curto tempo, soube ouvir. Ao Padre Laênio, que soube aconselhar. Ao Frei Romero, pelas orações. Ao Diácono Edson, por sanar dúvidas teológicas. Ao Padre Geraldo Trindade, que sempre me ouviu e acolheu. Ao Gabriel Chagas, que leu e corrigiu o texto, opinando e

acrescentando com seu conhecimento eclesiástico. Também agradeço aos amigos de cursos e viagens: Lúcio Flávio, Heloísa, que cedeu belas fotos, Maria Clara Assis, Margarida, Lia, Alexandre e muitos outros. Aos amigos que se formaram comigo no colégio – Marina, Filipe, Marília, Tiago e Luiz Paulo – e na faculdade. Aos amigos da Oficina de Paleografia, em especial à Kellen, que sempre sonhou junto pelos meandros da História da Arte, à Luiza, amiga de viagem; à Maria Clara Caldas, que ensinou muito sobre sociabilidade; e à Ludmila, que emprestou seu tempo e suas transcrições. À Natalia Casagrande, que se tornou uma companheira de jornada, pelas horas de conversa e pela ajuda com o *abstract*. Agradeço aos outros orientandos da professora Adalgisa que conviveram comigo neste labor: Sabrina, Alex, Herinaldo, Tânia, Fábio, Mirian, Marcelina, Renato, Denise, João, Armando Magno, Aline e Magali. Em especial à Rosana de Figueiredo, que compartilhou importantes documentos de Sabará. Ao Felipe Bernadi, que partilhou conversas, leituras e documentos. Ao Marcos Vinícius, que fez boas fotos em São João Del Rei. Ao arquiteto Ronaldo, que me auxiliou com as plantas. À Ludmila Rennó, que me ajudou no Caderno Iconográfico.

Agradeço aos professores que participaram da banca de qualificação: o Padre Francisco de Assis Costa Taborda, que compartilhou sua erudição teológica; o professor Magno Mello, que muito me ensinou desde o tempo da disciplina História da Arte, cursada em 2008 e a professora Maria Regina Emery Quites, que mesmo sendo suplente, fez uma leitura crítica, indispensável para o amadurecimento do texto.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, pelas oportunidades e pela paciência. Nomeio cordialmente os coordenadores professores Luiz Carlos Villalta, José Newton Coelho Menezes e Kátia Baggio. Na pessoa de Edilene Oliveira agradeço a todos os funcionários desse programa.

Agradeço aos outros mestres com os quais convivi: os professores do Departamento de História da UFMG, aos professores do Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes, principalmente à professora Betânia Veloso, diretora do CECOR, e às professoras Rita Lages, Maria Regina e Márcia Almada, minhas tutoras da bolsa CAPES/Reuni. Agradeço à Claudina Moresi, coordenadora do projeto Pintores Coloniais, extensivo à sua equipe: Sílvio Luiz e Cristina Neres.

Agradeço aos que viabilizaram a pesquisa arquivística e o levantamento fotográfico, em especial os funcionários de arquivos, bibliotecas, museus e os zeladores de igrejas. Merece menção especial Carlos Aparecido de Oliveira, conhecido como Caju, responsável pelo Museu de Arte Sacra da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Agradeço também ao Padre Marcelo Santiago, pároco local, que sempre foi

muito gentil em suas palavras. Em Ouro Preto, agradeço aos funcionários da Casa dos Contos, na saudosa lembrança de Maria da Conceição Duarte Rosa (*in memoriam*). Em Mariana, ao Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, diretor do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, e à sua equipe, através da pessoa de Luciana Viana. Em Sabará, aos membros da Ordem Terceira do Carmo, que abrindo o seu precioso templo, autorizaram o levantamento fotográfico e arquivístico. Merece menção José Arcanjo do Couto Bolzas e Oldair Motta. Agradeço ao professor Célio Macedo, que compartilhou suas pesquisas, e aos funcionários da Casa Borba Gato, na pessoa de Carla Almeida. Em São João Del Rei, ao prior Eduardo Valim, que autorizou a pesquisa e as fotos. Agradeço ao historiador Giovanni Alves, pelo seu trabalho voluntário no Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del Rei. Também aos funcionários do Museu de Arte Sacra local, que foram sempre atenciosos; e aos funcionários do Museu Regional de São João Del Rei, na pessoa de Maria de Fátima L. Vasconcelos. De forma especial agradeço ao amigo Delson Júnior, que em muito ajudou na pesquisa sobre o Carmo do Serro, disponibilizando suas fotos. Em Diamantina, agradeço aos funcionários do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina, na pessoa da historiadora Verônica Motta. Infelizmente o sodalício carmelitano local veemente negou o acesso à sua documentação e ao seu acervo visual via fotografia. O trabalho final diz por si só o quanto honesto e sincero era aquele pedido de acesso. Agradeço ao Mateus Alves, que compartilhou as fotos de Diamantina comigo.

Em Belo Horizonte, agradeço a valorosa colaboração dos funcionários do IPHAN e do IEPHA, nas respectivas pessoas dos funcionários Monica Elisque e Adalberto Mateus.

Agradeço também a CAPES, pela bolsa Reuni, que, além do auxílio financeiro, garantiu-me boas oportunidades e ampliou meu horizonte acadêmico e intelectual e também os laços de amizade.

Por fim, a presente dissertação foi feita para honra e glória de Nossa Senhora do Carmo. A ela o meu louvor. Dedico o texto também à memória de todos os irmãos carmelitas, que, com sua fé e devoção, construíram e ornamentaram os seis templos mineiros, fonte desta pesquisa, legando-nos essa herança cultural, histórica, religiosa e artística.

Neste curto agradecimento foi preciso nomear algumas pessoas, todavia outras tantas ficaram incógnitas, mas tenho certeza que Deus, ao ver o que está oculto, lhes dará a devida recompensa.

*Flos Carmeli,*  
*Vitis florifera,*  
*Splendor Caeli,*  
*Virgo puerpera Singularis!*  
*Mater mitis,*  
*Sed viri nescia.*  
*Carmelitis da privilegia,*  
*Stella Maris*

(Antífona Flor do Carmelo)

## ABREVIATURAS

ACC – Arquivo da Casa dos Contos.

AEAD – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina.

AEAM – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

AEPNSP – Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar

AHMI/Casa do Pilar – Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência/Casa do Pilar.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

AOTCD – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina.

AOTCOP – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto.

AOTCS – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Sabará.

AOTCSJDR – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei

APM – Arquivo Público Mineiro.

CDI – Centro de Documentação e Informação.

CIC – *Codex Iuris Canonici*.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DH – Denzinger-Hünemann

IBMI – Inventário de Bens Móveis e Integrados.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

OTC – Ordem(ns) Terceira(s) do Carmo.

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa da Palestina, em destaque o Monte Carmelo. ....	2
Figura 2. Mapa de localização das Capelas de Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais.....	4
Figura 3. Caeté. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Imagem de Nossa Senhora do Carmo. ....	24
Figura 4. Caeté. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Altar de Nossa Senhora do Carmo e detalhes do coroamento e da mesa do altar.....	25
Figura 5 A. Santa Rita Durão. Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré. Altar de Nossa Senhora do Carmo. Figura 5 B. Congonhas. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Altar de Nossa Senhora do Carmo. ....	25
Figura 6. Santa Bárbara. Igreja Matriz de Santo Antônio. Imagem de Nossa Senhora do Carmo . ....	26
Figura 7. São Brás do Suaçuí. Igreja Matriz de São Brás. Detalhe do Altar de Nossa Senhora do Carmo. ....	26
Figura 8. Planta da Capela da Ordem Terceira do Carmo de Sabará com a demarcação dos locais de enterro de acordo com os cargos ocupados.....	50
Figura 9. Mariana. Catedral de Nossa Senhora da Assunção. Imagem de Nossa Senhora do Carmo no altar-mor. Século XVIII. ....	63
Figura 10. Ouro Preto. Capela do Padre Faria. Imagem de Nossa Senhora do Carmo. Século XVIII. ....	64
Figura 11. Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. ....	65
Figura 12. Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. . ....	65
Figura 13. Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. ....	66
Figura 14 A. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Figura 14 B. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Figura 14 C. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Foto: Leandro Rezende.....	70
Figura 15. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. ....	71

Figura 16 A. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo exposta na sacristia. Século XVIII, atribuída ao Mestre dos Anjos Sorridentes. Figura 16 B. Detalhe do desenho do escapulário..	72
Figura 17. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da imagem de Nossa Senhora do Carmo da Capela do Santíssimo Sacramento. Século XIX. ....	72
Figura 18. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do coroamento do arco-cruzeiro. ....	73
Figura 19 A. São João Del Rei. Detalhe da portada da Capela da Ordem Terceira do Carmo. Figura 19 B. Ouro Preto. Detalhe do lavabo da sacristia da Ordem Terceira do Carmo..	75
Figura 20. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Imagem do altar-mor.....	76
Figura 21. Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo do Serro. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. ....	77
Figura 22. Diamantina. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Forro da capela-mor. Guarda-mor José Soares de Araújo, 1766. ....	83
Figura 23. Diamantina. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Guarda-mor José Soares de Araújo, 1766. ....	83
Figura 24. Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Autoria e data não identificados..	84
Figura 25. Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Autoria e data não identificados. ....	85
Figura 26. Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Forro da capela-mor. Joaquim Gonçalves da Rocha, 1818. ....	86
Figura 27. Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Joaquim Gonçalves da Rocha, 1818. ....	87
Figura 28. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Forro da Sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805. ....	89
Figura 29. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805.....	90
Figura 30. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805.....	91
Figura 31. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805.....	92
Figura 32. Ouro Preto. Museu da Inconfidência. Nossa Senhora do Carmo e São Simão Stock. Atribuído a Manoel da Costa Ataíde.....	94

Figura 33. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Vista da capela-mor.....	95
Figura 34 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São Simão Stock. Figura 34 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Alberto. ....	96
Figura 35 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São Pedro Thomas. Figura 35 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo à Santa Teresa.....	97
Figura 36 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo à Santa Maria Madalena de Pazzi. Figura 36 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz.	97
Figura 37. Mariana. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Francisco Xavier Carneiro, 1826.....	99
Figura 38. Mariana. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Francisco Xavier Carneiro, 1826.....	100
Figura 39. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Portada original, atualmente conservada no coro. ....	101
Figura 40. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Pintura sobre o arco-cruzeiro. Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII. ....	103
Figura 41. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Forro da nave. Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII.. ....	104
Figura 42. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Anjo retirando almas do Purgatório.. ....	106
Figura 43. Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de São Simão Stock. Antônio Francisco Lisboa, 1778/1779.....	108
Figura 44. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Armação efêmera para a solene festa de 2012. ....	108
Figura 45. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Ex-voto recente.	112
Figura 46. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Conjunto de dez ex-votos. ....	113
Figura 47. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	113
Figura 48. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	114
Figura 49. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	114
Figura 50. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	115
Figura 51. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	115

Figura 52. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	116
Figura 53. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	116
Figura 54. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto.. ....	117
Figura 55. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	117
Figura 56. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Ex-voto.....	118
Figura 57. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Detalhe do ex-voto de Antônio Álvares Villa.....	119
Figura 58. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira. Portada. Esquema explicativo do brasão carmelita. ....	121
Figura 59. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Cruz processional. Prata, século XVIII. ....	122
Figura 60. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Portada em pedra-sabão. ....	123
Figura 61. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Tarja de Coroamento do arco-cruzeiro. ....	123
Figura 62. Ouro Preto. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Detalhe do forro da nave.....	126
Figura 63. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. ...	128
Figura 64. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias... ..	129
Figura 65. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. ....	130
Figura 66. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias .....	130
Figura 67. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Profeta Elias.. ....	131
Figura 68. Diamantina. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Profeta Elias. ....	132
Figura 69. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Forro da nave. Guarda-mor José Soares de Araújo. 1778.....	134
Figura 70. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Guarda-mor José Soares de Araújo. 1778. ....	135
Figura 71. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro do nártex. ....	135
Figura 72. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Elias sendo arrebatado. Atribuído a Joaquim Gonçalves da Rocha. 1818.....	137

Figura 73. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias.....	138
Figura 74. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias.....	138
Figura 75. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias.....	139
Figura 76. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Profeta Elias. Obra atribuída a Manoel Ribeiro Rosa, 1805.....	139
Figura 77. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Profeta Elias no Monte Carmelo.....	141
Figura 78. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Johnn Georg Grimm, século XIX .....	142
Figura 79. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Johnn Georg Grimm, século XIX .....	142
Figura 80. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor.....	143
Figura 81. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Anjo Tocheiro, lado do evangelho.....	144
Figura 82. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor.....	145
Figura 83. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. ....	146
Figura 84. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro do nártex. ....	150
Figura 85. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. ....	153
Figura 86. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. ....	153
Figura 87. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. ....	154
Figura 88. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. ....	154
Figura 89. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila.....	155
Figura 90. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Anjo Tocheiro, lado da epístola.....	156
Figura 91. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor.....	156

Figura 92. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila.. .....	157
Figura 93. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo à Santa Teresa. ....	158
Figura 94. Ouro Preto. Capela do Carmo Detalhe do forro da sacristia, quadro relativo à Santa Teresa. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. Século XIX. ....	159
Figura 95. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Santa Teresa d'Ávila. Atribuído a Joaquim Gonçalves da Rocha. Século XIX.....	160
Figura 96. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do altar-mor. ....	164
Figura 97. Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de São João da Cruz. Antônio Francisco Lisboa, 1778/1779.....	165
Figura 98. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. São João da Cruz. ....	166
Figura 99. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz.....	167
Figura 100. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz.....	167
Figura 101. Ouro Preto. Capela do Carmo Detalhe do forro da sacristia, quadro relativo à São João da Cruz. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. Século XIX.....	168

## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1 - Estabelecimentos Conventuais Carmelitas no Brasil e sua data de fundação – ordem cronológica .....18**
- Quadro 2 - Principais devoções carmelitas e recorrência nas artes figurativas nos templos das Ordens Terceiras do Carmo de Minas – séculos XVIII e XIX.....36**
- Quadro 3 - Relação de Rituais Quaresmais promovidos pelas Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo.....43**
- Quadro 4 - Gastos realizados pela Ordem Terceira do Carmo de Sabará com a Festa da Padroeira.....46**
- Quadro 5 - Inventário das imagens devocionais de Nossa Senhora do Carmo nas Ordens Terceira do Carmo de Minas Gerais.....78**
- Quadro 6 - Inventário das representações hierofânicas de Nossa Senhora do Carmo nas Ordens Terceira do Carmo de Minas Gerais.....109**
- Quadro 7 - Inventário das Representações Iconográficas do Profeta Elias nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais .....147**
- Quadro 8 - Inventário das Representações Iconográficas de Santa Teresa d'Ávila nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais .....161**
- Quadro 9 - Inventário das Representações Iconográficas de São João da Cruz nas Ordens Terceiras do Carmo Mineiras.....168**

## RESUMO

Contrariando a proibição do estabelecimento de clérigos regulares nas Minas, os ideais das Ordens Mendicantes fizeram-se presentes nessa região, desde meados do século XVIII, quando alvoreceram as associações de leigos denominadas Ordens Terceiras. Uma Ordem Terceira constitui-se em uma associação de leigos católicos, que, agregados sob a devoção de um patrono, se reúnem em comunhão espiritual, fraterna e social, tendo por referencial uma Ordem Religiosa. Almejam à perfeição cristã praticando sua religiosidade conforme os preceitos de um estatuto, todavia não professam os votos solenes de obediência, castidade e pobreza, típicos de ordens primeiras e segundas – as Ordens Regulares. Esses sodalícios cultivavam uma espiritualidade depurada e, por conseguinte, apresentavam um repertório iconográfico bem específico, de acordo com valores defendidos por cada instituição fraternal.

No caso das Ordens Terceiras do Carmo mineiras destacam-se imagens e símbolos que exaltam a vivência contemplativa carmelitana, aludindo a acontecimentos históricos, míticos e místicos, para tecer sua história e transmitir sua mensagem de fé. A dissertação pretende investigar a dinâmica religiosa e devocional que norteou o ideário dos terceiros carmelitas nas Minas Gerais, da segunda metade do século XVIII até meados do século XIX, tendo em vista a cultura artística e o repertório iconográfico referente à decoração dos seis templos erigidos em honra a Nossa Senhora do Carmo, a saber: São João Del Rei, Mariana, Ouro Preto, Diamantina, Sabará e Serro.

O culto à Nossa Senhora do Carmo é antigo e nessa região tornou-se uma devoção cara à sociedade, compartilhada por vários grupos sociais. O fruto eminente dessa religiosidade é um importante e rico acervo cultural que representa, de forma significativa, a história da Ordem, repleta de fatos lendários e fabulosos. Figurativamente, isso se traduz em símbolos e representações que remetem à origem emblemática ainda no Antigo Testamento, com Elias e Eliseu; à sua fundação histórica no século XIII, com São Simão Stock; à reforma do Carmelo Descalço, conduzida por Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz; e não menos importante, à hierofania, ou seja, a manifestação do sagrado nas várias aparições de Nossa Senhora do Carmo.

**Palavras-chave:** Ordem Terceira do Carmo; Iconografia Carmelita; religiosidade e devoção.

## ABSTRACT

Opposing the establishment of regular clergymen prohibition in Minas, the ideals of the Mendicant Orders were present in this region since the mid-eighteenth century, when lay people associations, known as Third Orders, emerged. A Third Order is an association of Catholic laymen, gathered around the devotion of a specific patron, they come together in spiritual, fraternal and social communion by means of a Religious Order. They aspire to Christian perfection by practicing their piety in accordance to the provisions of a statute, but they don't profess solemn vows of obedience, chastity and poverty, typical of the first and second orders – the so-called Regular Orders. These sodalities cultivated a refined spirituality and therefore had a very specific iconographic repertoire, according to values held by each fraternal institution.

In the case of the Third Orders of Minas Gerais, images and symbols that extol Carmelites contemplative experience stand out, alluding to historical, mythical and mystical events that feature their story and message of faith. The dissertation intends to investigate the religious and devotional dynamic which guided the ideas of third Carmelites in Minas Gerais, from the second half of the eighteenth century until the mid-nineteenth century, focused on artistic culture and the iconographic repertoire related to the decoration of the six temples built in honor of Our Lady of Mount Carmel in the following places: São João Del Rei, Mariana, Ouro Preto, Diamantina, Sabará and Serro.

The cult of Our Lady of Mount Carmel is old and in this region has become an important devotion to society, shared by various social groups. The eminent fruits of that religiosity are an important and rich cultural heritage that stands for the Order's history, full of legendary and fabulous facts. Figuratively, translating into symbols and representations that refer to its symbolic origin even in the Old Testament, Elijah and Elisha; to its historical foundation in the thirteenth century, with St. Simon Stock; the reform of the Discalced Carmelites led by St. Teresa of Avila and St. John of the Cross; and last but not least, the hierophany or sacred manifestations in the various apparitions of Our Lady of Mount Carmel.

**Keywords:** Third Order of Our Lady of Carmel; Carmelite iconography; religiosity and devotion

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Ordens Terceiras do Carmo em Minas: um referencial devocional .....</b>	<b>11</b>
1.1 Os Carmelitas e seus antecedentes históricos.....	11
1.2 As Ordens Terceiras do Carmo em Minas Gerais .....	17
1.3 Os carmelitas mineiros e a temática artística: breve levantamento historiográfico .....	27
1.4 Os estatutos dos carmelitas mineiros: normas e valores .....	37
1.5 Boa Morte, sepultamento e sufrágios.....	47
<b>CAPÍTULO 2 - Hierofania Carmelitana: arte e devoção.....</b>	<b>53</b>
2.1 O culto santoral na Igreja Católica e as imagens devocionais.....	53
2.2 Devoção à Nossa Senhora do Carmo – a grande estrela da Ordem .....	61
2.2.1 Iconografia de Nossa Senhora do Carmo .....	68
2.2.2 Imagens devocionais de Nossa Senhora do Carmo .....	69
2.2.3 Hierofania Carmelitana .....	80
2.3 Devoção cotidiana: os ex-votos de São João Del Rei .....	111
<b>CAPÍTULO 3 - As outras estrelas do Carmelo .....</b>	<b>120</b>
3.1 O brasão carmelita e seu significado.....	120
3.2 Profeta Elias: o fundador mítico.....	124
3.3 O Profeta Eliseu: modelo de discípulo.....	149
3.4 A grande mística Santa Teresa d'Ávila.....	151
3.5 São João da Cruz: o grande místico reformador.....	162
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>173</b>

## INTRODUÇÃO

*Grande é o Senhor e digno de todo o louvor na cidade do nosso Deus. O seu Monte Santo, que se eleva em sua beleza, é a alegria de toda a terra!*

**Salmo 48, 2**

Quando comecei minhas pesquisas na Iniciação Científica sabia que tinha em mãos um bom tema de estudo, que reúne áreas de grande interesse: história, arte, cultura e religião. O tema devoto, a arte barroca e a história de Minas encontram em mim um grande aliado e um entusiasta, que ainda conserva o mesmo encanto dos primeiros modernistas, que “redescobriam” o Barroco mineiro naquela expedição de reconhecimento artístico e histórico feita na década de 1920. O encanto é o mesmo, no entanto, o olhar é diferente, pautado, agora, em novas correntes historiográficas, mas sempre levando em consideração o ensinamento dos mestres: cotejar a obra de arte com a pesquisa arquivística. O resultado dessa formação acadêmica é a presente dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a gratificante orientação da Professora Doutora Adalgisa Arantes Campos, cuja parceria rende bons frutos.

A dissertação pretende investigar a dinâmica religiosa e devocional que norteou o ideário dos terceiros carmelitas nas Minas Gerais, da segunda metade do século XVIII até as primeiras décadas do XIX, tendo em vista a cultura artística e o repertório iconográfico referente à decoração dos seis templos erigidos em honra à Nossa Senhora do Carmo. O nosso título justifica-se pela natureza da Ordem Carmelita, que, em sua essência, busca contemplar o sagrado e suas manifestações, elevando-se espiritualmente, conforme o simbolismo intrínseco ao monte,<sup>1</sup> bem expresso nos escritos espirituais dos carmelitas São João da Cruz<sup>2</sup> e Santa Teresa d’Ávila<sup>3</sup> ou ainda

---

<sup>1</sup> Simbolicamente, o monte é um lugar de transcendência, na medida em que é o centro de hierofanias (manifestações do sagrado) e de numerosas teofanias (manifestações de Deus). É o local de mediação entre o céu e a terra, entre o divino e o humano. Cf. CHAVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p.616-619.

<sup>2</sup> As etapas da “via mística” são descritas por São João da Cruz como uma ascensão, uma elevação espiritual. Cf. JOÃO DA CRUZ. *A subida do Monte Carmelo*. Petrópolis: Vozes, 1960.

<sup>3</sup> Santa Teresa encara a montanha como a morada da alma ou um castelo interior. Cf. TERESA d’ÁVILA. *Castelo Interior*. São Paulo: Loyola, 2001; TERESA d’ÁVILA. *Livro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

no Salmo 48.<sup>4</sup> O Monte Carmelo localiza-se na Planície de Esdrelon (Palestina), entre a Galileia e a Samaria, próximo ao Mar Mediterrâneo. Coberto de generosa vegetação e fontes d'água, esse monte, desde antiquíssima data, é um local de profunda transcendência espiritual, no qual se acredita que grandiosos prodígios foram realizados. Os carmelitas usaram dessa memória simbólica na construção de seu repertório iconográfico e na elaboração de símbolos distintivos, tal qual o brasão, pois, segundo a tradição, foi no Monte Carmelo que a Virgem Maria manifestou-se ao Profeta Elias, ainda antes de seu nascimento!



**Figura 1. Mapa da Palestina, em destaque o Monte Carmelo. Fonte< <http://www.encinardemamre.com/imagens/mapas/Monte-Carmelo.jpg>> Acesso em 18/06/2015**

O marco cronológico da dissertação refere-se ao período em que as Ordens Terceiras do Carmo (doravante OTC) foram instituídas nas Minas – 1749-1761 – até a conclusão parcial da decoração dos seus templos – cerca de 1830.<sup>5</sup> Dessa forma,

<sup>4</sup> Sl 48, 2: “Grande é o Senhor e digno de todo o louvor na cidade do nosso Deus. O seu Monte Santo, que se eleva em sua beleza, é a alegria de toda a terra”. Todas as citações bíblicas usadas no texto estão de acordo com Bíblia Sagrada, tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). BÍBLIA SAGRADA. Tradução CNBB. São Paulo: Editora Canção Nova, 2010. A escolha dessa bíblia se fez em função das explicações do Padre Johan Konings S.J, a quem agradeço pelas sábias palavras.

<sup>5</sup> Em Diamantina, as obras de pintura do forro da nave, capela-mor e sacristia terminaram no século XVIII, seguindo à risca o gosto artístico do Barroco. Em Sabará, contratou-se Joaquim Gonçalves da

metodologicamente, objetiva-se cotejar imagens visuais com a documentação arquivística produzida pelos sodalícios, a literatura edificante elaborada pelos carmelitas regulares, a Bíblia e a legislação eclesiástica do período, a saber: as determinações do Concílio de Trento e as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, de 1709.

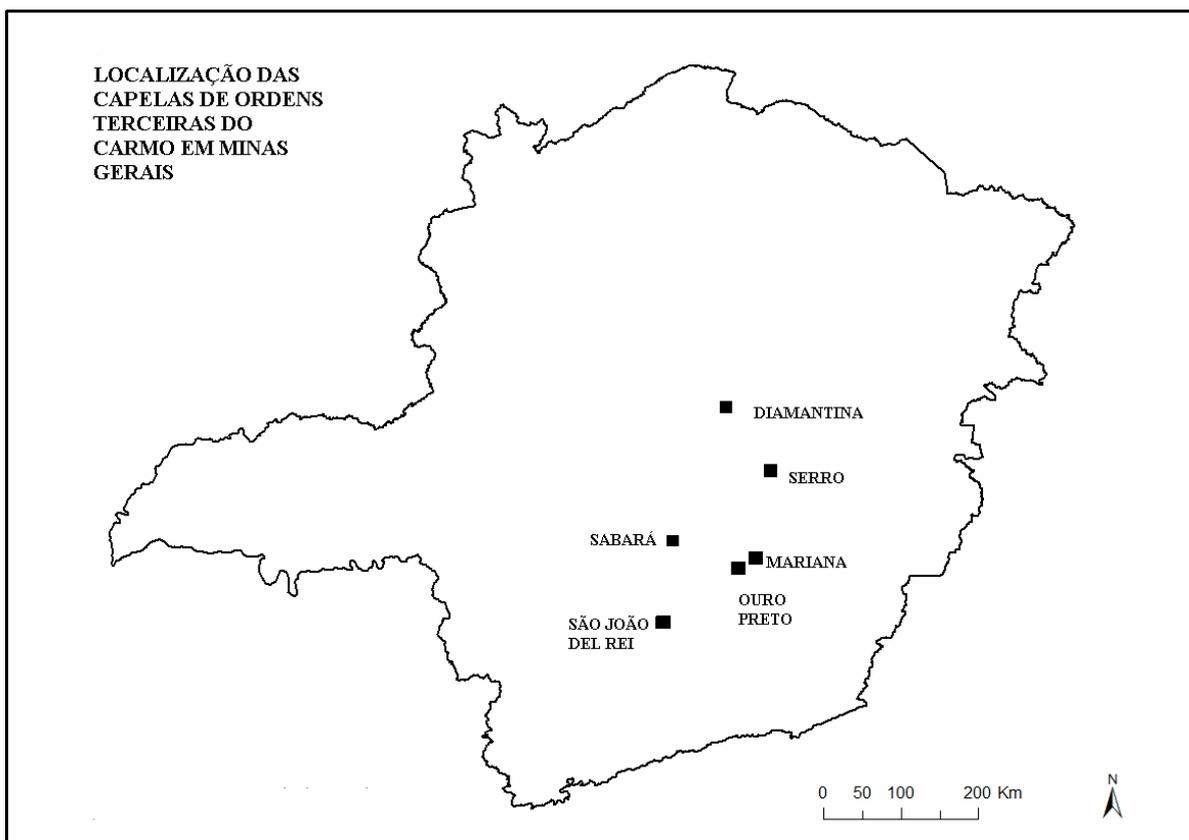
Uma ordem terceira constitui-se em uma associação de leigos católicos, que, agregados sob a devoção de um patrono, se reúnem em comunhão espiritual, fraterna e social, tendo por referencial uma Ordem Religiosa.<sup>6</sup> Almejam à perfeição cristã praticando sua religiosidade conforme os preceitos de um estatuto, todavia não professam os votos solenes de obediência, castidade e pobreza, típicos de ordens primeiras e segundas – as Ordens Regulares. Além disso, os membros de uma ordem terceira compartilham com os regulares suas experiências e expectativas, mesclando elementos da vida temporal e espiritual. Nas Minas Setecentistas a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo instalou-se legalmente em São João Del Rei (1749, anteriormente como uma simples irmandade), Mariana (anterior a 1751), Vila Rica – Ouro Preto (1752), Tejuco – Diamantina (1758), Sabará (1761) e Vila do Príncipe – Serro (1761).<sup>7</sup> Sua localização geográfica é a seguinte:

---

Rocha, em 1813 e 1818, para executar diversas pinturas, que já apresentam o gosto artístico rococó. No Serro, a pintura anônima do forro e das ilhargas da capela-mor são posteriores a 1816. Em Mariana, o contrato com Francisco Xavier Carneiro para a pintura do forro da nave e douramento da igreja é datado de 1826. Já em Ouro Preto e São João Del Rei, a decoração interna se estendeu por longos anos, sendo concluída somente no século XX, conforme inscrição datada nas pinturas (1908 em Ouro Preto; 1920 em São João Del Rei). Todavia, as recentes formas plásticas fogem ao gosto artístico da Cultura Barroca/Rococó, portanto, foram desconsideradas. Cf. BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. v.2. Rio de Janeiro: Record, 1983, p.61-102; Belo Horizonte. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Centro de Documentação e Informação (CDI). Inventário de Bens Móveis e Integrados (IBMI): Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC.

<sup>6</sup> O *Codex Iuris Canonici* (CIC), de 1983, em seu cân. 303, define as Ordens Terceiras como “as associações cujos membros, participando no século do espírito de algum instituto religioso e sob a sua alta orientação, levam uma vida apostólica e tendem à perfeição cristã, recebem o nome de ordens terceiras ou outra designação consentânea”. Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO promulgado por S. S. o Papa João Paulo II – Versão Portuguesa. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983, p.53. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)

<sup>7</sup> As datas entre parênteses estão de acordo com a cronologia estabelecida por BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder*. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986, p.214-223.



**Figura 2.** Mapa de localização das Capelas de Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais. Edição digital: Leandro Rezende.

Tais associações de leigos “foram eretas para se exercer alguma obra de piedade ou caridade”;<sup>8</sup> entretanto, além das obras pias e do culto divino, propunham aos seus membros um modelo de vida cristã. No Cânone 702, do *Código de Direito Canônico*, de 1917, os terceiros são aqueles que vivem “conforme o espírito de uma ordem, esforçando-se por adquirir a perfeição cristã de uma maneira acomodada à vista do século”.<sup>9</sup> Conforme a linguagem da época, eles são “homens do mundo”, ou seja, não são eclesiásticos. Raphael Bluteau, em seu *Vocabulario portuguez & latino*, reitera que “secular” é sinônimo de “leigo” e serve de oposição a “regular”, que por sua vez remete ao religioso professo, que vive debaixo de uma Regra, em comunidades.<sup>10</sup>

O *Código de Direito Canônico* é uma compilação recente, porém serve de parâmetro para o contexto em estudo, uma vez que, em termos de definições e de hierarquias entre as associações leigas, ele representa uma continuidade da legislação

<sup>8</sup> CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. Cân. 707. *Apud*, BOSCHI, Caio C. *Os leigos no poder*, p.14-15.

<sup>9</sup> CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. Cân. 702. *Apud*, SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.49.

<sup>10</sup> Cf. verbete “secular”. In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/secular>.

canônica anterior, a saber, a *Constituição Quaecumque*, emitida pelo Papa Clemente VIII em 1604. Assim, há quatro classes de associações leigas, que, pela ordem de precedência, são denominadas Ordens Terceiras Seculares, Arquiconfrarias, Confrarias (ou Irmandades) e Pias Uniões. Cada qual tem sua qualidade, função e obrigação e devem prestar contas à Sé Apostólica ou a algum representante da mesma.

As *Constituições Primeiras* confirmam essa classificação dizendo que todas são “instituídas para o serviço de Deus”. Contudo, nesse serviço, os terceiros diferenciavam-se das irmandades, pois contavam com uma preparação espiritual apurada: o noviciado.<sup>11</sup> Segundo Bluteau, o mesmo consistia em um “tempo determinado para o noviço se instruir nos exercícios e virtudes praticadas na Religião, em que há de professar”.<sup>12</sup> Religião, nesse sentido, refere-se estritamente à ordem religiosa em questão: carmelitas, franciscanos, dominicanos, etc. As OTC exigiam essa qualificação como forma de ajustar o comportamento dos seus membros, pois, além de serem instruídos na regra carmelita, os irmãos, antes de professarem, faziam os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, bem como praticavam orações e jejuns. Percebemos que o noviciado tinha duas claras funções: preparar o fiel, dando-lhe conforto espiritual, de modo que ele pudesse ponderar sobre sua escolha; e controlar o ingresso dos mesmos, evitando aceitar pessoas com “comportamento notório e escandaloso”.

Os terceiros distinguiam-se também, pois praticavam determinadas orações, penitências, jejuns, confissões e seguiam o calendário festivo das Ordens Regulares, exaltando santos próprios do seu repertório iconográfico.<sup>13</sup> Cabe frisar que eles tinham precedência nas cerimônias religiosas, argumentando que não eram simples irmandades, confirmando, desta forma, “uma visão de mundo hierárquica, um sentimento de retaliação, de soberba, de profunda afeição à pompa barroca e aos sinais visíveis da fé, buscando sempre privilégios e favores espirituais”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Sobre o noviciado carmelita ver: EVANGELISTA, Adriana Sampaio. O Noviciado das ordens terceiras nas Minas Setecentistas. In: *OFICINA DO INCONFIDÊNCIA: revista de trabalho*. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1999.

<sup>12</sup> Cf. verbete “noviciado” em: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/noviciado>. Grafia atualizada.

<sup>13</sup> Cf: HIKSPOORS. Frei Pedro Thomaz, *et alli*. *Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1930; CAMPOS, Adalgisa A. A ordem Carmelita. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.º.24, p.54-61, 2011.

<sup>14</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: cultura artística e procissão de cinzas. *Imagem Brasileira*, n.º.1, Belo Horizonte, 2001, p.193. Cf. também CAMPOS, Adalgisa A e FRANCO, Renato. Aspectos da visão hierárquica no barroco luso-brasileiro: disputas por precedência em confrarias mineiras. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.º.17, p.193-216, 2009.

Os terceiros carmelitas, embora vivendo no século, eram vinculados a uma ordem religiosa, com a qual compartilhavam regras, benefícios espirituais, direitos e preceitos, bem como deviam obrigações e obediência. No caso dos terceiros carmelitas mineiros o vínculo deu-se com a Ordem Primeira do Carmo do Rio de Janeiro, responsável pela aprovação dos estatutos e das visitas rotineiras. Conforme a documentação consultada, trata-se dos Irmãos Religiosos da Puríssima Sempre Virgem Maria do Monte do Carmo, da antiga observância regular, situados na Província do Rio de Janeiro. Os documentos são enfáticos ao registrar o termo “antiga observância regular”, frisando assim a diferenciação entre os observantes e os reformados. Por exemplo, a *Apologia dos fatos acontecidos entre os terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Mariana e os supostos terceiros da mesma Ordem de Villa Rica*, em sua folha 4 verso, diz que os terceiros de Mariana,

desejando com especial fervor de devoção congregados em um corpo professor o instituto da Terceira Ordem da Bem Aventura Virgem Maria do Monte do Carmo, cujo benefício, e patrocínio experimentam; alcançaram do Prior Geral de toda a *Ordem Carmelitana da Antiga Observância* serem admitidos e aceitados por confrades da dita Terceira Ordem, e ser aprovada a sua Terceira Ordem a qual desde então foi formalmente erigida debaixo de uns estatutos escritos pelo bom governo, e governadas exatamente das demais cousa e condições contidas nas letras patentes da dita admissão.<sup>15</sup>

As Ordens Terceiras e seus respectivos ramos mendicantes pretendiam viver em estreita comunhão, numa relação de complementaridade, formando o que se chama de “corpo místico”,<sup>16</sup> ou seja, um corpo orgânico no qual as partes têm funções e demandas diferenciadas, todavia complementares no todo. Regulares e leigos são partes de um todo articulado, no qual cada um tem deveres e direitos, obrigações, bênçãos e dádivas. Com isso, buscava-se melhor professar a fé católica, acumulando graças e indulgências, tanto na vida terrena quanto no Além,<sup>17</sup> uma vez que a salvação da alma era uma das

<sup>15</sup> Mariana. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AEAM. Livros reservados. Apologia dos fatos acontecidos entre os terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Mariana e os supostos terceiros da mesma Ordem de Villa Rica, fl. 4 v. As transcrições documentais presentes na dissertação foram atualizadas.

<sup>16</sup> MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (c.1700-1822)*. São Paulo: Edusp, 2009, em especial o capítulo 3 “As imagens do Corpo Místico nos escritos dos Religiosos Mendicantes”. O autor afirma de “corpo de Deus” é uma expressão que já aparece na bíblica, por exemplo, nos escritos de São Paulo. No entanto, a expressão “corpo místico” não possui essa tradição. Com efeito, São Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, numa referência à Igreja, afirma “como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo”, sinalizando que cada parte, independentemente do que seja, tem sua importância. (Cf. 1Cor 12,12-31).

<sup>17</sup> Nesse sentido, as preocupações escatológicas do período, principalmente a crença na existência do Purgatório, ganham alívio e destaque entre os carmelitas, em decorrência da instituição da Bula Sabatina em 1322, na qual o Papa João XXII prescreveu que aquele que usasse o Santo Escapulário do Carmo seria salvo do Purgatório no sábado seguinte à sua morte. Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As Irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no Setecentos mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013; GONÇALVES, Flávio. O Privilégio Sabatino na Arte Alentejana. *Separata de A Cidade de Évora*,

principais questões da Cultura Barroca.<sup>18</sup> O frei carmelita José de Jesus Maria, assim explica a metáfora do corpo místico na família carmelitana, no que diz respeito ao benefício espiritual: “se os membros do corpo humano se ajudam uns aos outros em ordem a viver, assim também no corpo místico da Religião [os membros] se ajudam, para que todos se venham a salvar, comunicando uns aos outros o merecimento das boas obras que fazem”.<sup>19</sup>

O presente estudo parte do pressuposto teórico de que toda realidade é social e/ou culturalmente constituída, desconstruída e reconstruída a partir das percepções, significados e sentidos dos vários grupos sociais na sua convivência cotidiana, imbricando-se na tessitura do mundo como representação.<sup>20</sup> Assim, consideramos as OTC como um espaço privilegiado, no qual expressões culturais, artísticas e religiosas puderam ser construídas e compartilhadas por membros de uma sociedade. Nesses termos, as questões que norteiam nossa dissertação são a tradição religiosa, os elementos iconográficos, a atuação devocional e as ações institucionais dessa ordem, na medida em que se insere em um contexto maior (Cultura Barroca), compartilhado por uma dada sociedade. Logo, analisaremos, numa abordagem interdisciplinar, crenças, manifestações artísticas, religião, mitos, valores e normas de comportamento próprias de uma coletividade, com suas diversas relações sociais e múltiplos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais. Nosso trabalho não buscará traçar perfis sociais, econômicos e/ou políticos dos membros das OTC, ou seja, não faremos um estudo de prosopografia. O foco é a religiosidade e sua externalização através da obra artística. Todavia, os processos de sociabilidade e as diversas relações estabelecidas entre esses fiéis são de extrema importância para nosso estudo, pois as manifestações artísticas e religiosas não são isentas do contexto histórico e social que as produziu.

---

p.45-66, 1963; LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Ordem Carmelita. Per Musi*, Belo Horizonte, n.24, p.54-61, 2011; dentre outros.

<sup>18</sup> Em consonância com Maravall, que aborda o Barroco como cultura, ou seja, como uma construção histórica que contempla dimensões políticas, econômicas, sociais, religiosas, artísticas, etc. Para ele, a Cultura Barroca é uma cultura dirigida, massiva, urbana e conservadora. Cf: MARAVALL, José Antônio. *A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

<sup>19</sup> Frei José de Jesus Maria O. Carm. *Tesouro Carmelitano, Manifesto e Oferecido aos Irmãos e Irmãs da Venerável Ordem Terceira da Rainha dos Anjos, Mãe de Deus. Senhora do Carmo, pelo [...] Comissário da mesma Terceira Ordem no Convento do Carmo de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1760, p.90-91. *Apud* MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico*, p.75.

<sup>20</sup> Sobre o conceito de representação, ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.61-80. Sobre o uso desse conceito cf. SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. *Acerca do conceito de representação. Revista de Teoria da História*, Ano 3, Número 6, p. 27-53, dez/2011. Disponível em: [http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original\\_Artigo%202,%20SANTOS.pdf?1325192377](http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo%202,%20SANTOS.pdf?1325192377).

O Culto Santoral e Mariano materializa-se em imagens escultóricas e pictóricas; assim, discutiremos a metodologia iconográfica para o estudo da História, focando na temática religiosa. Como nosso estudo almeja percorrer os meandros da iconografia cristã, não poderíamos legar ao esquecimento as obras de dois grandes especialistas no assunto: Émile Mâle e Louis Réau.<sup>21</sup> Ambos fornecem um útil referencial teórico-metodológico para trabalhar e interrogar as imagens religiosas em sua historicidade. Pioneiro, Mâle reabilita o estudo da arte cristã em França, e seu mérito consiste no cotejamento de imagens com a oralidade e com a literatura teológica elaborada nos longos séculos da História da Igreja. Em *L'art religieux après le Concile de Trente* (1932), o autor volta-se para a arte religiosa barroca, redescobrando-a iconograficamente em seus monumentos e em sua espiritualidade. Já Réau, na obra *Iconographie de l'Art Chrétien*, além da análise iconográfica dos principais temas cristãos, aponta definições e aplicações do método iconográfico para os estudos em História da Arte. Para ele, o iconógrafo é aquele que, de forma interdisciplinar, descreve imagens com a intenção de classificá-las e interpretá-las, em função de seu conteúdo, não se importando com a forma, a estética ou a autoria. Assim,

*la iconografía no es solamente una distracción de diletante, ni tampoco una ciencia auxiliar o ancilar, sino una ciencia independiente por su objeto y sus métodos que, aun prestado servicio a la arqueología y a la historia del arte, abre horizonte a la historia general de la civilización, a la evolución del pensamiento y del sentimiento religioso y contribuye, tanto como la estilística, a la comprensión de la vida profunda de las imágenes.*<sup>22</sup>

Da mesma forma, pretende-se utilizar a metodologia de Erwin Panofsky, especialmente suas reflexões acerca da iconologia, que, segundo ele, distinguir-se-ia da iconografia por se voltar para o significado intrínseco, ou seja, para “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, classe social, crença religiosa ou filosófica, qualificados por uma personalidade e condensados numa obra”.<sup>23</sup> Mas afinal, há uma nítida separação entre iconografia e iconologia? Pelo que percebemos, não, pois ambos os campos de estudo são complementares. Bazin, em *História da História da Arte*, afirma que “a iconologia tende a contaminar a iconografia”.<sup>24</sup> Nesse sentido, e pela tradição, a iconografia seria a análise do

<sup>21</sup> Principalmente MÂLE, Émile. El arte religioso después del Concilio de Trento. In: *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*. México, Fondo del Cultura, s/d, p.159-192. RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000. Obra completa em 6 volumes.

<sup>22</sup> RÉAU, Louis. Definición y aplicaciones de la iconografía. In: *Iconografía del arte cristiano*, p.24.

<sup>23</sup> PANOFSKY, Erwin. Iconologia e Iconografia: uma introdução ao estudo da Arte da Renascença. In: *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.52.

<sup>24</sup> BAZIN, Germain. *História da História da Arte: de Vasari a nossos dias*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.189.

significado simbólico de imagens inseridas num contexto religioso, e por isso, justificamos em nossas pesquisas o uso do termo e da metodologia iconográfica.

Entender a imagem em seu contexto sociocultural é o que pretendemos, pois segundo Wolff,

as obras de arte não são entendidas fechadas, contidas em si mesmas e transcendentais, mas como produto de práticas históricas específicas de grupos sociais identificáveis atuando em determinadas condições e, portanto, trazem a marca das ideias, valores e condições de existência desses grupos e de seus representantes.<sup>25</sup>

A produção historiográfica das últimas décadas tem demonstrado a importância de estudos que valorizam crenças, manifestações artísticas, religião, mitos, valores e normas de comportamento próprias de uma coletividade, com suas diversas relações sociais e múltiplos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais. De acordo com Roger Chartier:

as obras não têm sentido estável, universal e imóvel. São revestidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma preposição e uma recepção, no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam.<sup>26</sup>

Da mesma forma, as ideias formuladas por Peter Burke em *Testemunha Ocular* são fundamentais para o nosso estudo, uma vez que o autor percebe as imagens como evidência histórica, ou indícios do passado, sobre os quais é possível compreender experiências não verbais, entendendo “antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc”.<sup>27</sup> Corroborando essa afirmativa, Jacob Burkhardt<sup>28</sup> afirma que imagens e monumentos são testemunhas de etapas passadas do desenvolvimento do espírito humano através dos quais é possível ler as estruturas de pensamento e a representação de uma determinada época. Todavia, imagens não dizem tudo, ou nem tudo o que dizem é pertinente, pois elas podem ser manipuladas de modo a distorcer a realidade ou podem ser interpretadas equivocadamente. Contra esses perigos, Burke enfatiza que “o testemunho das imagens necessita ser colocado no ‘contexto’, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante)”,<sup>29</sup> para que ofereçam aos historiadores meios necessários à interpretação das obras visuais, bem como das sociedades que as produziram.

<sup>25</sup> WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p.62.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.93.

<sup>27</sup> BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. História e Imagem. Bauru: Edusc, 2004 p.17.

<sup>28</sup> *Apud* BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*, p.13.

<sup>29</sup> BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. História e Imagem. Bauru: Edusc, 2004 p.116.

Destarte, organizou-se a dissertação em três capítulos. No primeiro, traçaremos um breve panorama acerca da origem carmelitana, cujo fundador mítico foi o Profeta Elias, ainda no tempo do Antigo Testamento. Historicamente, a Ordem Carmelita é criada no processo de renovação espiritual cristã do século XIII, na qual a experiência religiosa leiga torna-se mais ativa, na medida em que deixa a reclusão de mosteiros e abadias para se propagar nas cidades, agregando nesse processo o homem comum. A partir disso, buscaremos entender a construção da rede de devotos do Carmo no universo luso-brasileiro, evidenciando as especificidades dos terceiros carmelitas em Minas, a partir dos estatutos que regiam os sodalícios em questão. Nosso objetivo é compreender o funcionamento interno da mesa administrativa, ressaltando os aspectos, pios, religiosos e devocionais que diferenciam os carmelitas das outras agremiações leigas. Esse distinto referencial devocional será o norte para compreender simbólica e semanticamente o repertório iconográfico do Carmelo instalado nas montanhas mineiras.

No segundo capítulo abordar-se-á a devoção compartilhada à Nossa Senhora do Carmo, a partir das representações iconográficas alusivas às suas aparições hierofânicas. De forma sistemática, entendemos a imagem como instrumento de propagação da fé, do culto santoral e mariano. Ressalta-se ainda a importância do Privilégio Sabatino e do escapulário, enquanto objeto indulgenciável. Nosso intuito é relacionar arte, devoção e fé, sob a ótica da legislação eclesiástica do período, buscando na documentação arquivística pertinente e na visita de campo o levantamento dos principais temas carmelitas alusivos à sua excelsa padroeira e que foram desenvolvidos no repertório artístico mineiro.

No derradeiro capítulo continuaremos nossa contribuição ao estudo da arte mineira ao analisar, de forma detalhada, o repertório iconográfico carmelitano a partir do símbolo máximo que o representa, ou seja, o brasão. As representações das outras estrelas da ordem – os profetas Elias e Eliseu e os reformadores Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz – serão inventariadas e analisadas enquanto expoentes dos valores confraternais almejados pelo Carmelo. Além disso, evidenciaremos a existência de um sofisticado e harmonioso repertório simbólico, que se repete nos templos mineiros, enaltecendo, sobremaneira, o Rococó das Gerais.

## CAPÍTULO 1

### Ordens Terceiras do Carmo em Minas: um referencial devocional

*Foi-lhe dada a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Saron; seus habitantes verão a glória do Senhor, a majestade do nosso Deus.*

Isaías 35, 2b

#### 1.1 Os Carmelitas e seus antecedentes históricos

Para compreender o fenômeno das Ordens Terceiras do Carmo em Minas Gerais, nos séculos XVIII e XIX, faz-se necessário analisar a sua origem medieval, pois o contexto e os significados históricos anteriores são de suma importância para nosso entendimento. A História é feita de rupturas e continuidades, de modo que o fato histórico não surge do nada, da espontaneidade. As OTC representam uma continuidade do movimento espiritual que surgiu na Europa do século XII e XIII, momento de renascimento do meio urbano, formação de novas categorias sociais, configurando um ambiente propício à participação do leigo em atividades religiosas.<sup>30</sup>

Henrique C. de Lima Vaz, em “Formação e fisionomia do século XIII”, afirma que o “mundo medieval conhece profundas mudanças nos campos econômico, social, político, religioso e cultural”.<sup>31</sup> Nesse sentido, a vida monástica e as experiências eremíticas, que eram consideradas o modelo de perfeição cristã no contexto medieval,<sup>32</sup> já não atendem às demandas desse novo tempo, ou seja, as “aspirações dos fiéis já não podem ser feitas unicamente no quadro do monaquismo tradicional”.<sup>33</sup> Tais transformações serão bem recebidas pelo seguimento leigo na prática dos ensinamentos evangélicos, visando à salvação.

Nas grandes cidades europeias da Baixa Idade Média nasceram os quatro ramos mendicantes: Franciscanos, Dominicanos, Carmelitas e Agostinianos. O nome mendicante refere-se ao fato de os membros dessas ordens viverem das esmolas que recebiam. Segundo Cevins e Matz:

<sup>30</sup> Cf. VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

<sup>31</sup> VAZ, Henrique C. De Lima, SJ. Formação e fisionomia do século XIII. In: *Escritos de Filosofia VII – Raízes da Modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.32.

<sup>32</sup> Sobre a sociedade medieval, ver: LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005; LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006; FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1992; DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, dentre outros.

<sup>33</sup> VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*, p. 87.

a pobreza esteve nas origens da vida monástica desde os primeiros eremitãos do Oriente, em seguida se torna o refrão das comunidades regulares ocidentais, baseadas na Regra de São Bento ou de Santo Agostinho. Cada nova forma de comunidade religiosa se atém a essa pobreza individual e mais ou menos coletiva: sentimento forte que se mitiga de acordo com as necessidades da vida.<sup>34</sup>

Paralelamente à pobreza professada e vivida pelas ordens, os religiosos tentam praticar a caridade do Evangelho, no modelo do Cristo pobre e sofredor. “É o tempo da ‘revolução da caridade’, quando os pobres e os doentes são personificações do Cristo”.<sup>35</sup> Nesse sentido, a participação do leigo se efetiva num processo de engajamento pessoal, pois como salientou Vauchez, a via de acesso à santidade para o leigo não foi nem o trabalho nem a vida familiar, mas sim o exercício da caridade. Ao agrupar em ordens terceiras, vinculadas aos mendicantes, os leigos sociabilizam-se e praticavam obras pias numa “autêntica espiritualidade da benevolência”.

A aproximação entre leigos e religiosos acontece no próprio templo mendicante, que é aberto àqueles, exceto num pequeno espaço, que era reservado para a oração das horas canônicas. Ao analisar a arquitetura do monastério medieval, Isidro Bango reitera que as atividades e a missão dos mendicantes exigiam um estreito contato com os leigos, o que implicava para o convento em uma concepção espacial diferenciada dos monastérios, incluindo três zonas bem definidas: a área pública (igreja e seu átrio); área semipública (claustro); e área privada, de uso restrito dos frades (celas e capelas internas). Do esquema beneditino se conserva a sala capitular, o refeitório e o claustro; no entanto, essas áreas são espaços semipúblicos, nos quais os leigos podem entrar em determinadas ocasiões – inclusive ganhando sepultura.<sup>36</sup>

Assim, as Ordens Mendicantes precocemente agruparam leigos à sua volta, uma vez que eles também queriam dedicar-se às obras pias e devocionais. Em tal contexto, o leigo passa a ser um elemento ativo em busca da sua própria salvação, e as Ordens Terceiras (franciscana, dominicana, carmelita, etc) configuram-se como um meio para que isso aconteça. No caso específico dos carmelitas, a bula *Mare magnum*, do Papa Sixto IV, em 1476, aprovou a criação das Ordens Terceiras, com sua própria regra, ou estatuto, no qual “*se exponen y explican sus votos, obligaciones e manifestaciones externas*”.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> CEVINS, Marie-Madeleine de & MATZ, Jean-Michel. *Structure et dynamiques religieuses dans les sociétés de l'Occident latin (1179-1449)*. Rennes: Collection ‘Histoire’, Presses Universitaires de Rennes, 2010 (tradução Beatriz Jacob e Adalgisa Arantes Campos, a quem agradeço pela disponibilização do texto).

<sup>35</sup> CEVINS, Marie-Madeleine de & MATZ, Jean-Michel. *Structure et dynamiques religieuses dans les sociétés de l'Occident latin (1179-1449)*. Sem paginação.

<sup>36</sup> BANGO, Isidro. *El monastério medieval*. Madrid: Anaya, 1990.

<sup>37</sup> SMET, Joaquim. *Los Carmelitas*. Historia de la Orden del Carmen. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1991, p.157.

A história do culto à Nossa Senhora do Carmo é antiga e tornou-se muito popular em decorrência da atuação do clero regular professo dessa Ordem, bem como pela atuação dos leigos nas Ordens Terceiras que se espalharam pela Europa e pelos Impérios Coloniais. Desde antes do seu nascimento, Maria é honrada e reconhecida como a Santíssima Mãe do Salvador. Segundo a tradição carmelitana, Elias, profeta do Antigo Testamento, que viveu cerca de 880 a.C., teria reconhecido a augusta Mãe de Deus ao avistar uma nuvenzinha branca, que, subindo do mar em direção a terra, trazia a chuva fecunda que libertava o solo da esterilidade de longo período de seca.<sup>38</sup> Tal presságio ocorreu no alto do Monte Carmelo, e, portanto, esse lugar passou a ser venerado como local místico e digno de louvor, representando o triunfo da espiritualidade cristã.

Também segundo a mesma tradição, desde o século IV da Era Cristã, no Monte Carmelo, grupos de devotos construíram pequenas ermidas, pois tinham o Profeta Elias como um modelo de espiritualidade profunda, penitência constante, e, acima de tudo, um testemunho de fé que deveria ser imitado. O Monte Carmelo permaneceu como um lugar de mediação entre o humano e o sagrado; morada de homens abnegados e eremitas, que contemplativamente tinham uma vida austera e virtuosa. Da mesma forma, acreditavam nos favores da Santíssima Virgem que ali se manifestava. Frei Estevão de Santo Ângelo, em crônica impressa em Lisboa em 1750, exalta que havia uma estreita relação da Virgem Maria com o Monte do Carmo, constituída ainda em vida. Segundo ele:

como depois da Paixão do Senhor os Santos Apóstolos e principalmente São João Evangelista (ao que tinha Cristo na Cruz encomendado a Senhora), expulsos pelos judeus, passaram à conversão do gentilismo. A Senhora se retirou à sua casa, que tinha em Nazaré, de onde continuamente visitava o Carmelo. Aos religiosos familiarmente falava e mutuamente com a Senhora sentiam os Carmelitas as opressões, que faziam aos cristãos os inimigos da Fé. Finalmente estando já próxima ao seu transito os chamou, e, entre eles, deu ao seu amado Filho o Espírito. (...) Voltando-se ao Carmelo, com suma desconsolação e tristeza, puseram em execução a erigir-lhe uma Igreja, a que deram o título e nome da Senhora. (...) E desse lugar ficaram sendo chamados irmãos da Senhora do Carmo.<sup>39</sup>

Esses ermitões permaneceram nas encostas do monte, com seu fervor mariano, até serem expulsos pelas investidas dos muçulmanos, no século XIII. Desde então a Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo se espalhou por toda a Europa. Historicamente, associamos a origem carmelita a esses eremitas, que

<sup>38</sup> Cf. I RS 18, 44: “O servo disse: ‘Eis que sobe do mar uma nuvem, pequena como a mão de um homem’. Então Elias disse-lhe ‘Vai dizer a Acab que prepare o carro e desça, para que a chuva não o detenha’”.

<sup>39</sup> SANTO ÂNGELO, Frei Estevão de. *Lucerna da verdade de novo accesa no Templo do Carmelo*. Lisboa: Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1750, p.35.

em 1210 “sentiram a necessidade de se organizarem como grupo eclesial, vivendo em obséquio de Jesus Cristo”.<sup>40</sup> O líder desse movimento identificamos como frade “B”,<sup>41</sup> que pediu ao Patriarca de Jerusalém, Santo Alberto, a redação da primeira regra carmelita. Segundo Bayón, a importância de Santo Alberto pode ser definida em três perspectivas:

*social*, enquanto congregou em *unum collegium* aqueles eremitas dispersos; *cognoscitivo*, porque deu à sua existência categoria de símbolo, ao assinalar-lhes as finalidades que transcendem o puro dado material e visível; e, finalmente, *afetivo*, já que, mediante o novo nome de *fratres*, polarizou os sentimentos para uma fraternidade cálida e participativa.<sup>42</sup>

A Regra Albertina priorizava a oração, a obediência, a pobreza e o trabalho. Tais atividades foram traçadas almejando que o irmão pudesse viver em obséquio de Jesus Cristo, ou seja, interiorizando os ensinamentos do Senhor, vivendo-os e celebrando-os. A regra foi aprovada pelo papa Honório III em 30 de janeiro de 1226 e confirmada pelo papa Gregório IX, através da Bula *Ex officii nostri*, que adicionou novas obrigações aos frades carmelitas.<sup>43</sup> De uma vida plenamente contemplativa eles assumiram o caráter mendicante, trabalhando pela salvação das almas.

No entanto, a devoção à Nossa Senhora do Carmo só ganha força e destaque com as supostas aparições que ocorreram no período medieval, principalmente aquela ao frade inglês Simão Stock, em 1251, e ao Papa João XXII, pontífice que instituiu a *Bula Sabatina* em 1322. Simão Stock (1164-1265) nasceu em uma das mais ilustres famílias da Inglaterra, no Castelo de Harford, condado de Kent, onde seu pai era Governador. Desde muito jovem, Simão tinha especial devoção à Nossa Senhora, sendo consagrando a ela. Viveu por muitos anos no oco de um tronco de árvore, por isso recebeu a alcunha de “Stock”. Conta-se que teria viajado para Jerusalém, professando-se entre os carmelitas, uma vez que era atraído pela vida contemplativa e pela devoção mariana que aquele movimento eremítico cultivava. Ao voltar para a Europa, fundou vários conventos.

Simão Stock não cessava de invocar o nome e a proteção de Maria Santíssima, tanto que chegou a compor uma pequena antífona em honra à Maria. Essa oração ficou

<sup>40</sup> BAYÓN, Balbino Velasco. *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001, p.20.

<sup>41</sup> Historiadores carmelitas do século XX identificam o frade “B” como Brocardo, todavia os escritos antigos o identificam como São Bertholdo, um ex-cruzado, o primeiro confessor geral da ordem. No repertório iconográfico carmelita mineiro há uma referência a esses santos no forro da nave da OTC de Diamantina. No entanto, os mesmos são geralmente cultuados pelos Turônicos, ou seja, os frades adeptos das reformas iniciadas na Província de Turon, França. Sobre a Reforma Turônica veja: HONOR, André Cabral. *Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitanias do norte do Estado do Brasil (séc. XVI a XVIII)*. Belo Horizonte: UFMG, 2013 (História, Tese de doutorado).

<sup>42</sup> BAYÓN, Balbino Velasco. *História da Ordem do Carmo em Portugal*, p.20. Grifos nossos.

<sup>43</sup> BAYÓN, Balbino Velasco. *História da Ordem do Carmo em Portugal*, p.23.

conhecida como “Flor do Carmelo”, cujo texto em latim é: “*Flos Carmeli,/ Vitis florifera/ Splendor Caeli/ Virgo puerpera Singularis!/ Mater mitis,/ Sed viri nescia./ Carmelitis da privilegia,/ Stella Maris*”.<sup>44</sup> Ainda de acordo com a tradição, Simão Stock, ao recitar essa oração, em 16 de julho de 1251, na solene festa de Nossa Senhora do Carmo, foi favorecido com uma aparição miraculosa, na qual a Virgem, vestida do hábito da Ordem, coroada de estrelas, cercada de anjos e tendo nos braços o Menino Jesus, revelou-lhe que Deus estava satisfeito com suas penitências e orações. Nessa ocasião ela também lhe entregou o santo escapulário dizendo:

Meu muito amado filho recebe este Escapulário da tua Ordem, sinal da minha confraternidade, privilégio para ti e todos os Carmelitas. Quem com ele morrer, não padecerá o fogo eterno. Eis o sinal da salvação, a salvação nos perigos, pacto de paz a aliança para sempre.<sup>45</sup>

Diante dessa manifestação hierofânica, Simão Stock se manteve firme na fé, uma vez que se sentia protegido contra a inveja e a malícia dos homens e livre das penas do “Fogo Eterno”. Dessa forma, o escapulário passou a ser o principal distintivo dos carmelitas. Inicialmente, ele consistia numa espécie de avental que se usava sobre os ombros para não sujar o hábito dos frades e freiras na lida diária. Com o tempo tal peça foi incorporada ao repertório simbólico, na forma dos conhecidos “bentinhos”. Padre Antônio Vieira, em seu sermão de Nossa Senhora do Carmo, feito no Maranhão em 1659, ao falar do escapulário, afirma que a

sagrada religião carmelitana teve dois nascimentos também virginais: um antiquíssimo na lei escrita, em que nasceu de Elias virgem, que foi nascimento de pai sem mãe; outro menos antigo, na lei da graça, em que nasceu da Virgem Maria, que foi nascimento de Mãe sem pai. As duas cores e as duas peças do hábito carmelitano são a prova e a herança destes dois nascimentos. A prova e herança do nascimento do pai sem mãe é o manto branco, dado por Elias nas mãos de Eliseu carmelita; a prova e herança do nascimento de Mãe sem pai é o escapulário pardo, dado pela Virgem Maria nas mãos de Simão, também carmelita e geral santo dos carmelitas.<sup>46</sup>

Ainda no século XIV, a Ordem Carmelita conquistou inúmeros adeptos graças à *Bula Sabatina (Sacratíssimo uti culmine)* que foi concedida pelo Papa João XXII, em 1322, quando a Virgem, em aparição, prometeu-lhe retirar do Purgatório as almas de todos os devotos que tivessem pertencido à Ordem do Carmo ou à Confraria do Santo Escapulário do Carmo, no sábado seguinte à sua morte. Essa regalia ficou conhecida como “Privilégio Sabatino” e foi propagada por todo o Ocidente, pelos carmelitas.

<sup>44</sup> A tradução em português dessa oração é a seguinte: Flor do Carmelo,/ Videira florescente,/Esplendor do céu,/Virgem fecunda/ Singular!/ Mãe afável,/ Mãe sempre Virgem./Aos carmelitas, daí privilégios,/ Ó Estrela do Mar. Cf. Ouro Preto. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto – AOTCOP. Livreto atual da Solene Novena em Louvor à Nossa Senhora do Carmo. Impresso Gráfica Ouro Preto.

<sup>45</sup> HIKSPOORS. Frei Pedro Thomaz, *et alli. Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*, p.146.

<sup>46</sup> VIEIRA, Antônio S.J. Sermão de Nossa Senhora do Carmo. In. *Sermões*. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980, p. 216.

Então, “com o uso do escapulário, símbolo de devoção e consagração à Virgem, o devoto passou a gozar de indulgências plenas ou parciais”.<sup>47</sup> É pouco provável que a Bula Sabatina tenha sido, de fato, escrita, uma vez que não há cópia da mesma.<sup>48</sup> No entanto, a partir da tradição vinculada a ela, o escapulário passou a ser o símbolo concreto das promessas da Virgem do Carmo, atraindo grande número de fiéis.

No século XVI, houve uma reestruturação na Ordem Carmelita, originando dois braços: os Carmelitas Observantes, que conservavam a antiga regra, e os Carmelitas Reformados, que adotaram uma nova regra criada por Santa Teresa d'Ávila. A Ordem Carmelita desenvolveu-se em toda Europa, no entanto perdeu-se a sua primitiva vocação contemplativa e austera. Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada nasceu em Ávila – Espanha, a 28 de março de 1515.<sup>49</sup> Com 20 anos, tornou-se carmelita. De família nobre, foi ímpar na luta, contra as mentiras e hipocrisias de uma vida espiritual vazia que vigorava em mosteiros e conventos. Com a ajuda de seu confessor, São João da Cruz, Teresa promoveu reforma nos regulares a fim de devolver à ordem o seu primitivo vigor espiritual. Logo, funda, em 1562, o Convento de São José. Segundo Adalgisa Arantes Campos, “essa nova instituição religiosa tinha a preocupação de regressar à primitiva observância, colocando como fundamento da mística: as virtudes teologais (Fé, Esperança e Caridade), a humildade, a castidade, a pobreza, a penitência e a mortificação”.<sup>50</sup> Em suma, buscava-se o retorno aos princípios da vivência evangélica do Cristo pobre e sofredor.

A história carmelita, rica em fatos místicos e míticos, será importante na confecção do repertório iconográfico executado nas Ordens Terceiras do Carmo mineiras, como bem enfatizou Renato César José de Souza, pois tais sodalícios reportam-se

a uma longa cadeia de significados históricos, cujos elos principais devem ser reconhecidos para que ela mesma seja melhor situada. Toda essa construção histórica se estabelece a partir de uma tradição instaurada por organizações humanas, de caráter social e religioso, alimentadas pela busca de um sentido sagrado, que se traduz em seus rito, seus símbolos e construções.<sup>51</sup>

<sup>47</sup> CAMPOS, A. A. A Ordem Carmelita, p.56.

<sup>48</sup> Segundo os críticos, além de não haver o registro da Bula, os contemporâneos a ela nada comentaram em suas obras. Da mesma forma ela contém trechos paradoxais, com a promessa de absoluta salvação e de saída certa do Purgatório. Cf. BOUVIER, I. B. *Tratado Dogmático e Práctico de las Indulgencias, Cofradias y Jubileo*. Lérida: Imprenta e Librería de Dom Jose Sol, 1852, p.190.

<sup>49</sup> MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Madrid: Akal, 2009, p.433.

<sup>50</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011, p.85.

<sup>51</sup> SOUZA, Renato César José de. *Construção e Intenção na Arquitetura das Igrejas da Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999 (Arquitetura, Dissertação de mestrado), p.14.

## 1.2 As Ordens Terceiras do Carmo em Minas Gerais

Em Portugal, os primeiros estabelecimentos carmelitas foram instituídos em Moura, no primeiro terço do século XIV, e, em Lisboa, poucos anos depois. A data de fundação é incerta, mesclando lendas e fatos históricos.<sup>52</sup> O Carmo de Lisboa<sup>53</sup> foi fundado a pedido de Nuno Álvares Pereira,<sup>54</sup> o grande herói da independência de Portugal, no período da Revolução de Avis.<sup>55</sup> Ambos os estabelecimentos carmelitas tornaram-se centros de religiosidade e de devoção à Nossa Senhora do Carmo. Com o tempo, multiplicaram-se aqueles conventos regulares, configurando a Província Carmelita de Portugal, que, num trabalho apostólico e missionário, logo tratou de espalhar seus ideais pelo Império Colonial Luso. Em 1580, o Convento do Carmo de Lisboa concedeu licença para a fundação de conventos em Pernambuco e Paraíba. André Honor, em sua tese de doutorado, afirma que os colonizadores eram cientes da importância que os religiosos tinham na consolidação da colonização. Da mesma forma, os próprios religiosos confirmam esse espírito missionário. Nas palavras do Vigário Provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, o Mestre Frei João Cayado

é nossa obrigação, e de todos os Religiosos que professam nosso modo de vida, servir a Deus e a sua Mãe Santíssima, aplicando-nos com todo cuidado a salvação das almas e aumento da Religião Cristã, e, vendo-nos que será muito do agrado do mesmo Senhor, e utilidade, assim dos professores da Verdadeira Fé como aos faltos da sua luz, que habitam os lugares do Brasil e carecem de cópia de Sacerdotes, que a uns instruem nos preceitos de Cristo, e a outros administrem o Sacramento da Penitência, movidos assim da caridade para com o próximo, como é obrigação de nosso officio e do obséquio que devemos fazer ao nosso Cristianíssimo Rei Dom Henrique, a quem é muito agradável a extensão de nosso nome nas partes do Brasil.<sup>56</sup>

<sup>52</sup> Podemos citar as seguintes crônicas: JOÃO DO SACRAMENTO: *Chronica de Carmelitas Descalços do Reyno de Portugal*. Lisboa, 1721; JOSÉ PEREIRA DE SANTA ANA. *Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal*. Lisboa, 1745; Fr. JOSEPH DE JESUS MARIA. *Thesouro Carmelitano manifesto, e oferecido aos Irmãos e Irmãs da Venerável Ordem Terceira da Rainha dos Anjos, Mãe de Deos, Senhora do Carmo*. Lisboa, 1705.

<sup>53</sup> A Igreja do Carmo de Lisboa é um templo do século XIV e início do século XV. Construído em estilo gótico tinha 74 metros de comprimento por 24 de largura, divididos em três naves com capelas laterais. Infelizmente a Igreja ruiu no Terremoto de 1755.

<sup>54</sup> Nuno Álvares Pereira é considerado um beato. Membro do Exército, ele tinha o título de Condestável. Segundo a tradição custeou a construção do Convento do Carmo de Lisboa como agradecimento pelas vitórias alcançadas. Aos 63 anos tornou-se frade carmelita, reconhecido pelas suas virtudes e humildade. Sua festa litúrgica é celebrada em 6 de novembro. Cf. HIKSPOORS. Frei Pedro Thomaz, *et alli. Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*, p.297-301.

<sup>55</sup> Sobre a Revolução de Avis, veja: MATTOSO, José (coord.) *História da Portugal – A monarquia Feudal (1096 -1480)*. 2 v. Lisboa: Editorial Estampa. 1997; TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru: Edusc, 2001, dentre outros.

<sup>56</sup> Essa carta de 1580 foi escrita em latim. No século XVIII, foi transcrita e traduzida por frei Manoel de Sá. Cf. SÁ, Frei Manoel de. *Memórias históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal*. Lisboa Oriental: Officina Joseph Antonio da Silva, 1727, p.33. *Apud* HONOR, André Cabral. *Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitâneas do norte do Estado do Brasil (séc. XVI a XVIII)*, p.15.

Assim, rapidamente uma primeira leva de carmelitas chegou a Olinda e começou a edificação do Convento do Carmo. Tal ano marca o início da União Ibérica (1580-1640), momento em que o clero regular teve maior liberdade para agir, instalando os seus conventos e hospícios. Elencamos os seguintes estabelecimentos devotados ao Carmo no Brasil, com sua respectiva data de fundação, ou seja, o momento do lançamento da pedra fundamental.

**Quadro 1: Estabelecimentos Conventuais Carmelitas no Brasil e sua data de fundação – ordem cronológica**

Local	Data de fundação
Olinda - Convento do Carmo	1583
Santos - Convento do Carmo	1589
Rio de Janeiro - Convento do Carmo	1590
Hospício em Lucena (PB)	1591
Salvador - Convento do Carmo	1592
São Paulo - Convento do Carmo	1594
São Cristovão (SE) - Convento do Carmo	1600
João Pessoa - Convento do Carmo	1608
São Luís - Convento do Carmo	1616
Angra dos Reis - Convento do Carmo	1623
Belém do Pará - Convento do Carmo	1624
Mogi das Cruzes - Convento do Carmo	1629
Recife - Convento do Carmo	1631
Goiana (PE) - Convento de Santo Alberto	1636
Salvador - Convento de Santa Teresa	1665
Rio Real (BA) - Convento do Carmo	1683
Vitória - Convento do Carmo	Anterior a 1685
Olinda - Convento de Santa Tereza	1687
Hospício do Pilar em Salvador	1691
Cachoeira - Convento do Carmo	Século XVII
Itu - Convento do Carmo	1719
Rio de Janeiro - Convento de Santa Teresa	1744

Fonte: BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. v.2. Rio de Janeiro: Record, 1983; HOORNAERT, Eduardo. *A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial*. In: *História Geral da Igreja na América Latina*. Petrópolis: Vozes. Tomo II, 1977 e CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011, em especial o capítulo IV (“Cultura artística e religiosa: a Ordem Franciscana e Carmelita”).

No século XVII, em virtude da extensão dos conventos carmelitas espalhados no território brasílico, a Província foi dividida em duas vigararias: uma em Salvador e outra no Rio de Janeiro. Percebe-se que os regulares foram atuantes na região litorânea, uma vez que não puderam estabelecer-se no interior, principalmente na região mineradora, haja vista a proibição da Coroa Portuguesa expressa em várias cartas régias, a exemplo daquela de 9 de novembro de 1709, que, além de nomear Antônio de Albuquerque governador da Capitania de São Paulo e Minas, ordenou que, em conjunto,

o Arcebispado da Bahia e o Bispado do Rio de Janeiro, expulsassem “a todos os clérigos que se acharem nas Minas sem emprego necessário, que seja alheio ao seu estado”. Ou ainda a de 9 de junho 1711, exigindo que “não consinta que nas Minas assista frade algum, antes os lance fora a todos e com violência, se por outro modo não quiserem sair”.<sup>57</sup> Por conseguinte, em Minas não tivemos a construção de complexos conventuais, sendo que as grandes experiências arquitetônicas no território recaíram principalmente sobre as construções religiosas seculares, paroquiais e capelas de confrarias e ordens terceiras, uma vez que as ordens monásticas e mendicantes estavam proibidas nessa região.<sup>58</sup>

O Estatuto da OTC de Sabará reitera a proibição dos regulares, enfatizando a obediência hierárquica e espiritual que os terceiros deveriam ter em relação os primeiros. Segundo o texto:

como nas Minas e na dita Cidade de Mariana não haja Convento algum de Religiosos do nosso hábito a que possa agregar a dita Ordem Terceira [OTC de Sabará] nem Religiosos nossos que possam servir de Comissários da nossa amada ordem, pela proibição de Sua Majestade Fidelíssima para que nas Minas não assistam Religiosos. Enquanto durar a dita proibição, ou não haver licença do dito Senhor, havemos por bem [...] nos obrigarmos aos MM. RR. PP. Provinciais [Mui Reverendos Padres Provinciais].<sup>59</sup>

A ausência de regulares<sup>60</sup> não impediu a manifestação da religiosidade no território das Minas. Ao contrário, desde o início do processo de ocupação dessas terras, o fervor religioso dos leigos floresceu em incontáveis irmandades. Conforme explica Caio César Boschi, “em síntese, as irmandades funcionaram como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social”,<sup>61</sup> funcionando como importante instrumento do processo de colonização e de conformação da sociedade no mundo luso-brasileiro, o

<sup>57</sup> BOSCHI, Caio C. (org.). *Coleção sumária e as próprias leis, cartas régias, avisos e ordens que se acham nos livros da Secretária do Governo desta Capitania de Minas Gerais, reduzidas por ordem a títulos separados*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, APM, 2010, p.49 e 150.

<sup>58</sup> BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. v.1, p. 195; FRANCO, Renato. *Pobreza e caridade leiga – as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa*. São Paulo: USP, 2011 (História, Tese de doutorado), especialmente o capítulo 4; e SILVA, Renata Resende. *Entre a ambição e a salvação das almas: a atuação das ordens regulares em Minas Gerais (1696-1759)*. São Paulo: USP, 2005 (História, Dissertação de mestrado).

<sup>59</sup> Sabará. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Sabará - AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, século XVIII, sem data. Capítulo 2. § 2. Agradeço à Rosana Figueiredo, pelo acesso a este documento.

<sup>60</sup> Ausência no sentido do não estabelecimento de conventos e mosteiros, pois, como bem identifica a historiografia, clérigos regulares perambularam pelas Minas, por exemplo, como Comissários, visitando as Ordens Terceiras ou arrecadando esmolas com as devidas licenças apropriadas. Cf. SILVA, Renata Resende. *Entre a ambição e a salvação das almas: a atuação das ordens regulares em Minas Gerais (1696-1759)*, em especial o capítulo 4.

<sup>61</sup> BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986, p.14.

que não poderia ser diferente, pois Estado e Igreja eram imbricados por meio do Padroado Régio.<sup>62</sup>

Fritz Teixeira de Salles, em *As Associações Religiosas do Ciclo do Ouro* – estudo pioneiro, cuja 1ª edição data de 1963 –, reitera a importância das irmandades no processo de conformação social do território mineiro na medida em que agregavam e diferenciavam os grupos sociais e seus interesses, ou seja, a significação social dessas associações era vinculada ao processo de estratificação das classes sociais. Nas palavras do autor,

as irmandades religiosas no interior de Minas, durante o século XVIII, apresentam as seguintes constâncias relativas à categoria socioeconômica dos seus associados: Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, São Miguel e Almas, Bom Jesus dos Passos, Almas Santas e poucas outras eram de brancos das camadas dirigentes ou reinóis; Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, de negros escravos; Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Amparo, Arquiconfraria do Cordão, de mulatos e crioulos ou mesmo pretos forros; São Francisco de Assis e Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo pertenciam aos comerciantes ricos e altos dignitários.<sup>63</sup>

As Ordens Terceiras se desenvolveram na segunda metade século XVIII, agregando confrades distintos em torno de propósitos religiosos, todavia abrindo espaços para a sociabilidade e a ajuda mútua, ou seja, elas se tornaram meios para a atuação das elites locais. Pertencer à Ordem Terceira significava *status*, pois a admissão dos irmãos era extremamente seletiva, tanto no processo de candidatura quanto no processo de sindicância, isto é, na averiguação da vida do candidato no que diz respeito à condição social (principalmente o cabedal); à conduta, que não deveria ser escandalosa; e à origem étnica, uma vez que descendentes de mouros, judeus ou de qualquer outra “infecta nação” não poderiam fazer parte desses sodalícios. Como enfocou Boschi, “via de regra, as ordens terceiras caracterizavam-se por serem associações das camadas mais elevadas, sendo a composição de seu quadro social mais sofisticada”.<sup>64</sup> De tal modo, agrupando parcela poderosa da população, as OTC surgiram num momento de consolidação social, política e religiosa.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Sobre o Padroado Régio veja: HONAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der; BROD, Benno. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira época colonial. Petrópolis: Vozes, 2008; PAIVA, José Pedro. A Igreja e o poder. In.: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. I, p.158-163; e SILVA, Renata Resende. *Entre a ambição e a salvação das almas: a atuação das ordens regulares em Minas Gerais (1696-1759)*, em especial o capítulo 1.

<sup>63</sup> SALLES, Fritz Teixeira de. *As Associações Religiosas do Ciclo do Ouro*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.87.

<sup>64</sup> BOSCHI, Caio C. *Os Leigos e o Poder*, p.20.

<sup>65</sup> MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico*, especialmente o capítulo 4: “A formação da rede de Ordens Terceiras na colônia”, p.85-99.

Outros estudos também enfatizam a importância das associações leigas como pilares da colonização portuguesa pelos quatro cantos do mundo, na medida em que formavam uma ampla rede que vinculava práticas sociais importantes, tanto no reino quanto nas colônias. Charles Boxer, em *O Império Marítimo Português*, destaca que tais associações “garantiam uma continuidade que os governadores, os bispos e os magistrados transitórios não podiam assegurar”.<sup>66</sup> Adaptadas aos diversos contextos socioculturais, as confrarias e ordens terceiras davam segurança social, visto que cada uma agrupava membros de classes semelhantes; política, pois exerciam certo controle sobre seus membros e estavam presentes em todo o território; além do auxílio espiritual, uma vez que estavam reunidos para fins religiosos.

A grande maioria dos autores destaca que as associações leigas foram instrumentos políticos e sociais de configuração da sociedade, contudo não podemos olvidar que o fenômeno das irmandades, arquiconfrarias e ordens terceiras é concomitante ao contexto da reforma tridentina, com a progressiva valorização do leigo, a disseminação ao culto santoral e os esforços missionários de evangelização.<sup>67</sup> Isso fica claro, por exemplo, na escolha dos patronos de cada associação leiga, que geralmente decorria de uma identificação dos grupos de fiéis com as perplexidades e simbolismos neles contidos. Como bem ressaltou Caio C. Boschi a escolha do orago se dava por diversos motivos (devocionais, sociais, raciais, ou por ofícios), que se correlacionavam com as origens sociais dos irmãos, de acordo com interesses e manifestações locais.<sup>68</sup>

No entanto, o sentimento de devoção e de pertencimento deve ser levado em consideração, pois a escolha do padroeiro da irmandade norteava outras definições, como as festividades e o repertório iconográfico, por exemplo. O caráter consuetudinário, intimista e familiar do culto santoral é fundamental na escolha do orago. A popularidade ou a difusão do culto a algum santo é muito díspar, pois não há uma lógica para a piedade/devoção popular. O culto a um santo não leva em conta o mérito ou a origem do mesmo, mas sim a sua eficiência utilitária. A devoção não é desinteressada e há um apelo aos santos tradicionalmente considerados mais influentes.<sup>69</sup> Não é por acaso que as principais devoções recorrentes nas irmandades mineiras são recomendadas pelas determinações tridentinas. A Virgem Maria, com

---

<sup>66</sup> BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português*. 1415-1825. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.286.

<sup>67</sup> CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: As missas e a vivência leiga do catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p.107.

<sup>68</sup> BOSCHI, Caio C. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In.: In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.59-76.

<sup>69</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte Cristiano – Introducción General*, p. 209.

diversas invocações, é a principal padroeira das irmandades. Seguem-se as do Santíssimo Sacramento, que deveria ocupar o altar-mor de toda Igreja Matriz, São Miguel e Almas do Purgatório, Santana, Santo Antônio, São Francisco e Senhor dos Passos.<sup>70</sup> Assim, as expectativas e experiências afetivas e devocionais devem ser consideradas nos estudos sobre as associações leigas, que não foram criadas unicamente para reconhecimento e distinção social.

William de Souza Martins também propõe que a criação das ordens terceiras no Brasil, face à previa instalação dos religiosos mendicantes, é consequência da relação íntima entre regulares e leigos, segundo a imagem do “corpo místico hierarquizado e interdependente”. Dessa forma, a criação de ordens terceiras não é mero reflexo do processo de urbanização, de crescimento demográfico e de estratificação social, como propôs Fritz Teixeira de Salles e outros autores. Segundo Martins,

a instituição das fraternidades praticamente ao mesmo tempo, em localidades cujos processos de urbanização e de hierarquização social encontravam-se em patamares muito distintos, talvez constitua evidência suficiente para limitar a validade genérica [dessa] hipótese”.<sup>71</sup>

Com efeito, na região mineradora, o descompasso entre a criação das primeiras irmandades e o surgimento das ordens terceiras estaria em entraves políticos para o ingresso e fixação dos religiosos mendicantes, bem como na organização formal do corpo místico, pois institucionalmente os terceiros dependiam da aprovação e das licenças advindas do clero regular, ao qual estavam sujeitos.

Da mesma forma, é preciso salientar que os terceiros localmente também formavam um relativo “corpo místico” composto pela sede da Ordem Terceira e sua presídia, o que inviabilizava e desmotivava a criação de ordens terceiras em todas as vilas da Capitania. A presídia constituía-se basicamente por “subsedes” filiais de uma Ordem Terceira, estendendo sua jurisdição por um território, ampliando, nesse caso, o poder e a influência dessa agremiação, bem como elevando os seus recolhimentos financeiros, haja vista os pagamentos e as ofertas que se faziam. Segundo Felipe Santiago, “os irmãos de presídias obtinham os mesmos direitos e deveres dos irmãos que frequentavam a sede. Poderiam fazer uso de hábitos em ocasiões solenes, realizar exercícios espirituais e pagar os anuais, preservando os sufrágios *post-mortem*.”<sup>72</sup> A

<sup>70</sup> Cf. BOSCHI, Caio C. *Os Leigos e o Poder*, Anexos 3 e 4, p. 187-190.

<sup>71</sup> MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico*, p. 90.

<sup>72</sup> SANTIAGO, Felipe José Flausino. Presídias do Carmo de Vila Rica: estratégias de manutenção das Ordens Terceiras. Minas Gerais, 1750-1820. In.: Seminário Internacional Diálogos entre Brasil e Argentina: história e historiografia - *Resumos das Comunicações*, p. 9-10. Disponível em <https://seminariobrasilargentina.files.wordpress.com/2013/07/resumos-das-comunicac3a7c3b5es-de-pc3b3s-graduandos-e-pc3b3s-graduados.pdf>; SANTIAGO, Felipe José Flausino. Presídias do Carmo de

criação de uma nova ordem terceira geralmente rendia em dissabores com as já existentes, pois acarretaria o desmembramento da presídia. Zoroastro Vianna Passos, ao dissertar sobre a criação da OTC de Sabará e os problemas jurídicos enfrentados com a OTC de Ouro Preto, alude a um Breve Apostólico, cujo teor proibia a criação de novas ordens num círculo de sessenta milhas,<sup>73</sup> dificultando a criação de novos sodalícios nas proximidades dos já existentes.

Assim, os terceiros organizavam-se localmente por meio dessa rede de interdependência. A OTC de Sabará, em 1806, por exemplo, possuía 101 presídias, espalhadas por toda a Comarca do Rio das Velhas,<sup>74</sup> uma vez que “os Irmãos Terceiros, nas Minas, vivem dispersos e longe da Cidade”.<sup>75</sup> De tal modo, os irmãos carmelitas, mesmo longe da sede à qual eram agremiados, poderiam se articular em seus propósitos religiosos e devocionais, reunindo-se em alguma capela ou ocupando altar lateral em alguma igreja matriz, nas quais instituíam a devoção à Nossa Senhora do Carmo e na qual receberiam a assistência do Padre Comissário ou de seus ajudantes (Vice-Comissários). É possível encontrar nos livros de receita e despesa de Ordens Terceiras pagamento por imagens relativas ao padroeiro, que, provavelmente, seriam enviadas para os devotos nas presídias.<sup>76</sup> Não é por acaso que em muitas matrizes encontramos altares laterais com o repertório carmelita completo, incluindo o emblema da ordem, a Virgem do Carmo e os santos carmelitas, tal qual acontece na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Itabirito; Matriz de São Bartolomeu, em São Bartolomeu (distrito de Ouro Preto); Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara; Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, em Santa Rita Durão (distrito de Mariana, antigo Arraial do Infeccionado); Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Congonhas; Matriz de São João Batista, em

---

Vila Rica: Relações de poder em Minas Colonial. In.: XVIII Encontro Regional ANPUH-MG, 2012, Mariana. *Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH-MG*. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.

<sup>73</sup> PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará*. A Ordem Terceira do Carmo e sua Igreja – Obras do Aleijadinho no Templo. Rio de Janeiro. 1940, p.11. A OTC de Mariana também lutou contra a criação de sua congênera em Vila Rica. Cf. AEAM. Livros reservados. Apologia dos fatos acontecidos entre os terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Mariana e os supostos terceiros da mesma Ordem de Villa Rica. A OTC de Vila Rica, na década de 1760, por sua vez, criou uma série de empecilhos para a criação da ordem sabarense, recorrendo várias vezes ao bispado e aos superiores do Convento do Carmo do Rio de Janeiro. Cf. PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará*, especialmente o capítulo 1.

<sup>74</sup> AOTCS. Livro de Registro de Presídias de 1806. *Apud* ALVES, Rosana de Figueiredo Ângelo. *A venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (século XVIII a meados do século XIX)*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (História, Dissertação mestrado), p. 127-129.

<sup>75</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, século XVIII, sem data. Capítulo 2º, § 3.

<sup>76</sup> No livro de Receita e Despesa da OTC de Mariana consta pagamento ao santeiro Pedro Gomes, “pelas *imagens* e o mais que fez para a Ordem”. Imagens no plural, não identificando quais. Cf. Ouro Preto. Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência – Casa do Pilar. Livro de Receita e Despesa da Ordem Terceira do Carmo de Mariana, sem paginação. Nesse arquivo há dois livros de receita e despesa da OTC de Mariana de finais do século XVIII, ambos com muitas perdas e de leitura complicada.

Barão de Cocais (antigo Morro Grande); Matriz de São Brás, em São Brás do Suaçuí – que apresenta as imagens da Virgem do Carmo, do Profeta Elias e de Santa Teresa d'Ávila; dentre outras. Na Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caeté, listada como a localidade de número um na presídia da OTC de Sabará, há retábulo lateral, no lado do Evangelho, com os símbolos do Carmelo, cuja imagem da Senhora do Carmo, no camarim, é atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.<sup>77</sup>



**Figura 3. Caeté. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Imagem de Nossa Senhora do Carmo - atribuída a Aleijadinho. Foto: Kellen Silva.**

<sup>77</sup> Atribuição feita pelo IPHAN em 1951. Cf. JARDIM, Márcio *et alli*. *O Aleijadinho* – catálogo geral da obra: inventário das coleções públicas e particulares. Itu: IGIL, 2011, p.121; OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*. São Paulo: Capivara, 2008, p.34-35.

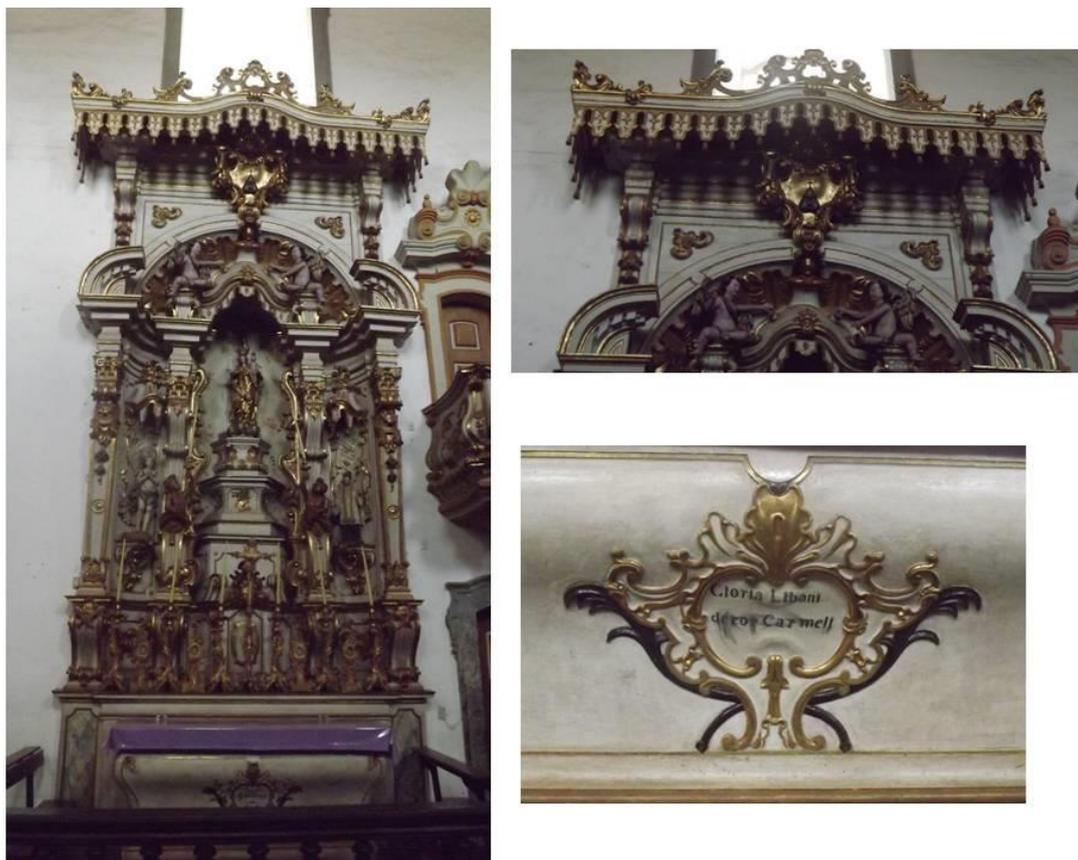


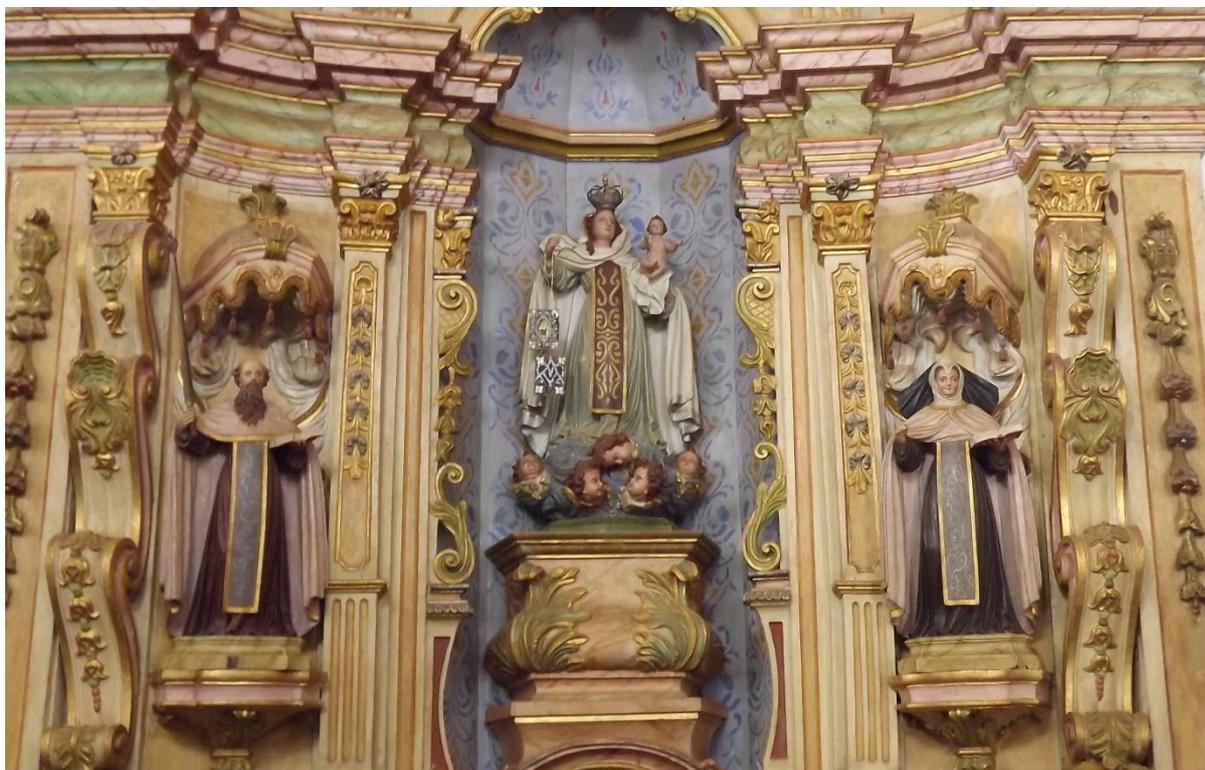
Figura 4. Caeté, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Altar de Nossa Senhora do Carmo e detalhes do coroamento e da mesa do altar. Foto Leandro Rezende.



Figura 5 A. Santa Rita Durão. Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré. Altar de Nossa Senhora do Carmo. Foto: Leandro Rezende. Figura 5 B. Congonhas. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Altar de Nossa Senhora do Carmo. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.



**Figura 6. Santa Bárbara. Igreja Matriz de Santo Antônio. Imagem de Nossa Senhora do Carmo - Atribuída ao Mestre Barão de Cocais. Foto: Leandro Rezende.**



**Figura 7. São Brás do Suaçuí. Igreja Matriz de São Brás. Detalhe do altar de Nossa Senhora do Carmo, com as imagens da padroeira (atribuída ao Mestre Cajuru), de Santo Elias e de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.**

### 1.3 Os carmelitas mineiros e a temática artística: breve levantamento historiográfico

Apesar de uma vasta produção bibliográfica acerca das associações religiosas nas Minas Setecentista, a grande maioria dos trabalhos negligenciava ou abordava superficialmente o repertório artístico e iconográfico carmelitano. Há uma lacuna na historiografia, uma vez que poucas pesquisas focaram, especificamente, a religiosidade, a iconografia e o simbolismo próprios dos carmelitas. Essa lacuna historiográfica evidencia a necessidade de uma investigação que priorize e verticalize os aspectos artísticos e iconográficos das OTC no território das Minas. De fato, as Ordens Terceiras (tanto a de São Francisco da Penitência quanto a de Nossa Senhora do Carmo) são importantes objetos de pesquisa; contudo, tais estudos enfocam outros assuntos, tais como: as suas atividades institucionais; sua organização interna; a assistência que tais ordens prestavam aos seus membros, principalmente na questão do sepultamento; o perfil social de tais fiéis; os processos de sociabilidade; os litígios; bem como as festividades, envolvendo o cotidiano da sociedade colonial.

Alguns estudos enfocam a parte artística e arquitetônica, contudo há uma lamentável horizontalidade quanto à iconografia. Símbolos e imagens são erroneamente identificados<sup>78</sup> e, além disso, não são tratados em sua historicidade, permanecendo, portanto, como meras ilustrações. Assim, pretendemos em nossa dissertação analisar com originalidade a iconografia carmelitana em sua essência, recorrendo à sua rica, lendária e mística história para entender por que se buscou tal imagem, símbolo ou alegoria para se representar nos templos carmelitas mineiros, uma vez que as imagens, em sua função pedagógica, constituem importantes meios para se narrar histórias e transmitir e legitimar valores, sentimentos, condutas morais, éticas e/ou religiosas.

Com efeito, esta breve revisão bibliográfica se dá com as obras de referência para o estudo das manifestações artísticas em Minas, principalmente as publicações da “geração heroica” do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> Como exemplo de falhas na análise iconográfica, citamos Carlos Del Negro na obra *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. Ao analisar a pintura do forro da capela-mor da OTC de Sabará, o autor, pergunta se a pintura faz referência a São Simão Stock, questionando o porquê da cena do Inferno, que segundo ele é descontínua e “repintada pessimamente”. Fica claro que Del Negro desconhecia a narrativa sobre São Simão Stock, pois essa cena, típica em templos carmelitanos, representa o momento miraculoso, que teria ocorrido em meados do século XIII, no qual a Virgem do Carmo entrega o Santo Escapulário a São Simão, prometendo-lhe salvar as almas dos fiéis carmelitas que padecem no Purgatório, no sábado seguinte à morte. Também ao analisar a mesma iconografia, que existia no forro da nave da OTC de Mariana, Del Negro fala da “entrega do escapulário a S. João Stock”. Cf. DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1958, p.117-123.

<sup>79</sup> CAMPOS, Adalgisa A. Considerações sobre o Barroco na geração heroica do IPHAN: fontes e métodos. In: MELLO, Magno Moraes (org). *Ars, Techné, Technica: a fundamentação teórica e cultura da perspectiva*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p.19-30. A instituição começou com a nomenclatura de

Tais trabalhos buscavam as singularidades das igrejas mineiras, privilegiando aspectos artísticos, arquitetônicos e históricos, numa vertente de valorização de ícones da cultura artística nacional que ia ao encontro das ideias propostas pelos modernistas das décadas de 1920, 1930 e 1940. Esses trabalhos têm o mérito de se basear em farta pesquisa arquivística, buscando na documentação primária os elementos que subsidiam o fazer histórico. Nesse aspecto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, importante diretor do SPHAN, é enfático: “as melhores fontes para o estudo da história da arte no Brasil são os arquivos das Igrejas”.<sup>80</sup>

Seguindo essa vertente historiográfica, um clássico para o estudo da arte religiosa é a obra *L'architecture religieuse baroque au Brésil*, do historiador da arte Germain Bazin, publicada em 1956.<sup>81</sup> Nesse grande inventário, o autor francês analisou a concepção arquitetônica, as técnicas construtivas e a decoração interna de edifícios beneditinos, carmelitas, franciscanos e jesuítas, bem como de templos paroquiais (responsabilidade diocesana). Seu estudo contemplou as regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil, onde se viveu um florescimento artístico. Portanto, seguindo os cânones dos modernistas, Bazin privilegia a apreensão geral do edifício, ancorada na aliança entre arquitetura e decoração. O autor não traz novas interpretações para a arte brasileira, reiterando a concepção modernista de evolução da arte, a exclusividade e a originalidade do barroco mineiro. No tocante ao conjunto das OTC de Minas, o segundo volume efetua uma breve cronologia, exaltando os nomes e a qualidade de artistas e artífices que atuaram nos templos mineiros, em detrimento da questão iconográfica. De qualquer forma, a obra de Bazin é uma referência para o nosso trabalho, pois além de ser pioneira ela incentiva o diálogo com fontes arquivísticas, muitas das quais ainda inéditas.

Outra contribuição para o estudo da arte religiosa em Minas são as obras de Carlos Del Negro: *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* e *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira: Norte de Minas*. Em ambas o autor, também norteado pelos cânones dos modernistas, aborda a pintura dos tetos das igrejas mineiras, propondo classificações em modelos de acordo com a estrutura construtiva e a organização pictórica das mesmas. Em relação às OTC, sua obra é fundamental, pois analisa – com exceção das OTC de Ouro Preto e São João Del Rei – as pinturas de forros, no tocante à

---

“Serviço”, depois “Diretoria” e atualmente corresponde ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

<sup>80</sup> ANDRADE, Rodrigo M. F. Prefácio. In.: LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicações do SPHAN, 1942, p. I.

<sup>81</sup> Traduzido para o português em 1983 com o título de *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*.

autoria, à composição, à paleta e ao tema. No entanto, as análises iconográficas de Del Negro são superficiais, muitas vezes não justificadas e até equivocadas na identificação e nos significados de símbolos, cores e representações. Em *Escultura Ornamental Barroca do Brasil*, o mesmo autor também descreve aspectos das construções carmelitas, edificadas em pedra, (no caso, Sabará, Ouro Preto, Mariana e São João Del Rei) com sofisticados frontispícios, portadas e lavabos.<sup>82</sup> Para tanto, Del Negro dedica-se ao aspecto artístico, técnico e histórico dos monumentos, buscando a genialidade dos artistas coloniais, tanto na técnica quanto nos materiais.<sup>83</sup>

Em virtude da pouca bibliografia específica sobre as OTC em seu conjunto iconográfico, buscaremos o diálogo historiográfico com obras que enfoquem cada caso em particular. Em 1940, foi publicado pelo SPHAN o trabalho criterioso de levantamento e transcrição documental feito por Zoroastro Vianna Passos. *Em torno da história de Sabará* traz importantes informações sobre o processo de criação da Ordem Terceira, ressaltando o litígio que a Ordem de Ouro Preto moveu contra a recém-criada em Sabará. Além disso, Passos faz um valioso compêndio sobre a construção do templo, levantando e transcrevendo documentos sobre o local, os materiais e os construtores.<sup>84</sup> Sua preocupação é justamente a datação e identificação das peças que compõem a capela, revelando qualidades próprias, originais e geniais de cada artista e artífice, culminado na obra extraordinária de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Zoroastro assume por completo o espírito dos modernistas ao apontar a figura genial de Aleijadinho como símbolo máximo de talento e originalidade da arte nacional. Da mesma forma, o livro *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*, de Francisco Antônio Lopes, traz um breve histórico e uma cronologia das transformações arquitetônicas e artísticas do templo da OTC de Ouro Preto. Seu apurado levantamento documental também enaltece os grandes nomes que trabalham para o sodalício, principalmente Manuel Francisco Lisboa (pai de Aleijadinho), o próprio Aleijadinho e o pintor Manoel da Costa Ataíde.

Em Ouro Preto, os carmelitas se reuniam em meados do XVIII na antiga Capela de Santa Quitéria, situada em morro homônimo próximo à praça principal. Exatamente nessa localidade foi erigida a Capela do Carmo, sob o risco de Manuel Francisco

---

<sup>82</sup> Os frontispícios das OTC de Diamantina e Serro são originalmente elaborados em madeira pintada.

<sup>83</sup> DEL NEGRO, Carlos. *Escultura ornamental barroca do Brasil: Portadas de Igrejas de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edições da Escola de Arquitetura da UFMG, 1964. Essa edição é comemorativa ao sesquicentenário de falecimento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, patrono da Escola de Arquitetura da UFMG, em 2 volumes.

<sup>84</sup> Muitos documentos transcritos por Zoroastro V. Passos em seu livro foram consultados por mim e realmente constam conforme o original, indicando sensato trabalho com as fontes primárias.

Lisboa, irmão da ordem. A obra ficou a cargo do mestre-pedreiro José Pereira dos Santos, cuja conclusão se deu em 1784.<sup>85</sup> Em Minas Gerais, é o único exemplar que manteve nos altares laterais o conjunto dos Passos da Paixão, tão tradicional nas capelas dos terceiros carmelitas em outras partes do Brasil. Ela conserva também painéis de azulejos, únicos em Minas Gerais, datado do século XVIII, em estilo Rococó.<sup>86</sup> O conjunto é formado por 10 painéis, a saber: São João da Cruz, São Simão Stock, São Pedro Thomas, arcebispo, Santa Teresa de Jesus, Santa Ângela terceira, Santo Alberto, patriarca de Jerusalém, Santa Maria Madalena de Pazzi, Nossa Senhora tirando do poço São João da Cruz, Santo Elias no deserto e Santo Elias arrebatado. A sacristia é requintada, com bela cômoda, oratório com pintura e douramento de Manoel da Costa Ataíde, bancos, espelhos, lavabo atribuído a Aleijadinho e uma pintura de forro que se subdivide em vários painéis – atribuída a Manoel Ribeiro Rosa, datável de 1805.

Os terceiros carmelitas do Sabará desmembraram-se dos terceiros de Vila Rica em 1761, reunindo-se em altar lateral da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. A construção teve início em 1762, com a escolha do terreno, do material e do mestre pedreiro Tiago Moreira. O frontispício sofreu algumas alterações feitas por Antônio Francisco Lisboa, que ali introduziu ornatos em pedra-sabão. Aleijadinho também executou obras nos púlpitos, coro, balaustrada e as imagens de São João da Cruz e São Simão Stock, ambas documentadas. Os altares do arco-cruzeiro e o altar-mor são de autoria de Francisco Vieira Servas.<sup>87</sup> A pintura, ao gosto rococó, foi encomendada, no primeiro quartel do século XIX, ao pintor Joaquim Gonçalves da Rocha.<sup>88</sup>

Para a Capela do Carmo de Mariana, a referência é o livro *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, do Cônego Raimundo Trindade, publicado em 1945 pelo SPHAN. Para o pesquisador, esse é um “precioso monumento que nos fala com eloquência dos sentimentos religiosos de nossos antepassados”.<sup>89</sup> Daí a importância de se fazer um histórico do mesmo, a partir do levantamento documental, principalmente

<sup>85</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, v.2, p. 59-69.

<sup>86</sup> A referência documental sobre os azulejos da capela-mor é a arrematação para o seu assento em 1784, por Manoel Francisco de Araújo. Cf. LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1942, p.68-69.

<sup>87</sup> Sobre Francisco Vieira Servas cf.: COELHO, Beatriz. Francisco Vieira Servas: anjos, arcanjos e querubins. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.137-146, 2001; RAMOS, Adriano. Francisco Vieira Servas: o grande artista português do barroco mineiro: *Telas & Artes*, Belo Horizonte, Ano 1, n.7, 1997; CUNHA, Edite da Penha e SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira (orgs.). *As Geraes de Servas: Circuito Cultural Vieira Servas*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, dentre outros.

<sup>88</sup> Sobre a pintura do Carmo de Sabará cf. DEL NEGRO Carlos. *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*, p.113-120.

<sup>89</sup> TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1945, p. 99.

os Livros de Termos, que atualmente estão desaparecidos. Da mesma forma, Salomão de Vasconcelos, em *Mariana e seus templos*, faz uma sumaria descrição da capela, que, segundo ele, é o mais belo e harmonioso templo da cidade. Ambos os autores não aprofundam a descrição iconográfica acerca da arte figurativa, sendo a pintura do forro da nave exposta como ilustração. Cito particularmente essa imagem, pois com o incêndio de 1999, infelizmente, o forro se perdeu. A consulta às fotografias e aos documentos do Centro de Documentação e Informação do IPHAN pouco ajudou na análise do forro da OTC de Mariana: não há foto nítida em nenhuma das pastas. Assim, recorreremos à obra *Relíquias da Terra do Ouro* de Edgard Cerqueira Falcão, publicada em 1946, cujas fotos, em p/b, são importantes registros da arte produzida nas terras mineiras.<sup>90</sup>

A OTC de Mariana, antes da construção de seu templo, se reunia na Capela de São Gonçalo e, a partir de 1761, na Capela do Menino Deus. Em 1783 inicia-se a edificação do templo sob a gerência de Domingo Moreira de Oliveira, mestre de obras português. Em 1797, o padre Félix Antônio Lisboa – meio-irmão de Aleijadinho – realiza o risco do altar-mor.<sup>91</sup> As obras de pintura e douramento foram realizadas posteriormente, em 1826, por Francisco Xavier Carneiro.<sup>92</sup>

Sobre o Carmo de São João Del Rei, em 1973 foi publicado na *Revista de História* o artigo do professor José da Paz Lopes, intitulado “Uma corporação religiosa: vida e obra da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Vila de São João Del Rei, durante os séculos XVIII e XIX, segundo o seu próprio arquivo”. Paz Lopes aborda a Ordem através de seus livros de contas, inventários, compromisso e termos, porém sem tecer qualquer interpretação vertical sobre a documentação. O autor se limita a citar e comentar trechos fundamentais na história dessa associação religiosa, não aprofundando sobre questões simbólicas, artísticas ou iconográficas, uma vez que não era esse seu objetivo. Outros estudos monográficos, como o de Luís de Melo Alvarenga, descrevem o templo carmelitano, enaltecendo o “apurado gosto com ornatos que se distribuem harmonicamente em toda a sua estrutura”.<sup>93</sup> De fato, trata-se de importante monumento representativo do Rococó na

<sup>90</sup> FALCÃO, Edgard Cerqueira, *Relíquias da Terra do Ouro*. São Paulo: S.A. Indústrias Graphicars – F Lanzara, 1946. Conferir na página 76 a foto do forro da nave da OTC de Mariana

<sup>91</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana*, v.2, p.145-149.

<sup>92</sup> Sobre Francisco Xavier Carneiro, cf. SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Usos e Impactos de Impressos Europeus na Configuração do Universo Pictórico Mineiro na Segunda Metade do Século XVIII e no Início do XIX. In: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. Disponível em: [http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii\\_pdf/Camila\\_Santiago.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Camila_Santiago.pdf).

<sup>93</sup> ALVARENGA, Luís de Melo. *Igrejas de São João del Rei*. Petrópolis: Editora Vozes, 1963.

arte religiosa. A Capela do Carmo de São João Del Rei possui talha em madeira de excelente qualidade na capela-mor, nave (altares e púlpitos) e, principalmente, na portada confeccionada em pedra-sabão, resultado do trabalho conjunto do arquiteto Francisco de Lima Cerqueira, de Antônio Francisco Lisboa e de outro entalhador – ainda incógnito –, conhecido como Mestre dos Anjos Sorridentes.<sup>94</sup>

Para as OTC de Diamantina e do Serro, temos a pesquisa feita por especialistas da Fundação João Pinheiro, publicada na *Revista Barroco*, em seu número 16, levantando aspectos arquitetônicos e artísticos dos monumentos religiosos da região Norte de Minas. O templo de Diamantina é o principal legado do pintor e guarda-mor José Soares de Araújo, autor da pintura dos forros da nave e da capela-mor em perspectiva ilusionista, completando “magnificamente a decoração interna do templo, acentuando o aspecto de preciosismo e opulência já sugeridos pelo douramento dos retábulos e imagens”.<sup>95</sup> Já o templo do Serro, embora sem qualquer atrativo excepcional, “é agradavelmente harmonioso na combinação de seus elementos de talha e pintura”,<sup>96</sup> representando, com eloquência, o repertório iconográfico carmelitano.

Em 1758, foi fundada a Ordem Terceira do Carmo do antigo Arraial do Tijuco, reunindo-se na Igreja Matriz de Santo Antônio. Seu primeiro prior foi o Contratador de Diamantes João Fernandes de Oliveira, que assumiu pessoalmente a tarefa e o custeio da construção. Em 1765, a capela estava praticamente construída, iniciando-se os trabalhos de ornamentação. A capela possui excelentes imagens de Santo Elias, Santa Teresa e Nossa Senhora do Carmo adquiridas da corte lisboeta.

O Carmo do Serro surgiu do desmembramento da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina em 1761. As obras de construção da capela, em taipa e madeira, começaram em 1768 com o mestre José da Silva Ribeiro. A sacristia e o consistório datam de 1809 e 1815, respectivamente.<sup>97</sup> Nos séculos XIX e XX a capela passou por diversas obras de reforma e reconstrução. Em 1815, por exemplo, o procurador dizia ser “indispensável o reparo e o conserto do corpo dessa capela por ser acharem muitos dos seus esteios podres e a Igreja se inclinando para um lado”.<sup>98</sup> Bem inserida no Largo da Cavalhada, o templo possui fachada em linhas retas com medalhão central, no qual se representa a cena de São Simão Stock recebendo o escapulário.

<sup>94</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João Del Rei e Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Projeto Monumenta, 2010, v.2, p. 67-80.

<sup>95</sup> Minas Gerais- Monumentos Históricos e Artísticos – Circuito do Diamante. *Revista Barroco*, n.º.16, Belo Horizonte, p.297.

<sup>96</sup> Minas Gerais- Monumentos Históricos e Artísticos – Circuito do Diamante, p.170.

<sup>97</sup> Diamantina. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina. AEAD. Caixa 387, bloco A. Termo de Concordata sobre a reedificação da Capela [corroído] e da Casa do consistório que se principiou.

<sup>98</sup> AEAD. Caixa 387, bloco A, fl 45.

Como vimos, a maioria dos estudos justificaram-se pelo fato de que importantes artistas e artífices trabalharam na edificação e decoração dos templos das OTC. Corroborando essa justificativa, Judith Martins, no clássico *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, destaca as OTC como grandes canteiros de obras, nos quais renomados pedreiros, carpinteiros, pintores e escultores trabalhavam. Desse modo, identificamos uma situação financeira favorável nas OTC em Minas, pois, agrupando confrades distintos e influentes, elas gozavam de certa estabilidade, de modo a superar os reveses da economia mineradora, evitando a decadência, que enfraqueceu precocemente irmandades mineiras, ainda no século XVIII.

Augusto de Lima Junior, em *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*, também tenta compreender o fenômeno religioso tendo como ponto de partida a devoção à Nossa Senhora. Não se trata de obra original: o próprio autor diz: “trata-se de uma compilação de autores muitos deles fora de alcance da maioria dos estudiosos”.<sup>99</sup> Justamente por isso o autor é questionado em sua fundamentação histórica, ao apresentar dados sem elucidar as fontes e os arquivos. No entanto, essa não é a preocupação de Lima Junior; sua obra tem o mérito de chamar a atenção para o culto mariano, em suas diversas invocações, demonstrando o quanto ele é valoroso na piedade popular no território das Minas Gerais.

Os estudos relativos aos carmelitas, em seu aspecto artístico e devocional, timidamente têm conquistado as pesquisas acadêmicas. Podemos citar as seguintes teses recentemente defendidas: André Cabral Honor,<sup>100</sup> Maria Cláudia Orlando Magnani<sup>101</sup> e Adriana Sampaio Evangelista.<sup>102</sup> E as dissertações de Rosana Figueiredo A. Alves,<sup>103</sup> Renato César José de Souza,<sup>104</sup> Felipe Augusto Bernardi da Silveira,<sup>105</sup> Danielle Manoel

<sup>99</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.11.

<sup>100</sup> HONOR, André Cabral. *Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitâneas do norte do Estado do Brasil (séc. XVI a XVIII)*.

<sup>101</sup> MAGNANI, Maria Cláudia Orlando. *Cultura Pictórica e o Percurso da Quadratura no Arraial do Tijuco no século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*. Belo Horizonte: UFMG, 2013 (História, Tese de doutorado).

<sup>102</sup> EVANGELISTA, Adriana Sampaio. *Pela salvação de minha alma: vivência da fé e vida cotidiana entre os irmãos terceiros em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: UFJF, 2010 (Ciência da Religião, Tese de doutorado).

<sup>103</sup> ALVES, Rosana de Figueiredo Ângelo. *A venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (século XVIII a meados do século XIX)*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (História, Dissertação de mestrado).

<sup>104</sup> SOUZA, Renato César José de. *Construção e Intenção na Arquitetura das Igrejas da Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais*.

<sup>105</sup> SILVEIRA, Felipe Augusto Bernardi da. *O Processo de Criação do Campo Santo na Cidade de Diamantina (1846 1915)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (História, Dissertação de mestrado). Atualmente Felipe desenvolve a tese intitulada: *A Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais: Autonomia*

dos Santos Pereira,<sup>106</sup> Roberta Bacellar Orazem,<sup>107</sup> Antônio Fernando B. Santos,<sup>108</sup> Mateus Alves Silva,<sup>109</sup> Lia Sipaúba Proença Brusadin,<sup>110</sup> entre outros. Cada qual, detendo-se em seu foco, buscou nos arquivos e na literatura específica informações precisas que dão suporte ao debate acadêmico relativo aos carmelitas no território luso-brasileiro.

Por fim, cabe destacar alguns trabalhos específicos sobre a iconografia carmelitana. Os mais completos estudos são aqueles feitos por membros da Ordem. Frei Hikspoors, em parceria com outros frades carmelitas, publica, em 1930, uma pequena galeria hagiográfica, na qual “bem se colecionaram e se catalogaram os principais vultos (...) da Ordem, a qual dão tanto lustre e renome e a cujos membros servem de modelo”.<sup>111</sup> Em *Hagiografia Carmelitana: espiritualidade*, o terceiro carmelita paraibano Marcos Cavalcante de Albuquerque também procura desvendar os mistérios do Carmelo através de breves biografias das principais figuras que compõem sua história, destacando o modelo de vida contemplativa, o fervor espiritual e a vocação religiosa.<sup>112</sup> Da mesma forma e com o mesmo princípio edificante, o carmelita espanhol Ismael Martínez Carretero publica *Los Carmelitas: Figuras del Carmelo*, no qual faz um sumário sobre a vida dos principais santos carmelitas, elaborando uma história “rica em santidad y sabiduria espiritual de las que conservamos memoria con gratitud e admiración”.<sup>113</sup>

Em nosso estudo também sobressai a intensa produção historiográfica da professora Adalgisa Arantes Campos. Há muitos anos, a historiadora se dedica ao estudo das associações religiosas, enfocando as celebrações, festividades, arquitetura e

Administrativa, Dinâmica Confrarial e Relações de Sociabilidade (1808-1920). Cf. também: SILVEIRA, Felipe Augusto Bernardi da. A Ordem Terceira do Carmo e a vivência da morte no século XIX. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (org). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p.169-187.

<sup>106</sup> PEREIRA, Danielle Manoel dos Santos. *A pintura ilusionista no meio-norte de Minas Gerais – Diamantina e Serro – e em São Paulo – Mogi das Cruzes (Brasil)*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2012 (Artes, Dissertação de mestrado).

<sup>107</sup> ORAZEM, Roberta Bacellar. *A representação de Santa Teresa D'Ávila nas Igrejas da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/Bahia e São Cristóvão/Sergipe*. Bahia: UFBA, 2009 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).

<sup>108</sup> SANTOS, Antônio Fernando B. *A Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina e as pinturas ilusionistas de José Soares de Araújo: identificação e caracterização*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2002 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).

<sup>109</sup> SILVA, Mateus Alves. *O Tratado de Andrea Pozzo e a Pintura de Perspectiva em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. (História, Dissertação de mestrado).

<sup>110</sup> BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. *Os Cristos da Paixão da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto – MG*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2013 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).

<sup>111</sup> HIKSPOORS. Frei Pedro Thomaz, et alli. *Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*, p.9.

<sup>112</sup> ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti. *Hagiografia Carmelitana: espiritualidade*. João Pessoa: A União, 2001.

<sup>113</sup> CARRETERO, Ismael Martínez. *Los Carmelitas*. Figuras del Carmelo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1991, p.XV.

decoreção dos templos, investigando o panorama devocional, ritualístico e artístico nas Minas do século XVIII. No que diz respeito aos carmelitas destacamos o artigo “A ordem Carmelita”, publicado em 2011 na revista *Per Musi*, que aborda, numa ótica menos catequética, a história dos carmelitas, lembrando seus principais santos e símbolos; o capítulo “Cultura artística e religiosa: a Ordem Franciscana e Carmelita” recentemente publicado em *Arte Sacra no Brasil Colonial*; o capítulo “Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas”<sup>114</sup> e o artigo “Cultura artística e calendário festivo no barroco luso-brasileiro: as Ordens Terceiras do Carmo”,<sup>115</sup> nos quais são reconstituídas as cerimônias e festividades realizadas pelos terceiros no período quaresmal. Nesse aspecto, a leitura da documentação mostrou que os terceiros carmelitas realizavam práticas espirituais nas quartas e sextas-feiras da Quaresma, com Via Sacra e música; no Domingo de Ramos, faziam a tradicional Procissão do Triunfo, com as imagens da Paixão.

A diversificada produção acadêmica da professora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira sobre arquitetura<sup>116</sup>, pintura,<sup>117</sup> talha<sup>118</sup> e escultura,<sup>119</sup> especialmente no período Rococó, também é fundamental para se compreender a cultura artística elaborada em Minas na segunda metade do século XVIII. A pesquisadora destaca a singularidade dessas obras religiosas no que diz respeito ao gosto artístico e a forma (Rococó, com formas curvilíneas, sinuosas e requintadas), ao uso dos materiais (pedra-sabão, principalmente nas portadas ornamentais) e na mão de obra (arquitetos e entalhadores portugueses associados a artistas e artífices locais). Segundo a autora:

as igrejas de irmandade construídas nas principais vilas mineiras na segunda metade do século XVIII constituíram um terreno fértil de experiências das novas tendências, tendo sido particularmente significativo o papel desempenhado pelas Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco de Assis,

<sup>114</sup> CAMPOS, Adalgisa A. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.77-107.

<sup>115</sup> CAMPOS, Adalgisa A. Cultura artística e calendário festivo no barroco luso-brasileiro: as Ordens Terceiras do Carmo. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n.2, p.99-108, 2003.

<sup>116</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. *Barroco e Rococó no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2014. OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. Barroco e rococó na arquitetura religiosa da Capitania de Minas Gerais. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 365-382.

<sup>117</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. A pintura de Perspectiva em Minas Colonial. *Revista Barroco 11*, Belo Horizonte, p.9-37, 1978; OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. A Pintura em Perspectiva em Minas Colonial – Ciclo Rococó. *Revista Barroco 12*, Belo Horizonte, p.170-181, 1982.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. A talha no período colonial. In.: SANT’ANNA, Sabrina M; FREIRE Luiz Alberto R; CAMPOS, Adalgisa A. *Cultura artística e conservação de acervos coloniais*. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural, 2015, p.51-60.

<sup>119</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. A Escola Mineira de Imaginária e suas particularidades. In.: COELHO, Beatriz (org.) *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005, p.15-68, dentre outros.

cuja igreja de Ouro Preto, Mariana, Sabará e São João Del Rei, podem ser consideradas as realizações máximas do rococó na região, tanto do ponto de vista arquitetônico quanto ornamental.<sup>120</sup>

Assim, podemos elencar os principais temas alusivos à Ordem Carmelitana, salientado que não nos cabe questionar se tais milagres, aparições e bênçãos foram, de fato, verdadeiros e inquestionáveis, pois para o fiel, eles são testemunhos da fé e, de certa forma, compõem meios para melhor praticar a espiritualidade e o culto católico.<sup>121</sup> Veja o quadro abaixo:

**Quadro 2 - Principais devoções carmelitas e recorrência nas artes figurativas nos templos das Ordens Terceiras do Carmo de Minas – séculos XVIII e XIX**

Invocação/Devoção	Recorrência (Pintura e Imaginária e outros suportes)
Nossa Senhora do Carmo	27
Profeta Elias	15
São Simão Stock (com ou sem Nossa Senhora do Carmo)	10
Santa Teresa d'Ávila	9
São João da Cruz	6
Santo Alberto	4

Fonte: Visita em Campo; Belo Horizonte. IPHAN. CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC. IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Ouro Preto – Igreja da OTC.

Pelos dados do quadro, concluímos que a Virgem do Carmo é titular absoluta em seus templos, e sua imagem ocupa o ápice do trono do altar-mor. Além da padroeira, é comum encontramos imagens alusivas à Paixão e Morte de Jesus, em decorrência da Procissão do Triunfo, todavia não fizemos o levantamento de tais peças, tendo em vista os bons estudos já realizados.<sup>122</sup> Os santos carmelitas também são representados, principalmente em momentos de hierofania ou de êxtase, conforme veremos nos capítulos seguintes.

Destarte, observamos que nas edificações das OTC mineiras foram executadas, através das artes figurativas, uma literatura doutrinária que objetiva o convencimento e a instrução do fiel por meio de imagens que sintetizam dispositivos narrativos

<sup>120</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*, p.215.

<sup>121</sup> RÉAU, Louis. El simbolismo liturgico. In. *Iconografía del arte cristiano*, p.235.

<sup>122</sup> Sobre a Procissão do Triunfo cf. ALVES, Rosana de Figueiredo Ângelo. *A venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (século XVIII a meados do século XIX)* e sobre as imagens devocionais de Cristo na OTC de Ouro Preto cf. BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. *Os Cristos da Paixão da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto – MG*.

persuasivos.<sup>123</sup> Isso se justifica na concepção organicista do corpo místico carmelitano, uma vez que, adotando repertório iconográfico bem delimitado, garantir-se-ia maior propriedade sobre as ideias cultivadas pelos terceiros, pois estas estariam em íntima ligação com os preceitos dos regulares. Além disso, os terceiros seriam supervisionados periodicamente pela Ordem Regular, que designava um visitador responsável por conferir e corrigir aspectos dogmáticos, doutrinários e litúrgicos do culto nas OTC e suas presídias. Logo, na decoração e na imaginária há recorrência dos temas, formando um sofisticado e distinto repertório iconográfico, variando apenas as características próprias de cada executor e dos materiais.

#### 1.4 Os estatutos dos carmelitas mineiros: normas e valores

As ordens terceiras se organizavam internamente a partir dos seus estatutos, estabelecendo normas e valores àqueles que se sujeitavam ao santo escapulário. Segundo Bluteau, estatuto corresponde à ordenação ou decreto que deve orientar a vivência das pessoas.<sup>124</sup> Tal documento deveria ser aprovado por um representante do clero regular. O Estatuto da OTC de Ouro Preto abre sua folha de rosto com a seguinte aprovação:

Estatutos da Venerável Ordem 3<sup>a</sup> do Monte do Carmo estabelecida ne[...] das Minas Gerais, dados, acrescentados [...]mados e aprovados pelo Muito Reverendo Mestre Frei Francisco de Santa Ma[ria] [Q]uintanilha Doutor na Sagrada Teologia, Consultor da Bula da Santa Cruzada, Visitador Geral e Provincial dos Religiosos da Puríssima e Sempre Virgem Maria do Monte do Carmo da Antiga Observância Regular na Província do Rio de Janeiro, ano de 1755.<sup>125</sup>

A aprovação institucionalizava a Ordem Terceira e, além disso, representava a subordinação hierárquica aos regulares, estabelecendo obrigações e direitos na medida em que agregava os terceiros ao corpo místico carmelitano.

Via de regra, os estatutos estabelecem os deveres e direitos dos irmãos terceiros, os critérios para a entrada no sodalício, a composição da mesa administrativa e as respectivas funções de cada cargo; os atos pios que deveriam ser celebrados ao longo do ano, bem como os cuidados relativos ao funeral e aos sufrágios dos irmãos. Caio Boschi

<sup>123</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e Persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

<sup>124</sup> Cf: verbete “estatuto”. In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/estatuto>.

<sup>125</sup> Ouro Preto. Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar – AEPNSP. Estatutos da OTC, volume 2418, fl.1. Documento apresenta grande mancha nessa primeira folha.

em publicação sobre os livros compromissos<sup>126</sup> das irmandades do Rosário dos Pretos ressalta o potencial desses documentos:

os compromissos devem ser tidos como fonte de estudo das relações sociais e de poder que lhe são inerentes, das transformações sociais e econômicas, dos comportamentos e dos sentidos das coletividades neles capitulados ou neles e por eles envolvidas. Se nos compromissos estão prescritas diretrizes para convivência, ali as tensões e os conflitos internos e externos não se encontram ausentes.<sup>127</sup>

Márcia Almada chama a atenção para a importância simbólica do Livro de Compromisso ou Estatutos:

o primor técnico observado na confecção dos seus estatutos indica o valor honorífico desses documentos. O significado simbólico refere-se justamente ao ato de fundação de uma entidade comunitária que permeava em muitos aspectos a regulação da vida urbana, do convívio social e das práticas religiosas, e esse significado manifesta-se também por meio da construção visual do documento. Pode-se perceber, por meio da análise artística dos estatutos das irmandades, o compartilhamento de ideais pelos diversos grupos sociais. Não importa a origem de seus agregados, as organizações investiam no embelezamento de seus estatutos. A distinção da riqueza e da qualidade da ornamentação referia-se principalmente ao montante de recursos que a irmandade poderia dispor, independentemente do grupo ao qual estava vinculada.<sup>128</sup>

Assim, o estatuto, apesar de ter essencialmente um texto de caráter regulador e jurídico, é um importante documento, porquanto revela os valores, o ideal de conduta e os preceitos almejados pelos terceiros. Não podemos ser ingênuos em afirmar que todas as determinações contidas nos estatutos foram seguidas à risca, pois os

estatutos eram documentos que registravam as intenções da ordem à época de sua criação, mas não necessariamente o cumprimento delas. Podemos confirmar por meio da comparação com outros documentos, que muitas normas eram de fato desobedecidas ou contornadas pelos irmãos terceiros. Todavia, a apreciação dos Estatutos ajuda-nos a compreender o que os irmãos tinham em mente no momento da criação da Ordem.<sup>129</sup>

Na pesquisa tivemos acesso aos estatutos originais da OTC de São João Del Rei, Sabará e Ouro Preto e à cópia do Estatuto da OTC de Mariana, que se encontra no Centro de Documentação e Informação do IPHAN de Belo Horizonte.<sup>130</sup> Pela leitura em conjunto, pois o funcionamento interno é muito semelhante, percebemos que a estrutura

<sup>126</sup> Compromisso de Irmandade juridicamente corresponde aos Estatutos para as Ordens Terceiras.

<sup>127</sup> BOSCHI, Caio C. Em Minas, os negros e seus compromissos. In.: MARTINS FILHO, Amilcar Vianna (org.). *Compromissos de Irmandades Mineiras do século XVIII*. Belo Horizonte: Claro Enigma/Instituto Cultural Amilcar Martins, 2007, p.277-293.

<sup>128</sup> ALMADA, Márcia. A escrita iluminada. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, n.2, p.148-158, jul-dez. 2006, p. 157.

<sup>129</sup> SALVADOR, Natália Casagrande. *Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: A construção de sua capela, os irmãos terceiros e as representações iconográficas*. Campinas: Unicamp, 2015 (História da Arte, Dissertação mestrado), p.35.

<sup>130</sup> Infelizmente não há o Estatuto da OTC do Serro conservado na ordem ou no Arquivo da Cúria da Arquidiocese de Diamantina. Há cópia do Estatuto da OTC do Serro no Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, contudo foi negado o acesso a tal documento. A OTC de Diamantina também negou o acesso à sua documentação primária, bem como o registro fotográfico do templo.

formal do documento compõe-se de uma introdução na qual se apresenta a aprovação pelo clero regular, exortando aos terceiros a seguirem as justas determinações para alcançarem a perfeição da vida espiritual e conseqüentemente à salvação. No entanto, o bom seguimento do que é estabelecido pelos estatutos, além da funcionalidade administrativa, conservaria o “corpo místico da Ordem, o bom regime, a boa harmonia e a disposição dos membros”,<sup>131</sup> ou seja, a hierarquia, que é garantida no correto desempenho das atividades e na obediência.<sup>132</sup>

Após essa apresentação segue a descrição de cada membro da Mesa Administrativa, composta por 12 ou 16 pessoas, trocadas anualmente. São eles: Prior, Sub-Prior, Secretário, Definidores (em número de seis em São João Del Rei e dez nos demais locais), Tesoureiro, Procurador, Zelador e um religioso com o título de Comissário. Essa sequência hierárquica segue os próximos capítulos, apresentando os requisitos, virtudes, qualidades, tarefas e honrarias devidas a cada cargo, inclusive demarcando a posição geográfica na mesa física do consistório e nas procissões. Em sociedades hierarquizadas isso é muito comum, evidenciando que cada um ocupa o lugar que lhe é destinado tendo em vista a posição e o *status* que lhe é conferido. Além dos membros que, de fato, ocupavam a Mesa, a OTC designava em eleição anual o Mestre de Noviços, o Cobrador, o Vigário do Culto Divino, os Sacristães, os Andadores e a ala feminina composta de Priora, Subpriora, Vigária do Culto Divino, Zeladora e Mestra das Noviças.

A Mesa Administrativa, representando a “cabeça da ordem”,<sup>133</sup> controlava as decisões internas, ou seja, “os negócios pertinentes ao bem e ao aumento espiritual e temporal da ordem, sem que se misturem ou se possam interromper matérias tão sérias e graves com práticas estranhas e desnecessárias, que inquietam o sossego do Espírito ao qual professamos”.<sup>134</sup> Portanto, além dos assuntos cotidianos referentes a uma boa gerência da agremiação, somente a Mesa reunida podia deliberar a respeito de venda de propriedades, mudanças de costumes e “o levantar e demolir alguma obra”, que nesse caso deveria ser aceita pela maioria e registrada no Livro de Termos.

Esses dirigentes formavam um grupo diferenciado, que, além dos anuais, pagava as chamadas joias ou mesadas para ter o direito de servir. Tais homens eram

<sup>131</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira. Capítulo 1º. § 2.

<sup>132</sup> Sobre a visão hierárquica pautada em Dionísio, o Areopagita cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Triunfo Eucarístico: hierarquia e universalidade. *Revista Barroco*, n.º.15, Belo Horizonte, p.461-467, 1992.

<sup>133</sup> Logo no primeiro capítulo o Estatuto Carmelita usa a metáfora do corpo para demonstrar a autoridade da Mesa Administrativa e a obediência devida a ela pelos demais membros. Cf. AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira. Capítulo 1º. § 1.

<sup>134</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 2º, § 5.

considerados de boa conduta e fama, tementes a Deus e desejosos do “aumento e proveito da Ordem” da qual faziam parte. No conjunto os membros deveriam zelar pelo culto à Virgem do Carmo e eram obrigados a comparecer nos atos públicos da Ordem, festas e procissões, trajando o Hábito Carmelita. Quando morressem teriam um bom lugar garantido para o sepultamento, desde que em dia com as obrigações enquanto irmãos. Segundo o Livro de Termos da OTC de São João Del Rei,

os Irmãos que não pagaram suas Entradas, Anuais, Profissão, Mesadas ou propinas, novamente mandamos que, antes tais, não será está Venerável Ordem obrigada reconhecê-los por Irmãos no seu falecimento, nem acompanhá-los, nem dar-lhes sepulturas, nem tampouco mandar-lhes celebrar o número de missas exceto se os tais irmãos deixarem fazenda que bem satisfaça a quantia que ficarem devendo.<sup>135</sup>

No que diz respeito aos atos pios, religiosos e devocionais, a leitura dos estatutos carmelitas mineiros comprova o almejo por uma espiritualidade diferenciada daquela cotidianamente vivenciada e praticada no recinto paroquial ou em outras irmandades. Essa melhor preparação religiosa era obtida pelo noviciado e pela participação ativa nos atos promovidos pela Ordem. Conforme enaltece o Estatuto, “quem procura a Congregação da Ordem Terceira é para nela utilizar-se dos bens espirituais para a sua Salvação”.<sup>136</sup> Tais bens espirituais eram praticados e exteriorizados no dia a dia carmelitano, em momentos visíveis da fé, na convivência com os demais irmãos e na obediência dos preceitos internalizados no noviciado.

O noviciado consistia no período de 11 meses, no qual os irmãos noviços se preparavam espiritualmente e eram instruídos acerca da organização interna da Ordem Terceira Carmelita, sua hierarquia e valores de conduta. Sob a regência de um irmão Mestre de Noviços, os neófitos aprendiam o zelo mariano que deveriam ter e a forma de participar corretamente das diversas funções públicas dos terceiros. O Mestre de Noviços precisava ser membro antigo na ordem, conhecedor dos estatutos e das regras, além de ter vida exemplar e de ser afável com os demais irmãos, inclusive nos momentos de correção e repreensão. O Estatuto Carmelita adverte que esse tempo de preparação era considerado importante “porque a experiência tem mostrado que os progressos ou relaxação de qualquer ordem ou congregação dependem da boa ou má

---

<sup>135</sup> São João Del Rei. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei - AOTCSJDR. Livro de Termos e deliberações da Mesa. 1762. *Apud* LOPES, José da Paz. Uma corporação religiosa: vida e obra da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Vila de São João Del Rei, durante os séculos XVIII e XIX, segundo o seu próprio arquivo. *Revista de História*, São Paulo, p.127-166, jan-mar.1973, p. 106.

<sup>136</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 14º, § 4.

educação dos noviços que nela entram”.<sup>137</sup> Deste modo, como bem destacou Adriana Sampaio Evangelista,

a preocupação como aprimoramento espiritual de seus congregados foi aspecto fundamental que distingui as ordens terceiras das irmandades e que conformou a vivência religiosa da fé cristã entre os irmãos terceiros, marcada pelo apego a um ritualismo severo. A concepção sacramental do rito confirmava-se nas diversas celebrações religiosas promovidas pelos irmãos terceiros.<sup>138</sup>

Ao final desse período de doutrinação, confirmando-se o mérito e as qualidades do noviço, bem como a sua “vocação ao servir a Deus Nosso Senhor e a Nossa Santíssima Mãe e Senhora do Monte do Carmo”, o Padre Comissário impunha o Hábito da Ordem, que deveria ser usado nas ocasiões solenes. No ritual de profissão o Padre Comissário entregava o escapulário, a correia, a capa e uma vela acesa, exortando, aos recém-professos, a importância da obediência e da boa conduta, “que devem viver para não mancharem a candidez da Capa que vestem na qual simboliza a pureza da Mãe de Deus, de quem desejam ser filhos espirituais”.<sup>139</sup>

Os estatutos também exortam os terceiros carmelitas a fazerem a oração mental, nas segundas, quartas e sextas-feiras do Advento e da Quaresma, sempre com o Padre Comissário e “com toda a ponderação e silêncio competente à meditação que se executa”.<sup>140</sup> Para tanto deveriam ser recatados, procurando um lugar discreto para “não se distraírem com os sentidos e as coisas profanas”. Ao fim, cantar-se-ia a Ladainha de Nossa Senhora do Carmo e o *Miserere*, ou seja, o Salmo 50(51),<sup>141</sup> bem como se faria a Adoração da Cruz. A oração mental foi bastante difundida pelo Concílio de Trento, potencializando, nesse aspecto, a participação individual que cada um tem no processo de salvação. Segundo Bluteau,

oração são as preces que se fazem a Deus e seus Santos. (...) nesse sentido há três gêneros de oração: oração vocal, mental e jaculatórias. Oração mental é a aquela que se faz com o espírito em Deus sem articular palavras. É este gênero de oração uma elevação do espírito a Deus, para ter trato familiar e conservação amigável com Ele. Ela se reduz em três partes, a saber: preparação, que consta de atos de Fé, humildade, adoração, contrição e petição. A segunda parte é meditação, considerando um ponto ou mistério que temos e a terceira é a conclusão que consiste em atos de graça por todos os benefícios recebidos com oferecimentos de todos os nossos afetos e petição de graças espirituais.<sup>142</sup>

<sup>137</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 14<sup>o</sup>, § 1.

<sup>138</sup> EVANGELISTA, Adriana Sampaio. O Noviciado das ordens terceiras nas Minas Setecentistas, p.83.

<sup>139</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 16<sup>o</sup>, § 13.

<sup>140</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 34<sup>o</sup>. No estatuto da OTC de Mariana o capítulo sobre a oração mental é o 38. Cf. Belo Horizonte. IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Mariana – Igreja da OTC. Estatutos da Ven. Ord. Terc. de N. S. do Monte do C. da Cidade de Marianna – cópia manuscrita, sem paginação.

<sup>141</sup> O Salmo 50 (51) é conhecido como *Miserere*, pois seu texto começa com as palavras latinas *Miserere mei, Deus* – “Senhor, tende misericórdia de mim”.

<sup>142</sup> Cf. verbetes “oração” e “mental”. In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/oracao> e <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/mental>.

Como preceito de “misericórdia cristã”<sup>143</sup> o Estatuto Carmelita recomenda a correção fraterna entre os membros. Segundo o texto, “sendo obrigação de qualquer pessoa advertir e corrigir ao próximo por evitar o mal a que se precipita” têm o Reverendo Comissário e o Prior, por serem as autoridades, maior empenho em aconselhar e admoestar os terceiros, buscando sempre, com caridade, o bom andamento da ordem. Na quaresma ocorreria uma informação geral ou “devaça” para se “descobrir os erros e defeitos de que devem [os irmãos] ser repreendidos e castigados”.<sup>144</sup> O objetivo desse ato era evitar escândalos, vícios e o descumprimento do estatuto, buscando, para além da vivência da fé, o controle dos membros. Assim, reiteramos a visão historiográfica que destaca as ordens terceiras como espaço de fortalecimento identitário e hierárquico, forjando mecanismos de representação e de sociabilidade horizontal, ou seja, entre os pares.

Os carmelitas, “invocando a graça do Divino Espírito Santo para o bom acerto” de suas atividades em louvor à Virgem do Carmo, eram assistidos espiritualmente por um Revendo Padre Comissário, “sacerdote de conhecida virtude e prudência, zeloso no culto e veneração da Virgem Mãe de Deus e das almas dos irmãos terceiros, encaminhado-os para salvação de suas almas com aquele fervor e caridade que deve praticar”.<sup>145</sup> O Padre Comissário era responsável pela celebração das “Missas das Capelas de Sábado”,<sup>146</sup> ou seja, as missas que se diziam em honra à Virgem do Carmo ao romper da aurora de Sábado, dia importante no universo simbólico carmelita (Bula Sabatina). A missa era acompanhada de canto e de incenso, usado solenemente no altar e nas imagens da Senhora e do seu Filho. Além disso, era sua função confessar e dar comunhão aos irmãos terceiros, aconselhando-os, bem como os auxiliando em ocasião de enfermidade e sufragando-os após a morte. Em contrapartida, o Padre Comissário receberia a cômputo anual de cem mil réis, desde que cumprisse todas as suas obrigações conforme o Estatuto. No entanto, como enfatiza o texto estatutário, tal valor é

<sup>143</sup> Segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, as Obras de Misericórdia são 14: sete corporais e sete espirituais. Como o próprio nome indica aquelas estão relacionadas às necessidades do corpo: dar de comer; dar de beber; vestir os nus; visitar os enfermos e presos; hospedar os peregrinos; remir os cativos e enterrar os mortos. Já estas são relacionadas ao bom entendimento: dar bom conselho; ensinar os ignorantes; consolar os tristes; castigar os que erram; perdoar as injúrias; sofrer com paciência as fraquezas do próximo e rogar a Deus pelos vivos e defuntos. Cf. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Segundo – Título XXXII – Parágrafo 574.

<sup>144</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 19<sup>o</sup>, § 1.

<sup>145</sup> Belo Horizonte. IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Mariana – Igreja da OTC. Estatutos da Ven. Ord. Terc. de N. S. do Monte do C. da Cidade de Marianna, capítulo 3.

<sup>146</sup> O verbete “capela” nesse caso significa o vínculo instituído com obrigação de se celebrar missas em sufrágios por alma dos membros de uma irmandade ou ordem terceira. Desse termo provém a palavra “capelão”, que é o reverendo padre responsável por celebrar as 50 missas correspondentes a uma capela. Cf. “capela”. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://www.priberam.pt/DLPO/capela>.

pecuniário se comparado com a “côngrua espiritual” que o mesmo receberia ao ser diretor espiritual e exemplo para os demais terceiros. Assim sendo, o Comissário era responsável pela “jurisdição espiritual” da ordem, separando-a “das coisas mundanas e transitórias”; apartando os irmãos das discórdias. Sua presença edificante potencializava e diversificava as práticas religiosas dos carmelitas, na medida em que dava subsídios para um contato mais próximo e frequente com o Sagrado.

Quando comparados aos outros leigos, os terceiros carmelitas confessavam-se com maior frequência, recebendo, conseqüentemente, a Sagrada Comunhão na “Missa da Rasoura”<sup>147</sup> que se fazia no segundo domingo de cada mês, bem como nos chamados jubileus que a ordem fazia por ocasião do calendário festivo carmelitano, aos quais era obrigação a participação de todos: professores e noviços. Assiduamente celebrando os Sagrados Mistérios, os terceiros, em corpo de comunidade, demonstravam seu zelo e devoção, diferenciando-se em suas práticas piedosas dos demais fiéis.

Momento privilegiado nesse aspecto era o período quaresmal, no qual se realizavam variadas práticas espirituais, com direito à música, à procissão e à pregação. O quadro sinótico abaixo, elaborado pela historiadora Adalgisa Arantes Campos, de forma didática, mostra que os carmelitas faziam os seguintes rituais quaresmais.

### Quadro 3 - Relação de Rituais Quaresmais promovidos pelas Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo

Em todas as Quartas e Sextas-feiras da Quaresma	Exercícios Espirituais com Via-Sacra
No IV Domingo da Quaresma	Rasouras
Domingo de Ramos	Procissão do Triunfo (com os Sete Passos da Paixão em andores e quadros bíblicos)
Quinta-feira de Endoenças (início do Tríduo Sacro)	Missa Solene com <i>laus perennis</i> (louvor perene) Lavas-pés Sermão do Mandato Santíssimo Exposto à Adoração dos fiéis
Sexta-feira da Paixão	Adoração da Cruz às 15 horas com canto dos Impropérios Sermão da Paixão Sermão da Soledade Procissão do Enterro
Sábado de Aleluia	Ladainhas
Domingo da Páscoa	Procissão da Ressurreição e Bênção do Santíssimo

Fonte: CAMPOS, Adalgisa A. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 102.

<sup>147</sup> “Rasoura” significa uma pequena procissão que se faz em torno do templo religioso, para a qual não necessita licença do bispado local.

Destaque merece a Procissão do Triunfo, que, segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, era exclusividade dos carmelitas.<sup>148</sup> Nessa festividade, as imagens dos Sete Passos da Paixão saem “pelas ruas públicas da Vila, na qual irão todos os Irmãos Terceiros com seus hábitos e brandões, e não se admitirá nas procissões entre os Irmãos que o não for”.<sup>149</sup> A OTC de Ouro Preto é a única que, em Minas, conservou esse conjunto imagético em seus altares laterais.<sup>150</sup> Provavelmente, a quantidade das imagens relativas aos Passos da Paixão nos recintos carmelitas mineiros seria bem maior; entretanto, como a procissão caiu em desuso, no século XX, muitas obras se perderam ou não foram catalogadas pelo IPHAN.

Outra ocasião de grande júbilo entre os terceiros carmelitas acontecia no dia 16 de julho, Solenidade de Nossa Senhora do Carmo, que deveria ser antecedida com novena, sermões, músicas, e o Senhor Exposto, ou seja, o Santíssimo Sacramento exposto à adoração dos fiéis. Na grande festa do dia, haveria missa solene, música, toque de sinos e “procissão, na qual devem assistir não só os irmãos mesários, mas todos os irmãos e irmãs, conforme o costume”.<sup>151</sup> O não comparecimento nessas festividades, sem legítimo impedimento, era causa para expulsão da ordem, tendo em vista que “se tal irmão falta aos atos públicos em que a Ordem tem maior empenho, muito melhor faltará aos particulares, que não são tão patentes aos olhos de todos e desses tais irmãos não tem necessidade a Ordem”.<sup>152</sup>

Os terceiros também faziam a festa de Santa Teresa d’Ávila, em 15 de outubro, com decoro, uma vez que a mística espanhola sendo “filha tão amável da Virgem do Carmo e tão empenhada nas suas glórias”<sup>153</sup> é digna de especial veneração. A solenidade era antecedida pelas vésperas cantadas no dia 14 e missa, sermão, música e procissão, tudo às custas da ala feminina da Ordem. O costume antigo recomendava que a eleição do prior ocorresse no dia de Santa Teresa, costume que se manteve apenas em São João Del Rei, sendo alterado para o dia 17 de julho, ou seja, um dia depois da Festa de Nossa Senhora do Carmo, em Sabará e em Ouro Preto; e para o dia 1º de julho, em Mariana. Após a eleição do prior, a nova mesa administrativa é formada. Já os cargos femininos são eleitos no primeiro domingo após aquela eleição.

<sup>148</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Terceiro – Título XIV – Parágrafo 491.

<sup>149</sup> Ouro Preto. Arquivo Eclesiástico da Paroquia de Nossa Senhora do Pilar. Estatutos da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 1755, cap. 37.<sup>o</sup>

<sup>150</sup> Sobre as imagens de Cristo dos altares laterais da OTC de Ouro Preto, cf. BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. *Os Cristos da Paixão da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto – MG*.

<sup>151</sup> IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Mariana – Igreja da OTC. Estatutos da Ven. Ord. Terc. de N. S. do Monte do C. da Cidade de Marianna, capítulo 40.<sup>o</sup>

<sup>152</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 18.<sup>o</sup>, § 10.

<sup>153</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 20.<sup>o</sup>, § 1.

Em 30 de novembro os carmelitas celebravam a Solenidade de Santo André, apóstolo, na qual se faziam os sufrágios por todos os irmãos defuntos. Segundo o Estatuto da OTC de Sabará,

na véspera de Santo André esteja ornada uma eça com pompa e decência possível para se fazerem as Vésperas, Matinas e Laudes de nome lições com canto de órgão ou de cantochão, a que assistirão todos os nossos Irmãos Terceiros para o Ofício que se há de fazer no dia de Santo André, e no caso que não possa executar no dito dia se fará nele as Vésperas e o Ofício no dia seguinte, o qual se fará com Missa Cantada e Sermão e as despesas correrá por conta da Ordem e no fim do dito Ofício se canta o *Memento* e também em todas as Missas que neste dia e nos sucessivos se disserem na Capela da Ordem ate o número de 40 as quais serão aplicadas pelas almas dos irmãos defuntos.<sup>154</sup>

A OTC de São João Del Rei exalta que “todas as missas que os religiosos neste dia disserem no Convento Carmelita também serão por esta intenção da Ordem”. Assim, percebemos que os religiosos e leigos intercediam uns pelos outros, confirmando a metáfora do “corpo místico”. Segundo Santiago Sebastián, Santo André teria vivido entre os ascetas do Monte Carmelo, ao qual se liga por “laços misteriosos”.<sup>155</sup> No entanto, o culto ao apóstolo não encontra recorrência entre os carmelitas: não há nenhuma representação do mesmo nos templos mineiros. Logo, percebemos que a primazia deste ato pio está mais nos sufrágios dos fiéis defuntos carmelitas do que na memória do santo. É preciso destacar que a cristandade em geral fazia o sufrágio pelos fiéis defuntos no dia 2 de novembro, Dia de Finados.<sup>156</sup> Esse sufrágio no dia de Santo André era uma exclusividade dos carmelitas, demonstrando o depurado anseio religioso que os irmãos terceiros tinham em suas práticas cotidianas, compartilhando, com júbilo, as graças e as indulgências idiossincráticas ao Carmelo.

Em todas essas celebrações públicas da Ordem o Irmão Zelador e o Irmão Vigário do Culto Divino eram responsáveis para que as alfaias, imagens e ornatos estivessem com o devido decoro e asseio. Eles não poderiam ser emprestados sem autorização da Mesa e deveriam ser inventariados anualmente. Para a perfeição do Culto Divino – a Deus e a Senhora do Carmo –, o Vigário do Culto deveria estar atento à quantidade de cera (velas), aos ornatos de acordo com o tempo litúrgico<sup>157</sup> e ao que

<sup>154</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 35<sup>o</sup>, § 9. No Estatuto de São João Del Rei corresponde ao Capítulo 34. O Estatuto da OTC de Mariana estipula o número de missa em 30.

<sup>155</sup> SEBASTIÁN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*: Madrid: Alianza Forma, 1989, p.240.

<sup>156</sup> Sobre os ofícios, procissões e atos pios realizados em prol dos fiéis defuntos, cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório*: culto e iconografia no Setecentos Mineiro. Belo Horizonte: C/Arte, 2013, em especial o cap. 4.

<sup>157</sup> O Ano Litúrgico se divide em partes, sendo cada uma com sua devida cor, a saber: Advento (roxo), Natal (branco), Tempo Comum (verde), Quaresma (roxo) e Páscoa (branco). A cor vermelha é usada no Domingo de Ramos, na Sexta-feira Maior, no domingo de Pentecostes e nas celebrações dos Santos

fosse necessário para o Santo Sacrifício: hóstias, vinho, alvas e demais panos brancos. Também cuidaria, junto com os sacristães, da limpeza, conservação e decência do templo, “para que assim se movam os ânimos do povo e dos irmãos à maior devoção com a nossa Venerável Ordem e o seu aumento”.<sup>158</sup>

Fábio Henrique Viana, ao estudar a música barroca, enfatiza que a OTC tinha papel preponderante na paisagem sonora de Vila Rica. Gastava-se sobremaneira com a música,

tendência que pode ser ilustrada com os valores pagos nos ajustes anuais de música da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, uma das mais abastadas associações leigas de Vila Rica, no período de 1763 a 1798: 120 oitavas, em 1763-65; 64 oitavas, em 1766; 68 oitavas, em 1769; 70 oitavas, em 1774-75; 85 oitavas, em 1795-98.<sup>159</sup>

Além da música,<sup>160</sup> gastava-se com cera, azeite, incenso, alfaias, armações efêmeras, confecção de ornamentos e adereços, limpeza do templo, fogos, provisões e sermões. Por exemplo, a OTC de Sabará realizou os seguintes gastos em honra à padroeira:

#### Quadro 4 - Gastos realizados pela Ordem Terceira do Carmo de Sabará com a Festa da Padroeira

Gasto	Ano	Valor
Pelo que se pagou a Domingos José Fernandes nas músicas da novena e Festa da Senhora do Carmo.	1792	25/8as 3/4
Pelo que se pagou ao Capitão Antônio Fernandes de cera e mais gastos para a Festa da Senhora.	1793	84\$225
Pelo que se pagou ao Reverendo pregador da festa.	1794	19\$200
Pelo que se pagou de provisão para expor o Santíssimo.	1796	1\$800
Pelo que se pagou das provisões e incenso para a Festa da Senhora	1800	2\$250
Pelo que se pagou ao Padre Manoel dos Santos Ferreira pelos sermões que pregou na Festa da Ordem	1837	30\$000
Pelo que se pagou a Francisco Severino de Souza Guerra pela despesa feita com o fogo para a Festa de Nossa Senhora do Carmo	1837	28\$800
Pelo que se pagou ao armador Raimundo Antônio Gil de toda a armação para a festa no corrente ano	1843	4\$000
Pelo que se pagou aos serventes que capinaram o adro da Igreja	1843	7\$040

Fonte: AOTCS. Livro de Receita e Despesa de 1788 e Livro 4º da Receita e Despesa de 1836.

Mártires. O róseo é usado no 3º Domingo do Advento (chamado de Domingo *Gaudete*) e no 4º Domingo da Quaresma (chamado Domingo *Lætare*). O preto é a cor das exéquias.

<sup>158</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 11º, § 7.

<sup>159</sup> VIANA. Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013, p.76. Nas páginas 205 e 206 há tabela anexa com as celebrações carmelitas e seus respectivos sons.

<sup>160</sup> Sobre os gastos com a música nas celebrações religiosas ver a obra de Francisco Curt Lange. Cf. LANGE, Francisco Curt. *História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais: 1983.

## 1.5 Boa Morte, sepultamento e sufrágios

Além das alegrias e inquietações relativas à vida terrena, os terceiros carmelitas preocupavam-se com questões relacionadas à morte, ao sepultamento e à salvação. Tudo começava com uma boa morte, pois a partir dela dependia, em grande parte, a salvação da alma. Segundo o Estatuto, o Reverendo Padre Comissário terá

todo o cuidado em que não morra irmão algum sem que receba todos os Santos Sacramentos, fazendo primeiro com que se *prepare* e se *fortaleça* com os atos de amor de Deus, instruindo-o na estreita conta que lhe há de dar das suas coisas para delas ter *verdadeiro arrependimento* e fortalecendo-o na Providência Divina de sua tão grande misericórdia, em cuja diligência se deve esmerar com todo o cuidado para que as almas dos nossos irmãos terceiros se encaminhem pelo caminho da sua Salvação.<sup>161</sup>

A boa morte, nas palavras de João José Reis, “significa que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse contas aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor se deu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos”.<sup>162</sup> Assim, o bem morrer consistia na preparação para aquele momento incerto. Essa preparação começa na iminência da morte, quando o fiel, além de testar, buscava os últimos sacramentos da Igreja, bem como a companhia e assistência dos amigos e familiares para enfrentar, e vencer, as tentações do maligno. No duelo entre a salvação e a condenação eterna, o fiel desejava uma boa morte, em paz consigo mesmo, com a família, com a sociedade e com a Igreja.

A teologia pós-tridentina admitia que após o falecimento o corpo voltaria ao pó e a alma seria julgada. Dois julgamentos eram possíveis: o Particular e o Universal. Aquele ocorreria depois do falecimento e este na consumação dos tempos, com a vinda gloriosa do Cristo, Juiz da História. No Juízo Particular a alma é sentenciada por Deus de acordo com a conduta dos homens. Como bem mostrou Sabrina Mara Sant’Anna, nas Sagradas Escrituras não há nenhuma referência sobre o Juízo Particular, todavia a tradição teológica aceita que

no exato momento em que a vida expira, a alma recebe uma efusão de luz divina e, de modo inevitável, toma consciência de seus méritos e deméritos. A onipotência e onisciência de Deus trazem à memória do homem todos os pensamentos, ações e decisões tomadas durante sua existência terrena. Sem poder apartar-se desse exame, que atinge o estrato mais íntimo do ser, a alma conhece seu destino eterno.<sup>163</sup>

<sup>161</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 2º, § 18. Grifos nossos.

<sup>162</sup> REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p.92.

<sup>163</sup> SANT’ANNA, Sabrina Mara. *A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (História, Dissertação de mestrado), p.58.

Enfim, o ato de preparar para a boa morte seria importante para o fiel, pois até no último momento ainda era possível arrepender-se dos pecados, de modo a alcançar a salvação.

O parágrafo 19 do segundo capítulo do Estatuto Carmelita sabarense assegura a importância do testamento para ponderar entre as coisas mundanas e divinas. Redigido na iminência da morte, quando se aflora uma sensibilidade ímpar, mesclando a consciência de si com a responsabilidade sobre os atos passados e presentes, tendo em vista o Além, o testamento é o documento que registra as derradeiras vontades e os almejos futuros, criando-se um discurso sobre a Morte e sobre a Escatologia.<sup>164</sup> O testamento,<sup>165</sup> além de fazer a regulamentação de questões materiais, cria oportunidade de encerrar declarações, de revelar segredos; espaço de confissões; de praticar nobres sentimentos cristãos; e de acertar as contas espirituais, que porventura estejam pendentes. O testamento, na medida em que preparava o moribundo, também estava incluso na pedagogia da boa morte, sendo um meio de exteriorizar o sentimento religioso e a fé em Deus, a obediência aos preceitos e dogmas, numa verdadeira profissão de fé, independentemente de uma vida marcada ou não pela religiosidade. Essa prática era vigente no cotidiano da população colonial como preparação para uma boa morte, associada aos sacramentos<sup>166</sup> e aos sufrágios.

A pedagogia de bem morrer era algo que se aprendia e se ensinava através dos mandamentos eclesiásticos, da literatura edificante, das *ars moriendi* e das artes visuais, por exemplo, nas representações da morte do justo e do pecador, bem difundidas na sociedade ocidental do final do medievo e início da Era Moderna.<sup>167</sup> Essa iconografia

---

<sup>164</sup> Escatologia é a parte da teologia que estuda os fins últimos do gênero humano, tanto na esfera individual, quanto na coletiva. Sobre esse assunto veja: LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992, p.325- 374; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no setecentos Mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013; CAMPOS, Adalgisa Arantes. A terceira devoção dos setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas. São Paulo: USP, 1994 (História, Tese de doutorado); CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes. In: RESENDE, Maria Efigênia Lara e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas setecentistas*. vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.383-425, dentre outros.

<sup>165</sup> Sobre testamentos como fonte de pesquisa, cf. FURTADO, Júnia F. A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla B. DE LUCA, Tânia R. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 93-118.

<sup>166</sup> Os sacramentos são sete: batismo, confirmação (crisma), eucaristia, penitência (confissão), matrimônio, ordem e extrema-unção. Os ministrados na iminência da morte são a confissão, a comunhão (viático) e a extrema-unção. Cf: *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Primeiro – Título IX – Parágrafo 28.

<sup>167</sup> Sobre esse assunto veja: CHARTIER, Roger. Normas e condutas: as artes de morrer (1450-1600). In: *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004, p.131-172; HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, s/d; e DELUMEAU, Jean. O que restou do Paraíso. *Varia História*, Belo Horizonte, n.31, p.141-158, janeiro de 2004. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Contribuição ao estudo da iconografia da morte na cultura artística luso-brasileira. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique. (Org.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014, v.1, p.153-189.

era conhecida dos carmelitas, sendo encontrada, por exemplo, duas pequenas estampas na sacristia da Capela da OTC de Sabará, representando a morte do justo e do pecador.<sup>168</sup>

Após a morte, o fiel almejava que seu corpo fosse enterrado em solo sagrado. O enterro *ad sanctos* e *apud ecclesiam* era prática tradicional e legalizada pelas *Constituições* como um

costume pio, antigo, e louvável na Igreja Católica, [de] enterrarem-se os corpos dos fiéis Cristãos defuntos nas igrejas, e cemitérios delas: porque como são lugares, a que todos fiéis concorrem para ouvir, e assistir as Missas, e ofícios Divinos, e Orações, tendo em vista as sepulturas, se lembrarão de encomendar a Deus Nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejam livres do Purgatório, e se não esqueceram da morte, antes lhes será aos vivos muito proveitoso ter memória dela nas sepulturas.<sup>169</sup>

Santo Agostinho já aconselhava o quão salutar seria o enterro nas igrejas para os vivos e não para os mortos, pois o local de sepultura era indiferente no processo de salvação. Para ser salvo o cristão deveria preocupar-se em ter uma boa conduta durante a vida e não depois da morte. Nas palavras do santo: “é antes da morte que devemos fazer o que será útil depois dela”.<sup>170</sup> Assim, fazer o sepultamento nas igrejas, próximos às relíquias, pouco valia para os que não têm mérito diante de Deus; sendo mais um consolo para os vivos que sempre poderiam lembrar-se dos entes e rezar por eles. Todavia, “a prática constante, desde a Antiguidade cristã até ao século XVIII, foi certamente a de enterrar nas igrejas, verdadeiras necrópoles”,<sup>171</sup> pois o costume de inumar os corpos em locais sagrados tornou-se uma obrigação para o fiel que buscasse a salvação. Como explica João José Reis, o fato de ser sepultado dentro de uma igreja, além de ser um recurso salvífico, “era uma forma também de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido”<sup>172</sup> e, conseqüentemente, fizessem os sufrágios necessários aos mortos.

No século XVIII, quando as OTC ainda não tinham seus cemitérios anexos, os enterros aconteciam no interior do templo, conduzindo o defunto “em corpo de comunidade” e sepultando-o “nos lugares destinados conforme os cargos e ofícios que

<sup>168</sup> Sobre a iconografia da morte do justo e do pecador cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, Iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes. In: RESENDE, Maria Eugênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas setecentistas*, p.383-425.

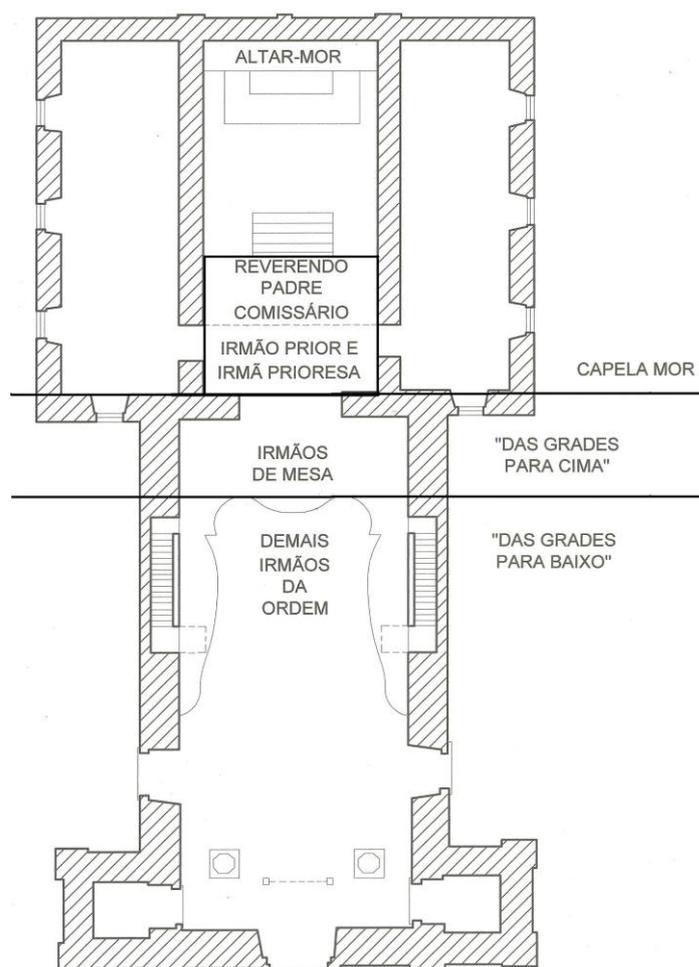
<sup>169</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Quarto – Título LIII – Parágrafo 843.

<sup>170</sup> SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002, p.155.

<sup>171</sup> ARIËS, Philippe. *Ad sanctos; apud ecclesiam*. In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1981, p.54.

<sup>172</sup> REIS, João José. *A Morte é uma Festa*, p.171-72

na mesma Ordem tiver servido”.<sup>173</sup> O Reverendo Comissário seria sepultado na capela-mor próximo ao altar, local privilegiado pela proximidade com a mesa do sacrifício. O irmão prior e a priora também poderiam ser sepultados na capela-mor em local posterior aquele destinado ao Reverendo Comissário. Os outros irmãos de mesa seriam sepultados das grades da balaustrada da nave para cima, e os demais irmãos seriam enterrados no espaço da nave da igreja, ou seja, “das grades para baixo enquanto para isso tiver possibilidade”. Especialmente assim era concebido o espaço mortuário na Capela OTC de Sabará.



**Figura 8. Planta da Capela da Ordem Terceira do Carmo de Sabará com a demarcação dos locais de enterro de acordo com os cargos ocupados. Arte: Ronaldo José da Costa.**

Por fim, merecem destaque os sufrágios aos quais tinham direito os irmãos carmelitas. Por “sufrágios” entendem-se missas em intenção da alma, “ou qualquer boa obra para ajudar espiritualmente a alma do próximo”, tais quais jejuns, orações e esmolas.<sup>174</sup> O Estatuto de Sabará garantia 40 missas aos irmãos defuntos, na esmola

<sup>173</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 35<sup>o</sup>, § 1.

<sup>174</sup>. Cf. verbete “sufrágio”. In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/sufragio>.

costumeira. Em 1806, a OTC de Mariana se obrigava a dar 40 missas em sufrágio das almas dos irmãos falecidos, desde que em dia com pagamento de seus anuais. O Prior, a Priora e o Reverendo Comissário receberiam um acréscimo de 80 missas “com a pompa e solenidade possível”, caso falecessem servindo à Mesa Administrativa. Como bem ressaltou Adalgisa Arantes Campos, na *Cultura do Barroco*, o gosto pelo espetáculo, pelo lúdico e pela aparência perpassava as manifestações literárias e plásticas, refletindo nas representações do luto, criadas pelo imaginário coletivo cristão. “As irmandades detinham o manuseio do simbólico da morte”, sendo, em geral, as responsáveis pelas cerimônias que faziam a mediação entre o terreno e o Além.<sup>175</sup> Em face dessa situação, o homem devoto confiava nas confrarias e ordens terceiras como instrumentos poderosos para sua salvação. Era atribuição das associações leigas assistirem o enterro, o ordenar e participar do cortejo fúnebre e fazer os sufrágios necessários aos seus membros.

Tais ritos mortuários transformaram-se em verdadeiras profissões de fé, traduzidas no sublime e na pompa. Pompa em suas duas acepções: luxo e ordenamento. Luxo, pois as solenidades funerárias demandavam a exteriorização de grandeza, fausto e decoro, de acordo com as possibilidades financeiras de cada um. Mas, essa aparência só era conseguida quando havia ordem, uma vez que em sociedades organicistas cada um tem seu devido lugar. O homem setecentista preocupa-se com a Morte, todavia consolava-se, confiando na atuação das irmandades, tanto na questão do enterro quanto na questão dos sufrágios. Adalgisa Arantes Campos observa que “as missas exerceram um verdadeiro fascínio na sensibilidade dos devotos que lhe atribuíram um poder purificador. Os vivos mandavam rezá-las em abundância em intenção das almas dos parentes em franca atitude de empenho para resgatá-las do Purgatório”.<sup>176</sup> Assim, são observadas grandes despesas com a celebração de missas, que, segundo a doutrina religiosa, aliviariam as penas dos mortos, alcançando-lhes a salvação.

Diante do exposto, percebemos que no contexto religioso das Minas os irmãos carmelitas encontravam-se em posição privilegiada para manifestar sua fé. Filiando-se à Ordem, tais devotos garantiriam maior auxílio temporal e espiritual e participando ativamente das variadas atividades promovidas eles obteriam meios para sua Salvação, ou seja, unidos enquanto carmelitas esses fiéis teriam certeza de não estar sozinho na

---

<sup>175</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – O século XVIII, *Revista do Departamento de História da UFMG*, Belo Horizonte, n° 4, p.3-24, Julho/1987, p.5.

<sup>176</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – O século XVIII, p.18.

passagem terrena rumo ao Paraíso. Nesse sentido, as OTC apresentam-se com um referencial devocional diferenciado dos promovidos pelas irmandades mineiras do período. O lugar propício para a concretização dessa devoção depurada seria a Capela da Ordem Terceira, local sagrado, de fé e de culto à Santíssima Mãe, Senhora do Carmo. Assim, os templos carmelitas serão construídos e ornamentados com decoro, pompa e fervor religioso, exaltando os milagres, privilégios e figuras importantes da construção da história carmelitana, que deveriam ser apropriados e internalizados pelos membros de cada sodalício.

## CAPÍTULO 2

### Hierofania Carmelitana: arte e devoção

“O que nós vemos motiva mais nossos afetos do que aquilo que ouvimos”.

São Boaventura, século XIII.

#### 2.1 O culto santoral na Igreja Católica e as imagens devocionais.

Para a Igreja Católica, somente Deus é Santo, uma vez que Ele é puro e perfeito. O Hino de Glória do Missal Romano enfatiza esse aspecto – *Quóniam tu solus Sanctus, tu solus Dóminus*<sup>177</sup> – de modo que a santidade é, essencialmente, uma característica de Deus. No entanto, também chamamos de santos àqueles que alcançaram a plenitude em Deus e, tendo morrido no mundo, estão “vivos em Deus”.<sup>178</sup> Pessoas, lugares, coisas e ritos tornam-se santos na medida em que se unem ou se identificam com a santidade de Deus.<sup>179</sup> Geralmente os santos são aqueles que viveram uma vida exemplar e perfeita,<sup>180</sup> em conformidade com o Evangelho e, conseqüentemente, salvos no sacrifício redentor de Cristo, estão próximos a Deus, no Paraíso, em estado de graça. Pela teologia bíblica todos são chamados à santidade, conforme está escrito em Levítico 20, 7-8,<sup>181</sup> ou ainda na Primeira Carta de São Pedro 1,15-16.<sup>182</sup> Já para São Paulo, os santos são os cristãos, conforme percebemos nas saudações de suas epístolas apostólicas, a exemplo da Carta aos Romanos: “A vós todos que estais em Roma, amados de Deus e santos por vocação: graça e paz da parte de Deus, nosso pai, e de nosso Senhor, Jesus Cristo”.<sup>183</sup>

De acordo com a doutrina, os santos, por pertencerem à “Igreja Triunfante”, vivem em nítida comunhão com Deus e podem interceder por aqueles que, da “Igreja

<sup>177</sup> “Só vós sois Santo. Só vós sois o Senhor”. Cf. Missal Romano. AEPNSP. *Missale Romanum ex Decreto Sacrossancti Concillio Tridentini restitutum, S. PII V. Pontificis Max...* Lisboa: Typographia Régia, 1793.

<sup>178</sup> Segundo Louis Réau, em latim *sanctus (sancitus)* significa “separado do mundo profano”. Cf. RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte Cristiano*. Introducción general. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008, p. 373.

<sup>179</sup> CUNNINGHAM, Lawrence S. *Uma breve história dos Santos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p.20.

<sup>180</sup> Cf. Mt 5, 48: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito.”

<sup>181</sup> “Santificai-vos, e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus. Guardai as minhas leis e ponde-as em prática. Eu sou o Senhor que vos santifica”.

<sup>182</sup> “Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós, em todo o vosso proceder. Pois está escrito ‘Sereis santos porque eu sou santo’”.

<sup>183</sup> Rm 1, 7. Veja também em 1Cor 1, 2 (Aos que foram santificados no Cristo Jesus, chamados a serem santos, junto com todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.”).

Peregrina”, os invocam.<sup>184</sup> Essa recíproca comunhão espiritual, formando um corpo místico entre as três “Igrejas” – Peregrina (os vivos), Padecente (os mortos, excluindo àqueles que já estão condenados no Inferno) e Triunfante (os santos) –,<sup>185</sup> é conhecida como “Doutrina da Comunhão dos Santos” e possui embasamento bíblico no Segundo Livro dos Macabeus 12, 38-46,<sup>186</sup> no qual se ora pelos mortos e se oferece um sacrifício expiatório pelos falecidos; ou na Primeira Carta de São Paulo a Timóteo, na qual se justifica o poder da oração e da mediação a Deus, através de um único mediador que é o Cristo.<sup>187</sup> Os santos em si não fazem os milagres, mas intercedem a Cristo, que tem o poder para isso. Assim falamos em intercessão dos santos, pois eles não cessam de interceder em favor da humanidade, apresentando seus méritos, de modo a alcançarem graças de Jesus Cristo, que é único mediador entre Deus e os homens.

A Doutrina da Comunhão dos Santos versa que os cristãos, vivos e mortos, formariam um corpo místico, cuja cabeça é o Cristo.<sup>188</sup> Assim, temos a união de todos os cristãos na caridade, ou seja, a unidade tanto no amor de Deus quanto no amor ao próximo. Cada membro desse corpo tem um papel definido e pode interceder em favor dos outros. Segundo Adalgisa Arantes Campos,

nessa doutrina (comunhão dos santos) existem trocas mútuas e um dinamismo gratificante entre Igreja Triunfante (hierarquia celeste), a Igreja Peregrina (dos vivos) e a Igreja Padecente (almas do Purgatório), que formam uma unidade mística bem articulada, com graus diferenciados de santidade. Desse modo, qualquer oração ou gesto misericordioso em um desses

<sup>184</sup> Trata-se de invocação, ou seja, o ato rogar, suplicar e de recorrer à proteção e ao auxílio.

<sup>185</sup> Cf. CAMPOS, Adalgisa *A As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: Culto e Iconografia no setecentos mineiro*, em especial o esquema da página 28, no qual são destacadas as relações recíprocas entre as diversas Igrejas no Corpo Místico de Cristo.

<sup>186</sup> “Tendo depois reunido seu exército, Judas atingiu a cidade de Odolam. Chegando o sétimo dia, purificaram-se conforme o costume, e ali mesmo celebraram o sábado. No dia seguinte, como a tarefa era urgente, os homens de Judas foram recolher os corpos dos que tinham morrido na batalha, a fim de sepultá-los ao lado dos parentes, nos túmulos de seus antepassados. Foi então que encontraram, debaixo das roupas dos que tinham sucumbido objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia, coisa que a Lei proíbe aos judeus. Então ficou claro, para todos, que foi por isso que eles morreram. Mas todos louvaram a maneira de agir do Senhor, justo Juiz, que torna manifestas todas as coisas escondidas. *E puseram-se em oração, pedindo que o pecado cometido fosse completamente cancelado.* Quanto ao valente Judas, exortou o povo a se conservar sem pecado, pois tinham visto com os próprios olhos o que acontecera por causa do pecado dos que haviam sido mortos. Depois, tendo organizado uma *coleta individual, que chegou a perto de duas mil dracmas de prata, enviou-as a Jerusalém, a fim de que se oferecesse um sacrifício pelo pecado: agiu assim, pensando muito bem e nobremente sobre a ressurreição. De fato, se ele não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria supérfluo e vão orar pelos mortos.* Mas considerando que um ótimo dom da graça de Deus está reservado para os que adormecem piedosamente na morte, era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que mandou fazer o sacrifício expiatório pelos falecidos, a fim de que fossem absorvidos de seus pecados.” (2Mc 12, 38-46). Grifos nossos.

<sup>187</sup> 1Tm 2,1-7.

<sup>188</sup> A alusão hierárquica ao corpo místico é nítida na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, na qual o autor afirma: “como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, forma um só corpo, assim também acontece com Cristo”. Cf: 1Cor 12, 12-31.

domínios resvala no outro, sempre no sentido de beneficiar a alma daqueles que foram santificados pelo batismo.<sup>189</sup>

Os santos são dignos de especial veneração. Venerar os santos consiste em entrar em contato com “os vivos em Deus”,<sup>190</sup> O culto aos santos, portanto, sempre é um culto a Deus, pois na medida em que se reverencia os que estão próximos a Deus, honra-se o Criador, louvando-O por seus dons. O culto aos santos não se trata de idolatria, pois no culto católico adora-se somente ao Deus uno e trino. O culto santoral é conhecido como *dulia* e representa a honra e a veneração aos eleitos celestes. O culto à Maria é chamado de *hiperdulia*, estando em grau superior à *dulia*. A veneração especial à Virgem Maria justifica-se pelo fato de ser ela a Mãe de Deus, e por extensão, a mãe espiritual de toda a humanidade; a concebida sem pecado original; a rainha de todos os Santos e anjos e, portanto, a intercessora mais poderosa da humanidade junto de Deus e, em particular, junto ao seu filho Jesus, a exemplo do episódio das Bodas de Caná.<sup>191</sup>

A legislação eclesiástica pós-tridentina afirma que latria “é adoração devida somente a Deus nosso Senhor, e é ato de Religião [ato de fé] radicado na alma, com o qual devemos reconhecer sua Divina excelência”. Também se aplica a adoração de latria à Santíssima Trindade, ao Cristo, ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia, “porque nele está realmente o mesmo Deus”, ao sagrado Lenho da Cruz e às imagens “do mesmo Cristo enquanto o representam”. Já a definição de *hiperdulia* diz respeito à obrigação de “venerar a Virgem Maria nossa Senhora, por ser Mãe de Jesus Cristo nosso Salvador”. Por fim, a *dulia*, que é a veneração dos “Santos aprovados por tais pela Igreja”, uma vez que estes “por estarem reinando com Deus nosso Senhor [...] rogam e intercedem continuamente por nós em nossos trabalhos e aflições diante do mesmo Senhor”.<sup>192</sup>

Segundo Louis Réau,<sup>193</sup> o culto aos santos aparece na Igreja do Ocidente marcado por permanências de elementos da cultura pagã. A Igreja, aproximando-se dos fiéis e visando à cristianização destes, soube usar de elementos e tradições presentes nos cultos pagãos a deuses ou heróis, deslocando esse culto – presente na memória coletiva e na tradição – para o culto aos santos. Os ritos, as oferendas e os locais de culto

<sup>189</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. A visão barroca de mundo em D. frei de Guadalupe (1672/1740): seu testamento e sua pastoral. *Varia História*, Belo Horizonte, número 21 – Especial Códice Costa Matoso, p.364-380, janeiro de 1985, p.369.

<sup>190</sup> A Bíblia é enfática nesse aspecto: “Ele é Deus não de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para ele”. Cf. Lc 20, 38.

<sup>191</sup> Jo 2, 1-12.

<sup>192</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Primeiro, Título VII. Parágrafos 19, 20 e 21.

<sup>193</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*, em especial a segunda parte: *Iconografía de los santos* (p.359-558).

continuaram sendo quase os mesmos, transferindo apenas o sentido doutrinário e teológico. Por exemplo: deuses relacionados à saúde foram substituídos por santos que intercediam a Deus pela mesma cura, tal qual São Cosme e São Damião.

Os santos são mais comumente conhecidos pelo martírio, virtude e/ou milagres, o que lhes confere o direito à canonização. O culto aos santos começou, de fato, com os mártires (do grego *martys*, “testemunha”), que foram os primeiros que morreram por professar e testemunhar a fé em Cristo e na Igreja e, por terem derramado seu sangue em obséquio dessa fé, possuem um crédito especial com Deus, em favor dos pecadores. Segundo a tradição, o primeiro mártir (que não conheceu o Cristo encarnado) foi Santo Estêvão,<sup>194</sup> martirizado na Dalmácia, ainda no primeiro século.

O dia da morte de um mártir era uma data festiva, na qual a comunidade se reunia, inicialmente nas catacumbas, para rememorar as atitudes do falecido, fortalecendo a fé. Dessa forma, o dia da morte, o grande dia da passagem para a Vida Eterna – chamado de *dies natalis*, “natalício” –, tornou-se o dia oficial e honorífico da festa litúrgica de determinado santo. Muitas vezes, o dia de canonização é marcado como dia da festa de um santo, porém o seu culto é anterior e começa, muitas vezes, após o martírio.

Todavia, o culto aos santos não ficou restrito àqueles que passaram pelo martírio. Ao contrário, os confessores, as virgens, os beatos, os pregadores, os penitentes e os sábios (doutores da fé) foram, a partir do século IV, considerados tão dignos de culto quanto os que derramaram seu sangue, uma vez que haviam dedicado a sua vida a servir a Cristo, imitando suas virtudes e vencendo as tentações. Esse seria o martírio branco, que se justifica, pois, em meados do século IV, encerraram-se as perseguições e cessaram-se as oportunidades de martírio vermelho. Nesse caso, o martírio seria espiritual, em intenção, na confirmação da fé e na vitória sobre o maligno.

A popularidade ou a difusão de algum culto santoral é muito desigual, pois não há uma lógica para a piedade/devoção popular. Nesse sentido, há santos muitos populares, a exemplo de São Jorge, cuja existência é duvidosa, e outros, não tão populares, mas de suma importância para a História da Igreja, como Santo Agostinho. Portanto, no culto santoral não se leva em conta o mérito ou a origem do santo, mas sim a sua “eficiência utilitária”, pois como afirma Reáu: “*la devoción raramente es desinteresada y se dirige a los santos que tienen fama de ser los abogados más*

---

<sup>194</sup> Sobre o martírio de Santo Estêvão ver os capítulos 6 e 7 em Atos dos Apóstolos. Cf também: VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vida de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.106-112.

*influyentes ante Dios*".<sup>195</sup> Na “escala” dos santos mais influentes encontramos: em primeiro lugar a Virgem Maria, depois os santos mártires e, na sequência, os patronos, os curadores, os que protegem as colheitas, as cidades, etc.

A veneração aos santos logo se materializou em representações visuais.<sup>196</sup> Conforme nos ensina São João Damasceno, importante monge e escritor do século VIII, as imagens são imprescindíveis para a fé cristã.<sup>197</sup> Assim, a imagem aproximava o fiel da figura de culto, permitindo uma relação pessoal, que o lembrava da santidade despertando e estimulando a devoção, ou seja, ela seria um repositório da fé. Com efeito, a piedade popular incrementou o culto das relíquias com as imagens, que possuíam as mesmas virtudes e poderes que o próprio santo – o que muitas vezes acarretou heresias, erros e práticas heterodoxas ao culto. No Antigo Testamento,<sup>198</sup> as imagens eram proibidas, em decorrência da idolatria ao bezerro de ouro e dos cultos pagãos. Entretanto, oficializada a Religião Católica, a arte cristã adquiriu feições próprias e pôs-se a serviço da Igreja, instruindo, doutrinando os iletrados e decorando os templos religiosos.

Hans Belting, em *Semelhança e Presença*, mostra que o uso da imagem na tradição religiosa cristã encontrou defensores e opositores, de modo que “elas se prestam igualmente a serem expostas e veneradas, bem como profanadas e destruídas”.<sup>199</sup> Para o autor, no final da Antiguidade tardia, durante a transição à cultura cristã, estava presente a polêmica de que a imagem poderia ser confundida com ser divino, conforme acontecia nos cultos pagãos, emanando poderes sobrenaturais e curas milagrosas, sobretudo em momentos de necessidade, seja na esfera pública ou privada. Instaurou-se um fervoroso debate teológico, que além do uso das imagens discutia a própria natureza divina.

Assim, em 787, durante o II Concílio Ecumênico de Niceia, reconheceu-se, à luz dos ensinamentos dos Santos Padres e da tradição eclesiástica, que as santas imagens

<sup>195</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Esplendor y decadencia del culto a los santos, p.441.

<sup>196</sup> Cf. o estudo de COELHO, Beatriz e QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em madeira*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

<sup>197</sup> SCOMPARIM, Almir Flávio. *A iconografia na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2008, p.11.

<sup>198</sup> Cf. Dt 4, 15-18. “Tomai cuidado, com grande zelo! No dia que o Senhor vos falou do meio do fogo no Horeb, não vistes figura alguma. Guardai-vos bem de corromper-vos fazendo figuras de ídolos de qualquer tipo, imagens de homem ou mulher, imagens de animais que vivem na terra ou de aves que voam no céu de bichos que se movem não chão ou de qualquer espécie de peixes que vivem nas águas, debaixo da terra.” O jesuíta Francisco Taborda reitera que apesar da proibição a tradição bíblica soube apreciar a arte, a beleza, os materiais nobres e a perícia artística. O grandioso Templo de Jerusalém era reconhecido por sua opulência e esplendor. Cf. TABORDA, Francisco SJ. Prefácio. In CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*, p.9-15,

<sup>199</sup> BELTING, Hans. *Semelhança e Presença: A história da imagem antes da era da arte*. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010, p.1.

(de Cristo, da Virgem, dos anjos e santos) poderiam ser expostas e veneradas nas igrejas e em outros locais apropriados. A iconoclastia foi combatida e a veneração justificada, na medida em que a imagem é um canal para a graça divina. Nas palavras do documento exarado por esse Concílio:

quanto mais [os santos] são contemplados no ícone que os reproduz, tanto mais os que os contemplam são levados à recordação e ao desejo dos modelos originais e a tributar-lhes, beijando-os, respeito e veneração. [...] Pois “a honra prestada ao ícone passa ao modelo original” e quem venera o ícone venera a pessoa de quem nele é reproduzindo.<sup>200</sup>

O Cristianismo usufruiu do poder pedagógico intrínseco às imagens, uma vez que elas poderiam ser um elo entre a doutrina religiosa e o povo iletrado, ou seja, através de símbolos e imagens a Igreja transmitia seus ensinamentos, preceitos e dogmas a uma população iletrada que precisava ser catequizada. Podemos citar a famosa carta do Papa Gregório Magno dirigida ao bispo Sereno de Marselha, na qual afirma que as imagens têm uma tripla função: lembram a história sagrada, suscitam o arrependimento nos pecadores e instruem os iletrados que, ao contrário dos clérigos, não têm acesso direto à Bíblia. Jean-Claude Schmitt não descarta a eficácia pedagógica das imagens, contudo, afirma que é preciso levar em conta as suas outras finalidades, pois as imagens são inseparáveis de seus usos.<sup>201</sup>

O Concílio de Trento (1545-1563) reiterou o culto santoral, exortando a veneração às relíquias e o uso legítimo das imagens. A Reforma Católica, no tocante ao funcionamento interno da Igreja, fortaleceu o poder papal; criou um episcopado forte, “possuidor de mecanismos de vigilância eficazes e com capacidade de execução de penas tanto sobre laicos como eclesiásticos”.<sup>202</sup> Houve um profundo esforço para remodelar os fiéis, pois era necessário que as populações soubessem e praticassem um credo correto, bem como interiorizassem a ética cristã. Segundo Paiva,

para uma mais adequada recepção do cristianismo entendeu-se ainda que se devia purificar a liturgia e dar mais decência e cerimonialidade ao culto, cavando a separação entre sagrado e profano, tantas vezes indistinta nas manifestações de religiosidade dita popular, o que implicou tanto uma tendência para o embelezamento dos templos e para a exuberância triunfante

<sup>200</sup> Cf. DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005) aos cuidados de HÜNERMANN, Peter, por José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007, p.218. DH 600-603. Usa-se a sigla DH (Denzinger-Hünemann) ao referir-se a esta obra.

<sup>201</sup> Cf. SCHMITT, Jean-Claude. Imagens. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006, p.591-605.

<sup>202</sup> PAIVA, José Pedro. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas. In: GOUVEIA, António Camões; BARBOSA, David Sampaio; PAIVA, José Pedro (coord.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: novos olhares*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014, p.17.

da arte sacra, como a imposição do ritual romano, acabando com a pulverização de rituais extravagantes.<sup>203</sup>

Como resultado das decisões conciliares temos a intensificação do culto santoral, das relíquias, da vida confraternal e conseqüentemente do uso das imagens devocionais. Émile Mâle, em *El arte religioso después del Concilio de Trento*, destacou que na Contrarreforma a Igreja Católica reafirmou a si mesma, depurando questões da fé, confirmando dogmas e doutrinas que foram criticados pelos protestantes. Para tanto, usou das imagens sacras para difundir a doutrina e a História da Igreja entre os leigos. Nesse sentido, os fiéis deveriam ser diligentemente instruídos pelos bispos que “os santos reinam com Cristo e oferecem a Deus as suas orações pelos homens”. Logo, é útil e bom invocá-los para obter benefícios de Deus por meio do Cristo, que é o único salvador e redentor.

No que diz respeito às representações imagéticas, o Concílio de Trento reafirma o II Concílio de Niceia: “deve-se conceder a devida honra e veneração às imagens [...] a serem tidas e conservadas principalmente nos templos”, salientando que em tais imagens não há poder ou divindade, mas sim a memória de quem elas representam.<sup>204</sup> Os bispos, além de ensinar os mistérios da fé, deveriam cultivar a piedade, todavia fiscalizando e combatendo exageros, abusos e doutrinas errôneas, de modo a eliminar as superstições. Nesse sentido, como afirma Santiago Sebastián – corroborando a produção de Émile Mâle –, as ordens religiosas foram grandes difusoras da nova espiritualidade contrarreformista ao expor em seus templos grandes ciclos iconográficos com função histórica, retórica e mística.<sup>205</sup> Por conseguinte, “*el arte vuelve a ser, como en la Edad Media, un instrumento o mas bien, un arma en manos de la Iglesia*”.<sup>206</sup>

Imagens não são meras ilustrações ou simples adornos estéticos, ao contrário, constituem importante meio para transmitir ou exaltar mensagens, pois uma representação traz em torno de si todo um sentido e um conteúdo, próprios de quem a emite ou do meio social onde ela se encontra. Além disso, elas servem como memorial, um ponto de apoio para recordar fatos, virtudes e ideias, que, na medida em que são representados, tornam-se compreensíveis, instaurando e configurando uma realidade presente naquele momento, independentemente da veracidade concreta e histórica do que esteja sendo representado. Um fato mítico, quando exposto na arte figurativa, ratifica um universo cultural, no qual ele faz pleno sentido. Por exemplo: se o Profeta

<sup>203</sup> PAIVA, José Pedro. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas, p. 18.

<sup>204</sup> Cf. DH 1821 a DH 1825.

<sup>205</sup> SEBASTIÁN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*. Madrid: Alianza Forma, 1989, p.239-259.

<sup>206</sup> RÉAU, Louis. El arte militante de la Contrarreforma. In: *Iconografía del arte cristiano*, p.543-552.

Elias foi verdadeiramente arrebatado no carro de fogo, não é algo questionado pelo fiel, que, quando o vê nessa situação, lembra-se de sua história e dos seus feitos; da sua santidade, recordando as benesses concedidas ao profeta por Deus. O fato não precisa ser real, mas a arte figurativa o legitima como uma realidade.

As imagens religiosas suscitam atos de contrição e devoção, a partir da sensibilidade. A experiência visual, se pensarmos nos órgãos dos sentidos, com certeza é uma das mais requisitadas na Cultura do Barroco, tendo em vista a profusão de imagens e ornamentos. Como enfatizou Maravall: “é próprio das sociedades nas quais se desenvolveu uma cultura massiva de caráter dirigido apelar para a eficácia da imagem visual. O Barroco, por um e por outro lado, tinha de ser, pois, como de fato o foi, uma cultura da imagem sensível”.<sup>207</sup> Contudo, ter-se-ia mais do que a simples visão da matéria, pois os olhos seriam como janelas da alma, captando as belezas do mundo exterior, comovendo os corações, de modo a se fazer uma plena experiência divina. Como afirmam Mariani e Otten,

a arte, que é criação e conhecimento [...] é também expressão da experiência espiritual. Através da linguagem artística, essa experiência paradoxal e inefável, que revela o humano como ser de abertura para o infinito ganha um canal de comunicação. A arte não só pertence à vida espiritual [...], mas é um de seus mais poderosos agentes. Ela possui “uma forma de despertar profético, capaz de uma vasta e penetrante irradiação”.<sup>208</sup>

Paiva também acrescenta que a imagem, enquanto representação do sagrado e objeto de devoção, cumpriria funções de conforto, chegando inclusive a ser o “ponto de partida para a visão, para visões místicas, consentindo, facilitando e até estimulando a passagem da contemplação à visão”.<sup>209</sup>

No que diz respeito à forma e aos cuidados reservados à imagem de culto podemos citar as determinações das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*:

Manda o Sagrado Concílio Tridentino que nas Igrejas se ponham as imagens do Cristo Senhor Nosso, de sua Sagrada Cruz, da Virgem Maria Nossa Senhora e dos Santos, que estiverem Canonizados ou Beatificados e se pintem retábulos ou se ponham figuras dos mistérios que obrou Cristo Nosso Senhor em nossa Redenção, por quanto com elas se confirma o povo fiel em os trazer a memória muitas vezes e se lembram dos benefícios e mercês que de sua mão recebeu, e, continuamente recebe, e se incita também, vendo as imagens dos Santos e seus milagres, a dar graças a Deus Nosso Senhor, e aos imitar; e encarrega muito aos bispos a participar diligencia e cuidado que

<sup>207</sup> MARAVALL, José Antônio. *A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 389.

<sup>208</sup> MARIANI, Ceci Baptista e OTTEN, Heinrich Alexander. A Arte como expressão da experiência espiritual: experiência da revelação e caminho de transformação. In: MARIANI, Ceci Baptista e VILHENA, Maria Ângela. *Teologia e Arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.36.

<sup>209</sup> PAIVA, José Pedro. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas, p.27.

nisto teve ter e também em procurar que não haja nessa matéria abusos superstições e nem cousa profana ou inhoesta.<sup>210</sup>

O decoro deveria ser observado na forma e nos materiais, de modo que as pinturas e as imagens estivessem compostas e decentes, o que seria sumariamente observado nas visitas pastorais.

Não podemos ser ingênuos em acreditar que todas as determinações conciliares foram seguidas à risca, pois, uma vez postas em prática, elas poderiam ser apropriadas de maneira diversa, dependendo de condições locais, sociais e históricas. No entanto, é preciso frisar que a imagem devocional acima de tudo é um instrumento de propagação da fé. Como indica a Carta aos Hebreus,

a fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem. Por ela, os antigos receberam um bom testemunho de Deus. Pela fé compreendemos que o universo foi organizado pela palavra de Deus, de sorte que *todas as coisas visíveis provêm daquilo que não se vê.*<sup>211</sup>

Por isso acreditamos que pela fé o homem buscou ornamentar seus templos e, portanto, para o fiel devoto as imagens seriam testemunho das obras realizadas por Deus ao longo da história da salvação.

## 2.2 Devoção à Nossa Senhora do Carmo – a grande estrela da Ordem

As OTC mineiras surgiram em meados do século XVIII, num momento de consolidação social, política e religiosa,<sup>212</sup> agrupando parcela poderosa da população. No entanto, é preciso frisar que, mesmo sendo uma associação da elite mineira, tais ordens terceiras não monopolizavam a devoção à Nossa Senhora do Carmo, pois tal sentimento religioso foi compartilhado pelos membros daquela sociedade, desde sua conformação inicial, nos últimos anos do século XVII e início do século XVIII. A primeira capela erigida na atual Mariana tinha por orago Nossa Senhora do Carmo, que se tornou a padroeira da localidade, estando presente inclusive no antigo topônimo: Vila do Ribeirão do Carmo.<sup>213</sup>

Frei Agostinho de Santa Maria, em seu *Santuário Mariano*, confirma a presença da devoção à Virgem do Carmo nas terras mineiras desde os primórdios da colonização.

<sup>210</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Livro Quarto – Título XX – Parágrafo 696.

<sup>211</sup> Hb 11, 1-3. Grifos nossos.

<sup>212</sup> MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico*, especialmente o capítulo 4: “A formação da rede de Ordens Terceiras na colônia”, p.85-99.

<sup>213</sup> BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.

Os fundadores da antiga Vila do Ribeirão do Carmo, pela especial devoção que tinham àquela Senhora, construíram uma pequena capela e a entronizaram como titular e patrona no dia 16 de julho de 1711 ou 1712, “com grande pompa e magnificência, armando-se a Igreja preciosamente”, inclusive com a solene exposição do Santíssimo Sacramento. Segundo o religioso, a imagem da padroeira da Vila Leal de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo é uma “escultura em madeira estofada da cor do Carmo [ou seja, marrom] e sobre o braço esquerdo descansa o Santíssimo Deus Menino e na direita tem o escapulário, que oferece a seus irmãos; e ambas a imagens estão coroadas de prata, e sua estatura é de cinco ou seis palmos”.<sup>214</sup> Com efeito, Frei Agostinho, em tom profético, adverte que “logo tratarão estes devotos de lhe erigir uma nobre irmandade de irmãos terceiros, a quem assistirá um religioso carmelita, que com a autoridade de Comissário estabelecerá a Ordem Terceira e a Irmandade do Escapulário”. De fato, a Ordem Terceira do Carmo foi instituída em Mariana em 1754, todavia sem a assistência constante de um religioso carmelita, haja vista a proibição do clero regular. Um documento avulso, datado de 1779, confirma que a criação da OTC foi resultado da devoção dos marianenses, pois

alguns dos referidos cidadãos e habitantes animados com o fervor de devoção, e, juntamente congregados, cuidaram na ereção da Irmandade da Ordem Terceira da mesma Bem Aventurada e Sempre Virgem Nossa Senhora do Monte do Carmo, para cujo efeito também havia já alguns anos, que na Igreja, ou Capela de São Gonçalo da mencionada cidade exercitavam, e cada dia exercitam muitas obras de piedade, e devoção para com a Beatíssima Virgem Maria, Patrona da referida Cidade e [...] para se acrescentar ainda mais o culto da dita Nossa Senhora desejavam eles grandemente que por nós fosse confirmada, e [aprovada] uma confraria de homens – enquanto não seja composta de pessoas de um especial ofício, ou arte – e de mulheres de baixo da invocação de Nossa Senhora do Monte do Carmo, chamada de Ordem Terceira erigida, ou para se erigir com o consentimento do Venerável Irmão o Bispo de Mariana na referida Igreja ou Capela debaixo da invocação de São Gonçalo [...] Por cuja razão nos fizemos supplicas, fôssemos servidos de corroborar com a firmeza apostólica, a referida ereção, e instituição e segundo o mais acima expressado com a benignidade apostólica que a tudo oportunamente prover: = Nós, porém, com sincero afeto desejamos a devoção e o aumento das obras pias e do culto divino, e também a salvação das Almas.<sup>215</sup>

Quanto à Irmandade do Santo Escapulário, não verificamos sua presença nas Minas Setecentista. A atual imagem do que se encontra no altar-mor da Catedral de Mariana certamente não deve ser a mencionada por Frei Agostinho, pois segundo a

<sup>214</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e histórias das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Reedição Ilustrada. Rio de Janeiro: INEPAC, 2007, p.250. A primeira edição foi feita em Lisboa no ano de 1723.

<sup>215</sup> Ouro Preto. Arquivo da Casa dos Contos - ACC. Documentos avulsos do Carmo. Volume 2485. Rolo 140. Breve solicitação, requerimento, confirmação e justificação da Criação da Ordem de Mariana. 05/01/17[79], 12fl. Agradeço à Natália Casagrande Salvador pela transcrição e disponibilização deste documento.

documentação da Câmara dessa vila consta que, em 1720, Antônio Fernandes Braga recebeu 60 oitavas de ouro pelo feito de uma nova Senhora do Carmo.<sup>216</sup>



**Figura 9. Mariana. Catedral de Nossa Senhora da Assunção. Imagem de Nossa Senhora do Carmo no altar-mor. Século XVIII. Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.**

Ainda no antigo caminho entre a Vila do Ribeirão do Carmo e Vila Rica, o padre minerador João Faria Fialho, procedente de São Paulo, fundou, no início do século XVIII, um arraial, construindo, por devoção, uma capela dedicada à Senhora do Carmo.<sup>217</sup> A piedade popular atraiu os moradores do arraial e os vizinhos, que, além de participar dos ofícios divinos, mandaram fazer uma escultura de madeira “muito ricamente estofada, [que] tem em seus braços o Menino Deus, e ambas as imagens estão coroadas de prata e tem de estatura pouco mais de quatro palmos”.<sup>218</sup> Tal imagem era considerada milagrosa e atraía muitos fiéis para celebrarem sua festa em 16 de julho. Segundo Frei Agostinho, tal festividade acontece com “grande pompa e muita grandeza [com muitos devotos] e neste dia assistem os moradores daquele sítio pela grande devoção que têm àquela soberana Senhora, que a eles paga com os favores que lhes faz:

<sup>216</sup> MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, v.1, p.119.

<sup>217</sup> Posteriormente o orago da Capela do Padre Faria mudou para Nossa Senhora do Parto e atualmente Nossa Senhora do Rosário, pois nela se instalou uma irmandade sob essa devoção na terceira ou quarta década do século XVIII. Cf. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana*, v.2, p. 8-17.

<sup>218</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano*, p.246.

uns que se veem e muitos outros que só ela conhece por que lhos faz”.<sup>219</sup> Abaixo a imagem de Nossa Senhora do Carmo presente na Capela do Padre Faria, que, de fato, corresponde à descrição feita no *Santuário Mariano*.

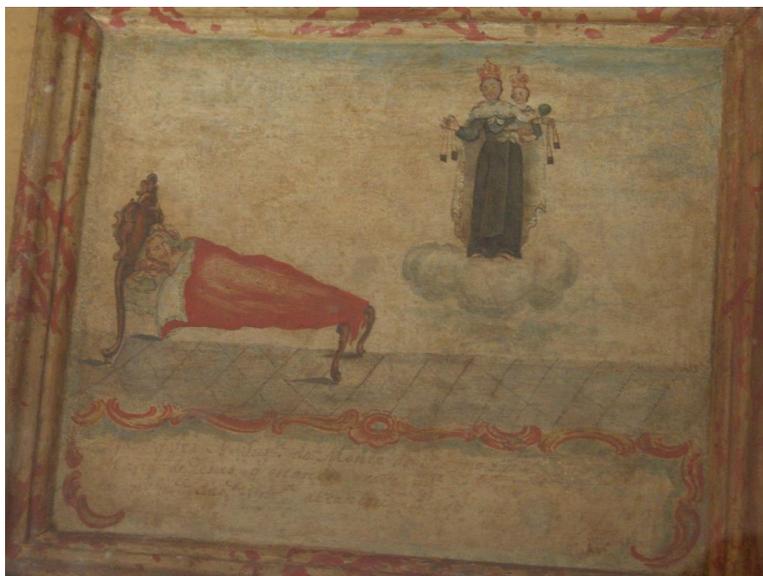


**Figura 10. Ouro Preto. Capela do Padre Faria. Imagem de Nossa Senhora do Carmo. Século XVIII. Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.**

Não somente no Arraial do Padre Faria a Virgem do Carmo manifestava-se através de milagres. O Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas conserva, em sua Sala dos Milagres, três ex-votos agradecendo graças recebidas pela intercessão de Nossa Senhora do Carmo. Essas tábuas votivas representam o cumprimento de uma promessa realizada a um intercessor celestial, no caso a Virgem do Carmo. Nos três casos, o enfermo acamado recorre à Nossa Senhora, que, em glória, aparece, com seu escapulário, envolta em nuvens ou raios, para atender ao pedido. A crença no milagre marca sobremaneira a vivência religiosa no universo luso-brasileiro, mesclando elementos e práticas da doutrina católica com a religiosidade popular, aproximando, com nítida intimidade, o sagrado, representado pelo santo e o mundano,

<sup>219</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano*, p.246.

representado pelo suplicante.<sup>220</sup> Nesse sentido, tais ex-votos revelam um universo cultural, no qual era costume recorrer à Nossa Senhora do Carmo em aflições cotidianas. Outro conjunto de ex-votos relacionados à Nossa Senhora do Carmo encontra-se no Museu Regional de São João Del Rei, procedentes da Ordem Terceira local, que, em seu conjunto, serão analisados no final deste capítulo.



**Figura 11.** Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. Legenda ilegível. Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.



**Figura 12.** Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. Legenda ilegível. Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.

<sup>220</sup> Sobre ex-votos cf. CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos Mineiros: As tábuas votivas no ciclo do ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994; SCARANO, Julita. *Fé e Milagre – ex-votos pintados em madeira do século XVIII e XIX*. São Paulo: Edusp, 2004; RODRIGUES, Wesley Fernandes. *A História em ponto pequeno: prática votiva e culto santoral nas Minas (Sécs. XVIII-XIX)*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. (História, Dissertação de mestrado); ABREU, Jean Luiz Neves. *O imaginário do milagre e a religiosidade popular: um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (História, Dissertação de mestrado); BOTELHO, Thiago de Pinho. *Milagre que se fez... Um estudo dos 36 ex-votos ofertados ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas/MG*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Artes, Dissertação de mestrado), dentre outros.



**Figura 13.** Congonhas. Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Sala dos Milagres, ex-voto em louvor à Nossa Senhora do Carmo. Legenda: Milagre que fez a Senhora do Carmo à Luiza Ferreira que dando uma grande queda de um cavalo, com perigo de morte, pegando-se com bem fé, com a dita Senhora, alcançou vida e saúde: Bendita seja para sempre tão poderosa Senhora. 1728 a. (Grafia Atualizada) Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.

Outra evidência da devoção ao Carmo presente na sociedade mineira do Setecentos está no uso das mortalhas carmelitas.<sup>221</sup> A leitura dos testamentos mostra que os diversos setores da sociedade desejavam usar a mortalha carmelita, buscando, com ela, o conforto na hora da morte e a salvação da alma. O testamento, que é uma “solene demonstração de fé”, registrava, além da disposição dos bens materiais, condutas e preceitos religiosos e espirituais, tais quais: as devoções, as missas, a sepultura, a mortalha. Geralmente a mortalha está associada à devoção do falecido, pois se acreditava que o seu uso auxiliaria o fiel no processo de salvação. As mortalhas mais requisitadas, além do lençol branco, seriam o hábito franciscano e o hábito carmelita. Não por acaso, é comum na iconografia ibérica cenas heterodoxas, nas quais São Francisco e Nossa Senhora do Carmo resgatam almas do fogo do Purgatório.<sup>222</sup>

<sup>221</sup> Mortalhas (ou hábitos) se referem à veste do falecido. No testamento era comum a indicação da veste mortuária. Todavia a mortalha era paga, e quando não havia recursos para adquiri-la, usava-se o lençol branco, alusão ao sudário de Cristo. Sobre Mortalhas ver: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas. *Revista do Departamento de História – UFMG*, n.IV, p.1-24, 1987; RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além: O processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005; DAVES, Alexandre Pereira; *Vaidade das vaidades os homens, a morte e a religião nos testamentos da Comarca do Rio das Velhas (1716-1755)*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (História, dissertação de mestrado), dentre outros.

<sup>222</sup> Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no setecentos Mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

Vejamos o exemplo de Manoel da Cunha, português natural da Freguesia de São Miguel de Soutelo e paroquiano da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sabará. Membro da OTC sabarense, Manoel elaborou seu testamento e faleceu na solene festa de Nossa Senhora do Carmo, em 16 de julho de 1798. Em sua última vontade, deixou claro que queria ser sepultado e amortalhado no hábito da ordem em que professava. A certidão de funeral assinada por Joaquim Mariano de Souza Guerra Araújo Godinho, Vigário encomendado na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sabará, atesta que

falecido da vida presente com seu solene testamento Manoel da Cunha, paroquiano desta Freguesia, determinou que fosse o seu corpo sepultado na Capela de Nossa Senhora do Carmo, onde era Irmão e amortalhado no hábito da mesma Senhora, e foi acompanhado e encomendado por mim e mais oito Sacerdotes e todos lhe disseram a Missa de Corpo presente por sua Alma o que importou a despesa do funeral, entrando os Direitos Paroquiais e os da Fabrica desta Freguesia, cera e todas as mais em cinquenta e cinco mil e duzentos [55\$200] que tudo satisfiz [o testamenteiro] Joaquim da Rocha Lima, o que me constou pelos recibos das pessoas que assistiram com o que foi preciso. 31 de Agosto de 1798.<sup>223</sup>

Da mesma forma, Antônia Rita de Jesus Xavier, irmã caçula de Tiradentes, faleceu com seu testamento em 1813, na Fazenda do Piauí, situada na Serra do Camapuã. Em suas últimas vontades determinou que seu corpo fosse “envolto no hábito da Senhora do Carmo, de quem [era] indigna irmã e enterrado na Capela de Santo Amaro, de onde [era] aplicada [ou seja, onde era freguesa]”.<sup>224</sup>

Logo, reunindo membros das “elites” e compartilhando uma devoção cara à sociedade, as OTC trataram de erigir templos próprios, enriquecendo-os com obras que representassem seus ideais e preceitos inspirados em uma iconografia bem específica, baseada nos programas das ordens europeias. Nosso estudo pretende abordar esse aspecto, preenchendo uma lacuna na historiografia em relação à iconografia carmelitana. Em Minas, há um importante e rico acervo iconográfico nas OTC, que representa, de forma significativa, a história da Ordem, repleta de fatos lendários, místicos e fabulosos. Figurativamente, isso se traduz em símbolos e representações que remetem à origem emblemática ainda no Antigo Testamento, com Elias e Eliseu; à sua fundação histórica no século XIII, com Simão Stock; à reforma do Carmelo Descalço, conduzida por Teresa d’Ávila e João da Cruz; e não menos importante, à hierofania, ou seja, a manifestação do sagrado nas várias aparições de Nossa Senhora do Carmo.

<sup>223</sup> Sabará. Museu do Ouro/Arquivo Histórico Casa Borba Gato. Cartório do Segundo Ofício - Inventário (CSO-I). (75) 590 1798. Inventário de Manoel da Cunha. Fl 11 e 11v. Agradeço à Ludmila Torres a transcrição e disponibilização deste documento.

<sup>224</sup> São João Del Rei. Arquivo do IPHAN - Fundo de Testamentos - Cx.147. Antônia Rita de Jesus Xavier. 1813, fl 55 e 55v. Agradeço a Gabriel A. Vieira Chagas a transcrição e disponibilização deste documento.

Assim analisamos as representações da Virgem do Carmo, a grande estrela do brasão carmelita, em três partes: a primeira mostrando em linhas gerais a sua iconografia e a origem do título mariano “Senhora do Carmo”; a segunda elencando as suas representações enquanto imagem devocional e a terceira sintetizando as suas aparições hierofânicas nas artes visuais em Minas.

### 2.2.1 Iconografia de Nossa Senhora do Carmo

A iconografia comum de Nossa Senhora do Carmo a representa vestida com o hábito da ordem: túnica marrom, escapulário marrom e capa branca. No braço esquerdo carrega o Menino Jesus e na mão direita porta um escapulário na forma de bentinho. Hábito carmelita e escapulário são, sem dúvida, os grandes distintivos da Senhora do Carmo. Geralmente usa véu deixando à mostra pequenas mechas de cabelo. Senhora e Menino têm coroa ou nimbo indicando santidade. Associados à Nossa Senhora do Carmo é comum encontrar anjos, nuvens, flores, estrelas e raios luminosos.

A origem deste título mariano refere-se aos acontecimentos prodigiosos e míticos que aconteceram no Monte Carmelo. A tradição carmelitana afirma que a virgem teria aparecido naquela região ao Profeta Elias séculos antes do seu nascimento. Segundo Augusto de Lima Júnior, a invocação de Nossa Senhora do Carmo está inclusa entre as quatro anunciadas aos homens como “profecia de que culto teria, nos tempos posteriores à Redenção do Mundo, àquela que seria a Mãe do Salvador e dos homens”.<sup>225</sup> O Monte Carmelo exercendo o fascínio da transcendência, que dele emana, ficou associado ao Profeta Elias e à sua visão mística. No entanto, não foi o lugar que conferiu legitimidade a este título, mas sim os fiéis, que, em memória da Santíssima Virgem, construíram uma pequena capela, mantendo viva aquela fé. Conforme salienta o carmelita Frei Pedro Thomaz Hikspoor, “o Carmo tem a vantagem de ser o primeiro lugar do mundo, que solenemente, foi dedicado sob seu nome [o nome de Maria] e onde foi invocado publicamente como a advogada poderosa da Igreja, junto de seu Filho”. Assim, é legítimo dar o nome desse monte à Virgem Santíssima, porque sobre ele “ela tem direito tão antigo, tão legítimo e tão glorioso”.<sup>226</sup>

---

<sup>225</sup> LIMA JÚNIOR. Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*, p.101. Segundo esse autor, mencionando Frei Agostinho de Santa Maria, as lendas cristãs da Igreja Primitiva atestam que a primeira menção a Maria ocorreu em Ática no ano 2821 da criação do mundo; a segunda na cidade de Císico, na Ásia, na qual se dedicou um templo a *Mariæ, Verbi æterni genitrici*, 1256 anos antes do nascimento de Maria. O terceiro templo foi edificado em Atenas, mesclando elementos da mitologia grega. O quarto templo foi edificado pelo Profeta Elias no Monte Carmelo.

<sup>226</sup> HIKSPOORS. Frei Pedro Thomaz, *et alli. Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*, p.179-181.

Padre Antônio Vieira, na solene festa de Nossa Senhora do Carmo em 1659, exorta que a excelência de Maria está no fato dela ser Mãe do Filho de Deus, enquanto a maior glória dos carmelitas está no fato de serem considerados filhos adotivos dessa soberana Senhora. “O filho natural, ama-se porque é filho; o filho adotivo é filho porque se ama. Ser natural é fortuna; ser adotivo é merecimento”.<sup>227</sup> Assim, como mãe acolhedora, a Virgem do Carmo foi honrada pelos carmelitas, que sempre viram nesse fundamento de sua Ordem causa de privilégios e prestígios.

### 2.2.2 Imagens devocionais de Nossa Senhora do Carmo

Enquanto imagem devocional Nossa Senhora do Carmo é representada em pé, em sua iconografia tradicional. Padroeira das seis capelas terceiras dedicadas ao Carmo em Minas Gerais, no século XVIII, a Virgem ocupa lugar de destaque no templo, ou seja, o trono do altar-mor.<sup>228</sup> É comum encontrar nas ordens terceiras mais de uma imagem devocional relativa à Nossa Senhora do Carmo, geralmente a mais antiga, datável do século XVIII, e outras posteriormente incorporadas ao acervo imagético, provavelmente em função da mudança de gosto artístico; ou do próprio devir do tempo, que inutilizou determinada imagem para o culto – deterioração, perda do decoro, etc.

Geralmente as imagens de Nossa Senhora do Carmo são imagens de vestir,<sup>229</sup> o que é explicado pela facilidade em representar no autêntico tecido o escapulário carmelita, conferindo-lhe verossimilhança. Esta peça de pano exerce fascínio no imaginário cultural carmelitano. Segundo o Estatuto da OTC de Sabará o escapulário corresponde à roupa de “gala do céu, que a Virgem Senhora Nossa deu por sua mão para divisa [ou seja, reconhecimento] a todos os que professam no instituto carmelitano”.<sup>230</sup> Encontramos imagens de vestir representando Nossa Senhora do Carmo no trono do altar-mor da OTC de Mariana, de Ouro Preto e de Sabará. As três peças são datáveis de meados século XVIII. Segundo o Inventário de Bens Móveis e Integrados - IBMI do IPHAN, elas são de fatura local, usando hábito marrom, longo

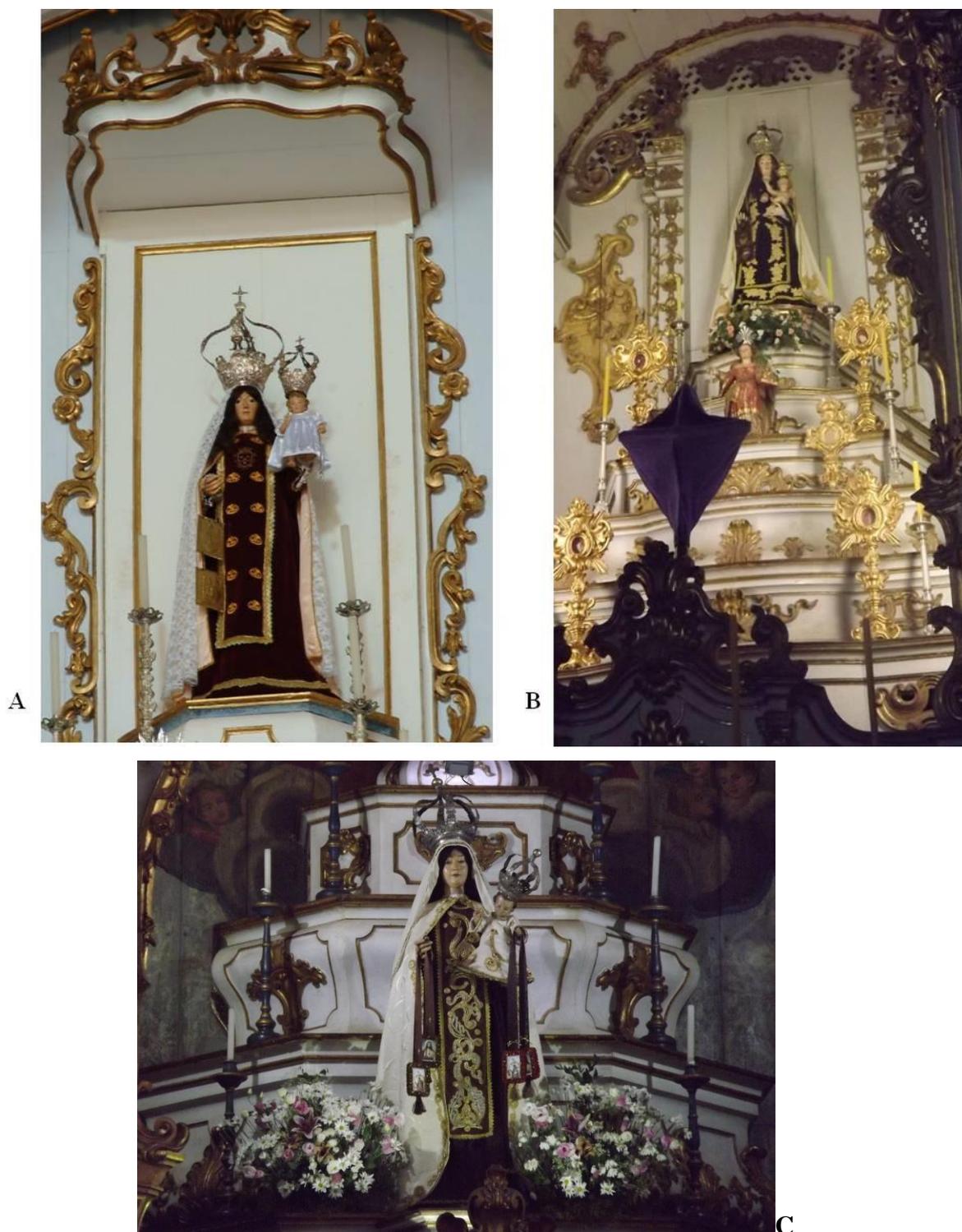
<sup>227</sup> VIEIRA, Antônio S.J. Sermão de Nossa Senhora do Carmo. In.: *Sermões*. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980, p.230.

<sup>228</sup> A OTC de Recife e João Pessoa, por exemplo, são dedicadas à Santa Teresa d'Ávila.

<sup>229</sup> Em nossa dissertação utilizamos a classificação das imagens de vulto, ou seja, “aquelas livres no espaço, e trabalhadas na frente e no verso, permitindo vários pontos de vista”, proposta por Beatriz Coelho e Maria Regina Emery Quites. Cf. COELHO, Beatriz e QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em madeira*, em especial o quadro explicativo da página 39. Sobre as imagens de vestir cf. QUITES, Maria Regina Emery. *Imagem de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006 (História, Tese de doutorado).

<sup>230</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 18<sup>o</sup>, § 11.

escapulário, capa branca, véu e coroa de prata. No braço esquerdo elas carregam o Menino Jesus. Ambas as imagens são esculpidas de modo a carregar bentinhos nas mãos. Estes, por sua vez, são periodicamente trocados, conforme percebemos nas análises comparativas entre fotos antigas e atuais.



**Figura 14 A.** Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Foto: Leandro Rezende. **Figura 14 B.** Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do Altar-mor. Foto: Leandro Rezende. **Figura 15 C.** Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Foto: Leandro Rezende.

Em São João Del Rei há recorrência de três imagens de Nossa Senhora do Carmo. Duas de talha inteira e uma de vestir. A imagem do trono do altar-mor é peça recente, de madeira esculpida e policromada, datada de 1924 e de procedência portuguesa, conforme se lê na inscrição em sua base “A. A. Estrela Porto/ Esculp. Porto, 1924”.<sup>231</sup> Há uma pequena imagem de talha inteira conservada na sacristia, com belo valor artístico, tanto na forma quanto na policromia. É atribuída ao Mestre dos Anjos Sorridentes, entalhador e santeiro ainda incógnito que trabalhou na região de São João Del Rei, em fins do século XVIII.<sup>232</sup> Segundo o IBMI do IPHAN, a peça tem rosto suave, com sorriso ingênuo, corpo elegante e harmonioso, com farto panejamento. Sua policromia chama a atenção pelo esgrafitado e pelas punções, principalmente no escapulário e pelos querubins da peanha, com seus leves sorrisos. Já na capela anexa do Santíssimo Sacramento, temos uma imagem de vestir datável do século XIX, de origem local, com fatura popular, exceto o Menino Jesus, que é de provável procedência portuguesa.<sup>233</sup> Segundo Luiz de Melo Alvarenga, em 1855, ocorreu uma grande reforma na igreja e no dia 6 de julho, “houve a benção da nova imagem de Nossa Senhora do Carmo e da capela-mor, com Missa Cantada e Sermão”.<sup>234</sup>



**Figura 16.** São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. 1924. Foto: Leandro Rezende.

<sup>231</sup> IPHAN. CDI. IBMI: São João Del Rei - Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/93.094.042.

<sup>232</sup> Cf. SANTOS FILHO. Olinto Rodrigues dos. Características específicas e escultores identificados. In COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*, p.123-150.

<sup>233</sup> IPHAN. CDI. IBMI: São João Del Rei - Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/93.094.056.

<sup>234</sup> ALVARENGA, Luiz de Melo. *Igrejas de São João Del Rei*, p.54-55.



Figura 17 A. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Nossa Senhora do Carmo exposta na sacristia. Século XVIII, atribuída ao Mestre dos Anjos Sorridentes. Figura 16 B. Detalhe do desenho do escapulário. Fotos: In.: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*, p.220.



Figura 18. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da imagem de Nossa Senhora do Carmo da Capela do Santíssimo Sacramento. Século XIX. Foto: Leandro Rezende.

Ainda na Capela da OTC sanjoanense existem duas interessantes representações escultóricas de Nossa Senhora do Carmo. Ambas colocam a Virgem Maria em meio corpo sobre o brasão carmelitano: monte com três estrelas, reiterando, com eloquência, que a Virgem Maria é Senhora e Soberana do Monte Carmelo, conforme a antiquíssima tradição desse título mariano. Trata-se da magnífica portada ornamental do frontispício e da tarja de coroamento do arco-cruzeiro. A tarja é datável da segunda metade do século XVIII e atribuída a Manoel Rodrigues Coelho, que fez diversos trabalhos para a Ordem.<sup>235</sup> A Virgem do Carmo aparece na tarja superior, sobre nuvens e é envolta por raios dourados, simbolizando sua manifestação sagrada.



**Figura 19. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do coroamento do arco-cruzeiro. Foto: Leandro Rezende.**

Já a portada do frontispício, de gosto rococó, foi parcialmente executada pelo Mestre Antônio Francisco Lisboa, que na parte central fez as armas da ordem, os dois querubins com escapulário e cartela nas mãos, o medalhão com a Virgem do Carmo e o Menino Jesus, bem como o Pai Eterno e o Espírito Santo, com excepcional qualidade técnica. Francisco de Lima Cerqueira e o Mestre dos Anjos Sorridentes também fizeram acréscimos nessa graciosa obra. Como afirma Olinto Rodrigues, “para ver com olhar crítico essa escultura monumental, é preciso abstrair a parte inferior e centrar a vista na

<sup>235</sup> Cf. verbete COELHO, Manoel Roiz. In: MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, v.1, p.187.

Virgem e, depois, divagar pelo Pai Eterno e pelos dois querubins com escapulários”.<sup>236</sup> Carlos Del Negro, em *Escultura Ornamental Barroca do Brasil*, afirma que este é “o mais soberbo e original dos medalhões compostos pelo Aleijadinho” e chama a atenção para a Virgem do medalhão e sua semelhança com a Virgem do lavabo da Capela do Carmo de Ouro Preto. Para o estudioso aquela imagem é

testuda, roliça, sorridente, nobre, calma, apresenta as seguintes características: figura curta, porém graciosa; nariz fino e reto; leve prognatismo; olho direito maior e mais baixo que o esquerdo e desviado para a esquerda, mesma característica da Virgem do lavabo do Carmo de Ouro Preto. Entretanto o Menino Jesus difere do do Carmo acima referido; tem a conformação da cabeça da Virgem com a base do nariz mais larga.<sup>237</sup>

As características do Pai Eterno e da pomba do Espírito Santo também são recorrentes na linguagem artística desenvolvida pelo Mestre Aleijadinho em outros trabalhos de sua lavra, a exemplo do coroamento do altar-mor da Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Ouro Preto (o Pai Eterno) e da portada da Capela dos Sacratíssimos Corações, São Miguel e Almas e Senhor do Bom Jesus nas Cabeças, em Ouro Preto (o Espírito Santo).

Francisco Antônio Lopes atesta que, segundo a tradição local, o entalhe da fonte da sacristia carmelita ouro-pretana é de autoria do Mestre Aleijadinho, todavia não “existem, é certo, no arquivo do Carmo, documentos que confirmem essa tradição. Mas também nada há que a desautorize”.<sup>238</sup> Pela documentação a obra foi arrematada por Francisco de Lima Cerqueira, que provavelmente repassou o trabalho para o Aleijadinho. Trata-se de trabalho gracioso, datável de 1776 – conforme inscrição na peça; feito em pedra-sabão representando a Virgem do Carmo e seu Menino, em meio corpo, sobre nuvens encaracoladas e dois golfinhos, com caudas terminadas em volutas. Interessante observar que, da mesma forma que na portada da OTC de São João Del Rei, essa peça recebeu tratamento de policromia e douramento. Ainda apresenta as seguintes inscrições latinas: *Fons eris ó Virgo nobis et orig salutis* – “Ó Virgem, serás para nós a fonte e a origem da Salvação”, o que é muito apropriado em se tratando de um lavabo;<sup>239</sup> e nos escudos laterais as inscrições “*Gloria Libani*” “*Décor Carmelli*” – “Glória do Líbano”; “Esplendor do Carmelo” – típicos lemas dos emblemas carmelitanos.

<sup>236</sup> SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *O Aleijadinho na Região do Rio das Mortes*. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2014.

<sup>237</sup> DEL NEGRO, Carlos. *Escultura Ornamental Barroca do Brasil*, p.141.

<sup>238</sup> LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*, p.39.

<sup>239</sup> O lavabo é uma espécie de chafariz composto de uma pequena bacia e uma fonte, geralmente com ornamentação. É usado para suprir de água a sacristia. Cf. ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro*: Glossário de Arquitetura e Ornamentação: Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro, 1980 e DAMASCENO, Sueli: *Igrejas Mineiras*: Glossário de bens móveis. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura / UFOP, 1987.

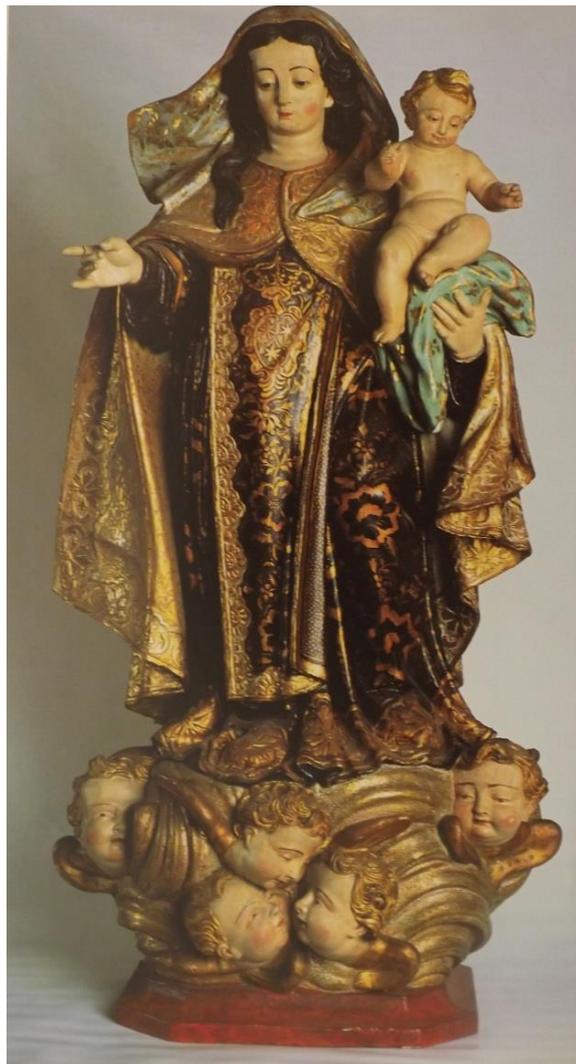


**Figura 20 A. São João Del Rei. Detalhe da portada da Capela da Ordem Terceira do Carmo. Foto: Leandro Rezende. Figura 19 B. Ouro Preto. Detalhe do lavabo da sacristia da Ordem Terceira do Carmo. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

Por sua vez, em Diamantina há bela imagem de talha inteira esculpida em madeira dourada e policromada. A Virgem tem a cabeça levemente direcionada para a direita e olhar inclinado para baixo, rosto largo e boca pequena. No braço esquerdo carrega o Menino Jesus e na mão direita segura o escapulário. Veste hábito carmelitano com escapulário e capa, ambos ornados com flores e ramos dourados – decoração fitomorfa. É provavelmente uma peça de origem portuguesa, erudita, com olhos de vidro. Em 1758, o tesoureiro Domingos Rodrigues de Carvalho importou da corte uma imagem de Nossa Senhora do Carmo e duas coroa de prata.<sup>240</sup> É inventariada em 1771: “Uma imagem de Nossa Senhora do Carmo com seu menino e coroas de prata que pesam 28/8as”. A imagem está em perfeita harmonia com a suntuosidade da talha do retábulo-mor associada com o alto nível das pinturas e dos douramentos realizados pelo Guarda-mor José Soares de Araújo, fazendo “do interior da Igreja do Carmo de Diamantina um dos mais significativos exemplares de decoração religiosa mineira da segunda metade do século XVIII”.<sup>241</sup>

<sup>240</sup>Diamantina. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina (AOTCD). Livro de Despesas da OTC. 1758-1784, fl 2. *Apud*. IPHAN. CDI. IBMI – Diamantina. Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/95.121.022.

<sup>241</sup> Minas Gerais- Monumentos Históricos e Artísticos – Circuito do Diamante. *Revista Barroco* 16, p.295.



**Figura 21. Diamantina. Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Imagem do altar-mor. Foto: In.: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*, p.168.**

Por fim, a imagem de Nossa Senhora do Carmo que orna o altar-mor da OTC do Serro é uma escultura devocional de talha inteira, de origem mineira, datável do fim do século XVIII, de fatura popular e rosto ingênuo, com a típica representação da Virgem do Carmo: hábito marrom, escapulário e capa, Menino Jesus no braço esquerdo e mão direita própria para segurar o bентinho, que se perdeu e não foi repostado. A única referência documental que encontramos sobre a peça é o ajuste de sua encarnação, feito em 1816, obra confiada a Manuel Fernandes Leão, irmão da Ordem, que faria esse trabalho em troca do que ele e sua mulher deviam ao sodalício. Vejamos o termo:

Termo de Concordata sobre a encarnação da Imagem nova da Senhora do Carmo e da nova torre do lado direito e fatura do sino.

Aos vinte dias do mês de junho de 1816 nesta Capela de Nossa Venerável Ordem em Ato de Mesa e se achando presente os mesários abaixo assinados com a presidência do nosso Procurador, digo do nosso Reverendo Padre Comissário e o Irmão Prior e sendo ali foi dito pelo nosso Irmão Procurador

de que era preciso fazer-se termo de concordata que se tinha feito com o encarnamento da nova imagem de Nossa Senhora do Carmo com o nosso irmão Manoel Fernandes Leão pela quantia que o mesmo arbitrasse depois de feita a obra, pois ele propôs a fazer a dita obra por conta do que ele e sua mulher devessem a esta Venerável Ordem, cujo termo retificaram a todo tempo [...] e mandaram fazer este termo.<sup>242</sup>

Nesse mesmo ano a Ordem do Serro, reunida no consistório da capela, determinou que se fizesse a solene festa da padroeira com Missa Cantada, pois no dia 16 de julho iria se entronizar a nova imagem da Senhora.<sup>243</sup> Com esse termo exemplificamos que, em Minas, foi comum a comutação de trabalho especializado de artistas e artífices por pagamento de dívidas ou anuais. Nessa troca de trabalho por quitação de dívidas ganhava tanto a associação leiga, que teria um trabalho artístico feito sem custos extras, quanto o fiel congregado, que ficaria isento de seus débitos. Percebemos assim uma rede de sociabilidade horizontal, de ajuda mútua entre os membros, bem como um espaço privilegiado para obras pias, na medida em que muitas vezes o fiel fazia esse acordo pela devoção que tinha.



**Figura 22. Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo do Serro. Imagem de Nossa Senhora do Carmo do altar-mor. Foto: Delson Junior.**

<sup>242</sup> Diamantina. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina. AEAD. Caixa 387, bloco A. Irmandade de Nossa Senhora do Carmo. 1816-1840. Termo de Concordata sobre a encarnação da Imagem nova da Senhora do Carmo e da nova torre do lado direito e fatura do sino, fl. 46.

<sup>243</sup> AEAD. Caixa 387, bloco A. Irmandade de Nossa Senhora do Carmo. 1816-1840. Termo de Concordata sobre a Festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo, fl. 48v.

Percebemos que cada OTC mineira buscou aprimorar seu altar-mor com delicadas imagens de Nossa Senhora do Carmo, que em conjunto com a talha e os elementos acessórios – tais como flores, forros, castiçais, sacras, crucifixos e demais alfaias – transformaram o ambiente sagrado em harmoniosos lugares para o culto e em verdadeiros testemunhos de fé. Além de sua função de culto tais imagens, do ponto de vista da cultura artística, são importantes registros de gostos artísticos e de saberes materiais e técnicos empregados por artistas e artífices em sua confecção.

Abaixo temos um quadro<sup>244</sup>, no qual inventariamos as imagens devocionais de Nossa Senhora do Carmo, a partir do cotejamento entre a documentação, o Inventário de Bens Móveis e Integrados realizado pelo IPHAN e a pesquisa de campo.

**Quadro 5 - Inventário das imagens devocionais de Nossa Senhora do Carmo nas Ordens Terceira do Carmo de Minas Gerais**

<b>Templo</b>	<b>Invocação</b>	<b>Local no Templo</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Demais informações</b>
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo	Sacristia	Imagem de talha inteira	Século XVIII. Atribuída ao Mestre dos Anjos Sorridentes. Aparece inventariada em 1852.
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo	Portada	Entalhe em pedra-sabão	Século XVIII e XIX. Atribuída a Antônio Francisco Lisboa com acréscimos de Francisco de Lima Cerqueira e do Mestre dos Anjos Sorridentes.
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo	Tarja de Coroamento do Arco-cruzeiro	Entalhe em madeira policromado	Datável da segunda metade do século XVIII e de provável autoria de Manoel Rodrigues Coelho, segundo o IBMI.
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo	Altar da Capela do Santíssimo Sacramento	Imagem de vestir	Século XIX. Peça de fatura popular; já o Menino Jesus é de provável fatura portuguesa. Inventário de 1881: “Uma Imagem de Nossa Senhora do Carmo de Vestir com seis palmos de altura, com coroa de prata lavrada” e “Um Menino Jesus de dois palmos de altura, que está nos braços da mesma

<sup>244</sup> O critério para a elaboração dos próximos quadros foi a localização geográfica dos monumentos na seguinte ordem: OTC de São João Del Rei, OTC de Mariana, OTC de Ouro Preto, OTC de Diamantina, OTC de Sabará e OTC do Serro.

				Senhora com sua coroa de prata”. <sup>245</sup>
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de talha inteira	Datada de 1924. Segundo o IBMI, é uma escultura de gosto classicizante, em tamanho natural. Foi benta em 1 <sup>o</sup> de maio de 1925 pelo Ex <sup>mo</sup> e Rev <sup>mo</sup> Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana. <sup>246</sup>
Ordem Terceira do Carmo de Mariana	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de vestir	Século XVIII, fatura simples. Segundo o cônego Raimundo Trindade, as imagens de Nossa Senhora do Carmo, Santa Teresa e Santo Elias foram trasladadas da Capela de São Gonçalo para a extinta Capela do Menino Deus, em 14 de outubro de 1759, pois o templo dos terceiros ainda não se encontrava pronto.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de vestir	Século XVIII. Não encontramos mais dados sobre a peça.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo	Lavabo da Sacristia	Entalhe em pedra-sabão	1776 – Data inscrita na peça. Atribuída a Aleijadinho.
Ordem Terceira do Carmo de Diamantina	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de talha inteira	Século XVIII. Origem portuguesa, policromia ao estilo do barroco português.
Ordem Terceira do Carmo Sabará	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de vestir	Século XVIII. Em 1831, o pintor Joaquim Gonçalves da Rocha recebeu por encarnar a imagem de Nossa Senhora do Carmo. Aparece inventariada em 1836.
Ordem Terceira do Carmo do Serro	Nossa Senhora do Carmo	Altar-mor	Imagem de talha inteira	Fins do século XVIII. Foi encarnada em 1816.

Fonte: Visita em Campo; Belo Horizonte. IPHAN. CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC. IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Ouro Preto – Igreja da OTC.

<sup>245</sup> AOTCSJDR. Livro de Inventário de 1852 a 1881.

<sup>246</sup> IPHAN. CDI. IBMI: São João Del Rei - Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/93.094.042

### 2.2.3 Hierofania Carmelitana

Além das esculturas devocionais em talha inteira, de vestir e em alto-relevo, encontramos, nas OTC mineiras, representações pictóricas de manifestações hierofânicas de Nossa Senhora do Carmo; momento de revelação do sagrado e de profunda contemplação, no qual o divino e o sublime se fazem presentes no mundo tangível ao ser humano.

Segundo Mircea Eliade, o homem toma conhecimento do sagrado na medida em que ele se manifesta, diferenciando-se daquilo que é natural ou costumeiro. Essa manifestação, ao se tornar uma realidade inteligível ao homem, é chamada de hierofania. Para o autor, “esse termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*”.<sup>247</sup> A manifestação ou revelação do sagrado pode acontecer de maneiras diversas e, geralmente num ato misterioso, ela transforma a realidade imediata, distinguindo-a de uma realidade qualquer. Um simples sinal sagrado instaura uma nova orientação na forma de se (com)portar no mundo, criando-se uma nova conduta. Por exemplo, Moisés redefiniu seu modo de viver a partir do episódio da Sarça Ardente,<sup>248</sup> pois para o homem que acredita e que tem fé, a manifestação do sagrado é de suma importância. Eliade ainda completa que os homens das sociedades antigas tinham tendência em viver o mais próximo do sagrado ou dos objetos consagrados, que, em sua concepção, eram fontes de poder, configurando a realidade. Haveria uma experiência total da vida em função do sagrado. Essas sociedades são classificadas como “sociedades sacralizadas”, na qual a experiência divina seria um almejo plenamente realizável, na medida em que o homem cercava-se do sagrado em seu cotidiano. Com efeito, no universo luso-brasileiro do Setecentos, em especial nas Minas, floresceu uma sociedade sacralizada, na qual o sentimento religioso católico estava presente em todos os momentos da vida e, principalmente, na hora da morte.

No que diz respeito à hierofania carmelitana encontramos respaldo nas aparições que ocorreram no período medieval, principalmente aquela ao frade inglês Simão Stock, em 1251, e ao Papa João XXII, pontífice que instituiu a Bula Sabatina em 1322, além de outras aparições místicas aos santos, geralmente professos na Ordem do Carmo. A cena com São Simão Stock é, sem dúvida, a mais recorrente em OTC mineiras: encontra-se

---

<sup>247</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.17. (Grifos do autor).

<sup>248</sup> Refiro-me ao episódio descrito em Ex 3, 1-22, no qual Deus se manifesta a Moisés dando-lhe uma missão.

pintada no forro da capela-mor do templo carmelita de Diamantina, Serro e Sabará; na sacristia da congênera de Ouro Preto e na portada ornamental, esculpida em madeira para a OTC do Serro. Também se encontrava no forro da nave da capela terceira de Mariana, infelizmente destruído por incêndio. Mestre Ataíde pintou para o sodalício carmelitano de Ouro Preto um quadro com essa cena que, atualmente, está salvaguardado no Museu da Inconfidência. Além disso, em nossas pesquisas, foram levantadas duas imagens devocionais de São Simão Stock, que estão intimamente relacionadas à Nossa Senhora do Carmo: a de Sabará, obra documentada de Antônio Francisco Lisboa; e a de São João Del Rei, imagem de vestir, incorporada ao acervo recentemente, uma vez que não aparece inventariada na década de 1990 pelo IBMI do IPHAN.

Simão Stock foi o sexto Prior Geral dos Carmelitas, eleito em 1245, e sua especial devoção à Nossa Senhora do Carmo foi recompensada por uma aparição milagrosa, em 16 de julho de 1251, festa solene de Nossa Senhora do Carmo. A Virgem entregou-lhe o santo escapulário dizendo:

Meu muito amado filho recebe este Escapulário da tua Ordem, sinal da minha confraternidade, privilégio para ti e todos os Carmelitas. Quem com ele morrer, não padecerá o fogo eterno. Eis o sinal da salvação, a salvação nos perigos, pacto de paz a aliança para sempre.<sup>249</sup>

O escapulário tornou-se o símbolo e o modelo de fé para os filhos do Carmelo, que deveriam levá-lo consigo em sinal de devoção e de pertencimento.

Portanto, tendo em mente a narrativa da manifestação miraculosa de Nossa Senhora do Carmo a São Simão Stock, podemos analisar as representações iconográficas acima mencionadas. A mais antiga delas, com certeza, é a do forro abobadado da capela-mor da OTC de Diamantina, ajustada em 3 de março de 1766, com o artista bracarense José Soares de Araújo,<sup>250</sup> “que é o mais perito na dita Arte, que há neste continente (...) pelo preço de um conto e quatrocentos mil réis, tudo dourado e pintado (...) na última perfeição e satisfação desta Mesa”.<sup>251</sup> A pintura, em perspectiva ilusionista, é formada por minuciosa trama arquitetônica, composta por

<sup>249</sup> HIKSPOORS. *Frei Pedro Thomaz, et alli. Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*, p.146.

<sup>250</sup> Sobre o Guarda-mor José Soares de Araujo cf. MAGNANI, Maria Cláudia Orlando. *Cultura Pictórica e o Percurso da Quadratura no Arraial do Tijuco no século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*; SANTOS, Antônio Fernando B. *A igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina e as pinturas ilusionistas de José Soares de Araújo: identificação e caracterização*; DEL NEGRO Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira (Norte de Minas)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – IPHAN. 1978.

<sup>251</sup> Diamantina. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina (AOTCD). Livro de Termos das Eleições de 1761, fl.14. *Apud* anexos da tese de MAGNANI, Maria Cláudia Orlando. *Cultura Pictórica e o Percurso da Quadratura no Arraial do Tijuco no século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*.

quatro possantes pilastras laterais unidas por arcos contrais, [que servem] de suporte ao desenvolvimento dos temas ornamentais que preenchem completamente todo o quadro central, deixando pouquíssimo espaço à representação figurativa da Virgem entregando o escapulário a São Simão Stock. Estes temas ornamentais, tratados com extraordinária abundância de detalhes, dão a impressão de obra de ourivesaria, reforçada ainda pelo predomínio da tonalidade cinza com realces de ouro distribuídos em pequenos toques em toda a composição.<sup>252</sup>

Maria Claudia chama a atenção para o efeito persuasivo da pintura. Segundo ela:

trata-se de uma refinada urdidura de arquitetônica fingida assentada na curvatura da abóbada de berço, que eficientemente amplia ilusoriamente o espaço por meio da utilização apropriada da perspectiva, dando continuidade ao contíguo conjunto escultórico do retábulo. (...) Aqui, o efeito ilusório é exímio e amplia, aos olhos do observador, o espaço arquitetônico para além das cimalkas. Ainda que a falsa arquitetura não arrombe o teto, mas seja finalizada com um quadro recolocado (como sói acontecer em Portugal e no restante da colônia quando se trata da quadratura), o efeito persuasivo é notório.<sup>253</sup>

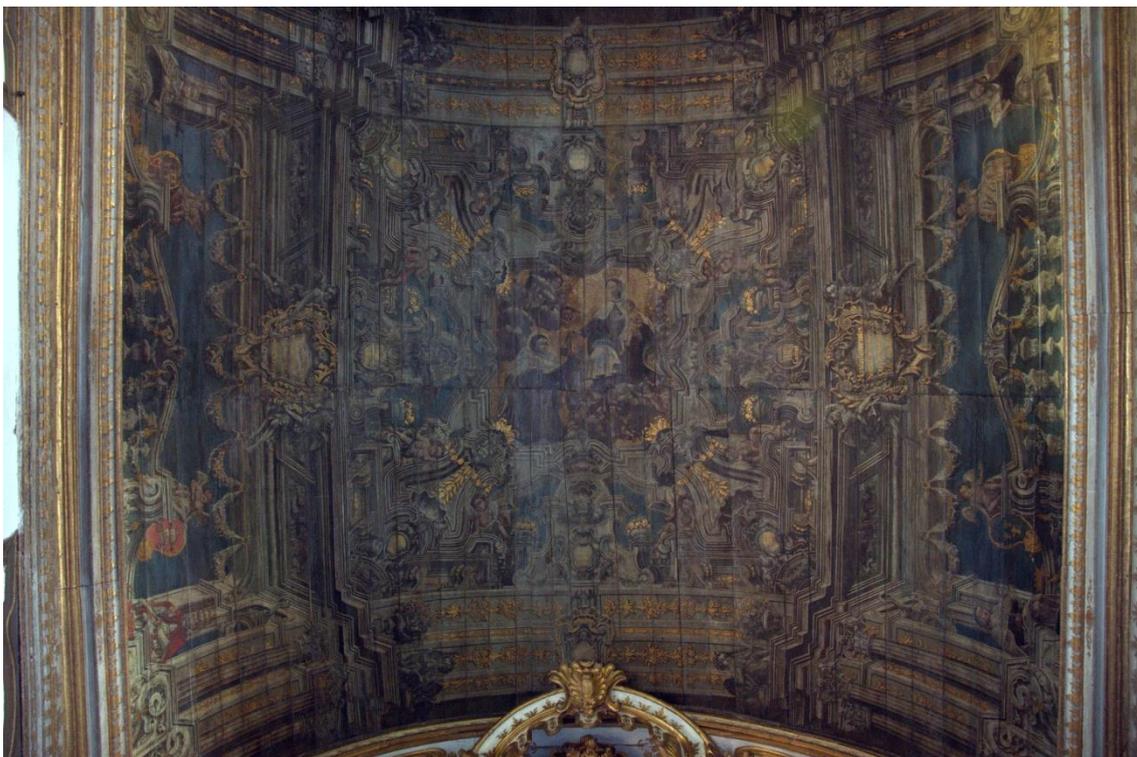
Assim, podemos supor que o pintor da capela-mor do Carmo de Diamantina sofreu certa influência dos tratados de pintura e arquitetura, principalmente o tratado do jesuíta Andrea Pozzo, hipótese essa confirmada por Mateus Alves Silva em sua dissertação de mestrado.<sup>254</sup>

Para além da trama arquitetônica, que não constitui nosso foco de análise, encontramos elementos fitomorfos, anjos, cartelas, guirlandas. Nos cantos, há representação de quatro santos, com seus respectivos emblemas: São Zacarias, profeta (igreja e livro aberto), São Luís, Rei de França (flor-de-lis, cravos e coroa de espinhos), São Dionísio, papa (tiara e chaves cruzadas) e Santo Eduardo, Rei da Inglaterra (leões, flor-de-lis e crucifixo). No centro, a visão celestial se desenrola em ambiente diferenciado, demarcado por um fundo dourado, no qual surge a Senhora do Carmo, vestida com o hábito carmelita, envolta por nuvens e anjos. Somente a Virgem está coroada e sua cabeça é envolta por raios luminosos. O Menino Jesus encontra-se no braço direito em atitude de bênção. O olhar da Virgem é direcionado para sua mão direita, que entrega o escapulário – na forma de bentinho – a São Simão Stock, também vestido com o hábito carmelita. O frade, de joelhos, em atitude contemplativa, ergue as mãos. Curiosamente, ele é representado jovem e sem barba.

<sup>252</sup> Minas Gerais- Monumentos Históricos e Artísticos – Circuito do Diamante. Revista Barroco 16. p.297. Há outras descrições desse forro em DEL NEGRO Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* (Norte de Minas), p.15 e no IBMI – Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina, bem número MG-95.121.007.

<sup>253</sup> MAGNANI, Maria Cláudia Orlando. *Cultura Pictórica e o Percorso da Quadratura no Arraial do Tijuco no século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*, p. 138.

<sup>254</sup> SILVA, Mateus Alves. *O Tratado de Andrea Pozzo e a Pintura de Perspectiva em Minas Gerais*.



**Figura 23.** Diamantina. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Forro da capela-mor. Guarda-mor José Soares de Araújo, 1766. Foto: Mateus Alves Silva.



**Figura 24.** Diamantina. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Guarda-mor José Soares de Araújo, 1766. Foto: Mateus Alves Silva.

No Serro, a pintura da capela-mor também é em perspectiva, todavia de inspiração Rococó.<sup>255</sup> O forro, em abóboda de berço, é composto por muro parapeito, do qual sai elementos de sustentação que se ligam ao medalhão central, formado por “cercaduras em enrolamentos e concheados, angras, [elementos em] “C” e linguetas”; na parte superior há arremate “em frontão simples e cartela com inscrição que também aparece na parte inferior”.<sup>256</sup> Del Negro aponta a possibilidade de que um discípulo de Manoel da Costa Ataíde tenha feito essa obra, haja vista a semelhança com a pintura do forro da capela-mor da Matriz de Santo Antônio em Santa Bárbara. “Comparando à decoração do mestre, esta [a pintura do Serro] evidencia formas simplificadas, lisas, menos graciosas e modificações ou mutilações nem sempre felizes”.<sup>257</sup> Infelizmente, não foi encontrada documentação que ratifique essa hipótese, datando e confirmando a autoria dessa pintura.



**Figura 25. Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Autoria e data não identificados. Foto: Delson Junior.**

<sup>255</sup> OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. A Pintura em Perspectiva em Minas Colonial – Ciclo Rococó. *Revista Barroco* 12, Belo Horizonte, p.170-181, 1982. Sobre a pintura da região do Serro cf. também: PEREIRA, Danielle Manoel dos Santos. *A pintura ilusionista no meio-norte de Minas Gerais – Diamantina e Serro – e em São Paulo – Mogi das Cruzes (Brasil)*.

<sup>256</sup> IPHAN. CDI. IBMI – Igreja de Nossa Senhora do Carmo do Serro, bem número MG-95.134.004.

<sup>257</sup> DEL NEGRO Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* (Norte de Minas), p.149-150. O IBMI atribui a pintura a Manoel Antônio da Fonseca, autor do forro de Itapanhoacanga. Já o prof. Magno Mello atribui essa pintura a Silvestre de Almeida Lopes. Cf. MELLO, Magno M. Os tetos pintados: uma moda decorativa através dos tempos. In: LIMA, Renata. (coord. editorial) *Tetos do Brasil: origem, história e arte*. Rio de Janeiro: Babel, 2011, p. 113-185.

Nos balcões estão São João Evangelista e São Mateus, reconhecidos por seus respectivos símbolos: águia e anjo. A visão central é envolta por nuvens e querubins, sendo o fundo dourado. Nossa Senhora do Carmo segura o Menino Jesus, que entrega o escapulário (na forma de bentinho) a Santo Simão Stock, que, com olhar beatífico, estende sua mão. A obra foi muito modificada e repintada, apresentado, em sua parte inferior, área avermelhada, na qual provavelmente estaria concebido o Purgatório, pois os anjos ao redor estão resgatando almas desse espaço escatológico.



**Figura 26.** Serro. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Autoria e data não identificados. Foto: Delson Junior.

Em Sabará a composição da pintura da capela-mor tem gosto popular, com cores carregadas e sombreado mal resolvido. Segundo o IBMI do IPHAN o forro é de tábuas corridas em abobada de berço.<sup>258</sup> A pintura de perspectiva é composta por balcão parapeito azul com frisos branco e rosa, circundando toda a periferia. Completando a obra temos oito púlpitos, em tambor semicilíndricos amarelos, em cujos ângulos se encontra santos da ordem<sup>259</sup> e oito bases azuis com frisos rosas, onde se assentam anjos, com símbolos da ladainha de Nossa Senhora.<sup>260</sup> Ao centro grande rocalha, com a aparição miraculosa da Virgem.



**Figura 27.** Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Forro da capela-mor. Joaquim Gonçalves da Rocha, 1818. Foto: Leandro Rezende.

Visualmente, temos Nossa Senhora do Carmo, cercada por nuvens e anjos, a entregar o escapulário a São Simão Stock. A demarcação do espaço sagrado novamente é feita pelo fundo dourado, mostrando a sacralidade da cena. Todavia, o escapulário aqui representado não é o bentinho, e sim uma peça de pano que se sobrepõe aos ombros. São Simão Stock é calvo, idoso e traz consigo o lírio, símbolo da pureza e um cão, símbolo da fidelidade. No entanto, o que é mais chamativo na figura é o anjo intercessor retirando almas que ardem nas chamas do Purgatório, o que resume bem a promessa feita por Nossa Senhora a São Simão Stock, quando lhe entregou o santo escapulário.

<sup>258</sup> IPHAN. CDI. IBMI – Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Sabará, bem número MG-86.004.00174.

<sup>259</sup> A saber: Santo André Corsini, Santo Alberto, São Luís e Santo Eduardo.

<sup>260</sup> A saber: Torre de Marfim, Rosa Mística, Lua, Sol, Casa de Ouro, Sede de Sabedoria, Porta do Céu e Estrela da Manhã.



**Figura 28.** Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Joaquim Gonçalves da Rocha, 1818. Foto: Leandro Rezende.

De acordo com Zoroastro Vianna Passos, os trabalhos de pintura da sacristia, do consistório, da capela-mor e da nave, bem como o seu douramento ficaram a cargo de Joaquim Gonçalves da Rocha,<sup>261</sup> em contratos firmados – em 1813 e em 17 de abril de 1818 –, conforme se vê:

Aos dezessete de Abril de 1818 no Consistório da Capela da Senhora do Carmo desta Vila [...] compareceu Joaquim Gonçalves da Rocha, para com ele se ajustar a pintura e douramento do Corpo desta Capela, que de fato se ajustou pela quantia de um conto e setecentos mil réis, ficando ele pintor obrigado a fazer a mesma pintura e

<sup>261</sup> Carlos Del Negro aponta a possibilidade do Alferes José Ribeiro da Fonseca ser o autor de repinturas nos tetos desta Capela, bem como dos anjos da capela-mor.

douramento dentro de prefixo tempo de dois anos, e debaixo das seguintes condições: 1 – Que seria pintado todo o teto, levando um braço de arquitetura com quartelas de três faces nos seus pedestais, em os quais se pintariam vários anjos com emblemas de Nossa Senhora nas mãos. 2 – Que no mesmo teto seriam pintados ou os doze Apóstolos, ou doze santos desta mesma Ordem Terceira da Senhora do Carmo. 3 – Que no meio teria um painel da Coroação da mesma Senhora, e a Trindade, em um globo de nuvens guarnecido de vários coros de anjos e querubins. 4 – Que levaria na frente por cima da cimalha um painel da figura da Santa Madre Igreja, que consta de um Pontífice com a custódia do Santíssimo Sacramento, e Nossa Senhora com a Cruz, e por baixo da mesma custódia as Taboas da Lei, e debaixo desta o Novo e o Velho Testamento. 5 – Que seria pintada toda a cimalha real fingida de pedra de cambiantes, e o friso com o melhor gosto. 6 – Que seriam pintados todos os painéis a óleo, e o mais a tempera, por melhor acerto e viveza das cores. 7 – Que todo o arco seria de novo pintado a óleo, e alguns filetes dourados com o melhor cômodo, e a eleição dele mesmo pintor. 8 – Que serão também dourados os dois altares colaterais com toda a sua talha, nos fundos de branco burnidos pela forma do altar-mor, e os seus camarins pintados de sedas de campo perola. 9 – Que seriam dourados os dois púlpitos com seus campos brancos, e as suas imagens estufadas e encarnadas, e portadas, e o assento dos mesmos pintados a óleo, com os seus filetes dourados pela forma do arco, e as portas da entrada dos mesmos também com filetes de ouro, e todas as portadas do copo da Igreja fingidas de pedra a óleo. 10 – Que seria dourada toda a talha do coro, campos de branco também burnido, e no painel do meio se pintarão a óleo a Fé a Esperança e a Caridade, e os dois atlantes seriam fingidos de bronze e douradas as suas roupas e as colunas, e pias com seus filetes de ouro a mordente. 11 – Que nas paredes de todo o Corpo da Igreja se pintaria um azulejo de altura competente com vários painéis da Escritura, sendo tudo envernizado para a sua conservação.<sup>262</sup>

Percebemos que o Termo não foi seguido à risca, pois na capela-mor foi pintada a cena da aparição de Nossa Senhora do Carmo, com os emblemas marianos nas mãos dos anjos; os santos da ordem foram pintados na nave e os atlantes foram encarnados e não pintados na cor do bronze como ficou ajustado. Na capela da OTC de Sabará não há representação da Coroação de Nossa Senhora. A pintura do forro da nave representa a visão do arrebatamento do Profeta Elias, conforme a escritura bíblica de 2Rs 2, 1-18.

Em Ouro Preto, na sacristia da OTC, tem-se uma preciosa pintura de forro cujo formato é retangular, artesoadado, ou seja, com desenho trabalhado entre as molduras que fazem a divisão dos quadros.<sup>263</sup> É composto por quatro painéis de formato caprichoso que circulam o medalhão oval com a Virgem do Carmo, em glória, coroada por anjos, enquanto entrega o escapulário a São Simão Stock. Em torno do medalhão, tem-se uma profusão de santos carmelitas: Santo Alberto, recebendo a regra carmelita diretamente da Virgem do Carmo; Santa Maria Madalena de Pazzi, recebendo da Senhora um véu de

<sup>262</sup> PASSOS, Zoroastro, Vianna. *Em torno da História do Sabará*, p.117-118.

<sup>263</sup> Segundo o *Glossário de Arquitetura e Ornamentação*, artesoadado é o tipo de forro com divisões entre molduras. Por sua vez, a nomenclatura “artesoadado” deriva-se de “artesão”, que é o painel quadrangular ou poligonal, com ornato ou moldura, para a aplicação em tetos. Os forros com divisões em desenho mais simples e formas retangulares são comumente chamados de caixotões. Cf: ÁVILA, Affonso, GONTIJO, João Marcos Machado e MACHADO, Reinado Guedes. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro – Coleção Mineiriana – Obras de Referência. Disponível em CD-ROOM.

finas rendas (ambos no mesmo painel); o profeta Elias no deserto; São João da Cruz, numa visão mística; e, por fim, Santa Teresa no momento da transverberação.



**Figura 29. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Forro da Sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805. Foto: Sílvio Luiz Rocha Viana Oliveira.<sup>264</sup>**

Nessa pintura há inscrição, na qual se lê: “O vigário/os sacristães do ano/ de 1805 foram os devotos que man/daram pintar essa obra”. Novamente vemos os leigos

<sup>264</sup> Agradeço ao Sílvio Luiz e a Claudina Moresi pelas fotos do forro da sacristia da OTC de Ouro Preto. Elas fazem parte do levantamento realizado pelo projeto Pintores Coloniais em Minas Gerais: evolução histórica, técnica e conservação, com apoio da FAPEMIG.

(sacristães) e o clero diocesano como benfeitores contribuindo com a ornamentação do templo dos carmelitas.<sup>265</sup>



**Figura 30. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805. Foto: Sílvio Luiz Rocha Viana Oliveira. Transcrição: “O vigário/os sacristães do ano/ de 1805 foram os devotos que man/daram pintar essa obra”.**

No painel que representa Santo Alberto e Santa Maria Madalena de Pazzi, Nossa Senhora do Carmo aparece envolta em nuvens e anjos, numa composição semelhante à dos painéis de azulejos da capela-mor, certamente a fonte de inspiração para o pintor do forro. Santo Alberto foi bispo de Vercelli e depois patriarca latino de Jerusalém. Escreveu a primeira regra carmelita, que foi confirmada pelo Papa Honório III, em 1225.<sup>266</sup> Na cena aparece com trajes episcopais próprios de sua condição: mitra, capa e cruz latina. A Virgem e o seu Menino estão coroados e envoltos por raios luminosos e, com a mão direita, a Senhora entrega um pergaminho alusivo à regra. Já Santa Maria Madalena de Pazzi é uma santa carmelita, originária da cidade de Florença, nascida em 1566. À moda de Santa Teresa d’Ávila, ela também tinha visões místicas. Segundo Louis Réau, a santa florentina “*asaltada por tentaciones, dirigió una ardiente plegaria a la Virgen que la liberó cubriéndola con un velo blanco*”.<sup>267</sup> Na representação ouropretana a Virgem, sem o Menino, envolta em nuvens cobre Santa Maria Madalena de

<sup>265</sup> De acordo com as pesquisas de NEVES e COTTA, em 1805, o vigário do culto divino era Inácio Gonçalves Dias e os sacristães eram: Jacome Thimatio de Araujo, Joaquim José Sant’Anna, Inácio Cassemiro, Antônio Simplício, Domingos Ferreira Netto, Bernardo Francisco Xavier e João Pedro de Magalhães.

Pazzi com um véu de finas rendas, quase transparente; a cena acontece em ambiente fechado, e um anjo na lateral esquerda porta emblemas de suplício – cilício e chicote –, símbolos das penitências que fazia.



**Figura 31. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805. Foto: Sílvio Luiz Rocha Viana Oliveira.**

<sup>266</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte Cristiano*. Iconografía de los Santos: De la A a la F. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008, p.50.

<sup>267</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte Cristiano*. Iconografía de los Santos: De la G a la O. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008, p. 339.

Por sua vez, o painel central é significativo no contexto da obra e encontra-se em perfeita harmonia com o restante da composição. Nele, um dos anjos sustenta vários escapulários (na forma de bentinhos) juntamente com alguns corações, de modo que Nossa Senhora do Carmo, em atitude austera, entrega o escapulário a São Simão Stock, enquanto o Menino Jesus, que está no braço esquerdo da Virgem, docilmente recebe o coração. Essa cena edificante exprime o fato de que aquele que recebe o escapulário passa a ter uma vida dedicada ao serviço divino e, em contrapartida, recebe os favores celestes. Na obra São Simão Stock é calvo, veste o hábito da ordem e está em atitude contemplativa.



**Figura 32. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. 1805. Foto: Sílvio Luiz Rocha Viana Oliveira.**

Segundo Adalgisa Arantes Campos,<sup>268</sup> essa pintura foi erroneamente atribuída ao mestre Ataíde, que trabalhou na OTC de Ouro Preto, em diversas obras, entre 1809 e 1829. Todavia, levando em conta a paleta e as características da pintura, é mais condizente que a obra seja de autoria de Manoel Ribeiro Rosa (1758/1808), artista marianense, que, em Ouro Preto, trabalhou na Capela da Ordem Terceira do Carmo, na

<sup>268</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. Manoel Ribeiro Rosa: biografia e pinturas o território das Minas Gerais. *XXX Congresso do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro, 2010. Resumo disponível em: [http://www.cbha.art.br/pdfs/cbha\\_2010\\_campos\\_adalgisa\\_res.pdf](http://www.cbha.art.br/pdfs/cbha_2010_campos_adalgisa_res.pdf)

Capela de São José dos Homens Pardos,<sup>269</sup> na Matriz de Nossa Senhora do Pilar (altar de Santo Antônio),<sup>270</sup> na Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos<sup>271</sup>; também fez obras na Matriz de Santo Antônio de Itatiaia, distrito de Ouro Branco,<sup>272</sup> e na Capela de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Bárbara.<sup>273</sup> É preciso destacar que na composição da sacristia da OTC de Ouro Preto, Rosa demonstra grande perícia na pintura de finas rendas e delicados panos, bem como na composição de rosas e flores, gosto presente em outras obras do artista, que valoriza a paisagem natural na elaboração do plano de fundo.

Ainda procedente da OTC de Ouro Preto, temos uma pintura a óleo de pequenas proporções, que atualmente se encontra no Museu da Inconfidência. A obra é atribuída ao Mestre Ataíde e seu ateliê, tendo em vista a composição e o uso das cores, em especial os tons ocres. Adalgisa Arantes Campos destaca que a peça deve ser datável do primeiro terço do século XIX, época em que se situa “o grosso da pintura decorativa e de cavalete de Ataíde”.<sup>274</sup> Iconograficamente, Nossa Senhora do Carmo assentada num trono entrega o escapulário na forma de pano ao frade inglês, calvo e contemplativo. O fundo é dourado e apresenta dois querubins, de fatura inferior, certamente trabalho feito por algum aprendiz. A cena é movimentada tanto pelo tratamento perspectivo quanto

---

<sup>269</sup>TRINDADE, Raimundo. A Igreja de São José de Ouro Preto. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 13. Rio de Janeiro: SPHAN, 1956; RIBEIRO, Marília A. A Igreja de São José de Vila Rica. In.: *Barroco* 15. Belo Horizonte, p.447-459. 1990/2; CAMPOS, Adalgisa Arantes (org). *Capela de São José dos Homens Pardos em Ouro Preto: História, arte e restauração*. Belo Horizonte: C/Arte, 2015; PRECIOSO, Daniel. Legítimos vassallos: pardos livres e forros na Vila Rica Colonial (1750-1803) Franca: Unesp, 2010 (História, Dissertação de mestrado).

<sup>270</sup>CAMPOS, Adalgisa Arantes; REZENDE, Leandro Gonçalves; MORESI, Claudina Dutra; OLIVEIRA, Sílvia, L. R. V; SILVA, Cristina N. De santo franciscano a capitão da cavalaria paga: a imagem de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e suas transformações artísticas no primeiro quartel do século XIX. *Imagem Brasileira*, no prelo.

<sup>271</sup> TRINDADE, Raimundo. Irmandade do Rosário de Ouro Preto (freguesia do Pilar). In: *Anuário do Museu da Inconfidência* IV. p.236-45, 1995/57.

<sup>272</sup> IPHAN, CDI. Arquivo Permanente. Pasta Matriz de Santo Antônio de Itatiaia. Levantamento Documental sobre a Igreja Matriz de Santo Antonio de Itatiaia feito por Márcia Chuva.

<sup>273</sup> Cf. os trabalhos da profa. Adalgisa Arantes Campos sobre a dupla de pintores Manoel Ribeiro Rosa e José Gervásio de Souza Lobo: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas sobre um pintor luso-brasileiro e a iconografia dos novíssimos (a morte, o juízo, Inferno e o Paraíso) em fins da época colonial. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v.9, anos IX, n.2, p.1-21, 2012. Veja também: ALVES, Célio Macedo. Manoel Ribeiro Rosa: genial, injustiçado e florido. *Revista Telas & Artes*. Belo Horizonte, Ano II, n.10, p.29-33, jan./fev. 1999; ANDRADE, Rodrigo M. F. de. A pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do IPHAN*, Rio de Janeiro, n.18, 1978; ALVES, Célio Macedo. Pintores, policromia e o viver em colônia. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n. 2, p. 81-85, 2003; REZENDE, Leandro Gonçalves e LEOPOLDINO, Armando Magno A. Manuel Ribeiro Rosa: o artista, sua obra e seu tempo. In: *Anais do II Colóquio Internacional de História da Arte e da Cultura*. Juiz de Fora: Laboratório de História da Arte/PPGH/Instituto de Ciências Humanas, 2012, v1, p. 285-293 e REZENDE, Leandro Gonçalves e LEOPOLDINO, Armando Magno A. Pintores coloniais na Minas Setecentistas: a vez de Manoel Ribeiro Rosa. In: *Anais do VIII Encontro de História da Arte – História da Arte e Curadoria*: Campinas: Unicamp/CHAA/IFCH, 2012, P.329-340.

<sup>274</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes (org.). *Manoel da Costa Ataíde: Aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte. C/Arte, 2003, p.228.

pelo panejamento revolto e excessivo, o que “estabelece forte unidade entre as três personagens centrais”.<sup>275</sup>



**Figura 33. Ouro Preto. Museu da Inconfidência. Nossa Senhora do Carmo e São Simão Stock. Atribuído a Manoel da Costa Ataíde. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

Por fim, em Ouro Preto, a manifestação hierofânica de Nossa Senhora do Carmo está presente em seis dos dez painéis de azulejos, que recobrem as ilhargas da capela-mor.<sup>276</sup> Esses azulejos constituem os únicos exemplares do gênero nas Minas Setecentistas, como já foi mencionado.<sup>277</sup> Sua referência documental diz respeito ao

<sup>275</sup> MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Catálogo das obras.

<sup>276</sup> Sobre a azulejaria portuguesa cf. MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1985; SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria no Brasil – Comunicação destinada ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia, 1959. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 14. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, dentre outros.

<sup>277</sup> Sobre os azulejos da OTC de Vila Rica, ver: Francisco Antônio LOPES. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1942; NEVES, Maria Agripina e COTTA, Augusta de Castro. *Do Monte Carmelo a Vila Rica: Aspectos Históricos da Ordem Terceira e da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Ouro Preto: Edição do Autor, 2011.

assentamento, arrematado por Manuel Francisco de Araújo, em 1784. O conjunto é formado por dez painéis azulejares, “de 20 azulejos na maior altura, incluindo neste número os três que formam o rodapé, de fundo marmoreado azul com ornamentação almofadada amarela e motivos concheados em manganês”.<sup>278</sup> Cada painel contém uma inscrição, a saber: à esquerda, “S João da Crus”; “S Pedro Thomas, Arçebispo”; “S<sup>ta</sup> Tereza de Iesus”; “S<sup>ta</sup> Maria Madalena de Pazes”; “N S terando do poso a S João da Crus”; e à direita, “São Simão Estoque”; “S<sup>to</sup> Alberto, Patriarca de Ieruzalem”; “S<sup>ta</sup> Ângela, Terceira”; “Santo Ilias no dezerto”; “Santo Ilias arrebatado”.<sup>279</sup>



**Figura 34. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Vista da capela-mor. Foto: Sílvio Luiz.**

Do lado da epístola, Nossa Senhora do Carmo aparece entregando o escapulário a São Simão Stock no primeiro painel; entregando a regra carmelita a Santo Alberto no segundo painel, em solução visual bem parecida com a da sacristia. Aliás, é preciso frisar a semelhança entre as duas obras, principalmente na composição das cenas, as nuvens, os anjos, o formato das coroas e das roupas.

<sup>278</sup> SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*, p. 198.

<sup>279</sup> Grafia conforme o original



A

B

**Figura 35 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São Simão Stock. Foto: Sílvio Luiz. Figura 34 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Alberto. Foto In: FALCÃO, Edgard Cerqueira, *Relíquias da Terra do Ouro*, p.170.**

Já no lado do evangelho, a Virgem aparece no segundo painel conversando com São Pedro Thomas – *“Religio tua perserveratur ausque infinem seculi”*. São Pedro Thomas foi um carmelita francês, Bispo de Pati e Lipari, posteriormente, patriarca latino de Constantinopla. Morreu durante uma cruzada contra os turcos.<sup>280</sup> É representado com os trajes de sua dignidade episcopal. No terceiro, Nossa Senhora do Carmo segura o Menino Jesus, que oferece seu coração a Santa Teresa d’Ávila. No quarto, ela entrega uma coroa de espinhos a Santa Maria Madalena de Pazzi, que também tinha visões místicas relativas à Paixão de Cristo. Por fim, no quinto painel há uma inusitada cena, na qual a Virgem resgata São João da Cruz, ainda criança, de um poço, provavelmente uma lenda piedosa incluída na hagiografia do santo. Em todas as cenas, Nossa Senhora aparece envolta em nuvens, cercadas de anjos e tem olhar compassivo e piedoso para com os santos de sua Ordem.

<sup>280</sup> SGARBOSSA, Mário. *Os santos e os beatos da Igreja do Ocidente e do Oriente*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 59. Sua festa litúrgica é dia 25 de janeiro.



A

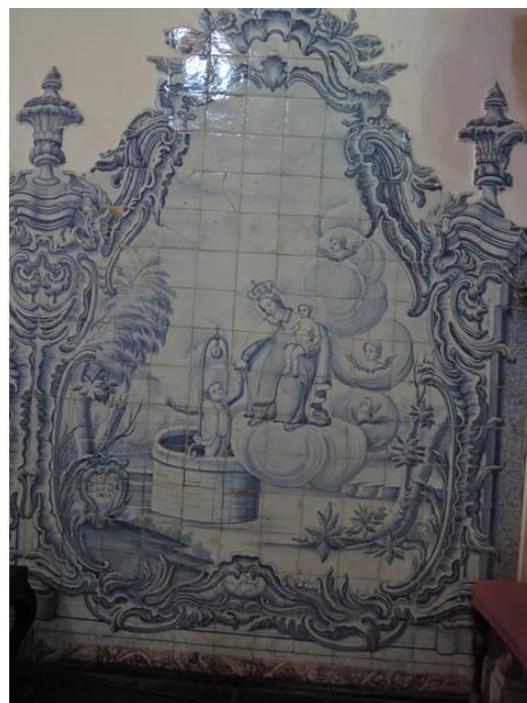


B

Figura 36 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São Pedro Thomas. Foto: Sílvio Luiz. Figura 35 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo à Santa Teresa. Foto: Sílvio Luiz.



A



B

Figura 37 A. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo à Santa Maria Madalena de Pazzi. Foto: Sílvio Luiz. Figura 36 B. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz. Foto: Sílvio Luiz.

Em Mariana, a pintura do forro da nave da Ordem Terceira do Carmo tinha a representação de Nossa Senhora do Carmo entregando o escapulário a São Simão Stock. Em 1958, na descrição feita por Del Negro, a pintura era composta de

muro-parapeito com ressaltos em forma de plinto amparado por consolo. Nos cantos e nos eixos longitudinal e transversal da abobada, o muro-parapeito apresenta balcões vazios vermelhos e azuis com o fundo decorado por ornato. O artista pinta as folhas e as flores muito miúdas e dispostas regularmente. A tarja central organiza-se com curvas, contracurvas e concheados em que predominam o vermelho e o azul; há em menor quantidade o amarelo.<sup>281</sup>

Cônego Raimundo Trindade, em *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, aponta que o autor dessa pintura seria Francisco Xavier Carneiro (1765 -1840), pintor marianense que fez obras em diversas igrejas dessa região.<sup>282</sup> O Termo é datado de 1826 e tem o seguinte teor:

Condições à face das quais se obriga o Tenente Francisco Xavier Carneiro a fazer a pintura e douramento da Igreja. 1 – a O arrematante desta obra será obrigado a espanar, varrer e a limpá-la toda, aparelhar tudo com as mãos necessárias de gesso grosso e fino. 2 – a Aparelhará de bolo toda a talha, redondos, filetes, meias canas, para de dourar, e depois de dourada a obra aprontará tudo alvaide grosso e fino para dar-se aonde a necessidade o exigir. 3 – a Fingirá pedras quando seja precisas na supramencionada obra, bornirá toda tinta ou pedra que se fizer na cimalha, colunas e quartelas: o camarim seguirá a mesma ordem da talha do altar, ficando douradas as talhas, redondos, filetes, meias canas, e o mais de branco: nos lados do camarim se fingirá seda cor de pérola, o seu teto se fará de brando com uma cercadura de ornatos: os pilares de pedra que estão junto do retábulo com seus capitéis serão feitos a ouro mordente: o mais ficará de branco. 4 – Dourará mais dois tocheiros em toda talha que neles houver, redondos, filetes e meias canas e o mais ficará de branco: os nichos onde estão Santo Elias e Santa Teresa também serão feitos com o fingimento de seda: demais serão douradas as duas credencias e se fará tudo mais, que segundo a razão e justiça se assentar que é mais acertado fazer-se para bem e utilidade da Ordem da Mãe Santíssima do Carmo. 5 - Toda esta obra será feita pela quantia de seiscentos mil reis em quatro pagamentos: o primeiro depois de acertada a obra, o segundo depois do douramento dos capitéis, o terceiro depois de concluído o douramento do altar, o quarto depois de concluída a obra. Adverte-se que se da todo aparelho para esta obra, como tintas, ouro, andaimes e tudo mais que mister for e o arrematante esta unicamente com seu trabalho e sustentação. Mariana, em o consistório da ordem, dia e mês e ano ut supra (15 de abril de 1826, fl. 138.).<sup>283</sup>

Infelizmente, só temos uma imagem colorida do forro, foto de cartão-postal. Nas pastas do IPHAN, em Belo Horizonte, não há registros fotográficos de qualidade sobre a obra destruída pelo incêndio. Assim, conforme já salientamos, a obra de Edgard Cerqueira Falcão foi muito útil na descrição da cena principal. O medalhão central se assemelha com o da composição da capela-mor do Carmo de Sabará: rocalhas em tons vermelhos e azuis arrematada com brasão da ordem. Nossa Senhora do Carmo, envolta

<sup>281</sup> DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*, p. 123.

<sup>282</sup> MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, v1 p.152-155.

<sup>283</sup> TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, p.171-172.

por nuvens e anjos, entrega o escapulário na forma de pedaço de pano a São Simão Stock. Há nítida separação entre os espaços: o sagrado, dourado, no qual a Virgem está revestida por raios luminosos; e o mundano, com o santo e paisagem ao fundo.



**Figura 38. Mariana. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Atribuído a Francisco Xavier Carneiro, 1826. Foto: Acervo professora Adalgisa Arantes Campos.**



**Figura 39. Mariana. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Francisco Xavier Carneiro, 1826. Foto: FALCÃO, Edgard Cerqueira. *Relíquias da Terra do Ouro*, p.76.**

Finalizando as representações relativas às aparições de Nossa Senhora do Carmo a São Simão Stock, temos a portada ornamental da OTC do Serro. Obra em madeira entalhada, ela ficava exposta ao tempo no frontispício, todavia, devido ao mal estado de conservação, foi substituída por réplica e atualmente se encontra no coro da capela. Nossa Senhora, envolta em nuvens e anjos, entrega o bентinho ao frade inglês, enquanto um anjo intercessor, no canto inferior direito, retira uma alma do fogo do Purgatório.



**Figura 40. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Portada original, atualmente conservada no coro. Foto: Delson Junior.**

Não somente aos santos provenientes da Ordem Carmelita, Nossa Senhora do Carmo se manifestou. Segundo a tradição, em 1322, a Virgem, em aparição miraculosa, prometera, ao Papa João XXII,<sup>284</sup> retirar do Purgatório as almas de todos os devotos carmelitas em função da crença no uso do escapulário. Essa regalia ficou conhecida como o Privilégio Sabatino, uma vez que tal ação ocorreria no sábado seguinte à morte do fiel. O Livro de Termos da OTC de Sabará transcreve o seguinte trecho do livro Tesouro Carmelitano:

estando eu pois de joelhos orando a mesma Virgem, ela me apareceu vestida em hábito carmelita, e me disse desta maneira: ó João, ó João destinado vigário de meu amado filho (...) e com meus rogos alcancei graciosamente de meu doce filho fazer-te Papa, (...) tu serás obrigado a conceder uma graça mui ampla, ou a confirmação dela a minha santa e devota ordem dos carmelitas (...) todo aquele, que entrar na dita ordem, ou nela professar a Regra (...) e guardar-se perfeitamente, perseverando em santa obediência, pobreza e castidade, se salvará. E se os outros, que por sua devoção se incorporarem na dita ordem, e guardando continência, cada um conforme seu estado, ou seja no da viuvez, ou no de solteiros, ou no de casados, segundo

<sup>284</sup> Papa João XXII é o 196º papa da História. Seu pontificado foi de 1316 a 1334.

ordena a Santa Madre Igreja; aos ditos confrades no dia que entrarem na dita irmandade, lhes será perdoada a terceira parte dos seus pecados, e aos religiosos professos na dita ordem, na hora da morte, lhes será concedida Indulgência Plenária de toda a culpa e pena; e assim eles, como os ditos confrades, se depois de passarem desta vida, forem ao Purgatório, eu descerei a ele e no primeiro sábado depois de sua morte, como mãe piedosa, livrarei de suas penas a todos que ali estiverem, e os levarei comigo ao monte santo da vida eterna; mas para os ditos confrades, gozarem desta graça, serão obrigados a rezar todos os dias as horas canônicas segundo a Regra de Alberto, e os que não souberem rezar jejuarão os dias que manda a Santa Madre Igreja (...). E dito isto, desapareceu esta santa visão.<sup>285</sup>

O *Tratado Dogmático e Práctico de las Indulgencias, Cofradias y Jubileo*, publicado em 1852, confirma os privilégios contidos na Bula Sabatina, contudo adverte que, para o devido entendimento das palavras atribuídas a Maria Santíssima, é preciso ter em mente que os portadores do santo escapulário vivem e morrem piedosamente, de acordo com seu estado, e por isso serão preservados do Inferno. Da mesma forma, a Virgem retirará as almas do Purgatório através de sua proteção e intercessão, conseguindo a remissão das penas devidas a cada culpa cometida por aqueles devotos em vida. Logo, o uso do escapulário requisitava fidelidade aos preceitos religiosos em geral e às obrigações específicas que convêm aos carmelitas, tais como rezar diariamente para Nossa Senhora do Carmo, guardar o dia de sábado, participar dos ofícios e festas carmelitanas, etc.

Assim, o Privilégio Sabatino foi defendido e propagado pelos religiosos e leigos carmelitas, resultado de uma “entusiástica onda de expansão” que a ordem vinha alcançando desde o século XIII. O pesquisador Flávio Gonçalves, em artigo de 1963, afirma que, com a difusão do Privilégio Sabatino, os carmelitas obtiveram grande aceitação “devido à invejável prerrogativa que no Purgatório os seus confrades gozavam”. Durante a Contrarreforma o valor desses sufrágios foram reafirmados e assim “imperadores, reis, papas, cardeais e outras personalidades importantes recebe[ra]m o escapulário.”<sup>286</sup>

Em Minas, temos duas representações visuais dessa cena hierofânica. A da OTC de Sabará, que se localiza na “empena sobre o arco-cruzeiro”, onde geralmente encontramos a tarja de coroamento, inexistente no caso. De acordo com o IBMI, trata-se de uma pintura em têmpera sobre argamassa, datável de 1818, se considerarmos que seu autor é Joaquim Gonçalves da Rocha. Como já mencionado, segundo o termo firmado ele deveria pintar por “cima da cimalha um painel da figura da Santa Madre Igreja, que consta de um Pontífice com a custódia do Santíssimo Sacramento, e Nossa Senhora com

<sup>285</sup> AOTCS. Livros de Termos de 1761, fl145v a 146v.

<sup>286</sup> GONÇALVES, Flávio. O Privilégio Sabatino na Arte Alentejana, p. 2-3.

a Cruz, e por baixo da mesma custódia as Taboas da Lei, e debaixo desta o Novo e o Velho Testamento”. A julgar pelo que vemos, houve uma benéfica modificação, uma vez que a iconografia da Bula Sabatina é mais condizente com o repertório iconográfico de uma Ordem Terceira do Carmo. Na cena a Virgem, envolta em nuvens, entrega um pergaminho ao papa, no qual se lê “Bulla Sabati/na”. O vigário de Cristo traja capa vermelha e segura uma cruz pontifícia (cruz com três braços). A tiara papal encontra-se do lado esquerdo, enquanto um anjo com lírio na mão observa a cena do lado direito.



**Figura 41.** Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Pintura sobre o arco-cruzeiro. Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII. Foto: Leandro Rezende.

Já na congênera de São João Del Rei, temos cena parecida no forro da nave. A obra, em alto-relevo, é em madeira esculpida, dourada e policromada. Segundo o IBMI, o medalhão é de origem local, confeccionado em meados do século XIX. É possível que se trate da uma obra encomenda ao entalhador Joaquim Francisco de Assis Pereira, que, em 1848, ajustou as obras de reforma e acréscimos da capela. A obra é estática, delimitada por elementos em “C” e por curvas e contracurvas. Nossa Senhora do Carmo, sobre um tufo de nuvens e o quarto crescente, veste o hábito carmelita e segura um singelo Menino Jesus nos braços; com a mão direita entrega um pergaminho escrito “a XXII João, bispo, servo dos servos de Deus”. O papa porta as insígnias pontificais e olha fixamente para a Senhora. Um Divino Espírito Santo raionado arremata a cena. Lê-se na parte inferior a data de 1920, data de provável reforma ou repintura.



**Figura 42.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Forro da nave. Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII. Foto: Leandro Rezende.

É fundamental destacar o uso do escapulário, como um dos principais distintivos e atrativos entre os carmelitas, pois trata-se de objeto indulgenciável. De acordo com o *Tratado Dogmático e Práctico de las Indulgencias, Cofradias y Jubileo*, “indulgência” é o mesmo que “remissão”, entretanto remissão das penas temporais, porque as penas eternas jamais serão perdoadas. O Papa Paulo V, em 1606, 1609 e 1614, concedeu aos carmelitas 13 indulgências,<sup>287</sup> sendo que a primeira era plenária aos que recebiam o escapulário, com oração, confissão e comunhão. Para adquirir o direito a essa graça, era necessário receber o escapulário das mãos de um sacerdote facultado para isso, levá-lo

<sup>287</sup> BOUVIER, I. B. *Tratado Dogmático e Práctico de las Indulgencias, Cofradias y Jubileo*. Lérida: Imprenta e Librería de Dom Jose Sol, 1852, p.159.

habitualmente e ter seu nome registrado em livro pertinente. Assim, o uso do escapulário concedia bênçãos e deveres. Como bem ressaltou Silveira,

os milagres e intervenções marianas estão além da manipulação gestual e de vestuário. De fato, em todo o processo de obtenção dos benefícios espirituais, sejam eles indulgências plenárias ou temporárias, havia a necessidade de contrição e arrependimento verdadeiros. No caso do escapulário consagrado pelo sacerdote autorizado, os irmãos terceiros, além de trazê-lo no ombro, e de fazer seu uso diário obrigatório, só obteriam seus benefícios a partir de um sentimento sincero.<sup>288</sup>

Não se trata do simples gestual, mas, sim, uma opção de vida, segundo os preceitos da Ordem. Além disso, o escapulário tornou-se símbolo de proteção nessa vida. “A sua simples presença sobre o corpo, debaixo da roupa, atribuíram-se (...) inúmeras graças – em casos de naufrágios, incêndios, desastres, guerra, tentações do demônio, doenças, partos, etc. – nos quais os portadores da insígnia carmelita se salvaram milagrosamente”.<sup>289</sup>

Flávio Gonçalves, ao analisar as representações do Privilégio Sabatino na arte alentejana, demonstra como esse tema, nitidamente medieval, tornou-se caro às preocupações escatológicas da gente lusa. Segundo o autor, a arte portuguesa conta com várias representações alusivas à história carmelita, com destaque para as cenas da Virgem do Carmo a salvar as almas do Purgatório, o que evidencia ampla aceitação da devoção carmelita. Com efeito, o culto ao Carmo ganha alta vitalidade na Contrarreforma “quando a propaganda do valor dos sufrágios se torna uma das necessidades da Igreja Católica, em resposta à heresia protestante da negação do Purgatório”.<sup>290</sup>

O Concílio Tridentino confirmou o Purgatório como uma topografia do Além e estimulou a oração e a piedade popular em prol dos aflitos que lá se encontram.<sup>291</sup> Essa popularidade logo se refletiu iconograficamente nas obras de arte, tanto em simples painéis de madeira pintados com o texto da tradução portuguesa da Bula Sabatina, quanto em telas, azulejos e retábulos de cunho heterodoxo, nos quais a Virgem literalmente desce ao fogo purificador e, em atitude contrita e maternal, resgata almas que portam o escapulário sobre os ombros. Todavia, tais representações foram estritamente proibidas por decreto do Papa Paulo V, em 1613, alertando que a Virgem

---

<sup>288</sup> SILVEIRA, Felipe Augusto Bernardi da. *A Ordem Terceira do Carmo e a vivência da morte no século XIX*, p.170.

<sup>289</sup> GONÇALVES, Flávio. *O Privilégio Sabatino na Arte Alentejana*, p.4.

<sup>290</sup> GONÇALVES, Flávio. *O Privilégio Sabatino na Arte Alentejana*, p. 2-3.

<sup>291</sup> Sobre a doutrina do Purgatório cf. LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*; VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o trabalho de luto*, e CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: Culto e Iconografia no setecentos mineiro*.

não desceria ao Purgatório, antes, pois, intercederia junto ao Senhor pelas almas que lá estavam.

Em Minas, não encontramos esse tipo de composição visual, geralmente dividido em três partes: a inferior, com o fogo do Purgatório e as almas, a intermédia, na qual uma alma está sendo resgatada, e a superior, retratando a visão celeste com a Virgem, os anjos e santos. Porém, há exemplos que atestam a popularidade do uso do escapulário como objeto indulgenciável e disseminador de graças. Nas representações propriamente ditas da Bula Sabatina não encontramos referência ao Purgatório, no entanto, como foi mencionado, o forro da capela-mor da OTC de Sabará<sup>292</sup> apresenta a figura do anjo intercessor retirando almas que ardem no fogo do Purgatório, elemento ambíguo que pune e purifica. A cena resume bem as promessas que Nossa Senhora fez, tanto a São Simão Stock quanto ao Papa João XXII, acalentando as preocupações dos devotos carmelitas que depositavam suas esperanças de Salvação no uso de seus escapulários.



**Figura 43. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da capela-mor. Anjo retirando almas do Purgatório. Foto: Leandro Rezende.**

Além das representações que propriamente trazem a Nossa Senhora do Carmo, levantamos duas imagens devocionais de São Simão Stock que estão correlacionadas à Virgem do Carmo. A mais antiga delas é a de Sabará, obra documentada de Antônio

<sup>292</sup> No Serro, tanto a portada quanto o forro da capela-mor também contam com um espaço destinado a representação do Purgatório, todavia ambas encontram-se bastantes desgastadas atualmente.

Francisco Lisboa, datável de 1778/1779.<sup>293</sup> Imagem é de talha inteira, em madeira esculpida e policromada. O santo veste hábito carmelita e tem o olhar contemplativo voltado para o alto. Segundo Myriam Ribeiro, trata-se de

uma peça excepcional, datada da fase plena do artista, quando ainda a doença não tinha destruído sua força física. Expõe um homem forte, mas emagrecido pela vida ascética, com as típicas barbas separadas sobre o queixo, o bigode curvo, o rosto marcado por fortes linhas de expressão, a fronte contraída com muitas rugas, o olhar em atitude de êxtase diante da celeste visão da Virgem Maria. (...) Quem a olha, com a boca entreaberta e o olhar distante, tem a sensação de que não está na terra, mas sim envolvida com as delícias celestes.<sup>294</sup>

Com efeito, três elementos da peça são fundamentais para se compreender sua figuração: o olhar, voltado para cima; a expressão de êxtase e a mão estendida, como quem recebe alguma coisa vinda do alto. A resposta para o porquê dessa representação encontra-se no Estatuto da Ordem sabarense. Em seu capítulo destinado à procissão do Triunfo está escrito no parágrafo 18: “o nono andor de Nossa Santíssima Mãe Senhora do Monte do Carmo dando o escapulário a São Simão Stock será conduzido por quatro Irmãos professos e adiante dois anjos com as mesmas insígnias”.<sup>295</sup> Concluímos que a imagem era usada em uma armação efêmera, em andor alusivo à entrega do escapulário. Dessa forma, a imagem precisaria conter essa carga expressiva, revelando um momento hierofânico, no qual o sagrado se manifesta ao humano.

<sup>293</sup> AOTCS. Livro Primeiro de Receita e Despesa. Rol de contas pagas de 1778-1779. Fl. 151v.

<sup>294</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina*: catálogo das esculturas devocionais, p. 66.

<sup>295</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira, Capítulo 38<sup>o</sup>, § 18.



Figura 44. Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de São Simão Stock. Antônio Francisco Lisboa, 1778/1779. Foto: In: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*, p.67.

Em São João Del Rei, até os dias de hoje, verifica-se a mesma armação efêmera, conforme podemos observar em recente festa solene de Nossa Senhora do Carmo.



Figura 45. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Armação efêmera para a solene festa de 2012. Foto: Leandro Rezende.

Abaixo, quadro com o inventário das obras levantadas na pesquisa. Salientamos o destaque que a Virgem do Carmo tinha em seus templos, sempre ocupando locais privilegiados, nos quais virtudes e méritos eram exemplificados, de modo a instruir aos fiéis que frequentavam estes espaços.

**Quadro 6 - Inventário das representações hierofônicas de Nossa Senhora do Carmo nas Ordens Terceira do Carmo de Minas Gerais.**

<b>Templo</b>	<b>Invocação</b>	<b>Local no Templo</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Demais informações</b>
OTC de São João Del Rei	Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII	Nave	Madeira esculpida, dourada e entalhada	É possível que se trate de uma obra encomendada ao entalhador Joaquim Francisco de Assis Pereira, que, em 1848, ajustou as obras de reforma e acréscimos da capela.
OTC de Mariana	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Nave	Pintura a Têmpera.	Atribuída a Francisco Xavier Carneiro, datável de 1826. Destruída no incêndio de 1999.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo entrega a regra carmelita a Santo Alberto	Sacristia	Pintura a têmpera.	Obra atribuída a Manoel Ribeiro Rosa. Consta na pintura a data de 1805.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo cobre Santa Maria Madalena de Pazzi com um véu branco	Sacristia	Pintura a têmpera	Obra atribuída a Manoel Ribeiro Rosa. Consta na pintura a data de 1805.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Sacristia	Pintura a têmpera	Obra atribuída a Manoel Ribeiro Rosa. Consta na pintura a data de 1805.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo entrega a regra carmelita a Santo Alberto	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.

OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo conversando com São Pedro Thomas	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo aparece a Santa Teresa d'Ávila	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo entrega uma coroa a Santa Maria Madalena de Pazzi	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.
OTC de Ouro Preto	Nossa Senhora do Carmo resgata São João da Cruz de um poço	Capela-mor	Azulejo	Azulejos portugueses instalados na capela-mor em 1784.
OTC de Diamantina	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Capela-mor	Pintura a têmpera.	Obra ajustada em 3 de março de 1766, com o artista bracarense Guardamor José Soares de Araújo.
OTC de Sabará	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Capela-mor	Pintura a têmpera.	Obra ajustada em 1818 com Joaquim Gonçalves da Rocha.
OTC de Sabará	Nossa Senhora do Carmo entrega a Bula Sabatina ao Papa João XXII	Empena sobre o arco-cruzeiro	Tempera sobre argamassa	Obra ajustada em 1818 com Joaquim Gonçalves da Rocha.
OTC do Serro	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Capela-mor	Pintura a têmpera.	Sem documentação que comprove autoria ou data. Del Negro acredita que possa ser de autoria de algum discípulo de Ataíde.
OTC do Serro	Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a São Simão Stock	Portada	Madeira entalhada com resquícios de policromia	Segundo o IBMI é datável de fins do século XVIII. Encontra-se muito danificada pela ação do tempo.

Fonte: Visita em Campo; Belo Horizonte. IPHAN. CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC. IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta Ouro Preto – Igreja da OTC.

Assim, ao analisar os padrões devocionais adotados pelos terceiros carmelitas nas Minas, percebemos que se trata de uma espiritualidade depurada, embasada nas determinações que provinham de instâncias superiores da Ordem. Isso se justifica, pois, ao definir e delimitar o repertório iconográfico garantir-se-ia maior controle sobre as ideias cultivadas pelos fiéis seculares das Ordens Terceiras, uma vez que estas estariam em íntima ligação com os ideais das Ordens Primeiras e Segundas. Da mesma forma, as representações e os símbolos abrolhavam nas práticas religiosas uma grande intensidade espiritual, aproximando os fiéis leigos da doutrina católica, além de transmitir os valores edificantes que norteavam cada Ordem Mendicante.

Destarte, é fundamental salientar que não nos cabe questionar aqui se tais milagres, aparições e/ou bênçãos foram, de fato, verdadeiros e inquestionáveis. Eles formam um conjunto de crenças e tradições importantes na constituição da iconografia da Ordem Carmelita, estando presentes no brasão da Ordem e na decoração das instituições estudadas, legitimando realidades plausíveis para esses fiéis. Acreditamos que tais obras são um deslumbre para a visão, que em contexto religioso elevaria corações e almas à mais plena experiência divina. O homem religioso sempre buscou meios para ascender-se espiritualmente, e, nesse sentido, as obras estudadas cumpriram com mérito sua função.

### **2.3 Devoção cotidiana: os ex-votos de São João Del Rei**

Por fim, apresento um diferenciado e interessante conjunto de ex-votos, no qual a Virgem do Carmo é a intercessora celeste. Trata-se dos ex-votos do Museu Regional de São João Del Rei. Em inventário interno realizado pelo IPHAN, na década de 1950, o Museu tinha 11 ex-votos, provenientes da OTC local.<sup>296</sup> Atualmente estão expostos dez ex-votos; nove dedicados à Nossa Senhora do Carmo e um dedicado a Santo Elias e São Francisco Xavier. Provavelmente o outro ex-voto se encontra na reserva técnica ou voltou para o templo carmelita sanjoanense conforme veremos abaixo.

Segundo Bernard Cousin,

o ex-voto, abreviado de *ex-voto suscepto*, é um donativo feito após um voto declarado e atendido. Seria então, em princípio, a terceira etapa de um processo, cujo primeiro é o pedido ou voto; o segundo a intervenção celeste

---

<sup>296</sup> IPHAN, CDI. Arquivo Permanente. Pasta Museu Regional de São João Del Rei. Documento intitulado “Acervo”, sem paginação.

em favor do devoto; e o último consistindo a “depositar o voto”, como se dizia no século XVII.<sup>297</sup>

A partir dessa definição, tiramos as seguintes conclusões: a Virgem do Carmo era considerada uma poderosa intercessora, caso contrário não haveria pedidos para ela; e que o templo de São João Del Rei era uma espécie de santuário, no qual esses ex-votos eram depositados. Com efeito, tal prática se mantém surpreendentemente nessa capela até os dias atuais, pois ainda vemos pequenos quadros impressos e manuscritos pregados na parede que leva à Capela do Santíssimo. Neles leem-se agradecimentos por graças alcançadas e testemunhos de que a Senhora do Carmo livrou devotos de situações delicadas e perigosas. Nesse sentido, há uma continuidade com que se verifica nos séculos XVIII, XIX e XX em relação à crença no milagre e no poder de intercessão dos santos.



**Figura 46.** São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Ex-voto recente. Foto: Leandro Rezende.

Os ex-votos do século XVIII e XIX são pequenas tabuletas de madeira, pintadas à têmpera. Geralmente eles narram uma história, cujo esquema compositivo é o seguinte: o enfermo e a situação na qual ele se encontra; a aparição miraculosa do santo, no caso Nossa Senhora do Carmo, em ambiente diferenciado, demarcado por nuvens e fundo dourado; e uma legenda escrita, geralmente na base. Tais peças são a materialidade de um sentimento religioso, que, com efeito, foi compartilhado por

<sup>297</sup> COUSIN, Bernard. L'ex-voto. In. *Archives Sciences Sociales des Religions*, 1979, 48/1 (juillet-septembre), p. 107-124 (Agradeço a versão em português à profa. Adalgisa Arantes Campos).

diversificados segmentos sociais. Os ex-votos confirmam que a devoção carmelita perpassava as camadas da sociedade. A Virgem do Carmo é aclamada, em momentos de necessidades, por uma simples escrava, até pelo poderoso Barão de Entre Rios.



**Figura 47.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Conjunto de dez ex-votos. Foto: Marcos Vinicius Correa.

Vejamos cada um deles e sua legenda com grafia atualizada:



**Figura 48.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Nossa Senhora do Carmo a Jacinta Maria, que estando mal apegou-se com a dita Senhora e logo alcançou melhoras” Grafia atualizada. Foto: Marcos Vinicius Correa.



Figura 49. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Nossa Senhora do Carmo a Filisberto de Mendonça que sendo uma criança a morte e já sem sentidos a mãe da dita apegou-se com a dita Senhora e logo teve melhoras no ano de 18[?]2.” Foto: Marcos Vinicius Correa.



Figura 50. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Nossa Senhora do Carmo a José Alves de Cardoso, que indo de noite pela Ponte do Rosário desta Vila lhe deram uma facada pelo peito de que esteve a morte; assistido de dois cirurgiões e apegando-se com muita fé com a Virgem Senhora do Carmo teve saúde perfeita. Ano de 1765.” Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 51. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda:** “Mercê que fez Nossa Senhora do Monte do Carmo ao seu indigno filho Antônio Álvares Villa, que estando muito mal, sacramentado e ungindo e deitando por espaço de bastantes dias e grande cópia de sangue pela boca e já desconfiado dos assistentes, nos últimos da vida, recorreu com grande aflição a sua Santíssima Mãe que lhe vale-se e por mercê da dita Senhora ficou livre aos 23 de janr.<sup>o</sup> de 1753 a.” Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 52. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda:** “Mercê que fez o Senhor Jesus de Matosinhos e a Senhora do Carmo a Antônio escravo de José da Costa de Gouveia que estando trabalhando na cata lhe caiu um bando de terra ficando enterrado até os peitos quando o tiraram tinha uma perna quebrada em várias partes e apegando-se com o dito Senhor e sua Mãe Santíssima ficou sem lesão alguma. 1770”. Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 53.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Nossa Senhora do Carmo a Josefa Pinta de Souza, escrava de Inocência Pinto de Souza, que estando muito mal de um froxo [?] de sangue deitando algumas mollas [?] e desconfiando da dita dos cirurgiões a deixaram; e ela com muita fé se apegou com Nossa Senhora que a livrou da moléstia que padecia. Março de 1759 anos”. Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 54.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez a Nossa Senhora do Carmo a Cândida Junqueira de Santa Ana, que estando gravemente enferma de um reumatismo gotoso apegando-se com fé com a dita Senhora ficou boa e para memória mandou pintar [...]”. Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 55.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Nossa Senhora Do Carmo ao Senhor Barão de Entre Rios, que estando gravemente enfermo, e vendo uma serva da Mãe Santíssima o perigo em que o dito se achava recorrendo a proteção da Soberana Senhora milagrosamente ficou bom e para memória mandou o presente fazer. Ano de 1855”. Foto: Marcos Vinicius Correa.



**Figura 56.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda ilegível. Foto: Marcos Vinicius Correa.

Há também um ex-voto do século XIX na capela da OTC que merece menção:



**Figura 57. São João Del Rei. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez a Virgem Santíssima Senhora do Monte do Carmo por a enteada [?] Margarida e Piedade ao Barão de Entre Rios que se achando desenganado por quatro médicos que o assistiam em uma grave enfermidade e declarada uma gangrena, apegando-se com a mesma senhora de coração imediatamente recebeu o uso da razão e adquiriu melhoras e depois [...] acontecido em Julho de 1855.”. Foto: Leandro Rezende.**

O conjunto é significativo sob vários aspectos.<sup>298</sup> No que diz respeito à devoção à Nossa Senhora do Carmo eles confirmam nossa hipótese de que se tratava de uma devoção compartilhada quotidianamente, em diversas agruras, pelas quais perpassavam a vida de homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e libertos. Todos eles reconheciam a valiosa intercessão da Virgem do Carmo e não hesitarão em clamá-la como sua advogada. Percebemos que diferentes grupos sociais usavam do vocabulário simbólico dos ex-votos como meio de agradecimento. Há uma nítida aproximação entre o humano e o divino, sendo o ex-voto a materialização dessa relação íntima. Como destacou Thiago Botelho,

estes objetos são apresentados de várias maneiras, utilizando metáforas e códigos criados coletivamente, interpretados por cada devoto conforme o imaginário de cada época, provocando uma análise coletiva de fé ao pedido do milagre junto à expressão de religiosidade do devoto. O ex-voto é uma manifestação cultural anônima que se relaciona com um espaço sagrado e uma devoção específica, mas, ao mesmo tempo, com sistemas de crenças compartilhadas por um grupo social.<sup>299</sup>

<sup>298</sup> A historiografia tem reconhecido os ex-votos como importante fonte documental, histórica cultural e antropológica. Através deles é possível diversificadas pesquisas, no que diz respeito a doenças, acidentes, vida cotidiana, mobiliário, escrita, etc.

<sup>299</sup> BOTELHO, Thiago de Pinho. *Milagre que se fez...* p.124.

Destarte, um ex-voto específico merece destaque, pois corrobora nossa hipótese de o escapulário ser um objeto de fascínio para o homem devoto. Trata-se do agradecimento de Antônio Álvares Villa, feito em 1753. Percebemos vários atos piedosos no desenho e na legenda que constitui o ex-voto. Primeiro era um fiel temente a Deus, que nos seus momentos derradeiros buscou uma boa morte, assistida por um religioso que lhe deu a extrema-unção, bem como leu algum trecho reconfortante para o moribundo. No seu quarto há um crucifixo ladeado por duas velas, indicando, provavelmente, que era um homem que fazia suas orações. Contudo, nossa atenção se fixa no bentinho que o enfermo traz em seu peito. Além de invocar a Virgem do Carmo ele usava o escapulário e com certeza acreditava no poder indulgenciável do mesmo.



**Figura 58. São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Detalhe do ex-voto de Antônio Álvares Villa. Foto: Marcos Vinicius Correa.**

## CAPÍTULO 3

### As outras estrelas do Carmelo

*O Profeta Elias surgiu como o fogo e sua palavra queimava como tocha. (...) Oh! Elias, como te tornaste glorioso por teus prodígios! Quem poderia vangloriar-se de ser semelhante a ti? (...) Felizes os que te viram e os que adormeceram na tua amizade!”*

*Eclesiástico 48, 1-12*

#### 3.1 O brasão carmelita e seu significado

O brasão é por excelência o emblema distintivo da Ordem do Carmo. Esse escudo heráldico é composto por monte e três estrelas, em sua forma simplificada. O monte, que muitas vezes é estilizado, refere-se ao Monte Carmelo; as estrelas estão localizadas uma ao centro, dentro do monte, e as outras duas, simetricamente, em suas laterais. Essa estrela central simboliza a Virgem do Carmo, que, como já verificamos, é soberana absoluta daquele Monte; as laterais podem simbolizar Elias e Eliseu (para os Observantes), e Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz (para os Descalços).<sup>300</sup> Assim, existindo dois ramos dentro da mesma Ordem, fez-se necessário uma diferenciação. Segundo Suzana Carrusca,

uma brevíssima análise iconográfica do brasão dos Carmelitas Descalços, permite-nos testemunhar que a Ordem fundada no século XVI por Santa Teresa de Jesus adotou a representação do Monte Carmelo no escudo da congregação. A distinção entre o brasão das duas Ordens carmelitas baseia-se unicamente na representação de uma cruz no topo do Monte Carmelo, existente no escudo dos Descalços.<sup>301</sup>

Por sua vez, os Calçados incrementaram em seu escudo o braço do Profeta Elias, segurando uma espada de fogo entrelaçada com uma fita, na qual há a seguinte citação latina, que lhe é atribuída: “*Zelo Zelatus sum pro Domino Deo Exercituum*” (“Ardo em zelo pelo Senhor Deus dos Exércitos”).<sup>302</sup>

Na prática essa diferenciação não foi aplicada na íntegra, pelo menos no território mineiro. Segundo Adalgisa Arantes Campos, “é bom ressaltar que nem sempre a presença dos ditos escudos e mesmo das devoções citadas esclarecem se de fato o que

<sup>300</sup> LEONARDINI, Nanda e BORDA, Patrícia. *Diccionario iconografico religioso peruano*. Lima: Rubican Editores, 1996, p.50-51.

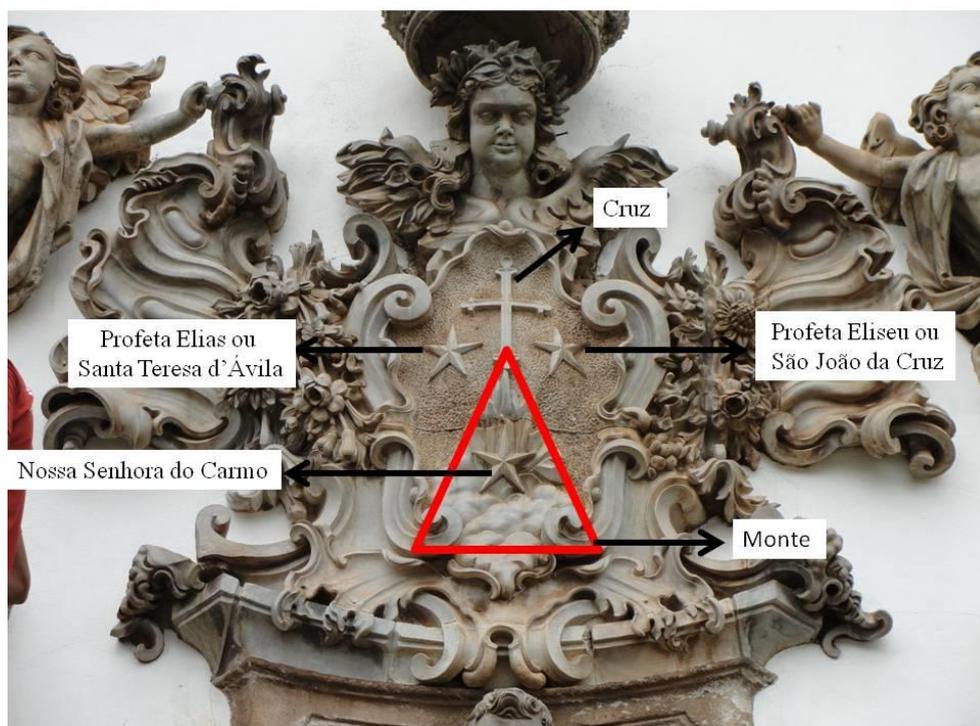
<sup>301</sup> CARRUSCA, Suzana Andreia do Carmo. *A azulejaria barroca nos conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal*. Évora: Universidade de Évora, 2014 (História da Arte, Tese de doutorado), p.28-29.

<sup>302</sup> Cf.1Rs 19, 10.

se vê é o Carmelo Observante ou o Carmelo Reformado, pois em ambos houve a tendência a fundir a sua iconografia”.<sup>303</sup>

As Ordens Terceiras carmelitas de Minas estavam associadas aos Regulares do Convento Carmelita Observante do Rio de Janeiro, como já verificamos no capítulo 1. Logo, a cruz não deveria configurar nos brasões locais. Todavia, na medida em que os dois ramos regulares e os terceiros leigos congregavam-se em Corpo Místico, não haveria problema significativo na utilização desse brasão entre os terceiros mineiros. A Ordem dos Carmelitas Descalços não rompe completamente com os Carmelitas Observantes, ao contrário, ela herda importante patrimônio semântico e simbólico. Há mais continuidades do que rupturas, num caráter de excepcional comunhão espiritual, inabalável frente àquele Corpo Místico. Assim, se mantém o já elaborado escudo carmelitano, contudo recriando novos significados para o mesmo. De qualquer forma, o brasão sintetiza a história da Ordem do Carmo, mostrando visualmente a união mística entre os seus fundadores e a Virgem do Carmo, orientados num espaço sagrado e diferenciado de transcendência: o monte.

Vejamos o esquema abaixo:



**Figura 59. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira. Portada. Esquema explicativo do brasão carmelita. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos. Arte: Leandro Rezende.**

O monte e as estrelas marcam, sobremaneira, os espaços carmelitanos. O brasão tem duas claras funções: demarcar posse e nobilitar prestígio. Assim, todos os objetos

<sup>303</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. A ordem Carmelita. *Per Musi*, p.57.

litúrgicos ou de uso cotidiano dos carmelitas serão marcados com o seu brasão, configurando direitos sobre os mesmos. Exemplificamos tal situação com a cruz processional de prata do Carmo de Ouro Preto, na qual se vê nitidamente o emblema da ordem.



**Figura 60. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Cruz processional. Prata, século XVIII. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

O brasão também conferia qualidade e nobreza aos ambientes. Por exemplo, uma capela com o brasão carmelita não era uma capela qualquer. Assim encontramos o brasão em locais privilegiados: o frontispício do templo e o coroamento do arco-cruzeiro e do altar-mor. Nesse caso o símbolo distintivo é acrescido de anjos, muitas vezes com escapulários, querubins e arremate com a coroa de Nossa Senhora. Exemplificamos com a portada da capela carmelita de Mariana, obra entalhada na pedra-sabão, no final do século XVIII, ao gosto Rococó. Os anjos que a rodeiam são de autoria de Sebastião Gonçalves Soares, que recebeu 25 oitavas de ouro “do feitiço de dois anjos de pedra para o frontispício da igreja nova”.<sup>304</sup> Ou ainda a tarja de coroamento do arco-cruzeiro da OTC do Serro, obra em madeira dourada e policromada, executada em fins do século XVIII.

<sup>304</sup> AHMI/Casa do Pilar. Livro de Receita e Despesa da Ordem Terceira do Carmo de Mariana, sem paginação.



**Figura 61. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Portada em pedra-sabão. Foto: Leandro Rezende.**



**Figura 62. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Tarja de Coroamento do arco-cruzeiro. Foto Delson Júnior.**

Tendo esclarecido como se configura o brasão carmelita e analisado a representação de sua estrela maior no capítulo precedente, daremos continuidade à nossa análise do repertório iconográfico. O texto é dividido em quatro partes: nas duas primeiras sintetizamos as representações visuais dos dois fundadores míticos e nas duas seguintes as representações dos reformadores do século XVI. Buscou-se inventariar as imagens devocionais e as obras pictóricas, evidenciando a existência de um sofisticado

repertório iconográfico na ornamentação interna que se repete nos seis templos. Conforme já fizemos no capítulo anterior agiremos em duas frentes: uma descritiva e uma analítica, que almejam entender a imagem a partir das fontes arquivísticas, bíblicas, hagiográficas e da literatura edificante carmelita, pois não tratamos a imagem como mera ilustração, uma vez que sua escolha pelos comitentes implica uma intenção, um aparato semântico e sentimental que almeja instruir, convencer e santificar o fiel a partir do exemplo.

### 3.2 Profeta Elias: o fundador mítico

Elias, originário de Tesbi, na região de Galaad, foi um asceta que viveu no Monte Carmelo em meados do século VIII a.C., na época do rei Acab. Para muitos, é, depois de Moisés, a principal figura do Antigo Testamento. Monoteísta convicto, o que é expresso no próprio significado de seu nome (Meu Deus é Yavé), defendeu, com zelo, a honra de Deus contra os idólatras, em especial os profetas de Baal. Como profeta, Elias é um intermediário entre o homem e a divindade, admoestando o povo com a palavra e os ensinamentos de Deus. Pela sua importância e pelos seus prodígios, Elias, desde a tradição do Antigo Testamento, já era considerado figura de destaque, sendo um exemplar antepassado, portanto, digno de elogios. Isso fica expresso nos versículos do capítulo 48 do Livro do Eclesiástico, conforme vemos na epígrafe acima.<sup>305</sup>

Segundo Louis Réau, em *Iconografía del arte cristiano*, a história de Elias divide-se em quatro ciclos: o primeiro, no qual o profeta dirige-se ao rei Acab e prediz um período de seca, refugiando-se, depois, na torrente de Calit, onde foi alimentado por corvos e na casa da viúva de Serapta, onde faz grandiosos milagres. Três anos mais tarde, ao voltar ao Monte Carmelo, desafia os profetas de Baal sobre quem seria o Deus verdadeiro, vencendo-os e matando-os ao fio da espada. O segundo ciclo inicia-se com a perseguição causada pelo ódio que a idólatra rainha Jezabel nutriu pelo profeta, o que ocasionou a sua fuga para o deserto, sendo alimentado por um anjo. Seguiu para o Monte Horeb, encontrando um sucessor: o profeta Eliseu. O terceiro ciclo seria o momento em que Elias volta perante Acab e reprova a morte de Nabot. E, no último, temos o profeta sendo arrebatado aos céus, num carro de fogo, deixando o seu manto para Eliseu.<sup>306</sup> Com efeito, esses episódios de sua vida conferiram-lhe seus atributos: os

---

<sup>305</sup> O Livro do Eclesiástico foi escrito por volta de 185 a.C., por Jesus, filho de Sirac, reunindo pensamentos e conselhos correntes nessa época, de modo que, em sua terceira parte, ele faz um elogio à criação divina, combinando-a com a história de ilustres antepassados.

<sup>306</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Antigo Testamento. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, p.400-412.

corvos, a espada flamejante, o anjo, o carro de fogo, o manto e, por fim, uma igreja, símbolo da fundação da ordem.<sup>307</sup>

Sua história é rica em elementos extraordinários, tendo por cenário principal dois tipos geográficos de suma importância para a espiritualidade: o monte e o deserto. Este é o lugar do recolhimento, da superação da tentação e do desânimo. É onde, com ajuda de Deus, o profeta recupera sua força física e espiritual para seguir a longa jornada. Aquele seria o lugar de transcendência, na medida em que é o centro de hierofanias (manifestações do sagrado) e de numerosas teofanias (manifestações de Deus). É o local de mediação entre o céu e a terra, entre o divino e o humano.

Segundo a tradição, Elias teve, no Monte Carmelo, uma visão mística sobre a mãe do salvador, que, simbolizada por uma fecunda nuvem de chuva, derramaria graças sobre toda a humanidade. Por isso, foi evocado posteriormente pelos fundadores históricos da família carmelitana, tornando-se o seu fundador mítico. Augusto de Lima Júnior, ao falar de Nossa Senhora do Carmo na obra *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*, afirma que

podemos com muito fundamento crer que lhe [a Elias] fora revelada a Encarnação do Divino Verbo e nome Santíssimo de Maria sua mãe, que o havia de parir, e que estas revelações se lhe fariam no Monte Carmelo, quando nele orava (...) [e por isso] um grupo de homens devotos dos santos Elias e Eliseu (...) abraçou o cristianismo e erigiu no Monte Carmelo um santuário à Santíssima Virgem, naquele mesmo lugar em que Elias vira aparecer aquela nuvenzinha anunciadora.<sup>308</sup>

Além disso, as ações do profeta são caracterizadas por intensa espiritualidade e pela manifestação do sagrado em diversas situações, legitimando-o, dessa forma, como fundador de uma ordem que, em sua essência, busca contemplar o sagrado e suas manifestações, elevando-se espiritualmente. Adalgisa Arantes Campos é enfática nesse aspecto, ao afirmar que

a origem e a trajetória histórica da Ordem dos Carmelitas se enquadra bem na ótica da *meraviglia*, pois nela houve a confluência de aspectos lendário e miraculoso (...) que serão importantes para a constituição do brasão e servirão de referência para a criação dos atributos das devoções dos carmelitas.<sup>309</sup>

Como “pai fundador”, o Profeta Elias é venerado nos templos dos carmelitas, sendo festejado no dia 20 de julho. As imagens devocionais que representam o profeta ocupam lugar de destaque nesses templos, narrando, de forma sistemática, os principais eventos de sua vida, que é descrita nos capítulos 17, 18, 19 e 21 do Primeiro Livro dos

<sup>307</sup> Sobre o ciclo narrativo da história do Profeta Elias cf. SMITH, B. L. Elias. In: DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário da Bíblia*, v. 1 São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p. 491-493.

<sup>308</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*, p.104-105.

<sup>309</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A ordem Carmelita. Per Musi*, p.54.

Reis e nos capítulos 1 e 2 do Segundo Livro dos Reis.<sup>310</sup> Em 1725, foi confirmado pelo Papa Bento XII como fundador dos carmelitas, autorizando a instalação de sua imagem na Praça de São Pedro, em local destinado aos fundadores de ordens religiosas. Raramente encontramos a representação individual de Elias fora de um estabelecimento carmelita. Podemos citar, por exemplo, um dos quadros que compõe o forro da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, obra de autoria de João de Carvalhais, executada em 1768, com temas relativos ao Antigo Testamento.<sup>311</sup> O Profeta Elias também será representado em cenas da Transfiguração do Senhor; porém, por não fazer parte de nosso estudo, não fizemos o levantamento dessa iconografia,<sup>312</sup> apenas salientamos que Elias aparece nessa cena recordando o poder dos profetas do Israel Antigo.



**Figura 63. Ouro Preto. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Detalhe do forro da nave. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

<sup>310</sup> Os dois Livros dos Reis são classificados na categoria de livros históricos, juntamente com 1 e 2 Sm, Js, Rt, Esd, e outros. São livros de crônicas e de relatos muitas vezes lendários, mas que contam a história do povo de Israel, para que essa fosse gravada na memória e conhecida por todos, de modo a transparecer sua mensagem.

<sup>311</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade R. de e CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*, p.29. Sobre a iconografia do forro da nave da Matriz do Pilar cf. FRAGOSO, Mauro Maia, OSB. A História da Salvação retratada no teto da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. *Coletânea*, Rio de Janeiro, Ano X, Fascículo 20, p. 233-248, jul/dez 2011.

<sup>312</sup> Sobre a Transfiguração do Senhor veja os evangelhos sinóticos de Mateus 17, 1-9, de Marcos 9, 2-8 e Lucas 9, 28-36.

Émile Mâle, ao estudar a arte religiosa depois do Concílio de Trento, destaca que a decoração das igrejas das ordens religiosas era composta por uma iconografia própria que a distinguia das demais. Logo, os carmelitas eram dignos de nota, uma vez que, de forma poética, na figura de Elias, “*la vida monástica, de la que los carmelitas dieron al mundo el primer modelo, nació en el monte Carmelo*”.<sup>313</sup> Mâle, nesse aspecto, chega a ser enfático, pois essa suposta origem bíblica nobilitava sobremaneira os carmelitas. Ele afirma que:

*nadie se sorprenderá ahoga de encontrar la vida de Elías tan frecuentemente unida a la de Eliseo, su discípulo, en las iglesias carmelitas. San Martín de los Montes, en Roma, a la que Lezana llama ‘la perla más preciosa de toda la Orden’, nos ofrece un bello ejemplo de este tema, tan lleno de misteriosas alusiones.*<sup>314</sup>

Com efeito, esse repertório iconográfico é pleno de significações para os carmelitas, sendo semanticamente interpretado pelos religiosos que professavam a regra do Carmelo. É comum, nos conventos carmelitanos, encontrarmos os grandes ciclos iconográficos que narram os momentos da vida de Elias, desde episódios que não constam na Bíblia (como a infância e a circuncisão), até passagens do Novo Testamento, como, por exemplo, a Transfiguração de Cristo, na qual Elias estava presente com Moisés. Em Minas, dada a inexistência de conventos das ordens regulares, não temos ciclos iconográficos completos, mas, sim, episódios esporádicos da vida do profeta, tanto na imaginária quanto na pintura.<sup>315</sup>

Enquanto representado na imaginária, ou seja, na forma de imagem de culto, o asceta, ocupa lugar de destaque no altar-mor, geralmente o nicho lateral esquerdo, como ocorre nas OTC de Sabará, Mariana,<sup>316</sup> São João Del Rei e Ouro Preto. Essas imagens são de vestir e trazem Elias com o hábito da Ordem Carmelita: túnica marrom, com o escapulário e o manto branco. Ele é calvo e tem longa barba. Além disso, porta em uma das mãos a espada flamejante, aludindo ao momento em que passou ao fio da espada os 450 profetas de Baal e na outra uma pequena igreja, simbolizando a fundação mítica dos carmelitas. Em alguns casos também pode ser representado com a espada e com um

<sup>313</sup> MÂLE, Émile. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*, p.188.

<sup>314</sup> MÂLE, Émile. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*, p.189.

<sup>315</sup> Sobre o ciclo narrativo do profeta Elias presente nas edificações carmelitas do Nordeste cf. HONOR, André Cabral. *Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitâneas do norte do Estado do Brasil (séc. XVI a XVIII)*, p.110-149.

<sup>316</sup> Em Mariana a imagem de Elias atualmente se encontra sobre o sacrário do altar-mor. Em fotografias antigas, disponíveis no Arquivo Permanente da 13ª Superintendência do IPHAN, em Belo Horizonte, percebemos que a imagem ocupava o nicho lateral esquerdo do altar-mor. Essa mudança se deve ao incêndio de 1999, que destruiu a nave e os altares do arco-cruzeiro. Assim, algumas imagens desses altares destruídos passaram para o altar-mor.

livro, como ocorre, por exemplo, no altar lateral da OTC de Diamantina e no nicho esquerdo do altar-mor da OTC do Serro.

A imagem do profeta Elias em Sabará é da segunda metade do século XVIII, com a cabeça de boa fatura técnica “lembrando as imagens da Igreja de São Francisco de Sabará: testa enrugada, sobrancelhas contraídas, olhos amendoados, nariz longo e meio adunco, boca pequena, com duas linhas salientes entre as narinas e o lábio superior, bigodes sinuosos, maçãs do rosto altas”.<sup>317</sup> Aparece inventariada em 1836 e é uma imagem processional. Segundo o Estatuto da OTC de Sabará, o oitavo andor da procissão seria o do “nosso Patriarca Santo Elias, que será conduzido por quatro irmãos professos”.<sup>318</sup>



**Figura 64. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. Foto: Leandro Rezende.**

Em Mariana, a imagem do Profeta Elias ocupa, atualmente, a posição central no altar-mor, abaixo da Senhora do Carmo. É uma imagem de vestir datável de meados do século XVIII, apresentando grande apuro no delineamento do rosto e da barba. Sabemos

<sup>317</sup> IPHAN. CDI. IBMI. Sabará – Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/86-004.0001

<sup>318</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira. Capítulo 38º § 18.

que, em 1759, a OTC marianense já tinha sua imagem de Santo Elias, transladando-a para a Capela do Menino Deus.



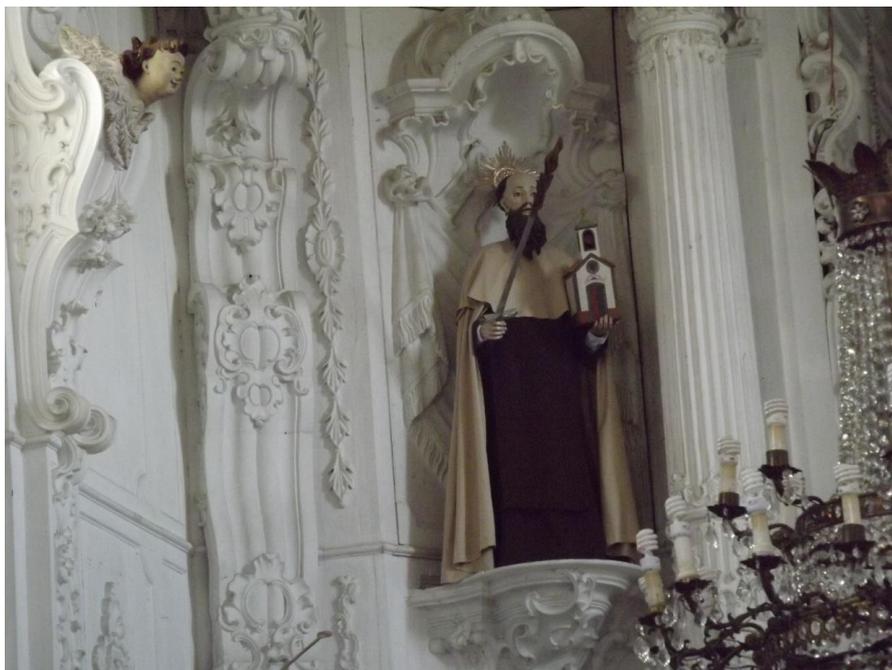
**Figura 65. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

Em São João Del Rei, a imagem de Elias é de início do século XIX, de fatura popular e “rosto inexpressivo”, segundo o IBMI.<sup>319</sup> Foi inventariada em 1852: “uma imagem de Santo Elias de vestir, com hábito e capa de seda branca, igreja e espada na mão, com seu resplendor de prata”.<sup>320</sup> Das imagens inventariadas o que mais chama a atenção é a espada do profeta, única que manteve a policromia avermelhada em sua ponta.

---

<sup>319</sup> IPHAN. CDI. IBMI. IBMI: São João Del Rei – Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/93.094.057.

<sup>320</sup> AOTCSJ. Livro de Inventário da Ordem Terceira do Carmo. 1852.



**Figura 66.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. Foto: Leandro Rezende.

Finalizando o conjunto de imagens de vestir do Profeta Elias, temos a da OTC Ouro Preto, também datável de início do século XIX e que apresenta o profeta em sua iconografia tradicional, inovando apenas na colocação de um capuz sobre sua cabeça.



**Figura 67.** Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de vestir do Profeta Elias. Foto: Leandro Rezende

No Serro, a imagem do grande profeta é da segunda metade do século XVIII, todavia, ao contrário das anteriores, ela é de talha inteira, esculpida em madeira e policromada. A peça é de origem local, de fatura popular e ocupa o nicho lateral esquerdo do altar-mor. Apresenta Elias em sua iconografia tradicional: hábito carmelita com capa branca, levemente movimentada, e espada. Na mão esquerda segura um livro, símbolo do grande profeta que foi.



**Figura 68. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Profeta Elias. Foto: Delson Junior.**

Por sua vez, em Diamantina, encontramos a imagem mais erudita do Profeta Elias. Esculpida em talha inteira, a imagem é valorosa em sua forma e policromia “à tempera em cinza e preto e douramento com punção, esgrafiado e pastiglio”.<sup>321</sup> Possui a mão direita levantada, o que confere movimento e carga dramática à peça. A mão esquerda segura um livro entreaberto pelo indicador. É de origem portuguesa, datável do século XVIII e ocupa altar próprio na nave da capela. Segundo a documentação, em

<sup>321</sup> IPHAN. CDI. IBMI. Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo. bem número MG/ 95. 121. 023.

1765, a ordem pagou 25 oitavas a “Manoel Marques Fera por conduzir as imagens de Santa Teresa e Santo Elias”.<sup>322</sup>



**Figura 69. Diamantina. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Profeta Elias. Foto: In: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*, p.36.**

Já na pintura, Elias é apresentado em momentos especiais de sua vida, com destaque para o embate contra os falsos profetas. Todavia, em Minas, nessa técnica, a sua principal representação figurativa é relativa ao momento em que o profeta foi arrebatado aos céus, por um carro de fogo puxado por cavalos, deixando o manto para seu sucessor, o profeta Eliseu, conforme o relato bíblico:

O senhor decidiu arrebatá-lo ao céu num redemoinho. (...) Depois que Elias e Eliseu passaram pelo rio Jordão, Elias disse: pede o que queres que eu faça antes de ser arrebatado da tua presença. Eliseu respondeu: Que me seja dado o dobro do teu espírito. Elias respondeu: Estás me pedindo algo muito difícil. Se me observares quando eu for arrebatado de tua presença teu pedido será concedido; caso contrário não será. Então enquanto andavam conversando, um carro de fogo e cavalos de fogo os separaram um do outro e Elias subiu ao céu num redemoinho. Eliseu ficou vendo e gritava: meu pai meu pai! Carro de Israel e seu condutor! Depois, não o viu mais. Em seguida apanhou o manto que tinha caído dos ombros de Elias. (2Rs 2, 1; 9-13)

<sup>322</sup> AOTCD. Livro de Despesas da Ordem Terceira do Carmo 1766 para 1767, fl.8. *Apud*. IPHAN. CDI. IBMI. Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo., bem número MG/ 95. 121. 023.

Essa também é a representação que encontramos no forro da nave da OTC de Diamantina. Esse precioso forro, em abóboda de berço, foi executado pelo pintor e Guarda-mor José Soares de Araújo, por contrato firmado em 1778, no qual, dentre outros trabalhos,<sup>323</sup> comprometia-se a pintar “o teto do corpo da igreja todo fixado de arquitetura com perspectiva, com ornatos e figuras nos lugares competentes, no meio santo Elias dando a capa a Eliseu”,<sup>324</sup> e para tanto receberia oito contos e quinhentos mil reis. Apresentando elementos característicos da pintura barroca, o forro tem “trama arquitetônica em tom acinzentado, com nuances de vermelho e marrom”, que garante grande efeito de profundidade.<sup>325</sup> Segundo Antônio Fernando B. Santos, essa pintura

é composta inferiormente por um balcão reto, com mísulas decoradas por querubins e cartelas cordiformes com desenho de influência oriental e envolvidas por concheados e guirlandas de rosas em azul e vermelho. De cada um dos lados, três tribunas em arco abatido, frisados e com sacada curva com balaustres, avançam para a nave da igreja e são ocupadas por “graciosos meninos” que seguram guirlandas de rosas.<sup>326</sup>

Essas três tribunas deixam pouco espaço para o medalhão central, no qual se destaca o profeta Elias, que, sentado no carro de fogo, ocupa a maior parte da cena. O profeta está vestido com seu hábito marrom, e lança sua capa branca para o discípulo Eliseu, que, com os braços estendidos, espera na parte inferior da cena.<sup>327</sup>

A pintura do forro do nártex também foi contratada no ajuste de 1778: “as colunas de baixo do coro será pintura de ornato em perspectiva”. Contudo, como bem observa Antônio Fernando, “a pintura desse forro, além de não ser em perspectiva, não apresenta as características formais do Guarda-mor, não podendo ser a ele atribuída”.<sup>328</sup> A historiografia já demonstrou que o pintor bracarense trabalhava com a ajuda de outros pintores de sua oficina. Em seu testamento, datado de 1789, consta a presença de escravos douradores e pintores. O forro do nártex é composto de dois painéis: um dedicado a Elias e outro a Eliseu. Na representação, Elias aparece sentado junto à

---

<sup>323</sup> Ficou ajustado também o douramento de altares, pintura da sacristia e a pintura do nártex, no qual há representação de Elias recebendo pão dos corvos.

<sup>324</sup> Livro dos Termos para o Governo da Venerável Ordem Terceira do Carmo – 1774 a 1900. Documento transcrito em: DEL NEGRO, Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira: Norte de Minas – Pintura dos tetos de igrejas*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1979, p.24 (Grafia atualizada).

<sup>325</sup> IPHAN. CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo, bem número MG/95.121.008.

<sup>326</sup> SANTOS, Antônio Fernando B. *A igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina e as pinturas ilusionistas de José Soares de Araújo: identificação e caracterização*, p. 74.

<sup>327</sup> Os cantos da pintura da nave são ocupados por santos carmelitas, a saber: São Bertoldo e São Bocardo, confesores gerais da Ordem, São Alberto Patriarca de Jerusalém e Santo André Corsino. Todos vestem capa carmelita e portam livro aberto.

<sup>328</sup> SANTOS, Antônio Fernando B. *A igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina e as pinturas ilusionistas de José Soares de Araújo: identificação e caracterização*, p. 74.

torrente de Calit e um corvo negro traz um pedaço de pão em seu bico, conforme o relato bíblico de 1Rs17, 6.<sup>329</sup>



**Figura 70. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Forro da nave. Guarda-mor José Soares de Araújo. 1778. Foto: Mateus Alves.**

---

<sup>329</sup> “Os corvos traziam-lhe pão e carne, tanto de manhã como de tarde, e ele bebia da torrente. Passando alguns dias, porém a torrente secou, pois não chovia mais na região.”



**Figura 71. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Guarda-mor José Soares de Araújo. 1778. Foto: Mateus Alves.**



**Figura 72. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro do nártex. Foto: IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta de fotos. Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.**

Já em Sabará, encontramos no forro da nave a mesma representação iconográfica, porém ao gosto artístico do rococó. A pintura central, que representa o arrebatamento de Elias, é ladeada por muro-parapeito retilíneo e azul, no qual temos a

representação de 12 santos<sup>330</sup> intercalados por 12 anjos músicos. Esses anjos são roliços e têm boas proporções.

A obra é atribuída a Joaquim Gonçalves da Rocha, que, conforme já vimos, ajustou as pinturas da capela carmelita de Sabará. Segundo o termo, o pintor era responsável pela pintura do teto “com ou os doze apóstolos ou doze santos desta mesma Ordem Terceira da Senhora do Carmo (...) e que no meio teria um painel com a coroação da mesma Senhora”.<sup>331</sup> Contudo, esse contrato não foi seguido à risca, uma vez que na nave temos os 12 santos, mas não temos a figura da Virgem, que, ao contrário, foi representada no forro da capela-mor entregando o escapulário a São Simão Stock.

O medalhão central é dividido em duas partes: a superior, emoldurada por nuvens, na qual o Profeta Elias está assentado no carro de fogo, puxado por dois cavalos brancos, que contrastam com as labaredas vermelhas do fundo. Elias é idoso e, em atitude de bênção, lança seu manto para Eliseu. O discípulo espera na parte inferior, na qual se observa interessante paisagem natural, com riacho, uma árvore e montes ao fundo. Del Negro considera essa pintura pobre nas cores e ingênua no desenho. “A pintura não possui trama arquitetônica e assemelha-se profundamente com a da nave de Santa Luzia do Rio das Velhas, porém mais rude e de cores mais grosserias”.<sup>332</sup>

---

<sup>330</sup> A saber, conforme inscrição na pintura: São Zacarias, Santo Abdias, Santa Maria P. C, Santa Isabel R. O., Santo Ozias, São Telosforo P. M., São Geraldo B., Santa Leocádia V. M., Santo Amós, São Dionísio B., São Serapião R. C., Santa Tecla V.M.

<sup>331</sup> Cf: PASSOS, Zoroastro, Vianna. *Em torno da História do Sabará*, p.117-118.

<sup>332</sup> DEL NEGRO. Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*, p. 114.



**Figura 73. Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da nave. Elias sendo arrebatado. Atribuído a Joaquim Gonçalves da Rocha. 1818. Foto: Leandro Rezende.**

Em Ouro Preto, Elias aparece representado em três momentos distintos: sendo arrebatado, alimentado pelos corvos e tendo a visão mística da mãe do Salvador. As duas primeiras, que são as mais antigas, encontram-se na azulejaria da capela-mor. O quarto painel do lado da epístola representa Elias, sentado à beira da água corrente, a receber pão de dois pássaros (1Rs 17,4).<sup>333</sup> No quinto painel, também do lado da epístola, temos Eliseu, de costas para quem o observa, a olhar o manto caindo das mãos de Elias, que está sentado em um carro puxado por cavalos, em meio a uma profusão de nuvens e labaredas. Cabe destacar a paisagem ao fundo, com arbustos e arquitetura, que em muito se assemelha com as representações encontradas no forro da sacristia. Com certeza, tendo em vista o espaço cronológico entre as obras, o pintor da sacristia apropriou-se dos elementos que compõem os azulejos pré-existentes.

<sup>333</sup> “La beberás da torrente, e eu ordenarei aos corvos que lá te deem alimento”



**Figura 74. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias. Foto: FALCÃO, Edgard Cerqueira. *Relíquias da Terra do Ouro*, p.174.**



**Figura 75. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias. Foto: Sílvio Luiz.**



**Figura 76. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santo Elias. Foto: Sílvio Luiz.**

Já no forro da sacristia, o painel que representa Elias tem interessante reprodução do meio natural composto por água, terra e vegetação. Além disso, mescla dois momentos da vida do profeta: o primeiro é a passagem de 1Rs 18,41-45, na qual o profeta vê uma nuvem de chuva que acabaria com a prolongada seca, e o segundo é a passagem de 1Rs 19, 11-12, na qual Deus manifesta-se através de uma leve brisa, justificando, dessa forma, o triângulo, símbolo da Santíssima Trindade.



**Figura 77. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Profeta Elias. Obra atribuída a Manoel Ribeiro Rosa, 1805. Foto: Sílvio Luiz Rocha Vianna de Oliveira.**

Nessa imagem, um arco formado por nuvens, de forma milagrosa, abre-se diante do profeta, revelando, entre anjos e raios luminosos, um triângulo, uma estrela, e o que é mais surpreendente e original, o anagrama de Maria (AM sobrepostos), mostrando claramente que se trata de uma prefiguração da mãe do Salvador, uma vez que pela distância temporal o profeta não a conheceria. Dessa forma, o conjunto ilumina misticamente Elias, como se emanasse forças para aquele que seria o fundador de uma ordem que espalharia a devoção mariana sobre a Terra. É preciso destacar que o uso da estrela como elemento figurativo é constante enquanto uma referência mariana, representando inclusive na Ladainha de Nossa Senhora (Estrela da Manhã). Contudo, o simbolismo da Estrela ganha novos significados entre os carmelitas, mostrando a íntima relação entre São Simão Stock e Nossa Senhora do Carmo, já que o frade inglês terminava sua oração *Flos Carmeli* invocando Senhora do Carmo como Estrela do Mar (*Stella Maris*). Da mesma forma, como já verificamos, a estrela é um dos componentes básicos do brasão da Ordem do Carmo.

Na OTC do Serro, temos uma pintura parietal, que se encontra acima das arcadas da capela-mor. São quatro cenas alusivas aos santos da ordem e duas às figuras do Antigo Testamento: Elias e Abraão. No lado esquerdo, há uma representação do sacrifício no Monte Carmelo, segundo o relato bíblico de 1Rs 18, 20-40. Elias aparece vestido com o hábito carmelita, e, ajoelhado, contempla uma coluna de fogo, que, descendo do céu, consome a vítima em holocausto sob o altar. Esse sinal anuncia a vitória de Elias sobre os falsos profetas, que em vão clamaram por Baal. Tais profetas, representados por dois homens de capas vermelhas, assistem à cena admirados. A obra é anônima, datável do início do século XIX e apresenta características populares: “figura de tratamento duro, carnção branca, contorno com pinceladas fortes, rosto com feições ingênuas, panejamento simplificado e perspectiva incorreta”,<sup>334</sup> contudo muito harmoniosa com os outros elementos decorativos da capela-mor.

---

<sup>334</sup> IPHAN, CDI, IBMI. Serro – Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A equipe do IPHAN não reconheceu a cena, alegando falta de elementos esclarecedores.



**Figura 78. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Elias no Monte Carmelo. Foto: Delson Junior.**

Em São João Del Rei, temos, nas ilhargas da capela-mor, uma pintura de cunho acadêmico executada pelo pintor alemão Johnn Georg Grimm. Essa obra foge do nosso recorte cronológico, tendo em vista que a OTC sanjoanense demorou por deveras na ornamentação de templo, ficando a talha sem policromia. No entanto, a ordem mostrou-se preocupada, e, em 1879, contratou duas obras com o pintor alemão, enquanto ele esteve de passagem por Minas. Introdutor do gênero de paisagem no Brasil Império, Grimm é pouco reconhecido por sua temática religiosa, presente no Carmo de São João Del Rei e no Carmo do Rio de Janeiro. A temática é o arrebatamento de Elias, sendo a composição, em tons pastéis, dividida na diagonal em duas grandes áreas: a superior, com Elias no carro de fogo, e a inferior, com Eliseu e a paisagem montanhosa. No lado do evangelho, o pintor representou a cena da Transfiguração. Ao todo, ele recebeu a quantia de 530\$000.<sup>335</sup>

<sup>335</sup> ALVARENGA, Luiz de Melo. *Igrejas de São João Del Rei*, p.51.



**Figura 79.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Johnn Georg Grimm, século XIX Foto: Heloisa Vidgal.



**Figura 80.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Johnn Georg Grimm, século XIX Foto: Heloisa Vidgal.

Segundo o IBMI do IPHAN, a ilharga é composta, na parte inferior, por “painel retangular de quartelões embasados por molduras retas, frisadas” e rocalhas, além de elementos em “c” e “s”.<sup>336</sup> Essa decoração foi executada por Manoel Rodrigues Coelho entre 1763 e 1773, conforme termo firmado com a ordem em 15 de dezembro de 1768 “para o retábulo, ilhargas e púlpitos desta Capela da Venerável Ordem Terceira pelos riscos que foram apresentados e pela quantia de treze mil cruzados e cem mil réis”.<sup>337</sup> Nessa ilharga há talha com policromia inacabada que representa duas cabeças de anjos em nuvens, da qual uma mão surge segurando o que vem a ser o manto de Elias. A mão também poderia remeter à Nossa Senhora do Carmo entregando o Escapulário a São Simão Stock. Todavia, compreendemos a representação como sendo Elias, pois ela sai

<sup>336</sup> IPHAN, CDI. IBMI. São João Del Rei – Igreja de Nossa Senhora do Carmo, [s.p.]

<sup>337</sup> DEL NEGRO, Carlos. *Escultura Ornamental Barroca no Brasil*. Belo Horizonte: Edição Arquitetura, 1961, v.2, p.142-151.

diretamente da nuvem entre anjos. Além disso, o formato do pano lembra um manto, e não o Escapulário. Da mesma forma, por não estar policromado, ele é branco, conforme a iconografia do manto.



**Figura 81.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Foto: Heloisa Vidgal.

Outro elemento que corrobora nossa análise iconográfica a respeito dessa talha na ilharga é a pintura que se encontra no anjo tocheiro do lado do evangelho. Trata-se de uma peça de grandes proporções, esculpida em vários blocos encaixados, atribuída a ao Mestre Cajuru, datável da primeira metade do século XIX. No braço direito flexionado sobre o ventre, o tocheiro sustenta um escudo oval, ornado com acantos e volutas. No centro do escudo há uma pintura representando um braço, com hábito marrom, saindo das nuvens, segurando uma espada flamejante.<sup>338</sup> A espada flamejante é o atributo típico de Elias, que se encontra representado em imagem no nicho lateral do altar-mor, nesse mesmo lado. Assim, seria propício e lícito representar Elias a partir dessa configuração, pois os dois atributos (manto e espada flamejante) estão relacionados com essa posição manual.

<sup>338</sup> IPHAN, CDI. IBMI. São João Del Rei – Igreja de Nossa Senhora do Carmo. O inventário confunde-se ao falar que essa espada seria uma pena. De fato, o outro anjo tocheiro tem essa representação no escudo. Naturalmente ele encontra-se do outro lado, junto à imagem de Santa Teresa d'Ávila, cujo distintivo é a pena e o livro.



**Figura 82. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Anjo Tocheiro, lado do evangelho. Foto: Heloisa Vidgal.**

A talha da ilharga da capela-mor desse templo também contém outros atributos alusivos ao Profeta Elias: a espada flamejante e a igreja. O resultado final ficou bem interessante, pois os símbolos policromados contrastam com a pintura branca do fundo.



**Figura 83.** São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Foto: Heloisa Vidgal.

Por fim, é preciso destacar um interessante caso de devoção popular ao Profeta Elias. Trata-se de um ex-voto que se encontra atualmente no Museu Regional de São João Del Rei. O ex-voto é dividido entre duas devoções: o profeta Elias e São Francisco Xavier. A pintura anônima representa, em um quarto, três pessoas: a enferma sobre a cama, juntamente com uma acompanhante, e uma mulher em pé, que, conforme a legenda,<sup>339</sup> é a avó da enferma. Na lateral esquerda temos Elias e na direita, São Francisco Xavier, ambos envoltos em nuvens. A representação de Elias é a tradicional: homem calvo, com barba, vestindo o hábito carmelita e portando a espada flamejante e a igreja. Percebemos com isso que, apesar de ser uma devoção restrita, Elias aparece no imaginário popular como um intercessor a Deus. Com efeito, o ex-voto traduz essa relação de proximidade e intimidade entre o devoto e o santo, que num momento de aflição recorre ao auxílio divino através de um intercessor considerado milagroso.

<sup>339</sup> São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto. Legenda: “Mercê que fez Santo Elias e São Francisco Chavier [sic] a Messias Maria Pantaliona, que se achando delirada [sic] e sua vó Florianna apegou-se com os ditos santos e a dita neta ficou boa e para memória mandou fazer o presente, anno de 1850”.



**Figura 84.** São João Del Rei. Museu Regional de São João Del Rei. Ex-voto em louvor a Santo Elias e a São Francisco Xavier. Foto: Marcos Vinicius Correa.

Destarte, concluímos que Elias é uma devoção bem específica do repertório iconográfico carmelitano. Elevado à santidade, ele tornou-se um exemplo de perfeição cristã e que, em estado de graça, pode interceder junto a Deus. Assim, como forma de lembrar suas virtudes e obediência aos desígnios de Deus, o profeta é representado em lugares de destaque e em momentos de grande fervor espiritual ou mesmo em situações místicas. Por serem mediadores entre os homens e a divindade, os santos são dignos de especial veneração na Igreja Católica, e nesse aspecto, Elias é muito querido pelos carmelitas, pois já sendo um mediador enquanto vivo, muito mais o seria em estado de graça. Não obstante, como frisou Mâle, as ordens regulares (e por que não dizer o homem religioso) ganham força moral apegando-se a tudo o que é antigo, poético e comovedor. Essa força ganha plenitude ao ser representada na Arte, evocando sentimentos, convertendo almas e corações, de modo a louvar o sagrado, proclamando “*audazmente que no hay otras realidades que no sean la del alma*”.<sup>340</sup>

A história de Elias narrada na Bíblia não precisa necessariamente conter uma verdade factual para suscitar devoção, pois como pai fundador, os carmelitas o têm como modelo e inspiração espiritual. Da mesma forma, Elias legitima o mito de origem,

<sup>340</sup> MÂLE, Émile. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*, p.191.

que, na figura de um fundador, forja o sentimento de pertencimento de precedência, tão caro à Cultura do Barroco. Os carmelitas, ao remontarem sua origem ainda no Antigo Testamento, constroem uma realidade, mesmo que poética, na tentativa de angariar direitos, privilégios e prestígio, numa sociedade hierarquizada, na qual o critério de antiguidade era de suma relevância para o estabelecimento de precedência.

Abaixo o quadro sinótico do levantamento que fizemos.

**Quadro 7 - Inventário das Representações Iconográficas do Profeta Elias nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais.**

<b>Templo</b>	<b>Invocação</b>	<b>Local no Templo</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Demais informações</b>
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Profeta Elias	Nicho lateral esquerdo do altar-mor	Imagem de vestir	Imagem de fatura popular e “rosto inexpressivo”, segundo o IBMI. Foi inventariada em 1852.
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Profeta Elias sendo arrebatado no carro de fogo	Ilhargas da capela-mor	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura de Johnn Georg Grimm, 1879.
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Transfiguração de Cristo com o Profeta Elias e Moisés	Ilhargas da capela-mor	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura de Johnn Georg Grimm, 1879.
Ordem Terceira do Carmo de Mariana	Profeta Elias	Posição central no altar-mor	Imagem de vestir	Imagem de fatura local, de meados século XVIII.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Profeta Elias vendo a nuvem no céu	Forro da Sacristia	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura atribuída a Manoel Ribeiro Rosa, 1805.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Profeta Elias sendo alimentado por corvos	Ilhargas da capela-mor	Azulejo	Azulejaria da capela-mor
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Profeta Elias sendo arrebatado no carro de fogo	Ilhargas da capela-mor	Azulejo	Azulejaria da capela-mor
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Profeta Elias	Nicho lateral esquerdo do altar-mor	Imagem de vestir	Imagem datável de início do século XIX.
Ordem	Profeta Elias	Altar de Santo	Imagem de	Imagem de origem

Terceira do Carmo de Diamantina		Elias	talha inteira	portuguesa, datável do século XVIII.
Ordem Terceira do Carmo de Diamantina	Profeta Elias sendo arrebatado no carro de fogo	Forro da nave	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura do Guarda-mor José Soares de Araújo, conforme contrato firmado em 1778.
Ordem Terceira do Carmo de Diamantina	Profeta Elias sendo alimentado por corvos	Forro do nártex	Pintura à têmpera sobre madeira	Certamente essa pintura é de algum dos oficiais que trabalhou com o Guarda-mor José Soares de Araújo.
Ordem Terceira do Carmo de Sabará	Profeta Elias sendo arrebatado no carro de fogo	Forro da nave	Pintura à têmpera sobre madeira	Atribuída a Joaquim Gonçalves da Rocha, conforme termo de 1818.
Ordem Terceira do Carmo de Sabará	Profeta Elias	Nicho lateral esquerdo do altar-mor	Imagem de vestir	Imagem de fatura local, século XVIII. Aparece inventariada em 1836.
Ordem Terceira do Carmo do Serro	Profeta Elias no Monte Carmelo	Ilhargas da capela-mor	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura anônima datável do século XIX.
Ordem Terceira do Carmo do Serro	Profeta Elias	Nicho lateral esquerdo do altar-mor	Imagem de talha inteira	Imagem datável de início do século XIX, de fatura local. Na mão esquerda segura um livro.

**Fonte:** Pesquisa de campo e Inventário de Bens Móveis e Integrados - IBMI, elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Cf. Belo Horizonte. IPHAN, Centro de Documentação e Informação – CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC.

### 3.3 O Profeta Eliseu: modelo de discípulo.

Discípulo e herdeiro do profeta Elias, Eliseu repete, em situações similares, as mesmas atitudes do seu mestre. O ciclo narrativo individual de Eliseu inicia-se no Segundo Livro dos Reis, a partir do capítulo 2, quando recebeu o manto do Profeta Elias e o dobro de seu poder. O culto devocional a Eliseu não alcançou o mesmo esplendor do que o do Profeta Elias, todavia ele é considerado o segundo fundador da Ordem do Carmo. Tem uma iconografia precisa: é calvo, usa o hábito carmelita e tem como atributo uma vasilha de azeite, um machado ou um pássaro bicéfalo, em alusão ao dobro de poder que recebeu.

Segundo Louis Réau, na medida em que Eliseu recebeu o dobro de poder de Elias ele realizou numerosos milagres, imitando o grande profeta: *“Al igual que su maestro, separa las aguas del Jordán con su manto mágico, multiplica el aceite de la viuda y resucita al hijo de la sunamita, exactamente como hiciera Elías, para la viuda de Serefta. La imitación es evidente.”*<sup>341</sup> Seu ciclo narrativo é dividido em cinco partes, começando com o chamado pelo profeta Elias, no caminho para o Horeb, episódio conhecido como a vocação de Eliseu.<sup>342</sup> Além de multiplicar o azeite da viúva<sup>343</sup> e de reviver o filho da sunamita,<sup>344</sup> suas passagens mais conhecidas são a cura da lepra de Naamã, que era chefe do exército do rei<sup>345</sup> e o prodígio do machado, que milagrosamente flutua sobre as águas.<sup>346</sup> Segundo a tradição mesmo depois de morto continuou operando milagres.<sup>347</sup>

Nas OTC de Minas não há recorrência de Eliseu na imaginária devocional. Ele aparece em uma única cena individual no nártex do templo carmelita de Diamantina e nas cenas do arrebatamento de Elias, conforme já vimos. O forro do nártex, ou seja, o teto sob o coro da OTC de Diamantina, tem formato octogonal irregular. Segundo Del Negro, a paleta constitui-se em vermelho, azul escuro, ocre e verdes. “Dentro dos octógonos, tarjas emolduradas por ornamentos simétricos compostos de enrolamentos, concheados predominantemente azuis e folhas de acanto de cores quentes,

<sup>341</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Antiguo Testamento, p.413-419.

<sup>342</sup> 1Rs 19, 19-21.

<sup>343</sup> 2Rs 4,1-7.

<sup>344</sup> Sunamita era uma rica senhora que vivia em Sunam. Cf. 2Rs 4, 8-37.

<sup>345</sup> 2Rs 5,1-19.

<sup>346</sup> Segundo a narração bíblica, certo homem cortava madeira com seu machado na beira do rio Jordão. No meio do trabalho, a parte de ferro do machado cai na água e afunda. O homem fica muito triste, pois era um machado emprestado. No entanto, Eliseu ao lançar um pedaço de pau na água, milagrosamente o machado flutuou. Cf. 2Rs 6, 1-7.

<sup>347</sup> 2Rs 13, 14-25.

alaranjadas”.<sup>348</sup> Na cena alusiva a Eliseu temos a representação da multiplicação do azeite da viúva conforme relato de 2 Reis 4, 1-7:

Uma das mulheres suplicou a Eliseu: “Teu servo meu marido está morto e tu sabes que teu servo foi temente ao senhor. Agora veio o credor para tomar meus dois filhos como escravos”. Disse-lhe Eliseu “Que queres que eu te faça mulher. Dize-me o que tens em casa” E ela respondeu: “Eu, tua serva, nada tenho em casa a não ser uma vasilha de azeite”. Eliseu então disse: “Vai e pede emprestadas, a todos os seus vizinhos, vasilhas vazias em grande número. Depois entra em casa e fecha a porta. Quando estiveres dentro, tu e teus filhos derrama azeite em todas as vasilhas e coloca-as de lado quando estiverem cheias”. Todas as vasilhas ficaram cheias. Ela então foi contar tudo ao homem de Deus. Ele disse: “Vai e vende o azeite e paga o teu credor. O que sobrar é para viverdes, tu e teus filhos”.<sup>349</sup>

Infelizmente, não fomos autorizados a fotografar o interior da OTC de Diamantina, mas pela foto que levantamos na Superintendência do IPHAN, em Belo Horizonte, percebemos uma cena movimentada, na qual Eliseu, vestido como carmelita, abençoa o azeite, que está sendo derramando em diversos potes.



**Figura 85. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro do nártex. Foto: IPHAN. CDI. Arquivo Permanente. Pasta de fotos. Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.**

Nas cenas do arrebatamento do Profeta Elias, o discípulo Eliseu aparece como coadjuvante, recebendo o manto. Com efeito, no painel de azulejos da OTC de Ouro

<sup>348</sup> . DEL NEGRO, Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira: Norte de Minas*, p. 19-20. Del Negro chama a atenção para o fato de que essa obra foge à maneira do Guarda-mor José Soares de Araújo.

<sup>349</sup> 2 Rs 4, 1-7.

Preto ele está, inclusive, de costas para o observador. Sua grande missão foi auxiliar o Profeta Elias, e como bom discípulo, ele aprendeu a crer e a obedecer ao Deus único. Sua festa litúrgica celebra-se em 14 de junho.

### 3.4 A grande mística Santa Teresa d'Ávila.

Teresa de Cepeda y Ahumada nasceu em Ávila, Espanha, em 28 de março de 1515. Mística e doutora da Igreja, ela é autora de grandes textos sobre espiritualidade.<sup>350</sup> De família nobre, desde pequena deu provas de seu amor a Cristo. Conta-se que, aos sete anos, após ler várias biografias de santos, fugiu de casa com seu irmão para buscar o martírio entre os mouros na África. Aos 20 anos, tornou-se carmelita no Convento de Santa Maria da Encarnação e lutou contra uma vida espiritual vazia: “as vozes interiores não lhe deram tréguas e ela sentiu um desejo sempre mais insistente de retornar ao primitivo rigor dos carmelitas”.<sup>351</sup> Em 1562, a freira carmelita espanhola funda um pequeno convento reformado sob a proteção de São José, com o almejo de devolver à Ordem do Carmo o seu primitivo vigor espiritual contemplativo. No entanto, uma contemplação imersa na realidade, pois a santa não se esquivava de suas ocupações e práticas cotidianas. Devido à sua peleja conquistou um lugar especial dentro da mística cristã; é considerada uma das grandes autoras espirituais que a História da Igreja já conheceu.

Com efeito, Santa Teresa d'Ávila é conhecida pelas suas visões, êxtases e episódios místicos, alguns inacreditáveis, até mesmo para os confessores de sua época. Das muitas visões que teve as mais importantes são: a transverberação, quando ela vê um anjo que lhe fere o coração com uma lança flamejante de amor; e a visão do Inferno, que lhe fez questionar a comodidade com a qual gozava sua vida monástica. Segundo sua autobiografia, foi a partir dessa visão que começou a pensar em reformar o Carmelo, retornando ao rigor inicial proposto pela regra Albertina. Juan Muela adverte que “*su intención de volver a la Regla de san Alberto encontró una fuerte oposición dentro y fuera de la Encarnación, pero las conversaciones mantenidas con san Pedro de Alcántara la animaron a seguir adelante*”<sup>352</sup>.

A santa encontrou também grande auxílio em seu irmão Lorenzo, que enviou donativos das Índias para a construção do primeiro convento reformado. Nesse

<sup>350</sup> Podemos citar sua autobiografia: TERESA DE JESUS. *Livro da vida*. São Paulo: Cia das Letras, 2010; Veja também: TERESA DE JESUS. As fundações. In: *Obras Completas*. São Paulo: Edições Loyola, 1995; TERESA DE JESUS. O Castelo Interior. In: *Obras Completas*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

<sup>351</sup> SGARBOSSA, Mário. *Os santos e os beatos da Igreja do Ocidente e do Oriente*, p.583.

<sup>352</sup> MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*, p.434.

ambiente, as freiras viviam somente de esmolas e dos trabalhos manuais que faziam, intercalando o labor com horas de silêncio e meditação pessoal. Aprovada a reforma, a mística buscou ampliar o número de conventos, conhecendo em Medina del Campo, João da Cruz, que, além de seu confessor, foi o reformador da ala masculina do Carmelo.

Em 1563, segundo seus relatos, estava na Igreja do Convento de São José, em oração, quando o próprio Cristo lhe apareceu com uma grande coroa, e, coroando-a, agradeceu-lhe pelo que havia feito em louvor à Nossa Senhora do Carmo. Morreu em 1582, em Alba de Tormes, com todos os sacramentos e com um crucifixo nas mãos. É representada vestindo hábito carmelita, em atitude de contemplação e êxtase. Segundo Louis Réau,<sup>353</sup> seus atributos são um livro, uma pena, símbolos da grande doutora que foi; a pomba do Espírito Santo, como fonte de inspiração e um anjo com um dardo em mãos. Foi beatificada em 1614 e canonizada em 1622, sendo sua festa litúrgica celebrada em 15 de outubro.

Nos templos carmelitas mineiros, não há um ciclo iconográfico relativo à Santa Teresa d'Ávila,<sup>354</sup> todavia a mística espanhola tem lugar de destaque na imaginária, na pintura de duas sacristias (na OTC de Ouro Preto e de Sabará) e em um painel de azulejo (na OTC de Ouro Preto). Observa-se que, quando representada na imaginária devocional, Santa Teresa ocupa lugar especial no altar-mor, geralmente no nicho lateral direito (lado da epístola), como ocorre nas Ordens Terceiras do Carmo de Sabará, Serro, Mariana, Ouro Preto e São João Del Rei. Tais imagens são de vestir, representando a santa com o tradicional hábito carmelita: túnica lisa marrom, o escapulário e a capa branca. Em tais casos os seus atributos são a pena e o livro para destacar os escritos que deixou. São de fatura local, datáveis do final do século XVIII ou mesmo do século XIX. Segundo o IBMI do IPHAN, em geral, são obras delicadas, todavia de “feição e semblante sem grande expressividade”, correspondente a uma fatura popular.

Em Sabará, a imagem de Santa Teresa é uma peça de vestir, de fatura local e simples. Usa hábito carmelita e, segundo o IBMI, tem rosto bastante ingênuo e sem detalhes.<sup>355</sup> Consta nos inventários de 1836 e 1852.<sup>356</sup> Possui pena, livro e resplendor de

<sup>353</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Iconografía de los santos – De la P a la Z, p. 258-262. Réau mostra como ao longo dos séculos os artistas se apropriaram das cenas relativas à Santa Teresa.

<sup>354</sup> Sobre o ciclo iconográfico de Santa Teresa d'Ávila em Cachoeira/BA e em São Cristovão/SE, cf. ORAZEM, Roberta Bacelar. *A representação de Santa Teresa d'Ávila nas Igrejas da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/Bahia e São Cristovão/Sergipe*. Salvador: UFBA, 2009 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado)

<sup>355</sup> IPHAN. CDI. IBMI –Sabará - Igreja da OTC, bem número MG/86.0004.00003.

<sup>356</sup> AOTCS. Livro de Inventário das Alfaias da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (1836-1900) f.6v.

prata. É uma imagem usada nas procissões. Segundo o Estatuto da OTC, o segundo andar de sua tradicional procissão seria “da Nossa Madre Santa Teresa, que levaram os irmãos noviços, e adiante dele dois anjos, que levaram em uma mão palma e uma salva com flores que irão botando pelo chão”.<sup>357</sup>



**Figura 86.** Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.

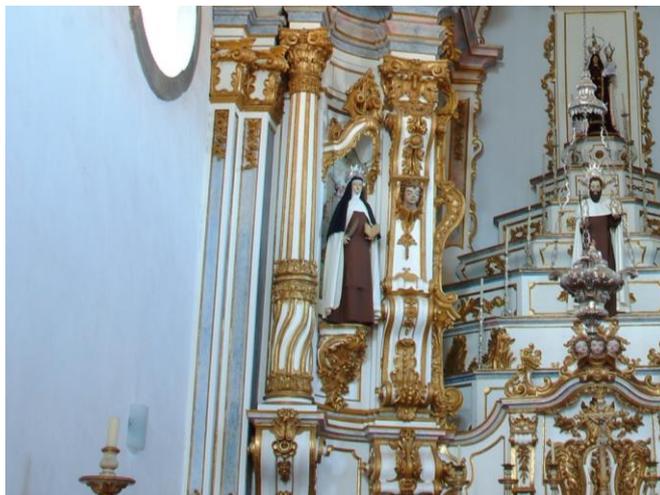
Da mesma forma, a imagem da OTC do Serro é uma peça simples, datável do século XIX, de feições delicadas, porém inexpressível.



**Figura 87.** Serro. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Delson Junior.

<sup>357</sup> AOTCS. Estatuto da Ordem Terceira. Capítulo 38º § 11.

Em Mariana, Santa Teresa é representada jovem, cabeça erguida e olhar direcionado para o horizonte. Segundo Juan Muela, é comum representar Santa Teresa com olhar contemplativo, voltado para o infinito, como que recebendo inspiração do Espírito Santo.<sup>358</sup> É datável de meados do século XVIII, pois, como vimos anteriormente, em 1759, a imagem foi transladada para a Capela do Menino Deus, na véspera da sua festa, isto é, em 14 de outubro.<sup>359</sup>



**Figura 88. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.**

Em Ouro Preto, a imagem de Santa Teresa também é de vestir, em sua iconografia tradicional, datável do século XIX. Cabe frisar que é comum representar a santa com roupas de abadessa, cargo que ocupou no Convento que fundou. Conserva seus atributos tradicionais: pena e livro.



**Figura 89. Ouro Preto. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.**

<sup>358</sup> MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*, p.436.

<sup>359</sup> TRINDADE, Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, p. 168-169.

A imagem de São João Del Rei é mencionada no Inventário de 1852-1881: “Uma dita [imagem] de Santa Teresa de Jesus de vestir com hábito de damasco e capa de cetim preto e correia. Tem resplendor e pena de prata”.<sup>360</sup> À mão esquerda, porta um livro aberto, que apresenta inscrição em latim e no vernáculo: “*Domine aut pati aut mori – Ó Senhor, sofrer ou morrer. Santa Teresa de Jesus*”. Outro elemento decorativo a ser destacado nesse templo é a pintura que reveste o escudo do anjo tocheiro – do lado da epístola – representando um braço, com hábito marrom, saindo das nuvens, segurando uma pena<sup>361</sup>. Da mesma forma como acontece com o Profeta Elias, na ilharga da capela-mor, abaixo do nicho de Santa Teresa há interessante representação de seus atributos: pena e livro, cercado de rosas e um crucifixo.



**Figura 90. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.**

---

<sup>360</sup> AOTCSJDR. Livro de Inventário da Ordem Terceira do Carmo. 1852-1881.

<sup>361</sup> Trata-se de peça de grandes proporções, da primeira metade do século XIX, atribuída ao Mestre Cajuru, escultor ainda desconhecido que atuou na Comarca do Rio das Mortes.



**Figura 91. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Anjo Tocheiro, lado da epístola. Foto: Heloisa Vidgal.**



**Figura 92. São João Del Rei. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. Foto: Heloisa Vidgal.**

Por sua vez, em Diamantina há um altar específico para a santa espanhola no arco-cruzeiro, lado da epístola, cuja imagem é de talha inteira, esculpida em madeira e policromada. Tem a cabeça erguida e voltada para a direita, com os olhos direcionados para o alto e a boca com ligeiro sorriso. Na mão direita traz uma pena de prata e na esquerda, um livro. Seu hábito é composto por túnica estofada com motivos fitomorfos e frisos dourados. De acordo com a documentação, em 1766, a Ordem Terceira adquiriu na Corte (Lisboa) as imagens de Santo Elias e Santa Teresa. No Livro de Receita e Despesa de 1766-1767, folha 8, consta os seguintes valores: “P. o q. importou as imagens de Santo Elias e Santa Teresa 311\$630” e “P. o que pagou a Manoel Arques Fera de condução de Santo Elias e Santa Teresa, 25”.<sup>362</sup>



**Figura 93. Diamantina. Ordem Terceira do Carmo. Imagem de Santa Teresa d'Ávila. Foto: Leandro Rezende.**

Em Ouro Preto, Santa Teresa ainda aparece em duas representações: num painel azulejar da capela-mor e no forro da sacristia. O terceiro painel do lado do evangelho representa Santa Teresa ajoelhada, diante de uma visão hierofânica, na qual Virgem do Carmo segura o Menino Jesus, que lhe dá o coração flamejante. A cena ocorre em ambiente fechado, no qual há nuvens e anjos mostrando uma profunda experiência mística. Segundo Mâle, a arte barroca teve clara preferência por cenas de visões e êxtases, que, com dramaticidade única, possuem grande efeito persuasivo, comovendo os corações, em uma união mística entre corpo e alma. Para esse autor, enquanto os “santos da Idade Média faziam milagres os santos da Contrarreforma foram milagres em si mesmos. Todos tiveram o prestígio da visão e a aureola do êxtase, sendo uma

<sup>362</sup> Cf. Cf. IPHAN. CDI. IBMI – Igreja da OTC de Diamantina.

maravilha para os seus contemporâneos e motivo de admiração para os séculos seguintes”.<sup>363</sup>

Corroborando essas ideias, Célia Maia Borges afirma que no período houve grande atração pela espiritualidade mística, principalmente nas sociedades ibéricas, nas quais indivíduos, em busca de santidade, abraçavam uma vida de privações e de plena oração.<sup>364</sup> Assim, as visões de Santa Teresa são um caso exemplar, traduzindo formalmente para os outros fiéis as suas experiências de profundo desejo de Deus.



**Figura 94. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a Santa Teresa. Foto: Sílvio Luiz.**

Já destacamos o caráter excepcional do forro da sacristia do Carmo de Ouro Preto. O quadro relativo à Teresa representa a santa trocando o coração com o próprio Cristo, numa relação mística e transcendental. A cena acontece a céu aberto, com paisagem ao fundo, representando um edifício religioso, montanhas e árvores. Ambos estão envoltos em nuvens, com olhar piedoso, de grande intimidade e doçura. Segundo Réau, a troca simbólica de corações entre Santa Teresa e Jesus é uma espécie de

<sup>363</sup> MÂLE, Émile. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*. México: Fondo del Cultura, s/d, p.171. Tradução livre.

<sup>364</sup> BORGES, Célia Maia. A representação iconográfica de Santa Teresa: mística e plástica na Península Ibérica na época barroca. In: *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano*. Ouro Preto, 2006, p. 379-389. Da mesma autora cf. BORGES, Célia Maia. Os eremitas e o ideal de santidade no imaginário português: o deserto dos carmelitas descalços no século XVII. *Lusitania Sacra*, n 23, p. 189-206, jan-jun 2011.

desposório místico, marcado pelo amor e pelo sofrimento redentor, que se materializa na cruz que carrega o Senhor, bem como na grande chaga do ombro direito.<sup>365</sup>



**Figura 95. Ouro Preto. Capela do Carmo Detalhe do forro da sacristia, quadro relativo à Santa Teresa. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. Século XIX. Foto: Sílvio Luiz Rocha Vianna de Oliveira.**

Em Sabará, o pintor Joaquim Gonçalves da Rocha<sup>366</sup> ajustou a decoração pictórica da sacristia, conforme o termo realizado em 22 de junho de 1813, no qual a mesa administrativa do Carmo determinou que

se pintasse a sacristia e o consistório desta Venerável Ordem na forma de outros apontamentos que também ficam no poder do Reverendo Secretário, para cujo fim apareceu o Mestre Pintor Joaquim Gonçalves da Rocha com o qual se ajustaram de lhe darem pela dita obra a quantia de oitenta e cinco mil réis dando o dito todas as tintas e ouro necessário para o dito fim, cuja obra ele aceitou e prometeu fazer com a possível perfeição executando fielmente as condições dos ditos apontamentos e a tudo fazer conforme a Arte e com a possível brevidade<sup>367</sup>.

O forro da Sacristia da OTC de Sabará é em forma de gamela, de taboas corridas, tendo ao centro um quadro pintado e emoldurado por uma grande rocalha, azul, vermelha e ocre. Na cena Santa Teresa, com hábito de carmelita, em um momento

<sup>365</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Iconografía de los santos – De la P a la Z, p. 261.

<sup>366</sup> Há poucos dados sobre o Mestre Pintor Joaquim Gonçalves da Rocha: consta que, em 1801, tinha 46 anos e aparece arrolado no Livro de Devassas como “homem pardo, natural da Vila do Sabará, morador no Arraial do Curral Del Rei, onde vive da arte de pintar”. Cf. Judith MARTINS. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do IPHAN, 1974, v. 2, p.170. Sabemos que teve importante atuação na região da Comarca do Rio das Velhas na primeira metade do século XIX.

<sup>367</sup> Sabará. Arquivo da OTC de Sabará. Livro de Termos. Termo de 22 de janeiro de 1813. *Apud* Zoroastro Vianna PASSOS. *op. cit.*, p. 59.

de leitura e oração é surpreendida por um anjo, que lhe trespassa o peito com uma flecha em fogo, causando-lhe uma grande ferida, visível em seu coração; ato pleno de entrega ao amor divino. Trata-se de uma visão mística, conhecida como *transverberação*. Segundo a descrição da própria Santa Teresa:

logo ao meu lado esquerdo vi um anjo e, o que apenas em casos raros costumava ver, vi-o em forma humana (...) O anjo não era grande, antes pequeno. Era muito bonito e em seu rosto resplandecia tanta luz, que parecia pertencer aos anjos superiores, aos quais parecem completamente acesos em fogo. (...) Vi, portanto, como o anjo trazia nas mãos uma larga seta dourada, que na ponta parecia ter aceso um pouco de fogo. Essa seta me parecia algumas vezes transverberar o coração, de forma que penetrou até as minhas vísceras. Quando a retirava, era como se me levasse as vísceras e me deixasse toda inflamada no ardente amor de Deus<sup>368</sup>.



**Figura 96.** Sabará. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do forro da sacristia. Santa Teresa d'Ávila. Atribuído a Joaquim Gonçalves da Rocha. Século XIX. Foto: Leandro Rezende.

“Transverberar” provém do latim, *transverberare*, que significa “atravessar”. Com efeito, essa é a mais célebre das visões relatadas por Santa Teresa, que foi imortalizada no mármore por Bernini na Igreja de Santa Maria della Vittoria.<sup>369</sup> Abaixo o quadro sinótico das representações de Santa Teresa de Jesus levantas nas Ordens Terceiras do Carmo em Minas.

<sup>368</sup>Pedro Thomaz HIKPOORS, O. Carm; *et alli*. *Vida dos Santos da Ordem Carmelita*, p.234.

<sup>369</sup> Cf. RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Iconografía de los santos – De la P a la Z, p. 261; SIQUEIRA, Sônia Maria Gonçalves. Iconografía de Santa Teresa d' Ávila. *Ângulo 132*, p.36-48, jan/mar 2003.

**Quadro 8 - Inventário das Representações Iconográficas de Santa Teresa d'Ávila nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais**

<b>Templo</b>	<b>Invocação</b>	<b>Local no Templo</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Demais informações</b>
Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei	Santa Teresa d'Ávila	Nicho do Altar-mor, lado da epístola	Imagem de vestir.	Inscrição presente no livro: <i>Domine aut pati aut mori – Ó Senhor, soffrer ou morrer Santa Teresa de Jesus.</i> (Inclusive a tradução) A imagem aparece no Inventário de 1852 a 1881.
Ordem Terceira do Carmo de Mariana	Teresa d'Ávila	Altar-mor lado da epístola	Imagem de vestir. Tem livro na mão esquerda e na direita uma pena	Século XVIII, fatura ingênua.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Santa Teresa d'Ávila com aparição de Nossa Senhora do Carmo e Menino Jesus dando-lhe o coração.	Azulejos da capela-mor	Azulejos da capela mor, 3º painel lado do evangelho	1784 : Manoel Francisco de Araújo arrematou a colocação dos azulejos
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Teresa d'Ávila e Cristo trocando corações	Forro da Sacristia	Pintura a têmpera sobre madeira	Século XIX. A pintura atribuída a Manoel Ribeiro Rosa.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	Teresa d'Ávila	Altar-mor lado da epístola	Imagem de vestir, com livro e pena.	Século XIX
Ordem Terceira do Carmo de Diamantina	Santa Teresa d'Ávila	Altar de Santa Teresa d'Ávila	Imagem de talha inteira, policromada, com resplendor e pena de prata.	Em 1766, a Ordem Terceira do Carmo adquiriu na Corte lisboeta as imagens de Santo Elias e Santa Teresa.
Ordem Terceira do Carmo de Sabará	Santa Teresa d'Ávila	Nicho do Altar-mor lado da Epístola	Imagem de vestir. Tem uma pena na mão direita e a mão	Século XIX origem local Aparece inventariada em 1836.

			esquerda aberta.	
Ordem Terceira do Carmo de Sabará	Êxtase de Santa Teresa d'Ávila	Forro da Sacristia	Pintura do forro da sacristia. Têmpera	Pintura atribuída a Joaquim Gonçalves da Rocha datável de 1813
Ordem Terceira do Carmo do Serro	Teresa d'Ávila	Altar-mor lado da epístola	Imagem de vestir	Século XIX

Fonte: Pesquisa de campo e Inventário de Bens Móveis e Integrados - IBMI, elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Cf. Belo Horizonte. IPHAN, Centro de Documentação e Informação – CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC.

### 3.5 São João da Cruz: o grande místico reformador.

Juan Yepes y Álvarez nasceu em Fontiveros, próximo de Ávila, em 1542. De família humilde, mudou-se para Medina del Campo, após a morte do pai. Em 1563, pela especial devoção que nutria à Virgem Maria, ingressou na Ordem do Carmo, no Convento de Santa Ana de Medina, mudando-se em seguida para Salamanca, onde estudou teologia. Ao retornar para o seu convento, foi obrigado a ordenar-se sacerdote, mesmo contra a vontade, pois se considerava indigno para o ministério. Logo, com o passar do tempo, se desiluiu com a escassa observância da disciplina conventual. Todavia, justamente nesse momento de fraqueza, se encontra com Santa Teresa d'Ávila e se encanta com a reforma iniciada por ela.<sup>370</sup>

Seu grande desejo era viver em retiro e em oração, numa vida austera, segundo a primitiva Regra da Ordem do Carmo. Assim, em 28 de novembro de 1568, funda o primeiro convento masculino do Carmelo Reformado, adotando o nome de Juan de la Cruz. Segundo Réau, “*en su celda tenía como único mobiliario una sencilla cruz de caña*”.<sup>371</sup> Apesar de viver em constante oração e penitência, não era um frade contemplativo, isolado do mundo, conferindo de perto a fundação dos novos conventos.<sup>372</sup> Segundo a tradição, a Virgem do Carmo lhe pareceu algumas vezes: quando criança resgatando-o de um poço; e quando foi ungindo sacerdote, dando-lhe do lírio da pureza e o cingulo da castidade.<sup>373</sup> Também teve algumas visões místicas: em 1588, quando estava em oração diante de um crucifixo, o próprio Cristo lhe apareceu,

<sup>370</sup> MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*, p.255-261.

<sup>371</sup> RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano*. Iconografía de los santos – De la G a la O, p. 181.

<sup>372</sup> SGARBOSSA, Mário. *Os santos e os beatos da Igreja do Ocidente e do Oriente*, p.703.

<sup>373</sup> HIKPOORS, Pedro Thomaz, O. Carm; *et alli*. *Vida dos Santos da Ordem Carmelita*, p.314--320

perguntando o que o frade queria, pois, pelos seus bons serviços, seria recompensado. São João respondeu assim: “Senhor, quero trabalhar, sofrer e ser menosprezado pela vossa causa”.<sup>374</sup>

Os frades carmelitas calçados escandalizaram-se com a reforma proposta por São João e durante nove meses prenderam-no, por ato de rebelião. Escapando milagrosamente do cárcere, tornou-se prior do Convento Reformado de Granada e de Jaén. Morreu em 14 de dezembro de 1591. Confessor, doutor e místico, ele escreveu grandes textos sobre espiritualidade, como *Noite Escura da Alma*, *Chama Viva do Amor* e *A Subida do Monte Carmelo*. Sua festa é celebrada a 14 de dezembro. É representado com hábito carmelita, podendo trazer numa das mãos um livro aberto onde aparece a inscrição *Pati el Contemni* (“Padecer e ser desprezado”); na outra mão tem uma cruz, seu emblema distintivo.

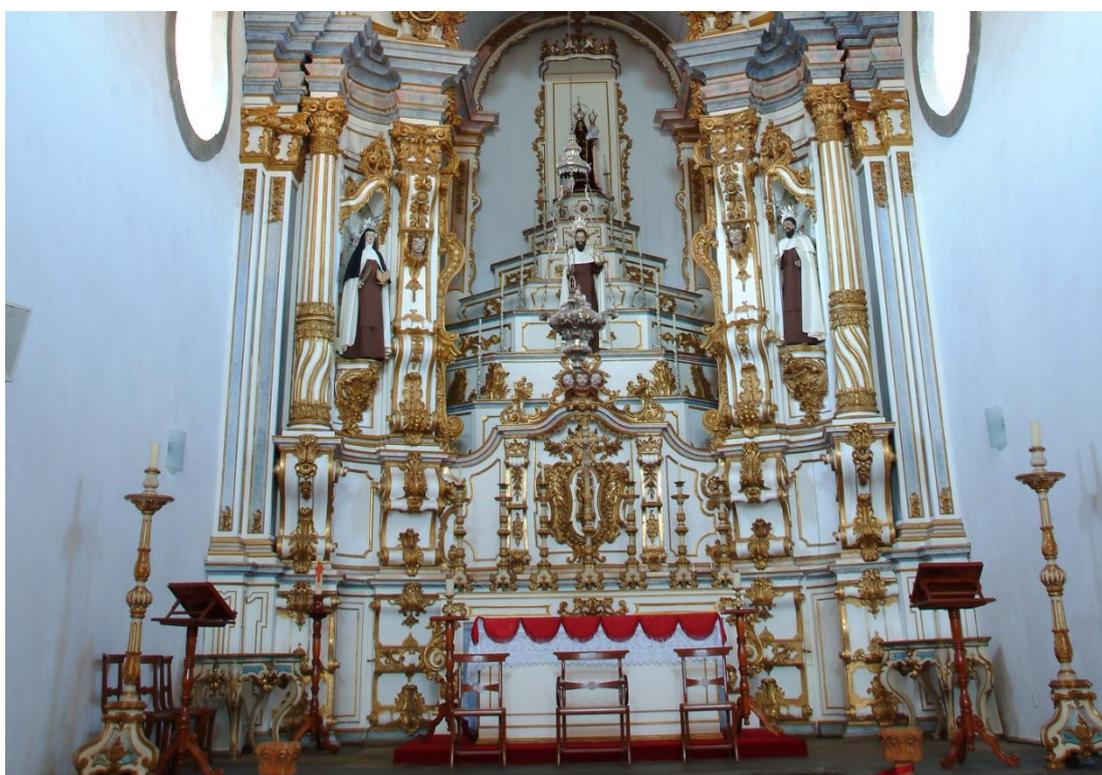
São João da Cruz foi canonizado em 1726, e, nessa mesma data, os carmelitas do Real Convento de Lisboa fizeram uma grande procissão. Diogo Barbosa Machado, ao narrar esse “Triunfo Carmelitano”<sup>375</sup>, assim descreve os andores e sua ordem: o primeiro, junto ao Monte Carmelo, estaria o Profeta Elias em seu carro de fogo, deixando sua capa para Eliseu, pois ambos foram os modelos para São João da Cruz. Seguiriam as representações alegóricas das virtudes Zelo, Obediência, Pobreza e Castidade. No segundo andor iriam os santos mártires do Carmelo, que deram testemunho da verdade, acompanhados das virtudes Caridade, Fé, Esperança e Fortaleza. No terceiro andor estariam os santos pontífices, patriarcas e bispos, cujos méritos São João da Cruz imitou, acompanhados das virtudes Verdade, Justiça, Vigilância e Paciência. No quarto andor teriam lugar os santos doutores do Carmelo, “porque também nessa classe teve lugar o nosso Santo [São João da Cruz]”; junto vão a Doutrina, a Ciência, a Sabedoria e a Humildade, “todas vestidas à trágica” e portando seus atributos. No quinto andor terá lugar os confesores e as virgens, com destaque para São Simão Stoch e as virtudes da Modéstia, Temperança Mansidão e Perseverança. No último e principal andor estaria São João da Cruz, em glória, cercado de anjos.

Nas OTC de Minas Gerais, existem poucas imagens devocionais de São João da Cruz. Levantamos duas: uma imagem de vestir em Mariana e uma imagem de talha inteira em Sabará. Antes do incêndio que destruiu a nave do templo carmelita de

<sup>374</sup> MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*, p.259. Tradução livre.

<sup>375</sup> MACHADO, D. Barbosa. *Notícias das festas e procissões de Portugal – Triunfo Carmelitano do Real Convento de Lisboa na canonização de São João da Cruz, religioso da observância no seu Convento de Santa Ana de Medina e depois pai da reforma carmelitana*. Lisboa Ocidental: Officina de Miguel Rodrigues: 1726. Agradeço à professora Adalgisa Arantes Campos e ao professor Renato Franco pela disponibilização desse documento.

Mariana, São João da Cruz ocupava altar lateral direito na nave da capela. Atualmente, encontra-se no nicho lateral direito do altar-mor. Trata-se de imagem de vestir, datável de meados do século XVIII. Veste hábito carmelita e na mão direita carrega grande cruz de madeira. Segundo o IBMI ela foi esculpida pelo mesmo artista que fez a série de imagens para a capela franciscana de Mariana. Tem “cabeça alongada, maçãs do rosto angulosas, nariz aquilino, olhos amendoados, pálpebras estreitas, sobrancelhas quase retas e esculpidas, lábios finos, orelhas longas, barbas e cabelos em mechas sinuosas”.<sup>376</sup> Em 1764 e 1765, o pintor Antônio Coelho Lamas recebeu certa quantia por encarnar imagens para ordem. O documento não especifica quais imagens seriam e nem mostra o valor, devido à perda do suporte de papel.<sup>377</sup>



**Figura 97. Mariana. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do altar-mor. Foto: Acervo profa. Adalgisa Arantes Campos.**

Em Sabará, a imagem de São João da Cruz é obra documentada de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Como bem descreveu Myriam Ribeiro, “a escultura revela-nos um homem jovem, de pé, como se estivesse andando, cabelos muito curtos, orelhas salientes de desenho detalhista e bem esculpidas. As sobrancelhas e os grandes olhos de vidro dão um ar de espanto à figura”.<sup>378</sup> A obra, em madeira dourada e

<sup>376</sup> IPHAN. CDI. IBMI – Mariana - Igreja da OTC, bem número MG/88038.0030.

<sup>377</sup> AHMI – Casa do Pilar. Livro de Receita e Despesa da Ordem Terceira do Carmo de Mariana, sem paginação.

<sup>378</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*, p.68.

policromada, representa o santo com hábito carmelita: túnica e escapulário marrons, com belos desenhos fitomorfos e capa branca, até a altura dos joelhos. Na mão direita carrega uma cruz. Sem dúvida, merece destaque a carnação e o rico trabalho de esgrafito do panejamento.<sup>379</sup>



**Figura 98.** Sabará. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Imagem de São João da Cruz. Antônio Francisco Lisboa, 1778/1779. Foto: In.: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*, p.69.

Na OTC do Serro, São João da Cruz é representado na pintura parietal, que se encontra acima das arcadas da capela-mor. O místico espanhol é calvo e aparece vestido com o hábito carmelita, e, ajoelhado, abraça uma cruz. Ao lado há uma coluna e símbolos de penitência: corda, chicote e ramo seco. A obra é anônima, datável do início

<sup>379</sup> Sobre as características técnicas, formais e estilísticas da peça cf. COELHO, Beatriz e QUITES, Maria Regina Emery. Duas esculturas do Aleijadinho: São Simão Stock e São João da Cruz. *Boletim do CEIB*. Belo Horizonte, v12, n40, junho 2008.

do século XIX e apresenta características populares, mas, muito singela e harmoniosa com os outros elementos decorativos da capela-mor.



**Figura 99. Serro. Ordem Terceira do Carmo. Detalhe da ilharga da capela-mor. São João da Cruz. Foto: Delson Junior.**

Por fim, em Ouro Preto, há três representações do santo espanhol: dois painéis azulejares na capela-mor e um painel, que compõe o forro da sacristia. O último painel de azulejos do lado do evangelho traz a curiosa cena de Nossa Senhora do Carmo retirando do poço São João da Cruz, conforme legenda na cartela inferior. Segundo Frei Pedro Hikspors, quando São João tinha 5 anos caiu no poço, mas foi amparado por Nossa Senhora do Carmo, que o preservou de todo o mal.<sup>380</sup> Na cena ouro-pretana, a Virgem do Carmo, sobre nuvens, sustenta uma criança, retirando-a do poço. Seu olhar é maternal e compassivo.

<sup>380</sup> HIKPOORS, Pedro Thomaz, O. Carm; *et alli*. *Vida dos Santos da Ordem Carmelita*, p.314.



**Figura 100. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz. Foto: Sílvio Luiz.**

O outro painel representa São João abraçando uma cruz. Um anjo ao fundo ajuda-o nessa tarefa. A cena se passa em ambiente fechado, composto por colunas e arcos. Ele é representado jovem, imberbe, com uma auréola sobre a cabeça. Veste o hábito carmelita e, se apoiado na estrutura arquitetônica ao fundo, olha para baixo, em tom reflexivo.



**Figura 101. Figura 42. Ouro Preto. Capela da Ordem Terceira do Carmo. Detalhe do painel de azulejo relativo a São João da Cruz. Foto: Sílvio Luiz.**

Já no forro da sacristia carmelita ouro-pretana, encontramos representação semelhante: um anjo ajuda o santo a sustentar uma cruz de madeira, que lhe é posta em um dos ombros. A cena ocorre em ambiente externo com vegetação ao fundo. São João da Cruz, que está sobre nuvens, é jovem, calvo (tonsura) e com barba. Veste volumoso hábito carmelita. Seu olhar é piedoso, e, elevando-se para o alto, contempla os mistérios da salvação, expressos na Santa Cruz.



Figura 102. Ouro Preto. Capela do Carmo Detalhe do forro da sacristia, quadro relativo a São João da Cruz. Atribuído a Manoel Ribeiro Rosa. Século XIX. Foto: Sílvio Luiz.

Abaixo o quadro com o levantamento das representações alusivas a São João da Cruz.

#### Quadro 9 - Inventário das Representações Iconográficas de São João da Cruz nas Ordens Terceiras do Carmo Mineiras

Templo	Invocação	Local no Templo	Tipologia	Demais informações
Ordem Terceira do Carmo de Mariana	São João da Cruz	Nicho direito do altar-mor	Imagem de vestir	Imagem de fatura local, datável do século XVIII.
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	São João da Cruz	Ilhargas da capela-mor	Azulejo	Azulejaria da capela-mor
Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	São João da Cruz	Ilhargas da capela-mor	Azulejo	Azulejaria da capela-mor

Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto	São João da Cruz	Forro da Sacristia	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura atribuída a Manoel Ribeiro Rosa, 1805.
Ordem Terceira do Carmo de Sabará	São João da Cruz	Altar de São João da Cruz	Imagem de talha inteira	Século XVIII, obra documentada de Antônio Francisco Lisboa.
Ordem Terceira do Carmo do Serro	São João da Cruz	Ilhargas da capela-mor	Pintura à têmpera sobre madeira	Pintura anônima datável do século XIX.

**Fonte:** Pesquisa de campo e Inventário de Bens Móveis e Integrados - IBMI, elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Cf. Belo Horizonte, IPHAN, Centro de Documentação e Informação – CDI. IBMI: Diamantina – Igreja da OTC; IBMI: Serro – Igreja da OTC. IBMI: Mariana, Igreja da OTC; IBMI: Sabará, Igreja da OTC; IBMI: São João Del Rei – Igreja da OTC.

Assim, na figura de São João da Cruz e de Santa Teresa d'Ávila encontramos um rico modelo de espiritualidade e de entrega profunda ao sagrado. Nas longínquas montanhas mineiras, os terceiros carmelitas buscaram, nos baluartes da história de sua Ordem, pessoas eleitas na graça de Deus; santificadas em obséquio de Cristo e da Virgem do Carmo. A partir desses referenciais, constitui-se visualmente um específico repertório iconográfico, recorrente nos seis templos carmelitas do século XVIII. Além de decorar e de valorizar o espaço sagrado, essas representações artísticas foram elaboradas para exemplo, inspiração e memória do fiel devoto, que em sua vida cotidiana, abraçando o ideário dos terceiros carmelitas, também poderia elevar-se espiritualmente, contemplando a celeste constelação do Carmelo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.  
2 Tm 4, 7.*

Com a presente dissertação buscou-se compreender o universo cultural, artístico e cultural dos carmelitas a partir de sua rica história, expressa na decoração dos seus templos. No Brasil, eles foram ativamente atuantes no processo de ocupação do território, deixando, além do importante legado missionário e evangelizador, um rico conjunto histórico e artístico, acumulado por séculos – fruto da fé de religiosos e leigos, que viam, no ideário carmelitano, meios para melhor praticar sua fé; alcançando reconhecimento social e espiritual. Assim, nosso estudo visou contribuir nesse eminente assunto, abordando algumas particularidades dos carmelitas no Brasil, em especial na região das Minas do Setecentos às primeiras décadas do Oitocentos, período no qual, apesar dos contratemplos políticos, a crença de leigos e leigas frutificou em incontáveis obras de arte.

Nas longínquas terras mineiras, a Virgem do Carmo e os eleitos em sua Ordem se fizeram visualmente presentes por meio de um sofisticado repertório iconográfico, constituindo um sólido exemplo de fé e de contemplação a ser seguido. Nossa Senhora do Carmo tornou-se uma devoção cara à cultura luso-brasileira, principalmente pelas inquietações escatológicas diretamente correlacionadas a esse título mariano. Sem dúvida, a crença no milagre e a certeza da salvação da alma pelo uso do escapulário, se tornaram um grande atrativo para os carmelitas, que sempre obtiveram graças e proteção daquela que os adotou com mãe. Com efeito, o Padre Antônio Vieira, em um sermão de 1659, destaca que

a maior excelência da religião carmelitana é serem os seus filhos, filhos da Mãe de Deus, porque a mesma Mãe que gerou um Filho produziu os outros (...). Para essa gloriosa aplicação não temos necessidade de mudar as palavras do Evangelho, senão de as estender mais um pouco: não de as mudar de mãe a mãe, porque a Mãe é a mesma; somente de as estender de Filho a filhos, porque os filhos são diversos, posto que tão parecidos.<sup>381</sup>

Dom Frei Manoel da Cruz, primeiro Bispo de Mariana, em seu relatório decenal enviado a Roma em 1757, afirma que, não obstante “a torpeza diversificada dos vícios”, os moradores do seu rebanho eram merecedores de um único louvor: “a copiosa

---

<sup>381</sup> VIEIRA, Antônio S. J. Sermão de Nossa Senhora do Carmo, p. 214.

liberalidade para com os Santos, graças à qual, rios de ouro são destinados a promover o esplendor de todas as igrejas”.<sup>382</sup> Nesse sentido, merece destaque o singelo acervo artístico – de feição Rococó –, que engloba arquitetura, ornamentação e imaginária, elaborado nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais.

Os “filhos do Carmelo” ofereceram em seus templos lugar privilegiado para a Virgem do Carmo, corroborando o culto católico, que tem especial veneração por Maria, Mãe de Deus. No imaginário carmelitano, a grande estrela da ordem, a *Stella Maris*, desde tempos imemoriais, respalda e protege seus eleitos, que, elevados à santidade inerente ao uso do escapulário, cultivam uma religiosidade embasada na contemplação do sagrado, que se manifesta em ocasiões místicas. Pelos dados visuais e iconográficos apresentados, a mística carmelitana foi, no território das Minas do século XVIII e XIX, representada de forma marcante no recinto das Ordens Terceiras, instruindo, cotidianamente, os fiéis leigos na busca por sua salvação. Logo, as Ordens Terceiras do Carmo não apenas se configuraram como centros de sociabilidade mútua ou de mecanismos de controle social das elites, mas também como espaço devocional, que deveria estar decente e ornamentado, seguindo o decoro religioso da época.

Se em sua origem a palavra “Carmelo” significa “jardim florido”, nas montanhas de Minas, os carmelitas conservaram essa essência; não em flores naturais, mas em uma elegante e harmoniosa decoração Rococó, eternizando na pedra e na madeira flores, folhas, rocalhas, guirlandas, festões, anjos e santos. A grande contribuição dos terceiros carmelitas na arte mineira são suas igrejas rococós, que alinharam os antecedentes europeus desse estilo artístico aos materiais, técnicas, gostos e saberes locais. Percebemos que cada Ordem Terceira do Carmo mineira buscou aprimorar seu templo com delicados ornamentos, que podem ser vistos em conjunto com a talha, a pintura, as imagens devocionais e os elementos acessórios, tais como alfaias, castiçais, prataria e crucifixos, conformando o ambiente sagrado em um harmonioso lugar para o culto e em um verdadeiro testemunho de fé. Ao sagrado dava-se o que se tinha de melhor, justificando gastos temporais como investimentos para a Salvação.

Tais manifestações religiosas transformaram-se, para o historiador, em importantes documentos, na medida em que exemplificam uma mentalidade religiosa, registrando um aparato sociocultural, no qual arte, devoção e saberes materiais e imateriais se imbricam. Assim sendo, nossa contribuição historiográfica consistiu na

---

<sup>382</sup> RODRIGUES. Mons. Flávio Carneiro. *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Número 3: Os relatórios decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé*. Mariana: Editora Dom Viçoso, sem data, p.84.

análise do repertório iconográfico carmelitano, entendendo sua origem e formação, a partir das manifestações visuais inerentes à arte religiosa, conjugando-a com a documentação, a hagiografia, o texto bíblico, as práticas devocionais, as fontes doutrinárias e legislação eclesiástica. Nosso enfoque não se prendeu à política ou à sociedade, ao contrário apropriou-se dos enlaces da arte com os vários domínios do homem, enquanto agente social e sujeito histórico. Dessa forma, aventuramos pelo significativo campo dos estudos de iconografia religiosa, não obstante sua pouca aceitação. O mérito da dissertação consiste em trazer à tona vozes que em sua época eram fluentes, mas que pelo devir do tempo e a dessacralização da sociedade foram silenciadas.

Todas as seis Capelas de Ordem Terceira do Carmo, objetos desse estudo, fazem parte da paisagem sociocultural de suas respectivas localidades, na qual a presença dos monumentos religiosos é indissociável. Além disso, o Carmo e seu entorno constituem espaços de sociabilidade e de encontro, produzindo sentidos e significados, numa dimensão identitária, para aqueles que se utilizam deles, tanto como recinto de devoção quanto lugar de fascínio e encantamento diante de uma eloquente decoração rococó, homogênea, singela e elegante. Acreditamos que nossa pesquisa contribuiu, mesmo que modestamente, com a preservação do significativo patrimônio – histórico religioso e cultural – edificado pelos terceiros carmelitas nas montanhas mineiras ao longo do tempo. Santo Agostinho afirmava que só amamos bem aquilo que conhecemos. Parafraseando o Bispo de Hipona, só preservaremos nosso patrimônio colonial na medida em que melhor o conhecermos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Jean Luiz Neves. *O imaginário do milagre e a religiosidade popular: um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (História, Dissertação de mestrado).
- ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de. *Hagiografia carmelitana: espiritualidade*. João Pessoa: A União, 2001.
- \_\_\_\_\_. Complexo arquitetônico carmelita da Paraíba: Arte Sacra nas Igrejas do Carmo e Santa Tereza. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- ALGRANTI, Leila Mezan. A hagiografia e o ideal de santidade feminina: o impacto da leitura de vidas de santas nos conventos da América Portuguesa. In: *Livros de Devoção, atos de censura: ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hicitec: Fapesp, 2004, p.93-122.
- ALMADA, Márcia. A escrita iluminada. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, n.2, p.148-158, jul-dez. 2006.
- ALVARENGA, Luiz de Melo. *Igrejas de São João del Rei*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- ALVES, Célio Macedo. A imaginária religiosa setecentista em Minas Gerais. In.: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.427-450.
- \_\_\_\_\_. Manoel Ribeiro Rosa: genial, injustiçado e florido. *Revista Telas & Artes*. Belo Horizonte, Ano II, n.10, p.29-33, jan./fev. 1999.
- \_\_\_\_\_. Pintores, policromia e o viver em colônia. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n. 2, p. 81-85, 2003.
- ALVES, José B. *Os santos de cada dia*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ALVES, Rosana de Figueiredo Ângelo. *A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (século XVIII a meados do século XIX)*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (História, Dissertação de mestrado).
- ANDRADE, Rodrigo M. F. de. A pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do IPHAN*, Rio de Janeiro, n.18, 1978.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In.: LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicações do SPHAN, 1942.
- ARAÚJO, Ana Cristina. *A Morte em Lisboa: atitudes e representações 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e Persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1981.
- ATTWATER, Donald. *Dictionay of Saints*. Londres: Penguin Books, 1993.
- ÁVILA, Affonso: Igrejas e Capelas do Sabará. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, n.9, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*: Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro, 1980.
- BANGO, Isidro. *El monastério medieval*. Madrid: Anaya, 1990.

- BARBOSA, Gustavo Henrique. *Associações religiosas de leigos e sociedade em Minas colonial: os membros da Ordem terceira de São Francisco de Mariana (1758-1808)*. Belo Horizonte: UFMG, 2010 (História, Dissertação de mestrado).
- BAYÓN, Balbino Velasco. *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2v.
- \_\_\_\_\_. *História da História da Arte: de Vasari aos nossos dias*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELTING, Hans. *Semelhança e Presença: A história da imagem antes da era da arte*. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.
- BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário. Devoção e Solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- \_\_\_\_\_. A representação iconográfica de Santa Teresa: mística e plástica na Península Ibérica na época barroca. In: *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano*. Ouro Preto, 2006, p. 379-389.
- \_\_\_\_\_. Os eremitas e o ideal de santidade no imaginário português: o deserto dos carmelitas descalços no século XVII. *Lusitania Sacra*, n 23, p. 189-206, jan-jun 2011.
- BOSCHI, Caio C. (org). *Coleção sumária e as próprias leis, cartas régias, avisos e ordens que se acham nos livros da Secretária do Governo desta Capitania de Minas Gerais, reduzidas por ordem a título separados*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, APM, 2010.
- \_\_\_\_\_. Em Minas, os negros e seus compromissos. In: MARTINS FILHO, Amílcar Vianna (org). *Compromissos de Irmandades Mineiras do século XVIII*. Belo Horizonte: Claro Enigma/Instituto Cultural Amílcar Martins, 2007, p.277-293.
- \_\_\_\_\_. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 59-76.
- \_\_\_\_\_. *Os leigos no poder. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1996.
- BOSCHI, Caio C. e FURTADO, Júnia Ferreira (orgs). *Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2000, v.3.
- BOTELHO, Thiago de Pinho. *Milagre que se fez... Um estudo dos 36 ex-votos ofertados ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas/MG*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Artes, Dissertação de mestrado).
- BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português. 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. *Os Cristos da Paixão da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto – MG*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2013 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. Brasília: Ed. UnB, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. A ordem Carmelita. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.24, p.54-61, 2011.
- \_\_\_\_\_. A terceira devoção dos setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas. São Paulo: USP, 1994 (História, Tese de doutorado).

- \_\_\_\_\_. A visão barroca de mundo em D. frei de Guadalupe (1672/1740): seu testamento e sua pastoral. *Varia História*, Belo Horizonte, número 21 – Especial Códice Costa Matoso, p.364-380, janeiro de 1985.
- \_\_\_\_\_. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: Culto e Iconografia no setecentos mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.
- \_\_\_\_\_. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas Coloniais: cultura artística e procissão de cinzas. *Imagem Brasileira*, n.º.1, Belo Horizonte, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- \_\_\_\_\_. (org). *Capela de São José dos Homens Pardos em Ouro Preto: História, arte e restauração*. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – O século XVIII, *Revista do Departamento de História da UFMG*, Belo Horizonte, n.º 4, p.3-24, Julho/1987.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre o Barroco na geração heroica do IPHAN: fontes e métodos. In: MELLO, Magno Moraes (org). *Ars, Techné, Technica: a fundamentação teórica e cultura da perspectiva*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p.19-30.
- \_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo da pintura colonial: Manoel Ribeiro Rosa (1758/1808). *Anais XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo da iconografia da morte na cultura artística luso-brasileira. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique. (Org.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014, v.1, p.153-189.
- \_\_\_\_\_. Cultura artística e calendário festivo no barroco luso-brasileiro: as Ordens Terceiras do Carmo. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, v.2, p.99-108. 2003.
- \_\_\_\_\_. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.383-425.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao Barroco Mineiro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.
- \_\_\_\_\_. Manoel Ribeiro Rosa: biografia e pinturas o território das Minas Gerais. *XXX Congresso do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro, 2010.
- \_\_\_\_\_. (org) *Manuel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.
- \_\_\_\_\_. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.77-108.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre um pintor luso-brasileiro e a iconografia dos novíssimos (a morte, o juízo, Inferno e o Paraíso) em fins da época colonial. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v.9, anos IX, n.2, p.1-21, 2012.
- \_\_\_\_\_. O Triunfo Eucarístico: hierarquia e universalidade. *Revista Barroco*, n.º.15, Belo Horizonte, p.461-467, 1992.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes e FRANCO, Renato. Aspectos da visão hierárquica no barroco luso-brasileiros: disputas por precedência em confrarias mineiras. *Tempo*, Rio de Janeiro, n17, p.193-216, 2009.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes; REZENDE, Leandro Gonçalves; MORESI, Claudina Dutra; OLIVEIRA, Sílvio, L. R. V; SILVA, Cristina N. De santo franciscano a capitão da cavalaria paga: a imagem de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e suas transformações artísticas no primeiro quartel do século XIX. *Imagem Brasileira*, no prelo.
- CARRETERO, Ismael Martinez. *Los Carmelitas*. Figuras del Carmelo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1991.

- CARRUSCA, Suzana Andreia do Carmo. *A azulejaria barroca nos conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal*. Évora: Universidade de Évora, 2014 (História da Arte, Tese de doutorado).
- CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos Mineiros: As tábuas votivas no ciclo do ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
- CEVINS, Marie-Madeleine de & MATZ, Jean-Michel. *Structure et dynamiques religieuses dans les sociétés de l' Occident latin (1179-1449)*. Rennes: Collection 'Histoire', Presses Universitaires de Rennes, 2010.
- CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: As missas e a vivência leiga do catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- CHAVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.
- COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- \_\_\_\_\_. Francisco Vieira Servas: anjos, arcanjos e querubins. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.137-146, 2001.
- COELHO, Beatriz e QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em madeira*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.
- \_\_\_\_\_. Duas esculturas do Aleijadinho: São Simão Stock e São João da Cruz. *Boletim do CEIB*. Belo Horizonte, v.12, n.40, junho 2008.
- COUSIN, Bernard. L'ex-voto. In.: *Archives Sciences Sociales des Religions*, 1979, 48/1 (juillet-septembre), p. 107-124.
- CUNHA, Edite da Penha e SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira (orgs). *As Geraes de Servas: Circuito Cultural Vieira Servas*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- CUNHA, Maria José Assunção da. *Iconografia Cristã*. Ouro Preto: UFOP/IAC, 1993.
- CUNNINGHAM, Lawrence S. *Uma breve história dos santos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: Glossário de bens móveis*. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura / UFOP, 1987.
- DAVES, Alexandre Pereira; *Vaidade das vaidades os homens, a morte e a religião nos testamentos da Comarca do Rio das Velhas (1716-1755)*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (História, dissertação de mestrado).
- DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. Rio de Janeiro. SPHAN, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira: Norte de Minas – Pintura dos tetos de igrejas*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Escultura Ornamental Barroca no Brasil*. Belo Horizonte: Edição Arquitetura, 1961.
- DELUMEAU, Jean. *De Religião e de Homens*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. O que restou do Paraíso. *Varia História*, Belo Horizonte, n.31, p.141-158, janeiro de 2004.

- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005) aos cuidados de HÜNERMANN, Peter, por José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.
- DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EVANGELISTA, Adriana Sampaio. *Pela salvação de minha alma: vivência da fé e vida cotidiana entre os irmãos terceiros em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: UFJF, 2010 (Ciência da Religião, Tese de doutorado).
- \_\_\_\_\_. O Noviciado das ordens terceiras nas Minas Setecentistas. In.: *OFICINA DO INCONFIDÊNCIA: revista de trabalho*. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1999.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Terra do Ouro*. São Paulo: Graphicars F. Lanzara, 1966.
- FEITLER, Bruno e SOUZA, Evergton Sales. *A Igreja no Brasil*. Normas e Práticas durante a Vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Unifesp, 2011.
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória*. Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- FRAGOSO, Mauro Maia, OSB. A História da Salvação retratada no teto da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. *Coletânea*, Rio de Janeiro, Ano X, Fascículo 20, p. 233-248, jul/dez 2011.
- FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FRANCO, José Eduardo (dir). *Dicionário histórico das Ordens, Institutos Religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal*. Lisboa: Grafiva, 2010.
- FRANCO, Renato. *Pobreza e caridade leiga – as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa*. São Paulo: USP, 2011 (História, Tese de doutorado).
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla B. DE LUCA, Tânia R. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009
- GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão: Um estudo da psicologia e da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GONÇALVES, Flávio. O Privilégio Sabatino na Arte Alentejana. *Separata de A Cidade de Évora*, p.45-66, 1963.
- \_\_\_\_\_. Os painéis do Purgatório e as origens das “Alminhas” populares. *Separata do Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.6, 1959.
- GROSSI, Ramon Fernandes. A Religiosidade nas Minas Setecentistas. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 24, p. 90-106, Janeiro 2001.
- HIKSPORS. Frei Pedro Thomaz, *et alli*. *Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1930.
- HONAERT, Eduardo; AZZI, Rioldo; GRIJP, Klaus van der; BROD. Benno. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira época colonial. Petrópolis: Vozes, 2008.

- HONOR, André Cabral. *Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitâneas do norte do Estado do Brasil (sec. XVI a XVIII)*. Belo Horizonte: UFMG, 2013 (História, Tese de doutorado).
- \_\_\_\_\_. *O verbo mais que perfeito: uma análise alegórica da cultura histórica carmelita na América portuguesa*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, s/d.
- JARDIM, Márcio *et alli*. *O Aleijadinho – catálogo geral da obra: inventário das coleções públicas e particulares*. Itu: IGIL, 2011.
- JOÃO DA CRUZ. *A subida do Monte Carmelo*. Petrópolis: Vozes, 1960.
- LANGE, Francisco Curt. *História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais: 1983.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.
- \_\_\_\_\_. Antigo/moderno. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 1: Memória – História.
- \_\_\_\_\_. Escatologia. In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992
- LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.
- LEONARDINI, Nanda e BORDA, Patrícia. *Diccionario iconografico religioso peruano*. Lima: Rubican Editores, 1996.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1942.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LOPES, José da Paz. Uma corporação religiosa: vida e obra da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Vila de São João Del Rei, durante os séculos XVIII e XIX, segundo o seu próprio arquivo. *Revista de História*, São Paulo, p.127-166, jan-mar.1973.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- MAGNANI, Maria Cláudia Orlando. *Cultura Pictórica e o Percurso da Quadratura no Arraial do Tijuco no século XVIII: entre o decorativo e a persuasão*. Belo Horizonte: UFMG, 2013 (História, Tese de doutorado).
- MÂLE, Émile. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*. México: Fondo del Cultura, s/d.
- MANZANARES, César Vidal. *Dicionário de Jesus e dos Evangelhos*. Aparecida: Editora Santuário, 1997.
- MARAVALL, José Antônio. *A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do IPHAN, 1974. 2 v.
- MARTINS, Willian de Souza. *Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (c.1700-1822)*. São Paulo: Edusp, 2009.
- MATTOSO, José (coord.) *História da Portugal – A monarquia Feudal (1096 -1480)*. 2 v. Lisboa: Editorial Estampa. 1997.
- MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1985.
- MEGALE, Nilza Botelho. *O Livro de Ouro dos Santos*. Vidas e milagres dos mantos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Edioro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *112 invocações da Virgem Maria no Brasil: historia iconografia, folclore*. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MELLO, Magno M. Os tetos pintados: uma moda decorativa através dos tempos. In: LIMA, Renata. (coord. editorial) *Tetos do Brasil: origem, história e arte*. Rio de Janeiro: Babel, 2011, p. 113-185.
- MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e irmandades de Ouro Preto: a religião em Ouro Preto*. Belo Horizonte: IEPHA, 1975.
- MINAS GERAIS - Monumentos Históricos e Artísticos – Circuito do Diamante. *Revista Barroco*, nº.16, Belo Horizonte, 1994.
- MONTEIRO, Raul Leme. *Carmo: patrimônio da História, arte e fé*. São Paulo: S/E, 1978.
- MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Madrid: Akal, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía Cristiana*. Madrid: Akal, 2012.
- NEVES, Maria Agripina e COTTA, Augusta de Castro. *Do Monte Carmelo a Vila Rica: Aspectos Históricos da Ordem Terceira e Da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Ouro Preto: Edição do Autor, 2011.
- OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro. *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. A Escola Mineira de Imaginária e suas particularidades. In.: COELHO, Beatriz (org.) *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005, p.15-68.
- \_\_\_\_\_. A pintura de Perspectiva em Minas Colonial. *Revista Barroco 11*, Belo Horizonte, p.9-37, 1978.
- \_\_\_\_\_. A Pintura em Perspectiva em Minas Colonial – Ciclo Rococó. *Revista Barroco 12*, Belo Horizonte, p.170-181, 1982.
- \_\_\_\_\_. A talha no período colonial. In.: SANT'ANNA, Sabrina M; FREIRE Luiz Alberto R; CAMPOS, Adalgisa A. *Cultura artística e conservação de acervos coloniais*. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural, 2015, p.51-60.
- \_\_\_\_\_. *Barroco e Rococó no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2014.
- \_\_\_\_\_. Barroco e rococó na arquitetura religiosa da Capitania de Minas Gerais. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 365-382.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade R. de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília: IPHAN /Programa Monumenta, 2010. 2v.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João Del Rei e Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Projeto Monumenta, 2010.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*. São Paulo: Capivara, 2008.
- ORAZEM, Roberta Bacellar, *A representação de Santa Teresa D'Ávila nas Igrejas da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/Bahia e São Cristóvão/Sergipe*. Bahia: UFBA, 2009 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PAIVA, José Pedro. A igreja e o poder. In.: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) - *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- \_\_\_\_\_. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas. In: GOUVEIA, António Camões; BARBOSA, David Sampaio; PAIVA, José Pedro (cood.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: novos olhares*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- PANOFISKY, Erwin. Iconologia e Iconografia: uma introdução ao estudo da Arte da Renascença. In: *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Perspectiva como forma simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará. A Ordem Terceira do Carmo e sua Igreja – Obras do Aleijadinho no Templo*. Rio de Janeiro. 1940.
- PEREIRA, Danielle Manoel dos Santos. *A pintura ilusionista no meio-norte de Minas Gerais – Diamantina e Serro – e em São Paulo – Mogi das Cruzes (Brasil)*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2012 (Artes, Dissertação de mestrado).
- PESENTI, Graziano. *Santa Tereza di Gesù: Figlia della Chiesa Madre del Nuovo Carmelo*. Roma: Editrice Velar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Storia del Carmelo Teresiano*. Roma: Edizione OCD, 2010.
- PRECIOSO, Daniel. *Legítimos vassallos: pardos livres e forros na Vila Rica Colonial (1750-1803)* Franca: Unesp, 2010 (História, Dissertação de mestrado).
- PRIORE, Mary Del. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial*. São Paulo: Ática, 1997.
- QUITES, Maria Regina Emery. *Imagem de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006 (História, Tese de doutorado).
- RAMOS, Adriano. Francisco Vieira Servas: o grande artista português do barroco mineiro, *Telas & Artes*, Belo Horizonte, Ano 1, n.7, 1997.
- RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano – Antiguo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía del arte cristiano – Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía del arte cristiano – Introducción general*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía del arte cristiano – Iconografía de los santos. De la A a la F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía del arte cristiano – Iconografía de los santos. De la G a la O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Iconografía del arte cristiano – Iconografía de los santos. De la P a la Z*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.
- REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- REZENDE, Leandro Gonçalves. A Iconografia tridentina na Igreja do Pilar: uma expressão de fé e arte. In.: CAMPOS, A. (org). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- REZENDE, Leandro Gonçalves e LEOPOLDINO, Armando Magno A. Manuel Ribeiro Rosa: o artista, sua obra e seu tempo. In: *Anais do II Colóquio Internacional de História da Arte e da Cultura*. Juiz de Fora: Laboratório de História da Arte/PPGHIS/Instituto de Ciências Humanas, 2012, v1, p. 285-293.
- \_\_\_\_\_. Pintores coloniais nas Minas Setecentistas: a vez de Manoel Ribeiro Rosa. In: *Anais do VIII Encontro de História da Arte – História da Arte e Curadoria*. Campinas: Unicamp/CHAA/IFCH, 2012, P.329-340
- RIBEIRO, Marília A. A Igreja de São José de Vila Rica. *Revista Barroco*, n. 15. Belo Horizonte, p.447-459. 1990/2.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além: O processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII E XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- RODRIGUES, Mons. Flávio Carneiro. *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Número 3: Os relatos decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé*. Mariana: Editora Dom Viçoso, sem data.

- RODRIGUES, Wesley Fernandes. *A História em ponto pequeno: prática votiva e culto santoral nas Minas (Sécs. XVIII-XIX)*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. (História, Dissertação de mestrado).
- ROIG, Juan Ferrando. *Iconografía de los Santo*. Barcelona: Omega, 1950.
- ROMEIRO, Adriana. Sabará em perspectiva: a encruzilhada do Império português no século XVIII. In: MELLO, Magno Moraes (org). *Ars, Techné, Technica: a fundamentação teórica e cultura da perspectiva*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p.31-40.
- RUSSELL-WOOD, A. J. Prestige, power and piety in Colonial Brazil. The Third Orders of Salvador. *Hispanic American Historical Review*, Durham, 61-89, 1989.
- SALDANHA, Nuno. *Artistas, imagens e ideias na pintura do século XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SALVADOR, Natália Casagrande. *Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: A construção de sua capela, os irmãos terceiros e as representações iconográficas*. Campinas: Unicamp, 2015 (História da Arte, Dissertação de mestrado).
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e histórias das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Reedição Ilustrada. Rio de Janeiro: INEPAC, 2007.
- SANT'ANNA. Sabrina Mara. *A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a1822)*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (História, Dissertação de mestrado).
- SANTIAGO, Camila F. Guimarães. *Usos e impactos de impressos europeus na configuração do universo pictórico mineiro (1777-1830)*. Belo Horizonte: UFMG, 2009 (História, Tese doutorado).
- \_\_\_\_\_. Usos e Impactos de Impressos Europeus na Configuração do Universo Pictórico Mineiro na Segunda Metade do Século XVIII e no Início do XIX. In: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. Disponível em: [http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii\\_pdf/Camila\\_Santiago.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Camila_Santiago.pdf).
- SANTIAGO, Felipe José Flausino. Presídias do Carmo de Vila Rica: estratégias de manutenção das Ordens Terceiras. Minas Gerais, 1750-1820. In.: Seminário Internacional Diálogos entre Brasil e Argentina: história e historiografia - *Resumos das Comunicações*.
- \_\_\_\_\_. Presídias do Carmo de Vila Rica: Relações de poder em Minas Colonial. In.: XVIII Encontro Regional ANPUH-MG, 2012, Mariana. Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH-MG. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.
- SANTIDRIÁN, Pedro R. e ASTRUGA, Maria del Carmem. *Dicionário dos Santos*. Aparecida: Editora Santuário, 2004.
- SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SANTOS, Antônio Fernando B. *A igreja de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina e as pinturas ilusionistas de José Soares de Araújo: identificação e caracterização*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2002 (Artes Visuais, Dissertação de mestrado).
- SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, Número 6, p. 27-53, dez/2011.
- SANTOS FILHO. Olinto Rodrigues dos. Características específicas e escultores identificados. In COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Aleijadinho na Região do Rio das Mortes*. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2014.

- SCARANO, Julita. *Fé e Milagre – ex-votos pintados em madeira do século XVIII e XIX*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SCHMITT, Jean-Cluade. Imagens. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2006, p.591-605.
- \_\_\_\_\_. *O corpo da imagem: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.
- SCOMPARIM, Almir Flávio. *A iconografia na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SEBASTIÁN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*. Madrid: Alianza Forma, 1989.
- SGARBOSSA, Mário. *Os beatos e os santos da Igreja do Ocidente e do Oriente*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SILVA, Mateus Alves. *O Tratado de Andrea Pozzo e a Pintura de Perspectiva em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. (História, Dissertação de mestrado).
- SILVA, Renata Resende. *Entre a ambição e a salvação das almas: a atuação das ordens regulares em Minas Gerais (1696-1759)*. São Paulo: USP, 2005 (História, Dissertação de mestrado).
- SILVEIRA, Felipe Augusto Bernardi da. *O Processo de Criação do Campo Santo na Cidade de Diamantina (1846 1915)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (História, Dissertação de mestrado).
- \_\_\_\_\_. A Ordem Terceira do Carmo e a vivência da morte no século XIX. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (org). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p.169-187.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965
- \_\_\_\_\_. Azulejaria no Brasil – Comunicação destinada ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia, 1959. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 14. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.
- SIQUEIRA, Sônia Maria Gonçalves. Iconografia de Santa Teresa d' Ávila. *Ângulo 132*, p.36-48, jan/mar 2003.
- SMITH, B. L Elias. In: DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário da Bíblia*, v. 1 São Paulo: Edições Vida Nova, 1983
- SMET, Joaquim. *Los Carmelitas*. Historia de la Orden del Carmen. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1991.
- SOUSA, Laura de Melo e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005, p.17.38.
- \_\_\_\_\_. *O sol e a sombra: política e administração na América Portuguesa so seculo XVIII*. São Paulo. Cia das Letras, 2006.
- SOUZA, Renato César José de. *Construção e Intenção na Arquitetura das Igrejas da Ordem Terceira do Carmo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999 (Arquitetura, Dissertação de mestrado).
- TABORDA, Francisco SJ. Prefácio. In.: CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*: Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru: Edusc, 2001.
- TERESA D'ÁVILA. *Castelo Interior*. São Paulo: Loyola, 2001.
- TERESA DE JESUS. *Livro da vida*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. As fundações. In: *Obras Completas*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Livro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TRINDADE, Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

- \_\_\_\_\_. A Igreja de São José de Ouro Preto. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 13. Rio de Janeiro: SPHAN, 1956.
- \_\_\_\_\_. Irmandade do Rosário de Ouro Preto (freguesia do Pilar). In: Anuário do Museu da Inconfidência IV, p.236-45, 1955/57.
- VALABEK, R. M. Devotio Moderna. In: BORRIELLO, L. et alli. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus, 2003.
- VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vida de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VASCONCELOS, Salomão. *Mariana e seus templos*. Belo Horizonte: Queiroz Breyner, 1938.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- VAZ, Henrique C. De Lima, SJ. Formação e Fisionomia do século XIII. In: *Escritos de Filosofia VII – Raízes da Modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.31-93.
- VIANA, Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.
- VILLALTA, Luiz Carlos. A Igreja, a sociedade e o clero. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.25-58.
- VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o trabalho de luto*. São Paulo, UNESP, 2010.
- WEISBACH, Werner. *El Barroco: Arte de la Contrarreforma*. Madrid: Espasa-Calpe, 1948.
- WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

## FONTES

### **Belo Horizonte. Arquivo Público Mineiro.**

APM – Documentação não encadernada da Capitania de Minas Gerais (documentos avulsos)

APM – Códices e Compromissos

APM – SP, 959, folhas não numeradas. Cópia do Compromisso da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará. 1812.

### **Diamantina. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina.**

Caixa 387, bloco A. Irmandade de Nossa Senhora do Carmo. 1816-1840

Termo de Concordata sobre a reedificação da Capela [corroído] e da Casa do consistório que se principiou.

Termo de Concordata sobre a encarnação da Imagem nova da Senhora do Carmo e da nova torre do lado direito e fatura do sino.

Termo de Concordata sobre a Festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

### **Diamantina. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo.**

Livro de Receita e Despesa.

Livro de Termos das Eleições de 1761

### **Lisboa. Arquivo Histórico Ultramarino.**

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:27 Doc.:36

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:43 Doc.:22

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:68 Doc.:49

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:72 Doc.:51

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:77 Doc.:53

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:80 Doc.:54

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:84 Doc.:42

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:102 Doc.:37

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:122 Doc.:34

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:123 Doc.:1

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:128 Doc.:16

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:130 Doc.:41

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:136 Doc.:47

AHU – Con. Ultra. Brasil/MG Cx.:183 Doc.:40

**Mariana. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.**

Pasta 1751 = Armário 05, Registros 1751.

Livros reservados. Apologia dos fatos acontecidos entre os terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Mariana e os supostos terceiros da mesma Ordem de Villa Rica.

**Ouro Preto. Arquivo da Casa dos Contos - ACC.**

Documentos avulsos do Carmo. Volume 2485. Rolo 140. Breve solicitação, requerimento, confirmação e justificação da Criação da Ordem de Mariana.

**Ouro Preto. Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar**

*Missale Romanum ex Decreto Sacrossancti Concillio Tridentini restitutum, S. PII V. Pontificis Max...* Lisboa: Typographia Régia, 1793.

Estatutos da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto 1755, volume 2418.

Códices – Bentinhos. Vila Rica e Ouro Preto, 1754 a 1838. Rolo/Microfilme: 190/0790-0852, v.2335.

**Ouro Preto. Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência/Casa do Pilar.**

Códice 281, Auto 5902, 1º Ofício. Inquirição, 1798. Autor: Ordem Terceira do Carmo.

Códice 226, Auto 3773, 1º Ofício. Dívida, 1821. Autor Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto. Réu Antônio José de Bastos.

Códice 226, Auto 3774, 1º Ofício. Legado, 1821. Autor Ordem Terceira do Carmo de Mariana.

Códice 293, Auto 6290, 1º Ofício. Recurso, 1828. Autor Ordem Terceira do Carmo. Réu Bispo de Mariana.

Livro de Receita e Despesa da Ordem Terceira do Carmo de Mariana, sem paginação.

**Ouro Preto. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto**

SOLENE NOVELA em Louvor a Nossa Senhora do Carmo. Sodalício da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Ouro Preto. Gráfica Ouro Preto, 2009

**Sabará. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Sabará**

Estatuto da Ordem Terceira, século XVIII.

Livro Primeiro de Receita e Despesa. Rol de contas pagas de 1778-1779

Livro de Termos, 1761.

Livro de Registro de Presídias de 1806

Livro de Receitas e Despesas, 1788.

Livro de Inventário das Alfaias da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (1836-1900).

Avulsos.

**Sabará. Museu do Ouro/Arquivo Histórico Casa Borba Gato.**

Cartório do Segundo Ofício - Inventário (CSO-I). (75) 590 1798. Inventário de Manoel da Cunha

**São João Del Rei. Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei.**

Livro de Termos e deliberações da Mesa. 1762

Livro de Compromisso da Ordem Terceira do Carmo (1810).

Livro de Receita e Despesa.

Livro de Termos.

Livro de Inventário da Ordem Terceira do Carmo. 1852

**São João Del Rei. Arquivo do IPHAN**

Fundo de Testamentos - Cx.147. Antnia Rita de Jesus Xavier. 1813

**Fontes Iconográficas**

Capela da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina.

Capela da Ordem Terceira do Carmo de Mariana.

Capela da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto.

Capela da Ordem Terceira do Carmo de Sabará.

Capela da Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei.

Capela da Ordem Terceira do Carmo do Serro.

Museu Regional de São João Del Rei – Ex-votos

Santuário do Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas – Ex-votos

**Fontes impressas****Belo Horizonte. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Superintendência de Minas Gerais - Centro de Documentação e Informação (CDI).**

IBMI: Diamantina – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

IBMI: Mariana – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

IBMI: Sabará– Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

IBMI: São João Del Rei – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

IBMI: Serro – Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

Arquivo Permanente/ Série 1. Diamantina – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. Mariana – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. Ouro Preto – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. Sabará – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. São João del Rei – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. Serro – Igreja do Carmo

Arquivo Permanente/ Série 1. Pasta Matriz de Santo Antônio de Itatiaia. Levantamento Documental sobre a Igreja Matriz de Santo Antonio de Itatiaia feito por Márcia Chuva.

Arquivo Permanente/ Série 1. Museu Regional de São João Del Rei.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução CNBB. São Paulo: Editora Canção Nova, 2010.

BOUVIER, I. B. *Tratado Dogmático e Práctico de las Indulgencias, Cofradias y Jubileo*. Lérida: Imprenta e Librería de Dom Jose Sol, 1852.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO promulgado por S. S. o Papa João Paulo II – Versão Portuguesa. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://www.priberam.pt/DLPO/capela>.

JOÃO DO SAVRAMENTO: *Chronica de Carmelitas Descalços do Reyno de Portugal*. Lisboa, 1721.

JOSÉ PEREIRA DO SANTA ANA. *Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal*. Lisboa, 1745.

JOSEPH DE JESUS MARIA. *Thesouro Carmelitano manifesto, e oferecido aos Irmãos e Irmãs da Venerável Ordem Terceyra da Rainha dos Anjos, Mãe de Deos, Senhora do Carmo*. Lisboa, 1705.

MACHADO, D. Barbosa. *Notícias das festas e procissões de Portugal – Triunfo Carmelitano do Real Convento de Lisboa na canonização de São João da Cruz, religioso da observância no seu Convento de Santa Ana de Medina e depois pai da reforma carmelitana*. Lisboa Ocidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1726.

SÁ, Frei Manoel de. *Memórias históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal*. Lisboa Oriental: Officina Joseph Antonio da Silva, 1727.

SAINT HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa: Na Oficina de Antônio Pedrozo Galvão, 1723.

SANTO ÂNGELO, Frei Estevão de. *Lucerna da verdade de novo accesa no Templo do Carmelo*. Lisboa: Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1750.

*REGLA PRIMITIVA de las Religiosas Descalzas de N. S. del Carmen, confirmada por el papa Inocêncio IV (1796)*. Valença: Tipografia Benedictina, 1958.

VIDE. D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720.

VIEIRA, Antônio S.J. Sermão de Nossa Senhora do Carmo. In. *Sermões*. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.